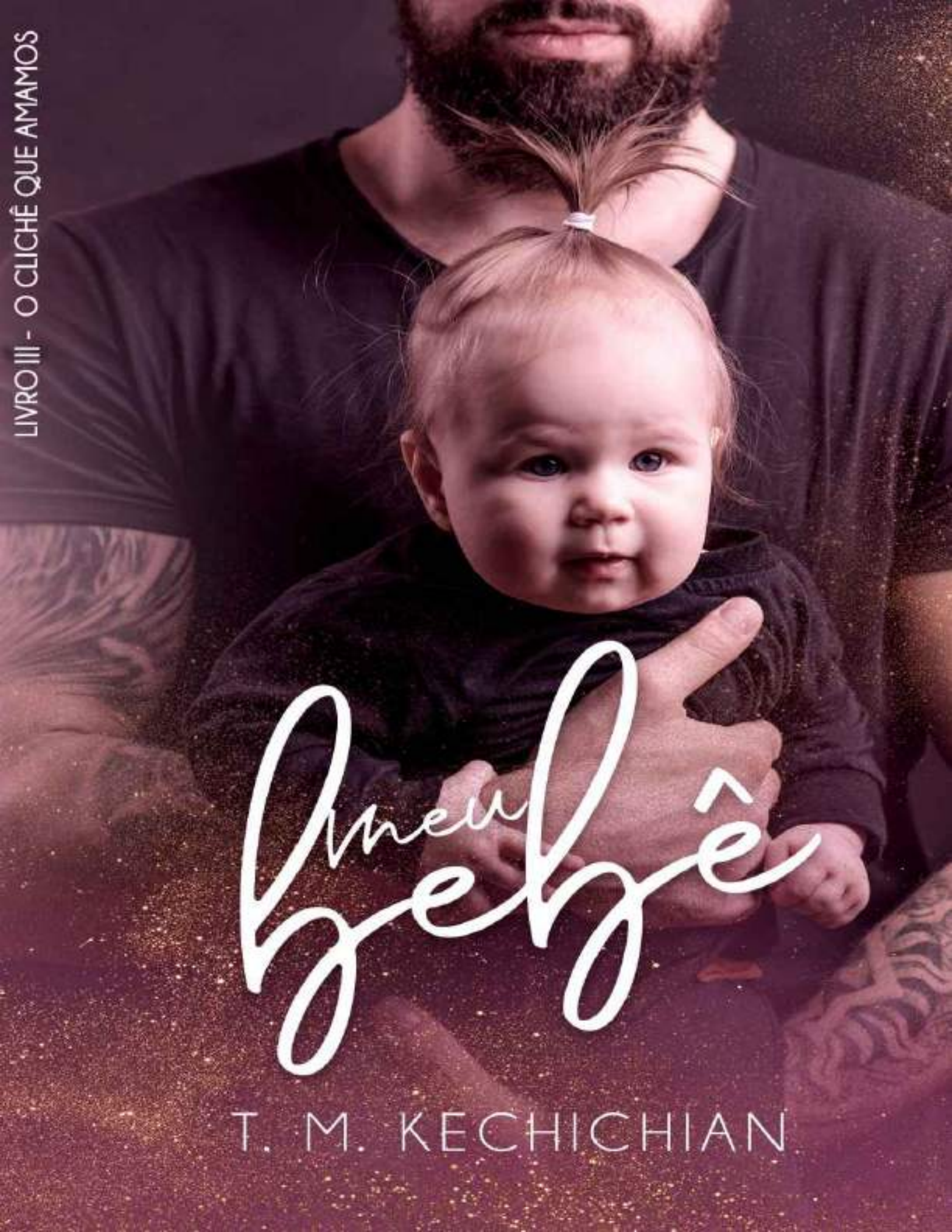




LIVRO III - O CLICHÉ QUE AMAMOS

Meu bebê

T. M. KECHICHIAN





[SINOPSE](#)

[PLAYLIST](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO CATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[DEGUSTAÇÃO O CLICHÊ QUE AMAMOS](#)

[MEU MELHOR AMIGO](#)

[MEU CEO IRRESISTÍVEL](#)

[DEMAIS OBRAS DA AUTORA](#)

[BIOGRAFIA](#)

[REDES SOCIAIS](#)



O CLICHÊ QUE AMAMOS – LIVRO III

T. M. KECHICHIAN

Copyright © 2020 T.M. KECHICHIAN

Revisão: Bárbara Pinheiro

Capa: Ellen Scofield

Diagramação:GD² Serviços Editoriais

Essa é uma obra de ficção, seu intuito é entreter pessoas, quaisquer semelhanças entre nomes, datas e acontecimentos reais, são mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

É estritamente proibida a reprodução e/ou armazenamento de qualquer parte desta obra, parcial ou completa, através de quaisquer meios sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

*Amour
gêhê*

T. M. KECHICHIAN

Sinopse

Raquel Souza Travassos está decidida!

Solteira, realizada profissionalmente e com 35 anos de idade, ela resolve dar o maior passo de sua vida: tornar-se mãe.

Sem um parceiro à vista, Raquel recorre à produção independente, por meio de uma inseminação artificial.

Ela só não tem ideia de que, após esta decisão, sua vida vai mudar completamente, e não da maneira que planejou e sonhou por tanto tempo.

Meu Bebê é o terceiro livro da série O Clichê Que Amamos e mostrará que, às vezes, o imprevisível pode apresentar um plano muito melhor do que imaginamos.

Playlist

Acesse a playlist da história escaneando o código abaixo no seu celular!



Nota da Autora

Olá, para você que já conhece minha escrita e para você que está tendo contato pela primeira vez. É um prazer enorme ter a sua atenção.

Antes de mais nada é importante dizer que a série O Clichê Que Amamos é formada por romances independentes um do outro, portanto, são livros únicos.

Ah, cabe ressaltar que são histórias mais curtas, desta forma, mais objetivas. O intuito é levar uma história leve e ao mesmo tempo envolvente para aquecer os nossos coraçõezinhos. :)

Todos os personagens aqui descritos são fictícios, não havendo nenhuma relação com a realidade. A exceção é quando há menção de personalidades conhecidas para tornar o ambiente/evento o mais real possível.

Os lugares mencionados são reais e estou muito feliz por mostrar um pouquinho mais do que o nosso país tem a oferecer. Sou muito grata por todo retorno e carinho.

Espero, de coração, que você tenha uma ótima experiência e que Meu Bebê feche o seu 2020 com aquele quentinho necessário.

Após a leitura, se puder, avalie na Amazon e/ou Skoob, pois é muito importante para o autor.

Amo tus,

T M Kechichian



— Oi, mamãe, bom dia — cumprimento e ela beija minha bochecha.

Abro um pouco mais a porta para que entre em minha casa, enquanto aperto o roupão na cintura. Ela não me avisou que viria e quando um dos funcionários do condomínio me interfonou, informando a sua presença, não tive tempo de colocar uma roupa.

Amo dormir nua, sem nada me apertando, e hoje é meu dia de folga. Não esperava vê-la por aqui.

— Bom dia, filha — responde, entrando em casa.

Como sempre, ela olha para todos os cantos para verificar se estou sozinha e reviro meus olhos.

— O que faz aqui, tão cedo? Aconteceu alguma coisa?

— Raquel, me diz que você mudou de ideia, minha filha.

Ah, meu Deus! De novo não!

— Não, mãe, não mudei. Você veio só *pra* isso?

— É claro! — exclama, jogando a bolsa no sofá. — Você está se precipitando, vai se arrepender...

— Não vou me arrepender, mãe. É o que eu quero.

— Filha, você é nova, tem uma vida...

— Sabemos muito bem que não sou tão nova assim e se eu continuar esperando o “momento certo”, pode ser tarde demais.

— Mas, filha...

— Para, mãe! Eu preciso do seu apoio e não que me convença o contrário do que me decidi. Tenho 35 anos, já me estabeleci financeiramente, consegui alcançar minha realização profissional, comprei a casa que sempre quis, eu estou muito bem e me sinto preparada para a próxima fase.

— Não sei por que sair da capital para morar em Alphaville, aqui é pacato demais, distante de tudo.

— Mãe, mais uma vez, para! Não acredito que me acordou *pra* isso. Você não consegue respeitar minhas vontades, uma vez sequer? Eu sempre quis morar neste condomínio e consegui. Celebre por mim, caramba! Trabalhei demais para chegar aonde cheguei, agora é a

vez de realizar outros sonhos e não preciso seguir o que se considera tradicional.

Dona Cecília vem em minha direção, os olhos castanho-claros marejados, os cabelos perfeitamente moldados com laquê e iluminados com luzes para disfarçar os fios brancos, e coloca as mãos em meus braços.

— Filha, tenho muito orgulho do que você conseguiu, do que alcançou, mas você é linda, pode encontrar alguém especial, alguém que te ame e forme a família que você quer.

— O que encontro são apenas homens que não sabem o que querem e que não estão dispostos a viver como quero e planejei. Então, não serão eles que irão me impedir de ter o que eu mais desejo.

Ela me solta, atordoada, e anda para lá e para cá. Sua expressão está derrotada ao ter consciência de que não conseguirá mudar meus planos.

— Quando você vai? — pergunta.

Por alguns segundos, penso se devo ou não passar essa informação, porém, sei que não vai me deixar sossegada enquanto não responder.

— Na sexta-feira.

— Daqui a dois dias? — O susto a deixa boquiaberta. — E não ia me falar nada?

— Eu não quis falar a ninguém, para não criar expectativas. Afinal, há chances de não dar certo na primeira tentativa.

Caminhando até o sofá, minha mãe senta e fica em silêncio. Solto um longo suspiro e me acomodo ao seu lado, colocando minha mão sobre a sua.

— Não fique assim. Você e papai me criaram para tomar decisões e fazer minhas próprias escolhas, é o que estou fazendo.

Ao longo da vida tive muitos sonhos e com determinação, dedicação e garra, realizei quase todos, sem a ajuda de ninguém. Entrei em uma faculdade pública, cursei bacharelado em Têxtil e Moda, trabalhei em algumas lojas no Bom Retiro, um bairro superconhecido em São Paulo por vender roupas no varejo e atacado, até abrir minha própria loja. Hoje, tenho uma rede que vende roupas com preços mais acessíveis, a RaVa, e faz um tremendo sucesso na internet.

Quando pensei que já tinha tudo, comecei a me olhar no espelho e por mais estranho que pareça, eu sentia que me faltava alguma coisa. A sensação de vazio era recorrente. Cheguei a pensar que era porque eu não conseguia encontrar um homem bacana, que tivesse os mesmos ideais que os meus, até que um dia, ao me deparar com uma colega da época da faculdade com sua bebê no carrinho, sorrindo como se o seu mundo estivesse completo, eu comecei a compreender.

Voltando para casa, pensei na sensação de ter meus sobrinhos nos braços. A felicidade que irradiava direto para o meu coração, o amor que eu deliberadamente entregava, o sentimento de completude latente. Naquele momento, eu descobri o que estava me faltando.

Guardei aquele desejo por tanto tempo, esperando o parceiro ideal, me decepcionando de tantas maneiras... Contudo, quando uma funcionária minha mencionou que tinha o sonho de fazer inseminação, uma luz brilhou em minha mente e no mesmo instante me perguntei: *como não pensei nisso antes?*

Por isso, resolvi saber mais sobre a produção independente. A praticidade do procedimento foi o que mais gostei. Apesar de saber que nem sempre a primeira tentativa é bem-sucedida, estou otimista e ansiosa para sexta-feira, quando farei a inseminação. Após dois meses de tratamento para estimulação dos óvulos, chegou o grande momento.

Porém, como já esperava, meus pais não ficaram nada felizes quando resolvi compartilhar meu plano, há duas semanas. Desde então, insistem em me fazer mudar de ideia, dizem que sou nova, que vou encontrar o homem ideal...

— Você falou com a sua irmã? — minha mãe pergunta, interrompendo meus devaneios.

— Não — confesso.

Minha mãe me olha com a boca levemente aberta. Ela sabe que conto tudo para Renata. Minha irmã é cinco anos mais velha do que eu e temos uma relação muito forte de amizade e cumplicidade, porém, sei que a opinião dela — caso fosse contra o que quero — pesaria demais para mim, por isso decidi não mencionar meu plano.

Pareço uma covarde quando se trata de Renata, mas com sua família perfeita, quase como um conto de fadas, eu tenho certeza de que ela me faria mudar de ideia.

— Você precisa falar para ela, Raquel — minha mãe insiste. — Vocês são mais do que irmãs, são amigas. Ela vai ficar arrasada, eu a conheço.

— Mãe, eu... eu só preciso fazer o procedimento e então contarei a ela. Como eu disse, não há garantia de que vá funcionar logo de cara. Fique tranquila, eu falarei assim que eu souber que deu certo.

Dona Cecília balança a cabeça, indignada com a minha relutância.

— Não tenho mais o que fazer para que você enxergue que está agindo precipitadamente, querida, mas eu te amo e quero que seja feliz. Não serei eu a impedir que siga em frente. — Ela pressiona minha mão. — Estarei sempre ao seu lado, filha, e amarei meu netinho ou netinha da mesma forma que amo meus outros dois netos.

Meus olhos ficam marejados e abro um sorriso. Sei o quanto deve ser difícil para ela compreender minha vontade, mas, pela primeira vez, minha mãe está me

dando seu aval, sua bênção. Fico mais emocionada ainda por dizer que amará meu bebê como ama os filhos de Renata.

João e Caio são meus dois amores. O primeiro tem dez anos e o segundo, cinco. Renata se casou com o amor da sua vida, seu primeiro e único namorado, Fernando. Para mim, eles representam a imagem do casal perfeito. Minha irmã sempre comenta que, mesmo após anos casada, é apaixonada pelo marido. Este, respectivamente, demonstra a todo momento que a ama muito.

Infelizmente, nos dias de hoje, isso é raridade e não tenho a vida toda para esperar o meu príncipe encantado. Estou sentindo na pele que se não tomar as rédeas da minha vida ficarei apenas no “e se”, e isso não combina comigo.

Tenho orgulho do que conquistei, mais ainda por *tentar* e nunca desistir dos meus ideais. Eu vejo uma dificuldade e procuro extrair o melhor da situação. Busco

olhar para o lado positivo, sempre. A única coisa que me assombra é o procedimento não dar certo. Apesar de os meus exames estarem ótimos — e foi uma bateria enorme de exames! —, é inevitável não me lembrar do aviso da clínica ao dizer que a probabilidade de sucesso da inseminação é de 20 a 25%.

Como sou saudável e estou dentro da idade, o médico disse que estava apta para escolher entre os tratamentos mais usados na atualidade, a inseminação artificial intrauterina (IIU) e a fertilização *in vitro*. Após muito pensar, decidi a inseminação, ou seja, em vez da fecundação se dar em laboratório — neste caso, o embrião é colocado no corpo da mulher —, os espermatozoides do doador serão inseridos diretamente em meu útero. Depois de 14 dias saberei se houve sucesso ou não.

O processo todo foi um pouco trabalhoso e com razão, afinal, estamos falando sobre gerar uma vida.

Escolher uma clínica séria e que tivesse indicações de confiança não foi fácil. Depois, foi a vez de encontrar um doador, o que é obrigatoriamente anônimo. O homem nunca saberá que recebi seu “material” nem eu saberei quem ele é. Pesquisei as características que se assemelhavam comigo fisicamente, contudo, o fator mais importante foi encontrar um doador saudável e sem vícios. Eu tinha a opção de importar dos EUA, que possuía ainda mais opções, porém a burocracia me desanimou, além de não fazer questão de que o homem seja brasileiro ou estrangeiro. O que me importa é ter meu filho nos braços.

Percebendo que estou perdida em pensamentos por um tempinho, volto à realidade. Encaro a mulher ao meu lado, que me criou, ensinou e sei que me ama como ninguém, e digo:

— Obrigada, mamãe. Isso significa muito *pra* mim.

Ela me abraça e sussurra:

— Vai dar tudo certo, querida. Eu estarei lá com você e não adianta contestar.

Meu coração se aperta mais uma vez e beijo seu rosto.

— Não irei contestar.

Vencida, ela respira fundo e bate uma palma.

— Ótimo! Que tal irmos a um shopping? Está tudo enfeitado para o Natal e eu sei que você ama a decoração dessa época. Preciso fazer umas comprinhas para um certo bebê.

Desvencilho-me do abraço e quando vê que estou quieta com uma expressão incrédula ao ouvir suas palavras, minha mãe emenda:

— Eu já sabia que você não mudaria de ideia, então vim preparada, Raquel. Conheço a filha que tenho. Você não vai se livrar de mim, mocinha.

— Mãe... Eu não sei nem o que dizer, além de obrigada. Sério! Você não precisa...

— Shhhh. Nem termine a frase. Não tem nada a ver com você precisar ou não, mas sim o fato de eu *querer* mimar a minha filha e o mais novo membro que chegará à família, em breve. Posso fazer isso ou não?

— Quem sou eu para deter Cecília Souza Travassos?

— Acho bom. Então vá. Coloque uma roupa e vamos sair.

Solto um longo suspiro e beijo sua bochecha uma vez mais.

— Amo você, mamãe. Muito obrigada por me entender. Já venho.

Saio correndo e ouço sua risada reverberar pelo ambiente. Ela sabe que basta dizer *Natal* que eu fico toda serelepe. A tática não poderia ter sido melhor.

Por um momento, esqueço minha preocupação quanto ao procedimento que farei em dois dias e foco no lado positivo. Em breve estarei com um barrigão, vivendo a melhor fase da minha vida, curtindo cada detalhe e instante, como venho planejando desde que decidi trilhar este caminho.



Minhas mãos não param de suar, minha boca nunca esteve tão seca, minha perna direita não para de chacoalhar para cima e para baixo. Olho ao meu redor e a sala está repleta de mulheres. Algumas com uma barriga enorme, outras tão nervosas quanto eu.

— Se você continuar assim, vou te levar embora —
Vanessa sussurra ao meu lado.

Ela é minha melhor amiga e nos conhecemos desde a faculdade. Além disso, somos sócias. A gente se vê todos os dias praticamente e nos tornamos confidentes uma da outra. A princípio, minha mãe me olhou com olhos acusadores porque Vanessa veio e eu nem sequer contei

para minha irmã, mas sabendo que não adiantaria implicar comigo, aos poucos foi voltando ao normal.

Não fiz de propósito.

Ontem, quando minha sócia e eu estávamos em uma reunião importante para a escolha das estampas da próxima coleção, ela desconfiou de que eu estava escondendo alguma coisa. Segundo sua análise, sou muito fácil de interpretar, e logo eu estava desabafando. No início, ela ficou *puta* por eu ter escondido algo tão sério e depois disse que só me desculparia se me acompanhasse na clínica.

Pensamentos sobre minha irmã vêm e vão, a certeza de que ela gostaria de estar comigo se soubesse o que estou prestes a fazer. Consigo visualizar seu rosto triste pela minha falta de confiança e consideração. É capaz de que ela fique sem falar comigo por um tempo...

— Filha, você precisa se acalmar — minha mãe diz, quando percebe que estou muito nervosa.

Inspiro.

Expiro.

Devagar.

Repito o gesto algumas vezes e relaxo gradativamente. Não posso deixar a ansiedade me envolver, pois sei o quanto isso pode interferir no resultado do procedimento.

— Preciso fazer uma ligação — digo, levantando de repente, deixando minha mãe e Vanessa para trás.

Antes tarde do que nunca.

Pego meu celular e faço a chamada.

Respiro fundo uma vez mais, preparando-me mentalmente para a conversa que terei.

— *Alô, irmãzinha! Já estava sentindo falta das suas ligações.*

É a primeira coisa que Renata fala e me sinto ainda mais culpada. Eu realmente estou em falta com ela.

— Oi, Rê! Eu preciso falar com você rapidinho.

Ela percebe a entonação da minha voz e pergunta:

— *O que aconteceu?*

— Olha, antes de mais nada, quero que você compreenda meus motivos e que saiba que já está decidido.

— *Você está me deixando preocupada, Raquel. O que está decidido?*

— Você sabe do meu desejo de ser mãe, certo?

Renata fica muda e finalmente responde:

— *Sim.*

— Então, você sabe também que não tenho um parceiro à vista, um homem que possa compartilhar comigo essa experiência, certo?

— *Sim, eu sei disso tudo. Aonde quer chegar? Seja direta!*

Impaciente, como sempre. Ou estou enrolando demais?

Resolvo jogar tudo de uma vez, porque não tenho muito tempo antes que me chamem.

— Eu decidi que serei mãe solo. Farei minha produção independente dentro de alguns minutos e não...

— *O quê?! —* ela grita, e esboço uma careta ao afastar o telefone do ouvido.

— Eu farei uma inseminação artificial hoje. Desculpe não ter te contado antes, Rê. Por favor, e-eu não queria te desapontar e sei que você me faria mudar de ideia...

— *Por que você achou isso? Por que em vez de me contar algo tão importante, ficou fazendo suposições? Eu sou sua irmã, caramba! Eu sempre contei tudo para você! Tudo!*

— Por favor, me desculpa. Eu sei que fui uma covarde, só...

— *Onde fica esse lugar? — me corta.*

— O quê?! — É a minha vez de perguntar, confusa.

— *A clínica que você está, Raquel. Onde fica?*

Ai, meu Deus.

Acabo dizendo o nome da rua e Renata diz que estará aqui em alguns minutos, deixando-me com o celular no ouvido, mesmo após ela ter desligado, há alguns segundos.

Sinto um toque em meu ombro e me viro.

— Está tudo bem, querida?

— Mãe, a Renata está vindo.

— Mentira! — ela exclama, com as sobrancelhas arqueadas.

— Verdade! Ela está vindo para cá. Resolvi contar o que estava fazendo, aí a senhora já sabe.

— E como você está?

— Por incrível que pareça, me sinto melhor, aliviada. Sei que vou ouvir um monte, mas pelo menos contei antes de fazer o procedimento.

— Ah, minha filha. Sua irmã te ama demais e, assim como eu, vai entender também.

— Espero que sim, mamãe, mas se não entender só será ruim para ela, porque eu estou decidida.

Dona Cecília sorri para mim e segura meu rosto com as duas mãos.

— Eu sei, filha. Eu sei. Agora vamos sentar, porque daqui a pouco será a sua vez de entrar e você precisa estar tranquila.

Ela está certa e abro um sorriso de agradecimento.

— Obrigada, mãe. Por respeitar minha vontade, por estar comigo... Obrigada, mesmo.

— Ei, eu já falei que sempre estarei com você. Só não me afaste, *tá* bom? E deixa que da sua irmã cuido eu.

Pense apenas que é o seu momento especial e não deixe de atrair energias boas.

— Vamos sentar, antes que Vanessa venha nos caçar — digo e nos encaminhamos para a sala de espera novamente.



Capítulo 2

Raquel

Trinta minutos depois de ligar para minha irmã, ela chegou, esbaforida, olhando ao redor até me encontrar. Renata estava mais calma, porém, emocionada. Contei tudo. Desde o momento em que decidi que faria a inseminação até a escolha do doador, respondi a todas às suas perguntas, como será o procedimento, como saberei se deu tudo certo, o prazo para o resultado.

Ela também quis saber se vou parar de trabalhar e eu respondi que no primeiro ano pretendo cuidar do bebê com uma ajudante, indo esporadicamente ao escritório. Depois, verei se o colocarei em uma creche ou algo parecido, pois quero aproveitá-lo ao máximo.

Renata ficou abismada com todo meu planejamento, a forma com que me organizei, sem nem sequer pedir sua ajuda. Isso a deixou chateada. Não há como negar que ela ficou magoada por eu ter escondido algo tão importante, contudo, decidimos deixar qualquer chateação para trás e focar no que está por vir. Apesar de tudo, ela disse que está feliz por mim e apoia minha decisão. Não sei se é possível, mas eu a amo mais por isso.

— Não pensei que fosse atrasar tanto e quanto mais tempo fico aqui, mais nervosa fico — confesso para minhas acompanhantes.

— Vou perguntar para a recepcionista. É um absurdo essa demora toda — Vanessa se pronuncia.

— Não, deixa que eu vou. Do jeito que você gosta de um barraco... — retruco.

Ela tem um “jeitinho todo especial” para resolver as coisas. Já eu sou mais política e fujo de confusão.

— Para com isso. Está me chamando de barraqueira? Vou fingir que não escutei isso — fala e sai em direção à recepção, ajeitando os cabelos crespos e cheios, os quadris remexendo para lá e para cá, como se estivesse em uma passarela.

— Essa mulher é bonita, não é? Ela está fazendo alguma coisa para a pele dela brilhar tanto assim? — Minha mãe adora a Vanessa e toda vez que a vê faz um comentário de admiração. Ela se refere às pernas da minha amiga que estão realmente muito iluminadas.

— Mãe, acredito que seja algum creme. Você sabe que ela vive para se cuidar.

— Você deveria fazer o mesmo. — Olho para Renata, indignada, e ela dá de ombros. — Estou falando sério. Ainda mais agora que vai ter um bebê. A nossa sorte é que a genética da família é muito boa. Nós não gostamos de malhar e somos magras, mas não vai durar para sempre. Eu já me dei conta disso e estou correndo atrás do prejuízo. Olha lá a batata da perna daquela mulher! — minha irmã exclama, quando Van fica na ponta dos pés para ver algo que a recepcionista está apontando no computador.

— É verdade, vocês duas precisam se cuidar. Quero ver chegarem aos 65 anos tão inteiras quanto eu. O pilates foi minha salvação.

— Vocês são animadoras. Isso lá é conversa *pra* gente ter minutos antes de eu entrar em uma sala para tentar engravidar?

— Tentar não, você *vai* engravidar, querida — minha mãe decreta. — E é uma conversa saudável, oras. Só

queremos o seu bem, que tenha uma gravidez sem complicações. Eu que sei como foi duro enfrentar pés inchados, sem condicionamento físico nenhum.

Elas não estão erradas e, por isso, há algumas semanas comecei a malhar 3x por semana com um *personal trainer* e já conversei com Kleber sobre minha futura condição. Ele disse que tem séries direcionadas para grávidas, ou seja, está tudo encaminhado.

— Eu estou fazendo atividades físicas, fiquem tranquilas.

— Até isso me escondeu? — Renata, dramática como só ela, pergunta.

— Não foi de propósito, Rê. Além do projeto do bebê, as lojas estão uma loucura e não tive tempo para atualizar vocês. Comecei quando precisei tomar remédios para induzir a ovulação. Fiquei uma pilha de nervos e resolvi procurar uma forma de relaxar.

— Que bom, Quel. Você vai precisar relaxar ainda mais durante a gravidez, porque eu não deixei o Fernando em paz.

— Como assim? — Assim que a pergunta deixa meus lábios, assimilo o que ela quis dizer. Seu sorrisinho é um indicativo de que estou certa.

— Desculpe, mamãe, sei que não vai querer ouvir isso da sua filhinha, mas quando estava grávida, eu virei uma viciada em sexo. Foi assim nas duas gestações. Não conseguia conter meu desejo, era uma fome insaciável...

Ela nem termina de falar quando dona Cecília interrompe:

— Minha filha, seu pai e eu fizemos sexo até o nono mês de cada gravidez. Não tenho o menor problema de falar sobre isso. Eu queria agarrar aquele homem em cada canto da casa, no carro...

Tanto eu quanto Renata ficamos chocadas. Nós nunca fomos de discutir sobre sexo com nossa mãe. Confesso que estou gostando dessa abertura. É saudável, já temos uma certa idade, experiências, não há qualquer constrangimento.

— Agora já sei a quem puxei — Renata constata e nós três rimos.

— Mais um motivo para eu malhar bastante. Essa é a parte ruim de não ter um parceiro — comento, de bom humor. As duas se entreolham. — Podem parando com esses olhares de pena. Hoje em dia é muito fácil de resolver. Os brinquedinhos estão aí para isso. Depois que tiver meu bebê, terei tempo para satisfazer minhas vontades.

Renata solta uma gargalhada e outras mulheres olham em nossa direção.

— O que foi? — questiono.

— Quel, depois que você tiver o bebê, será uma outra fase. A fase de não querer olhar e fazer mais nada a não ser cuidar da bela criaturinha nos seus braços, que vai depender de você para tudo. Sexo não será a sua prioridade. Pelo menos, para mim, não foi. Fernando que o diga.

Na verdade, eu nunca fui de focar em sexo. Trabalhei muito e não tive experiências maravilhosas como minha irmã e Vanessa, e até minha mãe, dizem que tiveram. Não me considero uma pessoa frígida, nem nada do tipo, só acho que não tive sorte nesse quesito. Mais um motivo para não querer esperar o “homem ideal”. Eu sei o que eu quero e quero ser mãe, independente de viver em uma sociedade que sabe julgar demais e se solidarizar de menos.

— Gente, mas que tanto a Vanessa conversa? —
Renata chama a minha atenção.

— É verdade, está demorando demais.

Van continua conversando com a recepcionista, abrindo sorrisos falsos — que só eu como amiga sei que são falsos. Ela olha para mim e pisca, como se dissesse: olha aqui como sou civilizada.

Reviro os olhos e rio sozinha.

Minha amiga é uma negra linda, tem 40 anos, mas não aparenta de forma alguma a idade que tem. Sua pele é mil vezes mais tonificada que a minha, o corpo é esculpido pela malhação diária, além de ter um brilho natural, enquanto eu pareço uma vela ambulante, opaca, e preciso passar litros de creme para ficar minimamente hidratada. Ainda mais com o clima louco de São Paulo.

Ela retorna e seu andar se transforma no da passista que encarna quando desfila pela Rosas de Ouro, escola de samba que ama e da qual é musa. Nós duas não poderíamos ser mais diferentes, porém, nosso relacionamento de amizade e profissional dá certo porque ambas respeitamos os gostos e vontade de cada uma.

Uma não recrimina a outra, pelo contrário, nós nos motivamos.

— Você é a próxima — diz, ao ficar na minha frente.

— E por que demorou tanto?

— Já era para você ter ido, só que deu um problema no sistema e só agora foi resolvido. Uma outra mulher entrou na sua vez e se eu não tivesse ido lá, a Carla não saberia que você está esperando.

— *Carla?* — O sarcasmo escorre da minha voz diante a intimidade.

— Sim, nos tornamos amigas até. *Carlinha* é maravilhosa.

Vanessa é ridícula e só está fazendo isso para me distrair. Impossível não rir.

Minha mãe passa uma mão nas minhas costas, de cima para baixo, a fim de me acalmar em silêncio. Há dois dias nos divertimos como há muito tempo não fazíamos.

Fomos ao Shopping Iguatemi, que para mim tem a melhor decoração natalina de shoppings em São Paulo, e tiramos fotos e mais fotos. Ela me encheu de presentes, desde roupas para grávidas até roupinhas para bebê.

É claro que eu havia comprado algumas peças para me acostumar com a ideia, mas nada comparado ao que minha mãe me deu. Aquele gesto foi tão importante para mim, que me deu mais confiança para enfrentar esta nova fase.

— Será que esse atraso todo não é um sinal?

Lá vem minha irmã, em uma hora como essa, me falar de sinal.

— Do que, Renata? — pergunto, sem paciência.

— Não estou falando por mal, Quel. Só estou dizendo que está demorando demais. Quem sabe...

— Raquel Souza Travassos.

Meu nome é chamado e meu sangue gela.

Chegou a minha vez.

— Esquece o que falei, *tá* bom? Desculpa. Eu estou nervosa, só isso — minha irmã diz rapidamente, ao me dar um abraço forte.

Viro para minha mãe e ela me abraça.

— Vai dar tudo certo, querida. No Natal comemoraremos esse lindo presente!

Caso o procedimento tenha sucesso, eu saberei que estou grávida na véspera de Natal. Com certeza seria o melhor presente da minha vida. Seria não, será!

Emocionada demais para conseguir falar, levanto-me e fico cara a cara com a Van.

— Vai lá que eu estou louca para te ver de barrigão. Será tudo perfeito, como você merece. Tira essa preocupação do rosto e mostra para aqueles espermatozoides que o seu óvulo é *foda*!

— Meu Deus! — exclamo, em meio à risada alta que escapa dos meus lábios. Minha mãe e Renata também não se aguentam. — Só você, Vanessa.

— Agora vai, antes que chamem outra pessoa no seu lugar novamente.

Minha expressão fica séria e solto um longo suspiro ao me virar e caminhar em direção à moça sorridente que me espera, mentalizando que vai dar tudo certo. É o que eu mais quero, o que venho planejando e sonhando há tempos, o receio é normal, afinal, é uma mudança gigante, mas preciso dar um passo de cada vez.

E lá vou eu com o pensamento positivo para gerar meu tão sonhado bebê.



Ao entrar na sala, já vestida com uma camisola de hospital, touca na cabeça e sapatilhas descartáveis, o Dr. Arantes sorri para mim.

— Chegou o grande dia, Raquel.

— Enfim!

Ele ri.

— Vamos começar — ele diz e meu coração acelera.

Deito na mesa ginecológica, as pernas abertas, como se eu fosse fazer um exame preventivo, e apenas aguardo.

Por não ser um procedimento de grande complexidade, ele é feito na própria clínica, sem anestesia.

O melhor é que logo depois daqui poderei voltar às minhas atividades normalmente. Incrível, não é?

Sinto um leve desconforto, então sei que ele iniciou a condução do espermatozoide até o meu útero através de um cateter. Tudo foi explicado dias antes, quando um dos exames apontou que eu estava no ápice da ovulação.

Uma emoção enorme me atinge e não consigo impedir que lágrimas vertam dos meus olhos. A chance de dar errado é grande, mas me agarro à porcentagem de sucesso. De que logo irei pular e vibrar com a notícia de que serei mãe.

Mãe.

Meu Deus! Nem consigo acreditar que realmente estou fazendo isso. Que em alguns dias poderei ter uma sementinha crescendo dentro de mim, que minha vida vai mudar completamente...

— Pronto! Agora é esperar uns vinte minutinhos deitada, tudo bem?

— Já acabou? — pergunto, realmente assustada com a rapidez.

— Já!

— Uau! Tudo bem, então — respondo, dando o maior sorriso que poderia dar.

— Ótimo. Fique tranquila que vai dar tudo certo. Relaxe, respire fundo. Daqui a pouco retorno.

O médico sai da sala e minha mente não para de maquinar.

É muito cedo para dizer que já estou me sentindo diferente?

Acho que sim, mas pensamento positivo é a alma do negócio e no fundo do meu coração, misturado a algum tipo de sexto sentido, eu sei que a partir de hoje tudo será diferente.

De alguma forma, eu sei!



Capítulo 3

Raquel

Não paro de olhar para o relógio e o celular.

Assim que saí da clínica, após fazer o exame de sangue Beta-HCG, todo meu autocontrole conquistado ao longo de duas semanas se esvaiu. Saber que dentro de algumas horas terei o resultado do procedimento está me deixando doida. A todo momento tento não focar nisso, mas está difícil.

Os últimos dias foram como uma prova para mim. A ansiedade tentou falar mais alto, mas as mulheres da minha vida — mãe, irmã e Vanessa — me ajudaram de todas as formas possíveis, me mantendo com a cabeça ocupada. Até meu pai ficou mais conformado e apostou com meu cunhado que será um menino. Fernando, a princípio, não acreditou quando minha irmã contou e me ligou para perguntar diretamente. Não preciso dizer que ele ficou sem palavras ao telefone ao saber da verdade. Passado o choque, ele apostou que será uma menina.

É por isso que eu estava hesitando em contar para minha família. Para eles, eu estou grávida. E se não estiver? Todos ficarão frustrados e só de pensar nisso fico nervosa.

Outro ponto favorável é que estamos na melhor época do ano para mim e isso tem me mantido menos ansiosa.

Comprei artigos para decorar minha casa — mais do que o usual —, montei minha árvore, participei de uma série de reuniões na empresa, planejei a ceia de Natal, que acontecerá hoje à noite com toda a família e agora, dona Cecília, Renata e eu estamos na cozinha.

Logo nas primeiras consultas, o Dr. Arantes deixou claro que meu emocional poderia interferir no sucesso da inseminação, indicando sempre que eu ficasse relaxada e tranquila. Fácil falar, não é mesmo? Entretanto, fiz meu máximo.

Os minutos passam lentamente. A clínica ficou de entrar em contato comigo às 16h e ainda são duas da tarde.

— Quel, pode me ajudar rapidinho? — minha irmã me chama.

Respiro fundo e trato de afastar o nervosismo quando vou até ela. As duas estão aqui em casa, onde será a ceia, preparando diversos pratos. Rê está

recheando um pernil e suas mãos estão *melecadas* com os ingredientes, enquanto minha mãe está com a mão na massa, literalmente, fazendo seu famoso empadão de camarão com catupiry. Sério, é divino!

— Você pode colocar mais sal nessa tigela aqui? —

Renata pede.

Com a cabeça um pouco aérea, me esforço para focar no que estou fazendo. Sempre amei a preparação pré-Natal, essa correria louca, as músicas entoadas por Frank Sinatra, Elvis Presley, Mariah Carey, preenchendo o ambiente, o cheiro que exala do forno desde cedo, as frutas da estação devidamente montadas em um lindo arranjo, a alegria de abrir uma noz ou avelã, a troca de presentes. Não menti quando disse que é a minha época preferida.

Enquanto faço as sobremesas, Renata e minha mãe ficam nas comidas salgadas. Não sou tão boa quanto elas

na parte culinária. Sou mais esforçada do que boa, digamos assim.

No meio da cozinha, Rê começa a dançar quando o primeiro acorde da música *Jingle Bell Rock* reverbera pelo ambiente. Sorrindo, eu me junto a ela e fazemos a dancinha de *Meninas Malvadas*, um filme icônico dos anos 2000.

— Não sei por que você sempre faz o papel da Regina — reclamo, seguindo sua coreografia perfeita.

— Porque eu sou mais velha e posso escolher. Você sabe que sempre achei a Cady sem sal. O filme não seria o mesmo sem a Regina.

— Isso é verdade.

— Você viu que esses dias as atrizes fizeram uma *Live* juntas? Foi tão legal. Me senti como se tivesse voltado no tempo.

Se eu sou a doida do Natal, minha irmã é a louca dos filmes. Ela tem uma capacidade incrível de reconhecer os atores, lembrar seus nomes e conseqüentemente os filmes que fizeram, já eu me confundo toda. Cada um no seu quadrado, não é?

Meu celular toca e só então percebo que são 16h15. Bastou eu não me preocupar com o telefone, que os minutos passaram voando.

Minha mãe, que está na sala de jantar enfeitando a mesa, caminha até a cozinha e me encara. Eu também a encaro, porém, não saio do lugar. Ela vai até o aparelho e atende à ligação.

— Alô! Sim? Sou a mãe dela. Tudo bem, vou chamá-la.

Ela me estende o telefone e diz:

— É da clínica.

Meu Deus! Repentinamente minhas mãos começam a tremer. Vejo quando ela coloca o celular no mudo e me conforta.

— Calma, filha. Seja qual for o resultado, nós estamos aqui.

Dou pequenos passos e alcanço o celular. Tirando do mudo, atendo.

— Alô, é a Raquel.

— *Olá, Raquel, Feliz Natal! — a atendente deseja, com uma voz que esbanja animação. — Estamos ligando para informar que o resultado do seu exame saiu.*

— E como foi? — Contenho a vontade de gritar e falar para ela parar de enrolar.

— *Parabéns, você é a mais nova mamãe da área.*

— O quê? — pergunto, sem acreditar.

— *Você está gravidíssima! O procedimento foi um sucesso e o exame de sangue deu positivo.*

— Meu Deus! — murmuro, o choro chegando rapidamente.

Sem conseguir me conter, os joelhos fraquejam e sento no chão.

— Obrigada! — É o que consigo responder antes de ter o celular arrancado da minha mão.

— Ela está em choque. Você pode me dizer o resultado, por favor? — minha irmã pergunta, imagino que seja para a atendente.

Quando ouço os gritos de Renata, sei que não estou sonhando.

— Eu vou ser tiaaaaaaaa! Eu vou ser tiaaaaaaaa!

— Ah, minha filha! Vou ter um netinho ou uma netinha! — Minha mãe se agacha e me abraça. De repente, caímos no chão, ainda abraçadas e chorando.

Não demora muito para Renata nos acompanhar, após encerrar a ligação. Esta é uma daquelas cenas que a

gente nunca esquece. Permanecerá para sempre na minha memória. Nós três, deitadas na cozinha, rindo e chorando ao mesmo tempo de tanta emoção.

— O melhor presente de Natal que eu poderia ganhar — murmuro, ainda sem conseguir acreditar. — Meu bebê está aqui. Eu vou ser mãe!

A ficha vai caindo aos poucos e ainda deitada coloco a mão em meu baixo ventre, acariciando o local com reverência.

— Eu vou ser mãe — sussurro uma vez mais para mim, como se para confirmar e, enfim, aceitar a notícia.

Olho para as duas, que estão com os rostos molhados, e Renata acaricia minha mão que está acima da barriga.

— E será uma mãe incrível, Quel — ela diz, sinceridade exalando de cada palavra. — Estou muito

orgulhosa de você, minha irmã. A sua coragem e persistência, sem dúvida alguma, são inspiradoras.

— Obrigada, Rê. Estou muito feliz que deu certo!

— Agora é manter a calma, afinal, até o terceiro mês precisamos ficar de olho, como em qualquer outra gravidez.

— Sim, tenho ciência disso. Meu médico me alertou que os três primeiros são cruciais.

Ouvimos o interfone e rapidamente a Rê sai do chão para atender.

Sozinha com minha mãe, levanto meu tronco e permaneço sentada no chão. Ela faz o mesmo.

— Mãe, ainda não consigo acreditar que estou carregando um bebê. *O meu bebê!*

As lágrimas não me abandonam, pelo contrário, nós duas nos abraçamos com força e choro mais ainda.

— Você está, querida! Hoje à noite será muito especial — ela diz, afagando minhas costas. — Você ganhou um lindo presente, querida.

— Com certeza! Não tem como ser mais mágico. Saber que estou grávida, na véspera de Natal? É um sonho!

— Concordo. Não poderia ser diferente, Raquel. Pelo visto, você planejou tudo direitinho, minha filha — dona Cecília comenta e solta uma gargalhada, levando-me a gargalhar junto.

Por mais que eu tenha planejado bastante, engravidar na véspera de Natal foi muito além do que eu poderia imaginar. Poderia ter sido antes ou depois, mas Deus sabe de todas as coisas. Esta é a única certeza que tenho.

— É o que estou pensando? — Vanessa entra na cozinha, esbaforida, ao lado de Renata e ajoelha na minha frente.

— Sim!!! — exclamo e mais um grito ressoa, agora da minha amiga, que imediatamente me abraça.

— Ah! Eu sabia que daria tudo certo, Quel! Como estou feliz por você! — diz. — Feliz Natal, minha amiga.

— Feliz Natal, Van. Obrigada por tudo. — Olho ao redor e me levanto, ajudando minha mãe a se levantar também. — Aliás, obrigada a vocês três. Sei que surpreendi com minha decisão inesperada, não agi da melhor maneira por achar que me impediriam ou que ficariam extremamente ansiosas, mas não poderia ter pessoas melhores à minha volta. Saber que tenho com quem contar é maravilhoso. Também sei que não será fácil, porém, quando queremos muito alguma coisa, e digo isto por experiência própria, tudo colabora para dar certo. Foi assim que realizei meus sonhos e vou continuar no mesmo propósito.

— Minha filha, sua determinação e o seu amor me mostraram que não importa a forma, nem o jeito que uma

gravidez pode acontecer, o que importa mesmo é como o seu bebê será amado por todos nós. Ele já faz parte da família Souza Travassos, querida.

— Ah, mamãe... Eu não consigo parar de chorar.

Nós quatro rimos, os narizes fungando enquanto vamos nos recompondo. Logo Renata chama a nossa atenção:

— Bem, vamos terminar os preparativos para a ceia? Temos muito a fazer ainda e a noite será toda nossa para comemorar, o que acham?

— Você tem razão. Vamos aos preparativos! — exclamo, animada.

Assim, nós nos ocupamos. A cada minuto o clima natalino fica mais intenso, latente, trazendo-me sentimentos tão felizes que não consigo deixar de sorrir.

Uma vez mais, passo a mão por cima da minha barriga e as minhas bochechas chegam a doer de tanto

que estou sorrindo.

— Feliz Natal, minha sementinha!



Pisca-piscas por todos os cantos – ok

Tecidos acetinados vermelhos estendidos nas
mesas – ok

Playlist devidamente abastecida – ok

Comidas – ok

Sobremesas – ok

Presentes debaixo da árvore – ok

Karaokê – ok

Família reunida – ok

Vestido vermelho – ok!

Algumas horas depois de comemorarmos o resultado do exame, Vanessa foi para casa cear com sua família e meu pai chegou com meu cunhado e sobrinhos. Eles ainda não sabem que estou grávida e tenho feito um pequeno suspense durante toda a noite.

Contudo, chegou o momento da troca de presentes, e com ele o momento de contar a grande notícia.

Sou a última a falar e fico em pé ao lado da árvore enfeitada.

— Primeiramente, eu gostaria de dizer que esta noite está sendo muito especial. É a primeira ceia que faço na minha casa própria, no lugar que vocês sabem que sonho há anos, com a presença da minha querida família e estou muito feliz por isso. Obrigada por sempre torcerem por mim, mesmo quando me acham cabeça-dura.

Eles riem. Meus sobrinhos não conseguem ficar parados, um brigando ou brincando com o outro a todo instante.

— João, Caio, deixem a tia falar, meninos! Depois vocês continuam, *tá* bom? — peço.

— *Tá* bom — os dois respondem juntos, não sem antes fazerem caretas um para o outro.

Em segundos, me pego pensando se o meu bebê for um menino. Será que vai ser parecido com eles? Levados do jeito que são, já sei que ficarei doidinha. Voltando para o meu pequeno discurso, digo:

— Além de entregar meus presentes, tenho algo importante para falar.

Meus dentes afundam no lábio inferior, um sorriso se forma ao encarar minha mãe e Renata, minhas cúmplices. O único som da sala é de *O Holy Night*, na voz de *Mariah Carey*, tocando baixinho. Eu amo esta canção e não poderia ser mais propícia. Olho para meu pai e Fernando, os únicos que não sabem da novidade.

— O que eu tenho a dizer é que... Vocês estão olhando para a mais nova mamãe da família. Minha produção independente deu certo!

Papai fica mudo, como se estivesse em choque, e Fernando bate palmas, levantando rapidamente para me cumprimentar.

— Parabéns, *cunha*! Fico feliz que tenha tido sucesso. Sei o quanto você queria ser mãe e agora teremos um mascote por aqui.

— Obrigada, Fê.

— Meninos, venham abraçar a tia Raquel, porque a cegonha deixou um neném na barriga dela.

— A tia Quel *tá* grávida? — João, o maiorzinho, pergunta.

— Isso! Não é legal? — Fernando pergunta.

— E cadê o pai dele? — Meu sobrinho é esperto demais e com dez anos é natural que seja mais curioso.

Eu ainda não havia pensado no que responder quando este tipo de pergunta viesse, mas encontro algo que posso usar.

— O pai dele foi fazer uma longa viagem.

Prefiro dizer isso a falar que ele foi para o céu. Mais para frente a resposta vai mudar, porque pretendo contar a verdade para o meu filho.

— Vocês me dão licença que eu quero abraçar minha filha! — meu pai diz para o João e o Caio, que parecem não acreditar que estou realmente esperando um bebê. Chega a ser engraçado ver os olhos deles direcionados para a minha barriga lisa.

Abro um sorriso enorme quando papai me abraça e um calor se espalha por todo meu corpo.

— Parabéns, Raquel! Você correu atrás e agora mais um sonho está se realizando. Tenho orgulho da mulher que você se tornou, viu? — Ele se afasta e afaga

meu rosto. — Sei que foi difícil de aceitar no início, mas tudo que é novo tem esse efeito, não é mesmo?

— É verdade, papai. Obrigada por entrar nas minhas loucuras.

— Esta loucura será muito bem-vinda, Quelzinha. Um neto é sempre uma bênção.

Sorrindo, beijo seu rosto e me afasto.

— Agora, vamos aos presentes, porque estou louca para entregar os meus.

O decorrer da programação foi maravilhoso a não ser a parte em que, sem querer, acabei bebendo um gole de vinho e quando lembrei que estou grávida já era tarde demais. O pânico me tomou, tentei colocar para fora, mas minha irmã me acalmou, depois de rir bastante da minha cara.

— Calma, Quel. Também não é assim. Imagina aquelas mulheres que têm porres astronômicos e no dia

seguinte descubrem que estão grávidas? Você acha que um gole de vinho vai fazer mal? Fique tranquila. Eu mesma bebia algumas tacinhas esporadicamente, e claro que meu médico supervisionava tudo, porém, só quero que saiba que não é um bicho de sete cabeças.

— Pois é, Rê, mas está muito cedo para eu fazer estripulias. Ainda mais que meu caso é diferente, preciso tomar mais cuidado.

— Você vai, irmã. Não se martirize.

Depois do episódio da bebida, percebi quantos costumes terei que mudar. Passei o resto da noite correndo de comidas gordurosas demais e de garrafas de vinho. Tudo pelo bem do meu filho. Se a gente já faz sacrifícios agora, imagine quando nascem... Meu Deus! Será que vou ser uma mãe chata? Neurótica?

— *Tá* na hora de cantar parabéns *pra* Jesus! — Caio grita e me tira dos meus devaneios.

Todos se juntam ao redor da mesa e um *naked cake* repleto de frutas silvestres é colocado no centro. Minha irmã acende algumas velinhas e, conforme a tradição, cantamos parabéns para Jesus. É algo que faço desde pequena e isso vem se estendendo de geração a geração.

Ao final dos parabéns, seguindo o costume, fazemos um pedido e eu mentalizo o meu.

*Que você venha com saúde, minha sementinha.
Vamos viver muitas aventuras juntas. Amo você!*

E, assim, posso dizer que estou vivendo os melhores dias da minha vida e, finalmente, completa.



Capítulo 4

Raquel

Os últimos dias passaram com uma rapidez desenfreada. Ainda estou tentando me acostumar com o fato de estar gerando e, por vezes, diminuo o ritmo frenético que sempre exerci. Não digo no trabalho, porque tirei uma folga de final de ano — como faço todos os anos —, mas em casa mesmo. Tenho me permitido desacelerar, fazer meus deveres domésticos com calma e me curtir, já

que pedi para minha ajudante do lar folgar também. Ela merece por cuidar da minha casa o ano todo.

A noite de *réveillon* será daqui a três dias e é impossível não visualizar como o novo ano será desafiador. Uma etapa desconhecida e imprevisível.

Como está muito recente, é como se eu não estivesse grávida fisicamente, porém, uma sensação inexplicável vem crescendo dentro de mim. Uma paz, um amor, plenitude... quando me disseram que a gravidez muda uma mulher, não pensei que fosse desta forma. Achei que era exagero ou uma daquelas formas de romantizar o que nem sempre é perfeito. Entretanto, estou sentido na pele como o corpo vai se ajustando, os sentimentos embaralhando. Uau!

Faz quatro dias desde que a mais linda e incrível notícia chegou aos meus ouvidos.

Eu serei mãe!

Às vezes acho que estou sonhando, que vou acordar a qualquer momento e perceber que nada disso é verdade. E para não haver dúvidas, a clínica se encarregou de enviar o resultado do exame de sangue para o meu e-mail. Um exame que não paro de olhar por, pelo menos, trinta minutos desde que recebi. Será que vou parecer muito louca se emoldurá-lo?

Rio sozinha, balançando a cabeça ao repetir em minha mente o que acabei de pensar. Definitivamente estou me tornando o que sempre temi: uma mãe neurótica. E olha que meu bebê nem nasceu.

O forno apita, indicando que as sobrecoxas estão prontas. Eu amo sobrecoxa de frango e hoje me deu vontade de fazer uma receita fácil e gostosa, a qual tiro a pele, “molho” as peças na manteiga e depois dou uma empanada com creme de cebola. Nossa, fica uma delícia!

Como serei apenas eu, não fiz muita comida. Meus pais me chamaram para almoçar na casa deles, mas hoje

estou com uma leve preguiça e, para falar a verdade, eu adoro a minha própria companhia. Assistir a uma série, ouvir uma música, ler um livro, ~~beber um vinho~~ — um prazer que será adiado por alguns meses, mas por uma boa causa.

Vestida apenas com um robe de seda preto, coloco minha luva de silicone e retiro o refratário do forno, ao mesmo tempo que meu celular, que está apoiado no balcão da cozinha, toca.

Coloco a forma em cima da bancada de mármore, tiro a luva e pego o telefone.

Franzo o cenho ao ver que é da clínica.

— Alô — atendo.

— *Raquel Souza Travassos?*

— Sim — respondo, alarmada.

— *Vou passar a chamada para o Dr. Arantes.*

— Tudo bem.

Enquanto escuto a musiquinha de passagem de ramal, meu coração se aperta. *O que está acontecendo?* Meu médico disse que só voltaríamos a conversar depois da virada do ano, a não ser que acontecesse alguma emergência da minha parte.

— *Raquel?* — A voz grave me arranca dos meus pensamentos.

— Oi, doutor. Está tudo bem?

Ele solta um longo suspiro e, para meu desespero, faz um pedido que eu não esperava ouvir.

— *Preciso que venha na clínica amanhã.*

— Amanhã? Tão de repente?

— *Sim, preciso conversar você.*

Ah, meu Deus! Todo o sangue do meu rosto some, minhas mãos começam a tremer e o choro ameaça irromper pelos meus olhos. Com a voz vacilante, pergunto:

— Há algum motivo para eu me preocupar?

— *Está tudo bem com o bebê, não se preocupe, mas precisamos conversar.*

Um alívio percorre todo meu corpo e sinto que posso voltar a respirar.

— Certo! Que horas?

— *No primeiro horário, às 8h, pode ser?*

— Pode sim.

— *Ótimo. Até amanhã, Raquel.*

— Até, doutor.

Logo que encerro a ligação, fico alguns minutos tentando imaginar o que o meu médico tem de tão urgente para falar comigo. Ele parecia sério demais. Se não é sobre o procedimento, o que mais pode ser?

Bem, de nada adianta ficar tentando adivinhar. Isso só vai me deixar mais ansiosa e o que menos preciso no momento é me estressar. O que posso fazer é esperar e torcer para que não seja nada de mais.



Antes do horário marcado, já estou na frente da clínica, dentro do carro. Não quis alertar minha mãe, Renata ou Vanessa, até porque estou acostumada a lidar com as situações por mim mesma e sendo mãe solo isso será recorrente.

Faltam quinze minutos para às 8h da manhã. O tempo nunca demorou tanto a passar. Se eu disser que dormi tranquilamente, mentirei. Foi uma noite agitada, revirando para lá e para cá na cama, a todo momento recordando do longo suspiro do meu médico, a voz séria...

Olho para o espelho retrovisor e passo um pouco de hidratante labial. Minha boca está ressecada por conta do clima seco e involuntariamente acabo tirando as *pelezinhas*

com os dentes, então preciso ficar aplicando um hidratante de hora em hora.

Aproveito e prendo meu cabelo em um rabo-de-cavalo, ajeitando a franja longa para cada lado do rosto. Satisfeita, saio do carro e aliso o vestido longo, de alcinhas e com estampa floral, peça da nova coleção da RaVa.

Ao consultar o relógio, fico grata por faltar apenas cinco minutos. Alarmo o carro, coloco meus óculos escuros e caminho em direção à casa — ou mansão, como preferir — que abriga a clínica de fertilização. Perdi as contas de quantas atrizes e modelos já encontrei aqui. A mídia diz que o Dr. Arantes é referência na inseminação artificial no país e este foi um dos motivos pelo qual o escolhi. Eu queria um ótimo profissional, que fosse de São Paulo e me desse a segurança que eu precisava para realizar o procedimento.

Aperto o interfone e olho para a câmera localizada na entrada, rapidamente o portão se abre. A quantidade de

vezes em que vim, me permite ser reconhecida facilmente.

A recepção está vazia a não ser pela Carla, a funcionária que Vanessa ficou conversando quando veio me acompanhar.

— Olá, tenho um horário...

— Com o Dr. Arantes — ela completa, sorrindo. —
Daqui a alguns minutinhos ele vai te chamar, Raquel.

— Obrigada.

Acomodo-me em uma das poltronas espalhadas pelo local e pego o celular para passar o tempo. Com os dentes vou arrancando uma *pelezinha* que está prestes a sair do meu lábio inferior e no mesmo instante sinto um gosto metálico.

Droga!

Vou ao banheiro que fica ali perto e constato o que já esperava. Minha boca está sangrando. Porém, outra coisa chama minha atenção. A princípio penso ser o

barulho de choro, mas segundos depois consigo ouvir sussurros desesperados:

— *Eu estou fodida demais... Eu não sei... Não sei!*
Ai, meu Deus!

Ergo as sobrancelhas com a aflição da mulher que está do outro lado e resolvo sair logo dali. Se fosse comigo, eu detestaria que alguém estivesse me ouvindo.

Ao voltar para a recepção, nem preciso sentar novamente, pois a porta do consultório do Dr. Arantes se abre e meu médico me encara com uma expressão ilegível.

— Bom dia, Raquel. Pode entrar, por favor. — Ele se afasta um pouco para me dar espaço e entro em sua sala.

— Bom dia, doutor.

Sento na cadeira que estou acostumada e cruzo minhas mãos sobre o colo, a fim de evitar demonstrar meu nervosismo.

— Como está se sentindo? — pergunta, ao se acomodar em sua poltrona.

— Estou ótima. Muito feliz que deu tudo certo e um pouquinho preocupada pela reunião de emergência.

O médico abre um sorriso, porém, o gesto não chega aos seus olhos. É quase como se ele não quisesse ter esta conversa.

Hummm, tem coisa aí!

— Eu não vou me prolongar, Raquel. Confesso que nunca passei pela situação que estou prestes a compartilhar e peço que tente manter a calma, para o bem do seu bebê. Tudo bem?

— Doutor, pelo amor de Deus, o que está acontecendo? Que situação o senhor nunca passou?

Ele molha os lábios com a língua e chega o corpo mais para frente, apoiando as mãos cruzadas na mesa imponente de madeira de lei.

— Raquel, houve um equívoco gravíssimo. A funcionária responsável por fazer a coleta em nosso banco de sêmens trabalha na clínica há anos, porém, de uma maneira inexplicável, ela cometeu um erro.

— Como assim, Dr. Arantes? — Não sei como consigo falar, porque minha garganta parece que vai fechar a qualquer momento.

— Em vez de coletar o material do seu doador, ela coletou o sêmen de outro homem...

— O quê?! — interrompo sua explicação com um grito, contudo, minha voz quase não sai, tomada por uma rouquidão repentina. — Eu não estou conseguindo acreditar no que está acontecendo. Me diga que é uma pegadinha, uma brincadeira, por favor, Roberto!

Esqueço que ele é meu médico, dos bons modos, que estamos em um bairro elegante de São Paulo, esqueço de tudo porque meu mundo está virando de cabeça para baixo neste exato momento.

Ele fecha os olhos e nega com a cabeça.

— Eu nunca brincaria com algo tão sério, Raquel. Você não foi a única prejudicada. O sêmen inserido em seu útero é de um cliente nosso que busca a produção independente, como você. O material dele deveria ter ido para os Estados Unidos, onde seria direcionado para uma *barriga de aluguel*, já que lá é permitido, mas então houve essa confusão.

Como se não pudesse ficar pior.

— Recapitulando, você está dizendo que não inseminaram o esperma do doador que escolhi? O doador que demorei semanas procurando, estudando, me dedicando para fazer tudo de acordo com o que havia planejado para a minha vida... É isso que você está dizendo?

Apesar de ter compreendido cada palavra dita, eu preciso que ele me confirme.

O que eu não daria para que fosse apenas um pesadelo.

— Infelizmente sim, Raquel. Olha, a gravidez está bem no comecinho, você pode decidir o que quiser, sem qualquer custo, a clínica arcará com quaisquer gastos.

— Está insinuando sobre aborto?

Só o pensamento faz minha cabeça latejar. Apesar do absurdo da situação, em nenhum momento cogitei me desfazer do meu bebê. Ele é *meu*, independente de qualquer coisa, porém isso não desabona o fato de que, por um erro, todos os meus planos vão mudar. Tudo será diferente.

— Não estou insinuando nada, só estou deixando a escolha nas suas mãos. Eu nunca me perdoarei por algo tão insensato ter acontecido em minha clínica. A partir do momento que tomamos conhecimento deste erro, a funcionária foi dispensada por justa causa e todas as medidas cabíveis serão tomadas. O que ocorreu é sério

demais e vamos lidar com isso da mesma maneira, com seriedade e respeito por todos os envolvidos.

— Tenho que falar com meu advogado — sussurro, perdida dentro da bagunça que está minha mente.

— Fique à vontade. Você tem todo direito. Os advogados da clínica estarão de prontidão e já estão preparando um termo para apresentar tanto para você quanto para nosso cliente que foi igualmente prejudicado.

— Eu terei que conhecer o dono do sêmen? — pergunto, num sussurro. — Sei da questão do anonimato, mas ele não é um doador. Como vai ser isso?

A expressão do Dr. Arantes é sofrida, como se tivesse envelhecido décadas em minutos.

— Legalmente, ele é o pai do bebê.

Pai do bebê.

Pai do *meu* bebê.

Um bebê sonhado, planejado e que, por um erro, não é mais só meu.

O médico não precisa me dizer mais nada. Eu não terei a minha tão sonhada produção independente. Sinto como se tivesse sido forçada a carregar o bebê de outra pessoa. Enganada, usurpada, roubada. Por um erro único e exclusivo de uma clínica que pensei ser séria e imaculada. Eu realmente vou precisar de um advogado.

O choro vem em uma enxurrada. Soluços atravessam minha garganta e pouco me importo com o homem à minha frente. Eu quero que ele veja o que fez comigo. Pode não ter sido pela sua mão, mas por alguém que *e*le contratou, portanto, é tão culpado quanto.

Acaricio minha barriga, recordando dos poucos dias que tive de felicidade, dos planos que fiz, sonhei.

— Sei que você não quer ouvir isso, mas precisa se acalmar. Os primeiros meses são cruciais.

— Estou tentando — grunho em sua direção, com uma raiva que nunca senti antes.

— Me perdoe, Raquel. Eu farei o que estiver ao meu alcance para tornar o seu sofrimento o menor possível.

— Não acho que você tenha esse poder.

Levanto-me em um rompante, sem conseguir encarar o médico que ao mesmo tempo foi o mocinho e o vilão da minha história. Que me estendeu a mão e me deu uma rasteira.

Dramática demais? Duvido! Realista e inconformada seria mais apropriado.

Abro a porta, sem me despedir do médico, da recepcionista, e corro clínica afora em direção ao meu carro.

Preciso do abraço da minha mãe. Só depois disso me permitirei vislumbrar uma nova perspectiva e o que

precisarei enfrentar, pois não abrirei mão do meu filho. Isso nunca!



Capítulo 5

Raquel

O colo da minha mãe, sem dúvida alguma, era tudo o que eu precisava.

Assim que eu a vi, desabei e tão cedo não vou me esquecer do seu rosto deformado pela preocupação. Em meio às lágrimas contei tudo, despejei minha frustração, os meus temores, a minha raiva. Meu pai até tentou me consolar, dizendo que poderia levar o caso para a

imprensa, mas eu só queria ser ouvida naquele momento. Não tinha cabeça para resolver ou pensar em nada.

Foi compreensível o desespero deles, afinal, ficaram horrorizados e abalados com o que aconteceu. Não teria como ser diferente. Quem vai imaginar que isso poderia acontecer com alguém? Ainda mais com uma filha sua? Parece até um dos episódios daquele programa de TV “Casos de Família”.

Perdi a completa noção de quanto tempo fiquei debruçada sobre as pernas de mamãe e só fui sair do meu torpor quando Renata chegou, meia hora atrás. Sua voz corta meus devaneios:

— Quel, a clínica já ligou duas vezes para o seu celular. Uma mensagem também chegou e pelo que pude ver são eles perguntando quando você pretende retornar.

Fecho os olhos, sabendo que não poderei fugir para sempre. Levanto meu tronco e apoio minhas costas no

sofá. Minha mãe se remexe e apenas me encara, sem saber o que falar ou se deve falar comigo.

— O que foi, mãe? — pergunto de uma vez.

— Por mais absurda que a situação seja, você já está gerando um bebê, ele é seu, ninguém poderá tomá-lo, o que muda é que agora você não terá a responsabilidade total, talvez...

— Talvez? — incito.

— Talvez não seja tão ruim assim.

Arregalo os olhos diante de sua conclusão, mais absurda do que a própria notícia.

— Mãe! Você está se ouvindo? Eu estou gerando o filho de um cara que eu não tenho noção de quais são seus ideais, o tipo sanguíneo, se é compatível comigo... características que pesquisei durante semanas até encontrar um doador que me fizesse ter certeza da minha escolha. É frustrante demais saber que as coisas deram

errado. Pior ainda, como uma clínica daquela pôde permitir que algo dessa proporção acontecesse? Isso é seríssimo!

— E eu concordo! Só estou dizendo que não tem o que você fazer agora a não ser olhar para o lado positivo, como sempre olhou, querida. Compreendo que esteja machucada, se sentindo enganada, mas seu filho já sente tudo o que *você* sente, então pense bem no que quer transmitir.

Suas palavras doem, mas retratam a realidade. A verdade sempre dói, não tem jeito. Respiro fundo e olho para Renata.

— E você? O que acha de tudo isso?

Renata levanta do tapete e senta ao meu lado, fazendo-me virar para ficar de frente para ela. Minha irmã chorou junto comigo assim que soube, em choque e ao mesmo tempo incrédula pelas palavras que minha mãe dizia, porque eu não tinha forças e nem ânimo para contar novamente.

Rê pega minha mão e a entrelaça com a sua.

— Não é um cenário que eu tenha visto algum dia, muito menos em livros ou filmes, mas está acontecendo, com você, *minha irmã*, o que posso dizer é que se quer continuar com esta gravidez, e dou total apoio, pois é seu filho também, a gente precisa pensar em uma forma de a clínica arcar com todos os custos essenciais do seu filho, de maneira vitalícia. Em troca, você assinaria um termo de confidencialidade. Sair na imprensa só iria prejudicar a sua imagem e a do seu filho mais tarde. Confie em mim.

Eu contei que minha irmã é advogada? Não? Pois ela é, e das boas.

— Mas e o cara? E se ele quiser a guarda do meu filho? Eu não vou aguentar isso, Rê. Eu preciso de alguma cláusula que o impeça de me procurar, existe isso? Diga que é possível. Não foi culpa minha, esse caos todo, caramba!

Não é minha irmã que fala comigo neste momento, mas a profissional que conquistou respeito nos tribunais.

— Raquel, eu entendo o seu medo, a sua frustração, você que sempre foi tão organizada e metódica com seus planejamentos, e se ver em uma circunstância imprevisível como esta deve ser mais difícil ainda, mas precisamos deixar o coração de lado e enxergar de maneira racional. Você pagou para a clínica te inseminar, certo?

— Certo.

— O doador, que não é o doador, é cliente como você e foi igualmente lesado, certo?

— Certo — respondo, com uma expressão derrotada.

— O seu óvulo se uniu com o espermatozoide do desconhecido, certo?

Fico sem responder porque é ruim demais admitir em voz alta, então ela continua:

— Conclusão: ele tem tanto direito ao bebê quanto você. O que vai acontecer quando a criança nascer precisará ser decidido entre vocês, como dois adultos que são. Sua vida não precisa mudar completamente, porém, em vez de deixar seu filho algumas vezes com uma babá, por exemplo, você terá com quem contar... Ou quando perguntarem sobre o pai, você não vai precisar mentir. Era isso o que nossa mãe queria dizer, mas você não quis ouvir. Você sabe que te amo, e crescemos acreditando que tudo acontece por um motivo. Não cabe a nós procurarmos os porquês, mas buscarmos soluções para que a chegada desse bebê seja a melhor possível.

Ela sabe ser dura quando precisa, porém não confiaria minha vida e meus negócios a outra pessoa.

— Ah, meu Deus! Isso realmente está acontecendo... — murmuro.

— Filha, sua irmã está corretíssima. Tente pensar no lado bom. Eu confio na sua força. O baque foi grande, mas

você vai se reerguer e enfrentar isso tudo com confiança e determinação. Tenho muita fé em você.

— Obrigada, gente. Eu não sei o que faria sem vocês. Não consigo mensurar a sensação de impotência que estou sentindo, mas vou me reerguer. Meu filho não tem nada a ver com isso e precisa de todo meu amor. Farei tudo por ele.

— Exatamente. Esse é o pensamento. Você quer que eu prepare a proposta para apresentar à clínica?

Estremeço só de pensar que preciso voltar àquele lugar. Tenho que ser forte.

— Sim, por favor. Você acha que podemos ir quando?

— Que tal daqui a dois dias? Já terei redigido o documento, assim fechamos o ano com uma definição.

— Tudo bem, pode ser.

— Só um aviso — Renata adverte.

— O quê?

— É provável que o pai do bebê esteja lá também com um advogado. É comum que as partes envolvidas se encontrem a fim de realizarem um acordo satisfatório para ambos.

— Meu Deus! Que horror. — Respirando fundo, assinto com um leve aceno de cabeça. — Fazer o que, não é?

— Então, já vou começar a agir. Me passe o telefone da clínica e o nome do médico, porque vou informar, como sua advogada, o dia que vamos comparecer. Amanhã vou à sua casa para discutirmos todos os detalhes.

— Tudo bem. Obrigada, Rê.

Levantando-me do sofá, anuncio que vou para casa.

— Não quer ficar aqui esta noite, filha?

— Não, mãe. Prefiro voltar. Tenho muito o que pensar, digerir...

— Ok, mas qualquer coisa estaremos aqui.

— Obrigada, mãe. Dê um beijo no papai por mim —
peço, pois ele foi ao mercado.

— Pode deixar. Dirija com cuidado.

Assinto e abraço minha irmã.

— Dê um beijo nos meninos — sussurro.

— Fique bem, Quel. Vai dar tudo certo!

Passando a mão sobre minha barriga, abro um
sorriso fraco e respondo:

— Eu sei que vai.



Dizem que quando estamos sozinhos é que os monstros atacam, e não poderiam ter mais razão. Desde que cheguei em casa, não paro de pensar em como as coisas vão mudar, que não vai ser tão fácil como minha mãe e Renata pensam. Elas esquecem que agora serão duas opiniões, haverá divergências quanto à forma de criar, terei que compartilhar a atenção, o amor...

Eu queria aceitar com mais facilidade, mas a cada minuto que passa só vejo contras. Como mudar a mentalidade de uma pessoa que se acostumou com uma ideia, de uma hora para outra? Eu já havia visualizado uma vida em que seria apenas meu filho e eu, estava me preparando com uma psicóloga, conforme recomendado, e, pelo visto, terei que continuar para não *entrar em parafuso*.

O máximo de intervenção seria da minha família e agora precisarei alinhar meus pensamentos com um homem que deve ter seus próprios planos e intenções.

Meu Pai, como é difícil!

É claro que para minha mãe parece ser mais fácil. Ela é de uma geração que torcia o nariz para mulheres donas de si e que se impunham de alguma forma. Não que ela sustente este pensamento, mas viver em uma sociedade que pensa assim acaba influenciando.

Ainda hoje a produção independente é vista como uma novidade, um tabu até, pois há quem pense que é porque a pessoa não teve sorte no amor ou é egoísta demais para querer compartilhar, sendo que é algo muito maior que tudo isso.

É sobre querer formar uma família, é sobre querer cuidar de alguém, é sobre querer experimentar aquele sentimento que só uma mãe sente, é sobre realizar um sonho. E olhando para o lado fisiológico, eu estou com uma

idade que requer atenção e não posso me dar ao luxo de esperar uma eternidade para encontrar o meu *alguém especial*. Se um dia ele aparecer, pelo menos terei realizado meu desejo a tempo.

O interfone toca e penso duas vezes antes de levantar e atender.

— Oi?

— Srta. Raquel, é a Vanessa.

— Ah, tudo bem. Obrigada.

Eu não queria a companhia de ninguém e tenho quase certeza de que minha amiga já sabe o que aconteceu. Minha mãe sempre abrindo o bico.

A campainha toca e quando abro a porta Van examina meu rosto vermelho pelo choro — o mal de ser tão branca é que qualquer irritação me deixa com placas vermelhas pelo corpo, principalmente no pescoço.

— Oi — balbucio, abrindo espaço para que ela entre.

— Sei que você quer ficar sozinha, mas se fosse comigo eu preferiria manter a mente ocupada. E quem melhor do que eu para fazer isso por você?

Sorrio e ela me abraça. Um abraço forte, repleto de significados — como se dissesse: “tudo vai ficar bem”, “eu estou com você”, “não fique triste”, “eu te amo” — e retribuo o gesto com a mesma intensidade, derramando mais lágrimas no processo.

— Como você está? — pergunta.

— Tentando achar o lado bom da situação.

— Eu posso te ajudar com isso — diz, como se fosse a coisa mais fácil do mundo.

Vanessa tira os saltos, senta em posição de índio no sofá, pouco importando se está com um vestido minúsculo e bate a mãozinha para que eu sente ao seu lado.

Estreito os olhos, ciente de que ela vai falar besteira, entretanto, me acomodo no sofá.

— Humm... É mesmo? — incentivo, querendo saber aonde ela quer chegar.

— Sim. Já imaginou se o cara é um gato?

— Eu sabia que não viria coisa boa.

— Estou falando sério, Raquel. Ele pode ser um gato, podre de rico, que não encontrou a mulher ideal. Melhor, ele sempre esteve te esperando, só não sabia.

— Putz! Não acredito que você está me dizendo essas coisas. — Sou obrigada a rir porque é surreal demais. — Acho que você anda lendo muitos romances clichês.

— Não zombe da minha intuição.

— Ah, agora é intuição? Pensei que fosse apenas uma demonstração sobre ver o lado bom da situação.

— Mas agora estou pressentindo, não duvide da minha mediunidade.

— Sério, Van, tem hora que você me assusta com a sua imaginação fértil. Pode até escrever um livro.

Ela solta uma gargalhada e sua cabeça pende para trás, os cabelos negros e volumosos contrastando com o sofá creme. Impossível segurar a risada diante de sua loucura.

— Só estou te fazendo olhar para uma hipótese que aposto que você não fez questão de cogitar.

— Você acha que um cara lindo e rico precisaria de uma clínica de reprodução para ter um filho?

— Oras, você é linda, tem grana e recorreu a uma clínica. Essa sua justificativa não cola. E outra, se o cara tem condições de pagar uma barriga de aluguel nos Estados Unidos, pobre ele não é. Você sabe quanto custa o aluguel de uma barriga lá?

— Não tenho nem ideia, mas aposto que você fez o trabalho de pesquisar.

— É claro!

— Então conta que fiquei curiosa.

— Em média, trinta mil dólares.

Fico boquiaberta.

— Dólares? Trinta mil dólares?

— Isso mesmo! *Dórales*, como diz aquele humorista.

— Mas, gente! Isso equivale a...

— Quase R\$ 150.000,00, com o dólar a R\$ 5,00.

— Estou pasma! — exclamo, verdadeiramente chocada.

— Já temos uma informação sobre o desconhecido: é podre de rico. Você fez o cara economizar uma boa grana.

Vanessa para de falar, sem saber se deve rir ou ficar séria, mas eu começo a rir.

— Só você *pra* fazer piada num momento desse. Puta merda! — praguejo, sem conseguir conter a risada.

— Fazer o que se sou sincera? Lulu Santos não fez aquela música à toa.

— Para de falar besteira, Van, pelo amor de Deus!

— Voltando para o pensamento positivo sobre a coisa toda...

— Lá vem.

— Sabendo que toda grávida tem aqueles dias de tesão...

— Para! Não vou deixar você continuar.

— O quê? Eu hein! Não ia falar nada de mais. Só ia dizer que agora você pode ter uma companhia...

Jogo uma almofada em sua direção e, escandalosa como só ela, logo ouço seu grito:

— Aaaaai! Você está louca, Raquel?

— Não! Mas vou ficar, se continuar me enchendo com suas maluquices.

— Ainda bem que não acertou meus olhos. Fiz a manutenção da extensão dos cílios ontem e se perdesse algum fio você estaria ferrada.

— Van, estou pensando aqui. E se o cara tiver uma mulher que não pode gerar filhos?

— O combinado era pensarmos só nas coisas boas, Quel.

— Estou falando sério.

A expressão divertida abandona seu rosto. Os dentes branquíssimos mordiscam o lábio inferior, uma mania que tem quando está reflexiva.

— Falando sério? Acho que seria uma merda.

— Bota merda nisso!

— Você não acha que o médico teria falado alguma coisa, se fosse o caso? — questiona.

— Eu não o deixei se explicar o suficiente, muito menos dar detalhes sobre o cliente. Estava com muita raiva para assimilar qualquer coisa.

— Compreensível, mas vamos parar de fazer suposições. Daqui a dois dias você e sua irmã vão saber de tudo.

— É melhor mesmo.

— Quer ver algum filme? — pergunta e agradeço internamente pela mudança de assunto,

— Pode ser. Eu ia pedir uma pizza, quer?

— Sorte sua que hoje malhei o equivalente a dois dias. Pode pedir.

— Estou vendo as veias sobressaltadas. Não sei como gosta de ficar assim, Van.

— Gosto é gosto, *né*, amiga? Me sinto bem. Além do mais, o Carnaval é em dois meses e preciso estar na minha melhor performance. Tenho fé que será o ano da *Roseira*.

— Fico boba com a sua disciplina. Você é um exemplo, Van. Queria ter a metade da sua disposição, mas atividade física, para mim, é só para saúde, ou seja, faço apenas o recomendado, você sabe. Por falar em atividade física, rendeu alguma coisa aquele encontro com... esqueci o nome dele, o *personal trainer* que você me apresentou...

— Tony.

— Isso! Que fim deu?

— Nós saímos, transamos e só. Foi bom, nada mais do que isso.

— Você desistiu mesmo do amor, não é?

Ela revira os olhos e sei que a conversa chegou ao fim. Desde que Vanessa pegou o ex-marido com sua amiga

de infância, há dois anos, ela decidiu não se envolver com outro homem, a não ser para encontros casuais.

Os homens correm atrás dessa mulher como se estivessem hipnotizados. Não os julgo, porque minha amiga é linda, só tenho pena porque eles não têm quaisquer chances.

— Vou pedir a pizza. Escolhe o filme — peço.

— Sim, senhora.

Ao vasculhar a lateral da minha geladeira repleta de ímãs de restaurantes, reflito em como a presença de Vanessa me deixou leve. O peso que estava sentindo, a tristeza que parecia querer me carregar para lugares que nunca estive antes, foram abafados pelas risadas que estou dando com ela.

Os monstros podem continuar querendo me pegar, mas nada supera o poder de uma amizade verdadeira.

Com esse pensamento, faço o pedido na pizzeria e passo o resto da noite trocando ideia com minha amiga, tentando, a todo instante, impedir que meus pensamentos foquem no que acontecerá em dois dias.



Capítulo 6

Felipe

— Eu ainda não estou acreditando nisso tudo, Armando. É surreal!

— Até para mim é surreal, Felipe. Em todos os meus anos no Direito, nunca vi um caso desse.

Solto uma risada amarga e irônica.

— Pelo menos agora tem um precedente, não é mesmo?

Ele me encara do banco do passageiro e diz, como se realmente acreditasse:

— Nós vamos resolver isso. Não se preocupe.

— *Porra*, Armando! Nada será resolvido. A parte da clínica é o menor dos problemas. Em alguns minutos, vou conhecer a mulher que está carregando meu filho na barriga e que vem a ser o filho dela também. Como isso pode ser resolvido? Porque eu não vou pedir para que ela aborte. Isso é algo que eu nunca faria, menos ainda com um filho meu!

— Nós já conversamos e descartamos esta hipótese, Felipe. Como meu cliente, farei apenas o que você quiser e pedir. Não seria louco de mencionar um aborto sem a sua autorização. Fique calmo e vamos resolver isso da melhor maneira possível.

Passo uma mão na testa, massageando um ponto que começou a latejar. Como isso foi acontecer comigo?

Quando me chamaram à clínica para explicar o ocorrido, eu fiquei atônito, em choque. Nunca vou me esquecer da sensação de impotência que me assolou. O que eu poderia fazer a não ser aceitar que estava em uma situação fodida? E, *porra*, eu odeio que me imponham alguma coisa.

— *Você está me dizendo que o meu filho será o filho de uma mulher que também pagou para ter um filho?*

Na hora, eu nem percebi quão redundante fui ou como pareceu um trava-língua idiota. Não estava prestando a atenção em mais nada a não ser na vontade de quebrar a cara daquele médico.

— *Sim.*

— *Eu escolhi a melhor clínica do país, para que vocês colocassem o meu sêmen no útero errado?*

— *Sr. Dias...*

— *Sr. Dias é o caralho! Meu advogado entrará em contato com vocês.*

Assim que saí da clínica, liguei para Marcelo e despejei a merda toda que havia acontecido. Ele exclamou um grande “caralho!” e me chamou para beber em um dos bares que sempre vamos na Augusta. Marcelo cresceu comigo e o considero minha única família.

Meus pais faleceram anos atrás, resultado de um acidente de carro, e desde então me viro sozinho. Meu tio até tentou dar uma de “pai”, mas depois que me dei conta do que ele realmente queria — com isto quero dizer a herança que meus velhos deixaram —, cortei relações tanto com ele quanto com seus dois filhos, tão sanguessugas quanto o pai.

Estou com quase 40 anos, relutei, pensei, ponderei e quando finalmente tomei uma decisão em relação ao meu futuro, aconteceu um erro absurdo. Um erro que eu sei que vai custar a minha paz, a minha liberdade. Vai

mudar a *porra* da minha vida de uma maneira que sempre fugi.

Parece até uma brincadeira de mau gosto. *Foda!*

— Pronto? — meu advogado pergunta.

Estamos parados na frente da clínica há pelo menos vinte minutos. Involuntariamente fiquei observando as mulheres entrando na mansão, me perguntando se a mãe do meu filho seria uma delas.

Mãe do meu filho.

Sabe quando me imaginei falando isso? Nunca!

Não é que eu seja contra a família tradicional, mas me cansei de pessoas me sugando por todos os cantos, dentro deste rol estão as mulheres que me envolvi ao longo dos anos.

Não são todas, eu sei, mas é como se eu tivesse um ímã para atrair o “melhor tipo de pessoa” para o meu lado.

Daí é que vem o meu *pé atrás*, a desconfiança, com qualquer um que se aproxime de repente.

Piora o fato de que, vez ou outra, meu rosto aparece nas revistas, infelizmente falando mais dos meus atributos do que da minha inteligência. Depois que descobriram quem estava por trás do aplicativo de relacionamentos *Date Perfeito*, minha vida virou de pernas para o ar. Nunca tive problemas em conquistar mulheres, mas depois da descoberta o número de saídas mais que triplicou e, com isso, a quantidade de *filhos da puta* também.

— Pronto! — finalmente respondo à pergunta de Armando.

Recordo do seu rosto quando contei o que havia acontecido. Ele ficou sem conseguir pronunciar uma palavra por minutos. Eu mesmo não consegui assimilar até agora. Penso que pode ser uma grande pegadinha do Marcelo e isso me conforta. Contudo, no fundo, sei que estou me enganando.

Saio do meu esportivo e quando Armando chega ao meu lado, travo o carro e aciono o alarme.

Amanhã já é noite de *réveillon* e nem sei se vou conseguir viajar conforme planejei durante o ano todo. Marcelo e eu decidimos fechar uma mansão em Búzios com direito à praia privativa e queima de fogos. Eu estava relativamente animado para sair de São Paulo, mas agora depende do que vai acontecer na reunião de hoje. Não tenho ideia do que vou encontrar, com o que vou lidar, então a virada do ano não é mais a minha prioridade e, sim, tentar resolver esse grande problema causado por um maldito erro da clínica.

Chegamos à recepção e a funcionária — a mesma que abre um sorriso enorme e pisca os olhos rapidamente toda vez que me vê — diz que estão nos aguardando na sala do Dr. Arantes.

Balanço minhas mãos ao lado do corpo, tentando me desfazer da tensão que não me larga. Bato na porta do

consultório e em segundos o médico a abre. Só então percebo que ainda estou de óculos escuros. De maneira desajeitada, tiro a armação do rosto e penduro na camisa social.

Porra, não queria estar tão nervoso.

— Bom dia, Sr. Dias.

Aceno com a cabeça e entro na sala com meu advogado a tiracolo.

Vejo duas mulheres sentadas, de costas para mim, que não fazem questão de se virar, o que me permite tentar adivinhar qual das duas é a mulher com meu filho no ventre.

Uma veste um blazer bem ajustado e calça social. Não, essa deve ser a advogada. Então olho para a outra.

Seus cabelos chegam ao meio das costas. Castanhos. Lisos e com algumas ondas.

Analiso o vestido estampado e justo, que mesmo sentada consigo ver que chega até os joelhos.

Magra.

E a cor da pele, tão branca que eu poderia pensar que passou filtro solar no corpo todo. Ok, peguei pesado, mas é que ela é bem branquinha.

Imediatamente recorro da americana que contratei para ser minha barriga de aluguel. Morena, com um toque latino da Flórida, lábios cheios, olhos castanhos, curvas bem distribuídas. Muito diferente da que está à minha frente. Bom, ainda não vi seu rosto.

Caminhando em direção às cadeiras vazias, finalmente tenho um vislumbre da pessoa que terá uma ligação comigo pelo resto da vida, isso dependendo do que será resolvido nesta reunião.

Antes de me sentar, paro diante das duas. A minha curiosidade é tanta que estaco no lugar, sem falar nada.

Elas olham para mim, com a mesma curiosidade. Interessante e desconcertante ao mesmo tempo.

Então, direciono minha atenção para a branquinha do vestido estampado. *Caralho!* Ela é linda. Os lábios não são cheios, mas largos e aposto que quando sorri exibe um belo sorriso com covinhas. Os olhos são grandes, expressivos, castanhos. O mais surpreendente: não usa muita maquiagem. O pescoço está todo vermelho, como se estivesse nervosa demais e seus dentes não param de morder o lábio inferior. Olhando bem, ela parece um tanto frágil.

Meu advogado pigarreia e percebo que estou parado há tempo demais. Buscando uma desculpa, resolvo me apresentar e estendo minha mão para a mulher que acredito ser a parte prejudicada, como eu.

— Felipe Dias, o enganado — digo, a fim de dispersar a tensão que nos envolve.

Olho para o Dr. Arantes e o vejo se encolher diante da minha provocação. Não poderia deixar passar reto.

Relutante, ela estende a mão e aperta a minha. Apesar de firme, está úmida e fria, o que demonstra que está tão nervosa quanto eu.

— Raquel Souza Travassos, a enganada.

Abro um sorriso de lado, gostando de ver que ela entrou na minha. As aparências enganam, afinal. Ela não tem nada de frágil.

Geniosa, anotado.

— Renata Souza Travassos Siqueira — a outra mulher se apresenta, interrompendo minha análise, e a cumprimento.

Ora, ora. Será que são irmãs? Olhando bem, são muito parecidas, com a diferença de que a advogada aparenta ter alguns anos a mais.

Sento-me ao lado de Armando, que parece estudar algum documento, e o Dr. Arantes começa a falar:

— Primeiramente, em nome da clínica, peço desculpas, mais uma vez, por todo esse inconveniente...

— Inconveniente... — Bufo e isso parece chamar a atenção de Raquel, que respira fundo, irresignada e de acordo com meu comentário.

Sem graça, o médico continua, os dois advogados da clínica — imagino que sejam, pelos trajes — logo atrás. A sala está tão cheia que estou começando a sentir calor, mesmo sabendo que o ar-condicionado está no máximo. O verão chegou com tudo em Sampa.

— Felipe e Raquel, vocês foram lesados de uma maneira inestimável e estamos preparados para dirimir a situação da melhor maneira possível. Ambos estão com seus advogados e gostaríamos de saber se têm propostas para apresentar.

— Com certeza — a advogada de Raquel comenta.

— Também gostaria de deixar registrado que o erro cometido pela clínica foi gravíssimo, a ponto de mudar a vida de três pessoas. A da minha cliente, a do Sr. Felipe e da criança que nascerá em breve. Que este caso sirva de exemplo para alertar que todo o cuidado é pouco ao lidar com algo tão sério como gerar vidas. Esta proposta de acordo não desabona a responsabilidade da clínica, apenas se presta a reduzir a experiência traumática infligida aos envolvidos.

Aplaudo o discurso coerente e incisivo e os olhares vão entre mim e a advogada, que apenas assente e se endireita na cadeira.

— Também temos uma proposta e faço das palavras da Dra. Renata as minhas. De maneira alguma o acordo que será feito constitui concordância com o erro da clínica, mas tão somente um meio para evitar maiores danos, principalmente psicológicos — meu advogado acrescenta.

— Vocês têm total razão — o médico concorda. — É por isto que eu, o dono desta clínica, me esforçarei ao máximo para atender às suas demandas. Em nenhum momento eu me abstive da responsabilidade do ocorrido e me mantereí assim.

Enquanto entregam as propostas de acordo, mexo no celular. Tecnologia sempre foi meu forte e usei isso a meu favor ao idealizar um *app* de relacionamentos que faz sucesso tanto no Brasil quanto lá fora. Sexo rende muito dinheiro na internet, mas antes do sexo há o *date*, como a gente chama um “encontro”, o que também dá muito dinheiro.

Faço uma busca rápida por Raquel Souza Travassos.

Olha só...

Ela e uma amiga são donas de uma rede de lojas que faz sucesso na internet, chamada RaVa. Diversas matérias. Blogueiras e atrizes divulgando.

Instagram da loja. Duzentos mil seguidores. Nada mal.

O que encontro relacionado ao nome dela me leva somente à loja, ou seja, é daquelas que não curtem redes sociais.

Não que a internet vá me dizer qual a índole dela ou se é uma mulher que eu gostaria de ter como mãe do meu filho ou não, mas estaria mentindo se dissesse que não seria bom encontrar interações pessoais.

Sempre fui mais observador do que extrovertido. Foi isso que me levou a estudar as pessoas, suas necessidades, atitudes, expressões, até ter a iniciativa de criar o *Date Perfeito*, aos 22 anos, enquanto cursava Engenharia de Computação. A princípio, era um site e, com a modernização tecnológica, passei para um aplicativo, que acaba permitindo um acesso mais fácil dos clientes e, assim, mais lucro. A mídia diz que é um dos *apps* com maior credibilidade e retorno positivo dos últimos anos.

Ergo meus olhos do celular e a observo. Ela está inquieta, a julgar a perna direita que não para de balançar, seus dedos cutucam unha a unha e os dentes continuam mordendo o lábio inferior. Claramente esta situação a abalou sobremaneira. *Eu* me abalei.

Todo esse estresse não faz bem para o bebê. Sei disso, porque não sou um *filho da puta* qualquer que pretende ter um filho e sequer estuda o corpo de uma mulher quando está grávida. Sou dedicado em tudo o que me proponho a fazer e ser um pai consciente e presente está incluso nisso.

Marcelo não acreditou quando eu disse que teria um filho. Não contei de cara como seria e logo ele supôs que eu estava ferrado, que não havia sido planejado ou que quiseram me dar o golpe da barriga. Foi mais engraçado ainda quando eu disse que foi ideia minha e que estava pagando por isso. Horas depois de explicar meus motivos,

é que ele foi aceitando e assimilando que eu estava falando sério.

Eu sei, é difícil ver um cara querendo ter um filho assim, as pessoas tendem a achar que só uma mulher pode ter este desejo, tenho sentido esse tipo de preconceito na pele.

Um cara não pode ser pai solteiro? Ah, agora não é mais pai solteiro. *Como dizem?* É pai solo. Do jeito que as coisas estão indo, não usarei mais este termo. Serei um pai e ponto. Isso, se a mulher do outro lado da sala não decidir ir por outro caminho. *Porra*, eu espero que ela não faça isso. Podem me chamar de *sem coração*, como minhas conquistas de uma noite costumam dizer quando educadamente saio de cena, mas este caso é bem diferente.

A voz do médico ressoa pelo consultório e paro de divagar, todos os meus pelos se arrepiando em expectativa.

— Meus advogados analisaram ambas as propostas. O ponto mais importante neste momento é que a cliente Raquel continuará com a gravidez.

Um alívio me toma por inteiro e, por pouco, não faço um gesto de comemoração. *Putá que pariu!* Agora posso dizer que sou pai. Meu advogado me encara, sabendo como eu queria essa notícia, e assente para mim.

Busco o olhar de Raquel e me surpreendo ao constatar que ela me encara. Seus olhos grandes parecem tristes, porém, como se percebesse meu alívio, ela sorri fracamente.

— Obrigado — digo, sem me preocupar com os outros presentes e ela fecha os olhos por alguns segundos e os abre, numa expressão de conformismo.

Eu entendo sua frustração, o desejo que tinha de ser mãe sem precisar contar com outra pessoa, os planos que fez, eu sei disso porque comigo não é diferente. Tudo caiu por água abaixo por uma culpa que não foi nossa.

O médico continua:

— Desta forma, cuidaremos de todos os custos essenciais do filho de vocês, com efeito vitalício, um pedido que foi feito por ambos, e terá validade a partir de hoje, enquanto embrião. Consultas, tratamentos necessários, inclusive o parto, plano de saúde, escola, materiais escolares, faculdade... Enfim, como disse, os custos essenciais até o fim de sua vida.

— Pelo menos isso... — Raquel murmura, mas todos ouvimos.

Tenho vontade de rir, porque é a pura verdade. O que fizeram conosco não tem um valor certo, é inestimável.

— Para os dois, clientes da clínica e que foram lesados diretamente, nos comprometemos a indenizá-los com o valor de R\$ 2.000.000,00 para cada um, como forma de compensação pelo enorme inconveniente que estão passando.

Dois milhões. Eu não pedi dinheiro e pela expressão de Raquel, ela também não, pois está tão surpresa quanto eu. Isso só prova que estão se borrando de medo de que a gente espalhe o que aconteceu nos jornais e querem nosso silêncio.

— Em contrapartida — *é claro que teria um porém, não é mesmo?* —, este assunto deverá ser mantido em sigilo e confidencialidade total. Vocês não poderão comentar, mencionar ou compartilhar com terceiros, sob pena de todos os benefícios serem cortados.

Bingo! Isso eu já esperava. Não tenho a mínima intenção de levar este assunto ao conhecimento do público. É algo pessoal demais para expor.

— Estamos de acordo? — Dr. Arantes pergunta.

Meu advogado se vira para mim.

— Tem algo para dizer? Sem gracinhas, Felipe — adverte.

— Não, estou de acordo.

— Meu cliente está de acordo — Armando anuncia.

— Minha cliente também está de acordo — a advogada declara.

— Bem, então estamos acordados. Vou imprimir o termo final e em seguida assinaremos.

Após a impressão de seis vias, passamos alguns minutos preenchendo e assinando diversas páginas, até que a reunião acaba.

A bem da verdade, eu sei que o que aconteceu hoje é apenas o começo de uma longa jornada, mas já é alguma coisa. O próximo passo é conversar com Raquel e tentar chegar a um bom termo sobre como vamos lidar com o decorrer da gravidez e o mais importante, o futuro do nosso filho.

Nosso.

É... mais uma palavra que eu terei que me acostumar.



Capítulo 7

Raquel

Tatuagens nos dois braços.

Olhos azuis.

Cabelos cheios e castanhos.

Sobrancelhas grossas e escuras.

Barba espessa e aparada.

Empresário muito bem-sucedido.

Não foram seus atributos que me surpreenderam, mas sim o fato de que ele não é um cara qualquer.

Como não reconhecer o dono do aplicativo de maior sucesso atualmente? O *Date Perfeito* é a sensação do povo que está em busca de encontros casuais ou relacionamentos amorosos.

Posso não ser a mais tecnológica das pessoas — essa parte é da Vanessa, no trabalho —, mas não teria como não saber quem ele era, uma vez que sempre aparece nas revistas, fonte de pesquisa para muitas das coleções da RaVa.

Eles o veneram, dizem que é um dos homens mais cobiçados do país, tanto pela beleza quanto pela genialidade. Naquele consultório, deu para notar quão frustrado e puto ele está, assim como eu. Contudo, em nenhum instante, Felipe foi grosso ou o *filho da puta* que imaginei que seria. Muito pelo contrário, teve empatia e, do

seu jeito, tentou deixar a situação menos constrangedora possível.

Putá merda! Van vai ficar louca quando souber. Eu não tinha ideia de que o nome dele era Felipe, pois todos o chamam de FD. Durante a reunião fiquei me perguntando os motivos para ele querer ser pai solo. Tudo bem que não é novinho e não aparenta estar em uma relação, pois imagino que sua mulher estaria presente em um momento tão importante, mas olhando para ele, antes, nunca diria que tinha o desejo de ser pai. Quem vê cara não vê coração, afinal.

Faz meia hora que cheguei em casa e Renata veio comigo. Assim que saímos da clínica, mamãe nos fez ir até sua casa para atualizá-la dos últimos acontecimentos. Como esperado, ela ficou chocada quando dissemos que o cara é meio que uma celebridade e quis, a todo custo, que mostrássemos fotos dele na internet. Se há alguma coisa que dona Cecília não consegue, eu desconheço. Renata,

“para ajudar”, enviou duas fotos para o grupo que nós três temos no *WhatsApp* e foi aí que minha mãe *pirou*.

“Que homem lindo, minha filha!”, “Foi melhor do que ganhar na Mega-Sena!”, “Juntando a sua beleza com a desse homem, meu netinho será lindo”, “Os olhos dele são verdes ou azuis? Sempre tive uma quedinha por homens de olhos claros, uma pena o pai de vocês não ter”. Após decidirmos ir embora, ela continuou enviando mensagens no grupo. Definitivamente surtada.

Resolvo tomar um banho e peço à Renata que abra a porta para Vanessa, que vai chegar a qualquer momento. Subo as escadas até o meu quarto, tirando o vestido pela cabeça e o jogo no chão.

De calcinha e sutiã, entro no banheiro e vislumbro meu reflexo, a barriga ainda lisa e reta, os seios medianos... Dentro de semanas, tudo vai mudar e se ajustar a uma nova Raquel. Meu corpo, minha mente, minhas prioridades, meu mundo.

No meio de toda loucura do dia, era só nisso que eu pensava. Que não importa dinheiro ou acordo e, sim, que em alguns meses estarei com meu bebê no colo, seja esperneando, seja dando um sorriso banguela. Em cada descoberta, uma alegria.

O resto é resto. Apenas um mero detalhe.

O olhar aliviado de Felipe quando o médico informou que eu prosseguiria com a gravidez foi o que me deixou tranquila pelo resto do encontro. E ao agradecer a minha atitude, mesmo nunca tendo passado na minha cabeça seguir por outro caminho senão continuar com meu bebê, eu soube que ele seria um bom pai para o meu filho. Só espero que não tenha sido apenas uma cena.

Olhando para o meu braço direito, recordo do seu toque leve e respeitoso ao me chamar no final da reunião.

— *Podemos conversar um minuto? Prometo que não vou tomar o seu tempo* — disse, mexendo nervosamente em um botão da camisa branca

perfeitamente alinhada e dobrada em seus antebraços tatuados.

— *Tudo bem.*

Fomos para um canto da clínica e Felipe começou:

— *Então, acredito que temos que marcar um almoço ou jantar, fica a seu critério, para falarmos sobre alguns detalhes da gravidez.*

Como não falei nada, ele continuou:

— *Além de precisarmos ajustar alguns pontos importantes, gostaria que soubesse que faço questão de participar dos ultrassons.*

Ah! Eu imaginei que ele seria um pai presente, mas não me passou pela cabeça que fosse pedir para participar dos exames também. Acho que fui ingênua demais.

— *Podemos marcar um almoço e discutimos o que precisamos para esta primeira etapa, o que acha? Moro em Alphaville, mas posso... — eu disse.*

— *Você mora em Alphaville? — ele me interrompeu.*

— *Sim.*

— *Meu melhor amigo mora lá também. Você prefere marcar em um restaurante por aqui ou por lá? Não sei se você está bem para dirigir, eu posso te buscar qualquer coí...*

— *Eu estou bem, obrigada. A gravidez está no início e estou tranquila. Podemos marcar em um restaurante aqui da cidade mesmo, há mais opções.*

— *Verdade. Você pode me passar o seu número?*

Respirei fundo e a todo momento eu tinha que me lembrar que ele é o pai do meu bebê e apenas isso. Ele não estava me chamando para sair, nem era uma candidata para passar a noite em sua cama, não, eu sou *apenas* a mãe do seu filho.

Não adiantava prorrogar o que iria acontecer de um jeito ou de outro. Ditei meu número e logo ele me ligou

para que eu marcasse o dele. Seria algo natural se não fosse o bebê que compartilhamos. Às vezes, penso que é uma piada, que a qualquer minuto vão dizer: “Ahhhh, você caiu!”. Patético, eu sei, mas a realidade é dura demais.

Ficamos de nos encontrar após o *réveillon*, meados de janeiro. Não há pressa, pois somente com três meses de gestação é que farei o primeiro ultrassom.

Jogando todos os pensamentos para longe, trato de focar na “noite de meninas” que terei com Renata e Vanessa. Eu preciso relaxar e nada melhor do que estar com minhas melhores amigas. Diante disso, ligo o chuveiro e finalmente resolvo tomar meu banho.



Eu deveria saber que em vez de ser uma “noite de meninas” comum seria uma *sabatinagem*.

— Quer dizer que ele é ainda mais bonito pessoalmente? — Vanessa pergunta, pela terceira vez, à Renata.

— Bonito, não. Lindo! E estava impecavelmente bem vestido. Homem que sabe se vestir é o meu fraco. Graças a Deus, Fernando é estiloso.

— Pensei que você não o conhecesse — digo à minha irmã.

— Só se eu fosse uma alienada.

— Ainda não estou acreditando que acertei no palpite. Lindo e podre de rico. Eu tenho que jogar na Mega-

Sena! — Van divaga.

— Você precisava ver. Eu achei que o cara fosse um babaca de marca maior, mas olha... me surpreendeu —
Renata confessa.

— Mentira! Conta mais — minha amiga incita.

Eu apenas observo a interação das duas. O que vou fazer? Felipe Dias é o assunto da vez.

Renata continua:

— Dava para ver que ele estava indignado, sabe? Porém usava o sarcasmo a seu favor, de um jeito que deixou aquele médico *filho da puta* desconfortável.

— Acho que ele se segurou bastante... —
acrescento.

— E os olhares que ele lançava para Raquel? Parecia curioso, observando tudo. O cara tem todo jeito de ser intenso. E sabe o melhor? Tem quase quarenta anos, não é um garotinho.

Estou boquiaberta com minha irmã. Eu não imaginei que ela estava tão atenta assim.

— Uiii, que delícia! — Vanessa exclama, com malícia. — Amo esses homens que se cuidam e não aparentam a idade que têm.

— Um *date perfeito* para você — brinco, referindo-me ao nome do *app* de Felipe e Vanessa revira os olhos.

— Esse *date* não é para o meu bico, querida. Esqueceu que não sou chegada em homem com bagagem? Ainda mais uma bagagem que *minha amiga* está carregando. Por mais lindo que seja, passo!

— Você e suas exigências — retruco.

— Oras, se eu não for exigente, quem vai ser por mim? Mas, falando sério, como você está se sentindo com tudo isso? O que achou dele? Deu para ver se ele leva jeito para ser pai?

— Confesso que pensei que fosse pior. Continua sendo difícil acreditar que meus planos foram por água abaixo e me adaptar a uma nova perspectiva não acontece do dia para a noite, então imagino que só o tempo vai me preparar para lidar com a real situação. Afinal, terei nove meses para me acostumar com tudo isso. Quanto ao Felipe, pelo pouco que vi, está tão focado quanto eu para criar um filho. Demonstrou ser responsável e em nenhum momento me tratou de maneira desrespeitosa, vamos ver quando eu conhecê-lo melhor, aí sim poderei tirar conclusões.

— A primeira impressão é a que fica, não é? — Van pondera. — Vamos torcer para que seja uma experiência maravilhosa para vocês dois.

De repente, minha amiga bate palma, assustando tanto a mim quanto Renata, e pergunta:

— Já sabem o que vão fazer no *réveillon*? Eu vou passar em um clube que a bateria da *Roseira* vai se

apresentar, se quiserem ir, posso conseguir convites.

— Eu vou a uma festa que o Isaque, amigo do Fernando, nos convidou. Ele conseguiu três ingressos. Já combinei com mamãe e vou deixar os meninos com ela. Estou tentando convencer a Raquel para ir com a gente — Renata dispara, lançando um olhar afiado em minha direção.

— Por que não quer ir, Quel? — Vanessa questiona.
— Parece uma boa *pra* se divertir, esfriar a cabeça...

— Ah, eu estou grávida, não deveria ficar zanzando *pra* lá e *pra* cá.

— Pronto! Desde quando gravidez é doença? — minha irmã, sem paciência, quase grita. — Essa é a sua nova desculpa para declinar convites? “Ah, não quero ir porque estou grávida”, “Ah, não posso andar porque estou grávida”. Você é saudável, Quel, e tem tudo para ter uma gestação tranquila. Sou mãe de duas crianças e nunca parei de fazer minhas coisas por causa delas. Se entrar por

esse caminho, vai ser muito ruim. Você precisa continuar vivendo e aproveitar que não está com uma barriga enorme para dançar e curtir. Quem sabe não encontra um cara legal?

Ela tem insistido na ideia de que enquanto a barriga não aparece, eu posso sair com alguns caras sem ficar estranho. Imagina, eu, com um barrigão, saindo para um encontro casual? Não, isso sequer entra na minha cabeça. O meu receio de me ligar a alguém agora, mesmo de maneira aleatória, é me apegar e arranjar uma dor de cabeça desnecessária. Por outro lado, ficar sem sexo por nove meses é cruel. Então me encontro em uma verdadeira sinuca de bico.

— Sua irmã tem razão, Raquel. Você deveria aproveitar seus últimos momentos sem aquele volume na barriga ou sem a preocupação de ter um filho te esperando em casa.

Respiro fundo, porque sei que a batalha está perdida. Elas estão certas. Eu preciso parar de pensar em tudo. Mais do que ninguém, deveria ter aprendido que não temos controle de nada nesta vida. O fato de sair não quer dizer que preciso sair com um homem ou que vou ter algum problema, preciso voltar a pensar no lado positivo das coisas, como sempre pensei, mas depois do baque que levei com o erro da clínica, meu psicológico foi afetado.

— Tudo bem, Rê. Eu vou! — Enfim, decido.

— É isso aí, mana — Vanessa faz um *high five* com Renata e eu reviro os olhos. Elas têm quarenta anos mesmo? Duvido!

— Mas nada de me pressionar. Se rolar algo, rolou, mas de maneira natural e não no desespero.

— Você tem minha palavra, irmã. Só quero te ver bem e se divertindo. Você merece depois de tudo...

Ela não precisa terminar a frase.

— Sim, eu mereço. Agora me diz, essa festa vai ter bebida sem álcool? — pergunto.

— Claro! Sucos, drinks, refrigerantes e água. Tudo sem álcool.

— Menos mal.

— Eu não te levaria para uma furada, Quel.

— Bem, agora que já organizamos nosso *réveillon*, que tal assistirmos *àquele* filme.

— Ah, não, Van! A gente já assistiu mais de dez vezes — reclamo, sabendo exatamente de qual filme ela está falando.

Não é brincadeira, toda vez que a gente se junta, ela quer ver o bendito *Resgate*. Ele é muito bom, mas *meu...* dez vezes? Já é demais!

— E, por acaso, tem como cansar daquele colírio do *Chris Hermsworth*?

— Concordo com você sobre aquele cara ser um colírio, mas também concordo com a Quel que já deu.

— Vocês duas estão de complô contra mim. Eu, hein! Sem graças. Então escolham um à altura.

— Olha, está todo mundo falando bem de uma série nova chamada *O Gambito da Rainha*, da Netflix também — comento.

— Nome estranho, *né*? E fala sobre o quê? — minha amiga pergunta, levantando-se para preparar a pipoca.

— Pelo que li da sinopse, é uma órfã prodígio do xadrez que luta contra vícios, enquanto enfrenta os maiores enxadristas do mundo — respondo.

— Humm, parece ser bom — minha irmã declara.

Até estranho que ela não tenha visto ainda, do jeito que é cinéfila.

— Coloca aí, então — Van pede e ouço o barulhinho da pipoca saindo da pipoqueira. De repente me deu uma fome gigante.

— Você está vindo? — pergunto.

— Sim! — grita.

Enquanto deixo o seriado no ponto, minha amiga termina de preparar uma enorme bacia de pipoca.

Ter a presença das duas aqui, depois de um dia cansativo e pesado como o de hoje, é uma dádiva e vou parecer repetitiva e clichê, mas não poderia ser mais honrada por tê-las comigo.



Capítulo 8

Raquel

Dou uma última conferida no espelho, admitindo para mim mesma que há um bom tempo não me sinto tão bem.

O vestido que estou usando colabora, e muito, para isso. Ele é todo dourado e realça meu corpo de um jeito que não me deixa tão magra, chegando a quatro dedos acima dos joelhos. A peça tem mangas largas e bufantes,

além de um decote em “V” generoso que destaca o meu colo, deixando parte dos seios à mostra. Inclusive, eles parecem um pouco maiores e pesados, mas não é possível que seja culpa da gravidez. Está cedo demais para tamanha mudança.

Nos pés, decidi por uma sandália de tiras finas, nude, com salto quadrado para não cansar tanto.

Ousada. É como me sinto.

Assim que bati os olhos no vestido chamativo e elegante em uma boutique de grife, no Shopping Iguatemi, fiquei fascinada. Como a festa será em um hotel de luxo, achei perfeito e, sem pensar duas vezes, comprei. Se é para me divertir, que seja em grande estilo.

Renata e eu resolvemos ir a um salão para fazermos maquiagem e cabelo. Como eu disse a ela: quero tudo o que tenho direito. Coloquei na minha cabeça que é a despedida da minha vida antiga e é como estou lidando com esta noite.

— Está pronta, Quel? — Renata pergunta, entrando no quarto de hóspedes do seu apartamento.

Preferi ficar na casa dela que é mais perto do hotel e depois seria ruim voltar de madrugada para casa.

— Sim! — respondo.

— Você está maravilhosa, irmã. Sério! Acho que nunca te vi tão linda.

— Obrigada, Rê. Você também está linda.

Renata está com um longo vestido branco, esvoaçante, de alcinhas finas e com pequenos pontos de luz por todo o tecido. Parece um anjo.

— Decidiu deixar o cabelo solto mesmo? — questiona, sabendo que eu estava na dúvida entre prender ou soltar.

— Sim, achei menos senhora.

— Concorde. Está maravilhosa. Agora vamos, que o amigo do Fernando disse que a festa já está bombando.

— Eita! Então vamos.

— Ai, Quel, estou tão animada! Eu amo meus filhos mais do que tudo, mas é tão bom tirar um tempinho *pra* mim. Você vai entender a sensação um dia. — Ela sorri com sinceridade.

— Imagino, Rê. Estou feliz por passar a noite da virada com você. E pensar que ano que vem, a esta hora, estarei com meu bebê nos braços, um novo ano, uma nova vida.

— Exatamente. Aproveite bastante! Se você sentir qualquer desconforto, não deixe de falar comigo imediatamente que a gente vem embora, tudo bem?

— Tudo bem.

Saímos do quarto e apago a luz.

— Vocês duas estão arrasando — meu cunhado declara, ao nos ver.

Ele está vestindo um terno branco com gravata borboleta preta e preciso concordar com Renata. Fernando é muito estiloso.

— Uau! Amei a combinação, Fê — digo, realmente impressionada com sua elegância.

Os cabelos castanhos estão penteados para trás, moldados com gel, destacando o dourado dos seus olhos cor de mel.

— Obrigado, *cunha*. O melhor para a sua irmã — fala e pisca para Renata.

— Terei que ficar de olhos bem abertos — ela brinca.

— Eu também, não é, querida? — Fê retruca, abrindo um sorriso malicioso.

Os dois são tão parecidos e cúmplices, que se um dia sequer ouvir que vão se separar, é porque o mundo está acabando. É nítido ver o quanto se amam. São

parceiros, amigos, amantes. A meta ideal de um relacionamento.

— Estamos prontas, amor — Renata anuncia.

— Opa! Então vamos.

Seguimos para a festa e coloco toda minha energia positiva para que seja uma noite memorável. Precavida como sou, já falei com meus pais e Vanessa para não correr riscos de não conseguir ligar mais tarde.

A passagem de ano sempre é importante para mim. Fazer uma prece, relembrar os meses que passaram, anotar minhas metas, agradecer.

Agradecer. Como sou grata pela minha família, meu trabalho, pela oportunidade de ser mãe. Definitivamente, o próximo ano será o mais especial de todos.



No hotel, a movimentação é intensa. O desfile de homens e mulheres deslumbrantes só confirma a minha escolha de roupa. A princípio, achei que seria “demais”, mas a julgar pelos convidados presentes, estou dentro da normalidade de um evento deste porte.

Passamos pelo hall bem ornamentado, seguimos por um longo corredor e, enfim, chegamos ao local da festa.

Um amplo salão se estende, as cores branca e dourada prevalecendo por todos os cantos, mesas e cadeiras de um lado, espaço para dança do outro. Um palco que vai de uma ponta a outra foi montado e uma banda está tocando *I Gotta Feeling*, do Black Eyed Peas.

A máquina de fumaça nubla o ambiente, mas, ainda assim, consigo captar todos os detalhes, como as mesas de frios, bares de bebida com e sem álcool, estações com comidas japonesa, italiana, brasileira. Gostei!

Como Renata falou antes, está bombando.

— Quer comer alguma coisa, enquanto as filas estão medianas? — minha irmã pergunta, assim que encontramos um lugar para sentar.

— É só o que posso fazer — respondo e nós duas soltamos uma gargalhada. A esta hora eu já estaria bebendo *meus bons drinques*.

— Um pequeno sacrifício. Na verdade, você também pode dançar, beijar umas bocas...

— Renata, não começa! Não tenho 20 anos para ser tratada como uma garota inexperiente, então, por favor, vamos com calma. Primeiro, vou comer, o depois é consequência.

— Ok, ok, não está mais aqui quem falou.

Às vezes ela perde a mão. Sou uma mulher de 35 anos, terei um filho e quer me dizer o que tenho ou não que fazer? Não mesmo!

Virando para o marido, ela diz:

— Amor, nós vamos ali pegar algo para comer. Quer também?

— Ah, pode trazer um pouco de *japa* porque preciso forrar a barriga antes de começar a beber. Obrigado, amor.

— Tudo bem, já voltamos.

Renata e eu seguimos até a estação de comida japonesa, que está com uma pequena fila, e apreciamos todas as delícias dispostas sobre barcos de madeira enormes.

Muito satisfeita, pego um prato de porcelana e minha irmã me olha. FRANZO O CENHO.

— O que foi?

— Você sabe que precisa evitar comidas cruas, certo?

Estaco ao seu lado, me lembrando de todos os avisos que o Dr. Arantes me deu.

Putz!

— Que droga! Eu estava louca por um *sashimi* de salmão, *jow* de salmão com muito *cream cheese* e cebolinha... — Minha boca chegou a aguar só de falar.

— Infelizmente precisa evitar, irmã. Ainda mais nos três primeiros meses.

Conformada, olho para a parte frita e selada e coloco algumas peças no prato.

Mais um sacrifício. O que não faço por você, sementinha?

Comidas cruas, gordurosas demais, bebidas alcoólicas, opções riscadas do meu cardápio por pelo menos nove meses.

— Vou à estação de comida italiana, que deve ter mais opções *pra* mim — aviso.

— Verdade. Te encontro na mesa.

Com o prato na mão, sigo a outra estação. A fila está um pouco menor, mas a *cara* das massas está muito boa.

— Por favor, quero um pouco de lasanha à bolonhesa e fettuccine à *parisiense*.

O rapaz me serve como pedi e o prato fica até pesado. Não como nada desde o almoço e sabe Deus até que horas vou ficar por aqui, então preciso *forrar minha barriga*, como diz meu cunhado. E por dois.

Ao virar para voltar à mesa trombo com tudo em alguém e, se não fosse pelo braço forte ao redor da minha cintura, eu teria me desequilibrado e derrubado o prato.

— Mil perdões! — A voz grave me faz olhar para cima.

Uau! O homem é lindo. Cabeça quase raspada, no estilo militar, bronzeado, olhos escuros que não sei definir se são pretos ou castanhos, lábios perfeitamente desenhados e maxilares fortes.

— Eu que peço perdão por sair com tudo — digo, tentando não me sentir afetada pelo braço que continua me enlaçando.

Dou-me conta de que faz um bom tempo que não tenho um contato tão íntimo com um homem. Não que eu esteja carente, mas havia me esquecido como é bom ser abraçada por um corpo forte e acolhedor. E perfumado.

— Você está bem? — pergunta, e então tenho tempo de verificar seu terno creme, a camisa com alguns botões desabotoados. Charme puro.

— Estou bem, obrigada por me segurar! — me obrigo a responder, esboçando um sorriso afetado.

— Amor? — Um rapaz chega à nossa frente, igualmente lindo, e chama o meu *salvador*.

Minha boca quase cai no chão.

Putá merda!

O cara está acompanhado e gosta da mesma fruta que eu.

Estou tão envergonhada, que me desvencilho rapidamente do rapaz e, sem olhar para trás, sigo para minha mesa.

Continuo atordoada ao sentar e minha irmã pergunta se estou bem.

— Sim, só preciso encontrar um buraco *pra* enfiar minha cara.

— O que aconteceu?

— Eu dei mole para um cara que esbarrei sem querer.

— E qual o problema disso?

— O cara estava acompanhado. Por outro cara.

Minha irmã, claro, começa a rir.

— A culpa não é sua, Quel. Está cada vez mais difícil de descobrir se um cara é *gay* ou não.

Não posso discordar.

— Nem me fale.

Solto um longo suspiro e começo a comer, reflexiva.

A quem eu quero enganar? É óbvio que estou carente. Eu quase me derreti com apenas um meio abraço involuntário. O pior é que durante a gravidez esta sensação só tende a aumentar. Segundo Renata, os sentidos ficam apurados, o tesão mais aguçado, eu realmente preciso dar um jeito esta noite. Não que vá adiantar alguma coisa ao longo dos meses, mas pode ajudar a conter a vontade por mais tempo.

O meu maior receio não é ter a relação em si, mas me machucar durante o ato. Se algo acontece com meu

filho, só porque eu não pude ficar com as pernas fechadas, não sei o que faço.

Eu sei, eu sei que é coisa da minha cabeça, mas vai me dizer que esse medo não é normal? Preciso voltar à minha analista, urgente.

— Irmã, nós vamos dançar um pouco — Renata avisa, no mesmo instante em que termino de comer.

— Tudo bem, vou esperar a comida dar uma assentada e já vou.

— Ótimo. Nos encontramos lá — diz e sai com Fernando de mãos dadas.

Bebo um pouco do suco de laranja que minha irmã pegou para mim e avisto a pista de dança que, de repente, está bem cheia. Olho para o grande relógio digital e constato que já são onze horas.

Dentro de alguns minutos entraremos em um novo ano. As pessoas estão mais desinibidas, brindam, dançam,

sorriem, todas esperando para fazerem seus pedidos de prosperidade, felicidade, amor, paz, saúde...

Com o objetivo de aproveitar, levanto-me da cadeira e caminho em direção à *muvuca*, só agora percebendo que no lugar da banda um DJ está se apresentando. Adoro a música que está tocando. *Roses*, de SAINT JHN e Imanbek. Escuto muito na minha *playlist* de academia.

Chego ao meu destino balançando o corpo no ritmo das batidas. Não faço questão de procurar Renata, pois quero que ela se divirta com Fernando. Eles merecem.

O bom é que todos estão na mesma *vibe*, sem julgamentos ou olhares curiosos. Então me entrego.

Não recorro quanto tempo faz que não vou a uma festa, que me liberto por meio da dança. Sinto como se fosse um bálsamo, um oásis em meio a tantas preocupações e frustrações.

Não olho para os lados, para a frente, apenas fecho os olhos e me permito extravasar. Uma alegria me toma ao me lembrar do bebê que carrego em meu ventre, do meu sonho realizado, mesmo que a circunstância seja completamente avessa ao que planejei, mas já foi, aconteceu, e preciso seguir em frente.

Coloco meus cabelos sobre o ombro direito e os sinto úmidos. *Que calor é este?*

Abro os olhos, me abanando, e tomo um susto quando, no meio do povo dançando, reconheço uma pessoa.

Uma pessoa que nunca imaginei que encontraria por aqui.

De todas as festas que estão acontecendo no Brasil e no mundo, ele resolveu escolher justamente esta para passar a virada. Quase solto uma risada de incredulidade, porém, estou sem reação.

É claro que não está sozinho. Uma linda loira curvilínea em um vestidinho branco com franjas dança à sua frente, a pele bronzeada ou por longas horas no sol ou bronzeamento artificial, não sei dizer ao certo. Ele, contrariando qualquer padrão, está todo de preto. Blazer, calça, camisa. Talvez não se ligue para superstições, quem sabe. E está maravilhosamente sexy assim.

Uma nova música começa e consulto o relógio.

23h30.

Ao voltar meu olhar para a frente, perco o ar quando vejo Felipe prender a mulher em seus braços fortes — já tinha visto algumas fotos dele com o torso nu e, na clínica, a camisa social justa confirmou este fato. Eles dançam sensualmente, sorrindo, instigando, e posso jurar que a gota de suor que escorre pelas minhas costas neste exato momento não é por culpa exclusiva do calor.

Sua mão é imensa, percebo, ao apoiá-la no pescoço da mulher enquanto toma sua nuca e entra em seus

cabelos. Ela parece arfar ao deixar a cabeça pender, ficando à mercê do toque. O corpo da loira busca o dele e, ele, sorrindo, se afasta, com a clara intenção de deixá-la louca, implorando.

Putá merda!

Estou ofegante e, sem que consiga me conter, junto uma coxa na outra, voltando a dançar para disfarçar toda essa sensação insana que toma conta do meu corpo.

Esse cara é o pai do seu filho, minha mente brinca.

Engulo em seco com o pensamento. Não há por que julgá-lo, ele é tão solteiro quanto eu, livre, desimpedido e ser pai não o torna santo ou coisa do tipo.

Estou tão hipnotizada com a cena que se desenrola a metros de mim que não notei que um cara se aproximou.

— Nós temos menos de trinta minutos para nos conhecermos, dançarmos e, se tudo der certo, poderemos garantir o beijo da virada. O que acha?

No estado em que me encontro, a voz sussurrada faz um arrepio percorrer desde a minha espinha até a cabeça. À flor da pele. Louca de desejo.

Pisco algumas vezes, recobrando meu juízo e viro na direção do desconhecido, surpreendendo-me de imediato.

O cara é muito bonito. *Chuto* que tenha uns 37 anos por aí, é alto, os cabelos e a barba por fazer possuem alguns fios grisalhos, mas nada que tire o seu charme, pelo contrário, o deixam mais interessante.

Sorrio diante de suas palavras inteligentes e confiantes, ele sorri de volta.

— Tudo bem. Você tem alguns minutos para me convencer — digo.

Reparo em seu blazer branco, a camisa preta, que assim como a de Felipe, está com os primeiros botões abertos.

Ele começa a dançar à minha frente ao som de *Tempos Modernos*, uma versão remixada da música de Lulu Santos e eu o acompanho.

— Você é linda! — sussurra uma vez mais, chegando perto da minha bochecha.

O cheiro da sua colônia invade meus sentidos. Uma delícia.

— Obrigada, você também não é de se jogar fora — declaro e ele solta uma risada.

— Como uma mulher como você está sozinha por aqui?

Por conta da música alta, somos obrigados a quase colar nossos corpos para ouvir o que o outro fala.

— Vim com a minha irmã e meu cunhado. Eles deixaram os filhos em casa e estão se divertindo, só dei o espaço necessário.

— Uma mulher consciente, melhor do que pensei. E o que espera do próximo ano? Me fale algo diferente de paz, amor etc., por favor!

Nós dois rimos e penso em uma resposta à sua pergunta.

— Será o melhor ano da minha vida.

— Uau! Ela é positiva. Gosto bastante disso.

— Tento ser. Do que adianta a gente pensar nas coisas ruins? Elas acontecerão de um jeito ou de outro, porque a vida é assim, cabe a nós encontrarmos um jeito de sermos felizes em meio às dificuldades.

— Acho que estou apaixonado — brinca, colocando a mão no coração.

— Bobo. E você? O que espera?

— Só quero que seja melhor do que este.

— Assim será.

— Confesso que estava desanimado, meus planos do *réveillon* mudaram de repente, mas você salvou a minha noite. Preciso dizer que não há um homem que não esteja com inveja de mim neste momento. Estou com a mulher mais linda da festa, sem a menor dúvida.

— Nossa! Obrigada! Você está investindo pesado para conseguir o que quer, não é?

— Quando vale a pena a gente investe o que tem.

Por um tempo ficamos apenas dançando, acompanhando cada batida, seu braço circulando minha cintura, eliminando qualquer espaço livre entre nós.

Minutos depois, me dou conta de que não nos apresentamos adequadamente. Viro meu rosto para afastar os cabelos do rosto e estou prestes a perguntar seu nome quando vejo uma pessoa parada, destoando da movimentação, a poucos metros.

Surpresa, perplexidade, choque... É tudo o que noto em sua expressão. Estamos a cinco minutos da virada do ano, mas Felipe parece não se importar ao deixar a loira sozinha e vir em minha direção.



Capítulo 9

Felipe

Trazer Pérola não foi uma boa ideia. Eu sabia que ela confundiria as coisas. A loira vem me provocando desde que chegamos à festa e, após beber algumas doses de uísque, finalmente cedi ao seu pedido para dançar. Eu sou homem, ela uma linda mulher, mas seria melhor ainda se não quisesse mais do que posso dar.

Acabei me empolgando na dança e quando percebi que estávamos dando um *showzinho*, mesmo que a galera não estivesse nem aí, me afastei.

Estou frustrado por não ter viajado como planejei. Além de o clima ter mudado totalmente desde a reunião na clínica, Marcelo, meu companheiro de viagem, precisou fazer um trabalho de última hora — ele é um fotógrafo conceituado — e não conseguiria sair de São Paulo.

Foi ele quem conseguiu ingressos para esta festa e ao me dar um disse que era para compensar a nossa viagem frustrada. O foda é que naquele momento eu estava acompanhado de Pérola, uma Promotora de Eventos com quem saio vez ou outra, porém, sem qualquer vínculo. Ela ficou me olhando como um cachorrinho abandonado, esperando que a convidasse e xinguei meu amigo internamente. Marcelo me conhece e sabe que não consigo lidar com esse tipo de situação, então eu a chamei.

A mulher abriu um sorriso tão largo, que me arrependi na hora daquele convite. Expectativa brilhava em seus olhos, mesmo que eu dissesse que não estava à procura de um relacionamento ou algo do tipo. Em uma das nossas conversas, Pérola disse que acreditava que tudo poderia mudar, como nesses romances fajutos dos livros e filmes clichês, que o cara diz que não vai se prender, mas então encontra a *mulher da sua vida* e se torna um capacho.

Sei que às vezes pareço contraditório, afinal, tenho um aplicativo de relacionamentos, que já formou milhares de casais, encontros, levando esperança àquelas pessoas que achavam que viveriam sozinhas pelo resto da vida, mas isso é o meu trabalho e só. Não é porque acredito no amor acima de tudo ou sou um sonhador em busca da felicidade e, sim, porque dá dinheiro. Cruel? Frio? *Porra*, me chame como quiser, é a realidade e não preciso de aprovação.

Eu deveria ter tirado meu time de campo assim que soube das intenções de Pérola, mas sempre fui respeitoso demais até na hora de dar *tchau*. Quem não me conhece, pensa que sou um *filho da puta*, porque não paro quieto com uma mulher, entretanto, essa imagem não condiz com quem sou de verdade, por isso estou pouco me *fodendo* com o que pensam sobre mim.

— Vou até o bar — aviso a ela. — Quer alguma coisa?

— Ah, quero uma taça de espumante.

— Beleza.

Saio rumo ao meu destino, desviando de um monte de gente. Não imaginei que estaria tão cheio. Confesso que não é minha praia esse alvoroço todo, sou daqueles que curtem uma *parada* menos movimentada. Não que eu não goste de festas, nada disso, só não sou fã de ficar em um lugar onde pareço uma sardinha enlatada. Olha que o espaço aqui não é pequeno, pelo contrário, é um salão

grande, largo e comprido, tanto que a cada minuto vejo uma mulher diferente, lindas, por sinal.

Algumas parecem me reconhecer, mas agradeço o nível do evento ser alto, odiaria passar as últimas horas deste ano atendendo a pedidos de fotos e autógrafos.

— Por favor, uma dose de uísque e uma taça de espumante — peço a um dos rapazes.

— É *pra* já!

Enquanto aguardo, vasculho meu celular. Está quase na hora da virada e nem sei onde Marcelo se meteu. Ele disse que estaria à caça e está mais do que certo. *Réveillon*, para mim, sempre significou pegação, badalação, como seria em Búzios, não ficar como a *porra* de um casal.

Frustrado duas vezes.

Passo as mãos no rosto e resolvo tomar uma decisão antes que Pérola pense que, finalmente, conseguiu

me enredar. O que eu deveria ter feito há tempos.

O rapaz me entrega o que pedi e sigo de volta para a pista de dança, desviando de um, outro, mais outro, até chegar ao lugar em que Pérola está.

— Tome. — Entrego a taça para ela. — Podemos ir ali rapidinho? — digo, apontando para a lateral do palco.

— Tudo bem.

Segurando meu copo, abro caminho novamente até chegar a um espaço um pouco menos cheio.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunta.

— Olha, você sabe que sempre fui muito transparente.

— Sim, eu sei — diz, bebericando sua bebida e eu a minha.

— Eu não quero ser um babaca, mas não posso continuar com isso.

— Isso o quê? — Ela está levemente alterada, então preciso ter paciência.

— Com o que estamos fazendo, agora, vez ou outra... — Gesticulo a mão, apontando nós dois.

— Você não quer mais sair comigo? É isso?

Sim, é isso! Tenho vontade de responder sem rodeios, mas respiro fundo para pensar no que dizer sem ser muito duro.

— O problema não é você, sou eu. Não tenho a menor intenção de me prender a uma mulher, Pérola. Sempre deixei isso claro, mas percebo que sou uma missão *pra* você, como se quisesse me converter a algo que não quero, então prefiro deixar as coisas como estão. Você é uma mulher linda, pode ter o homem que quiser.

— Está me dispensando em plena virada de ano?

— Não estou te dispensando porque nunca tivemos um relacionamento, estou te deixando livre para aproveitar

o resto da noite da maneira que quiser. Eu seria um babaca se não falasse nada, porém, prefiro manter a transparência.

— Você continua sendo um babaca, Felipe. Um babaca que não quer se dar a oportunidade de ser feliz com uma pessoa que...

— Por favor, Pérola! Somos adultos e eu não te conheço há tanto tempo assim. Você não me conhece. Então, para o nosso bem, vamos aproveitar o restante da festa sem problemas, tudo bem?

Sem esperar sua resposta, viro o conteúdo do copo garganta abaixo e o entrego vazio para um garçom que está passando ao meu lado.

— Feliz Ano Novo, Pérola. Espero, sinceramente, que seja muito feliz.

Aliviado, retorno para o meio da loucura de corpos dançando, disposto a curtir a festa. Sete minutos para a

chegada de um novo ano e, finalmente, avisto meu amigo.

Porra, ele se deu bem!

Marcelo está com os braços ao redor de uma gostosa com cabelos ondulados até o meio das costas, que parecem molhados e dão um ar selvagem à mulher. O vestido dourado sobe um pouco a cada rebolada acompanhando as batidas de *Wap*, da Cardi B.

A letra é sugestiva *pra caralho*, mas é uma festa de pegação, então não tem santinho por aqui. Do jeito que os dois estão, é fácil adivinhar para onde irão depois daqui.

Aproximo-me de onde estão, aproveitando que ambos estão entretidos, para zoar meu amigo. Algumas mulheres lançam olhares, convidando-me a me juntar a elas, mas quero muito sacanear Marcelo. Ele merece, depois de me forçar a trazer Pérola para cá.

Estou a poucos metros de distância, então fico paralisado.

Putá que pariu!

Ao mesmo tempo ouço Pérola me chamar, mas a ignoro. Nem notei que ela estava atrás de mim.

Qual a probabilidade de uma porra dessa acontecer?

A mulher à minha frente está tão atônita quanto eu, mas acredito que ela não saiba com quem está dançando. Que Marcelo é o meu melhor amigo.

É a Raquel.

A mesma do consultório.

A mão do meu filho.

Putá merda! Marcelo está dançando desse jeito com a porra da mãe do meu filho!

Saindo do transe, vou até eles, e Raquel fica ainda mais assustada.

— Marcelo, podemos conversar?

— Vocês se conhecem? — Raquel pergunta, a expressão confusa e com o rosto mais vermelho do que corado. Havia me esquecido quão branca ela é.

— O que está acontecendo, Felipe? *Porra*, não tem hora melhor *pra* conversar, não?

— É urgente!

Ele olha para a Raquel e diz algo em seu ouvido, ela apenas assente, como se não estivesse acreditando que estou bem aqui, na sua frente.

Levo Marcelo até o bar e peço duas doses de uísque.

— *Porra*, Felipe, vai dar meia-noite e você vai atrapalhar meus planos com aquela delícia de mulher.

— Cala o *caralho* da boca!

As bebidas chegam e entorno minha dose em um único gole. Meu amigo não para de me encarar, a testa franzida, sem sequer desconfiar de nada.

— É melhor você beber também — sugiro.

— Não enquanto não me disser o que está acontecendo.

— Você sabe o nome dela? — pergunto.

— Da gostosa? Ainda não. A gente estava se curtindo, dançando...

— Não vai rolar.

— Como é que é?

— Não vai rolar e você vai concordar comigo.

— *Caralho*, Felipe. Parece mulherzinha enrolando *pra* falar.

— É que eu não sei como dizer isso sem ficar estranho.

— Só me diz por que você está todo esquisito. Afinal, cadê a Pérola?

— Não sei e nem quero saber. Marcelo, olha...

Estou prestes a falar quando ouço uma gritaria generalizada diante do telão, anunciando que falta um minuto para a virada do ano.

— Rápido, Felipe! Eu tenho uma boca deliciosa para beijar e se não falar agora eu vou correr até lá.

E começa a contagem em voz alta, o som preenchendo todo o salão.

Dez.

Nove.

— Fala, Felipe!!!

A grande verdade é o principal motivo da minha demora é que ainda estou me recuperando da visão daquela mulher dançando, o vestido curto destacando as pernas compridas e o surpreendente decote expondo os seios, que só fiquei ciente quando cheguei perto. Empinadinhos, redondinhos...

Puta gostosa linda do *caralho* e mãe do meu filho!

Cinco.

Quatro.

Olho para Felipe que não consegue mais disfarçar o ódio que está sentindo de mim e grito para que me ouça acima do coro de vozes:

— O nome dela é Raquel. — Sua expressão se transforma de ódio para curiosidade e, em seguida, desconfiança. — Ela é a mulher que está com meu filho na barriga. Ela é a *mãe* do meu filho, Marcelo.

Feliz Ano Novooooo!!! O público grita e o som imitando fogos de artifício ecoa pelo ambiente sem parar.

Meu amigo abre e fecha a boca sem conseguir falar uma palavra. Ele pega o copo com uísque e bebe num gole só.

— Feliz Ano Novo, meu amigo — digo e o abraço, dando um tempo para que ele assimile o que acabei de falar.

— *Caralho*, Felipe, aquela mulher está grávida... —
balbucia, ainda me abraçando.

— Está.

— Do seu filho...

— Sim.

— A que você conheceu na clínica...

— Sim!

Ele se afasta, claramente chocado, passando as mãos na cabeça.

— Puta merda! Você é a *porra* de um sortudo. Ela é linda.

— Não posso discordar. Eu nem sabia que ela era tão bonita assim. Só a vi uma vez.

— Fora que é inteligente, tem uma conversa boa...

Suspiro com suas palavras, ficando irritado de repente por não saber nada sobre Raquel. A única coisa

que sei é que está gerando meu filho.

— Eu ainda não conversei com ela. A gente marcou um almoço, daqui a duas semanas, e vamos falar sobre os próximos passos da gravidez.

— Se você não aparecesse...

— Eu sei. Imaginei que gostaria de saber.

— Com certeza, *porra*! Já pensou se eu transo com a mulher do meu melhor amigo? *Meu...* ficaria muito puto.

— Ela não é minha mulher.

— Você entendeu. É como se fosse. E ela está grávida, imagina se eu a vejo alguns meses depois, com um barrigão, pensando que sou o pai? *Ô loco... tô fora!*

Sou obrigado a soltar uma gargalhada com a bizarrice que Marcelo está dizendo.

— Cala a boca, cara.

— A gente precisa falar com ela, Felipe. Eu disse que a procuraria após a nossa conversa. Aí vou voltar à

caça. Que merda! Vai ser *foda* encontrar uma mulher à altura...

— Para de chorar, Marcelo. Duvido que não encontre uma tão ou mais gata quanto a morena. E, concordo com você, temos que falar com Raquel. Ela não tem culpa de nada.

Voltamos para o fervor, a banda que estava tocando quando cheguei à festa retornou ao palco e uma galera está dançando.

— Ah, Feliz Ano Novo também — Marcelo quase grita. — Eu fiquei tão impactado que não consegui nem te responder.

Rio e dou dois tapinhas em suas costas.

— Valeu!

Depois de alguns minutos, encontramos Raquel dançando, porém, não sozinha.

— Deve ser a irmã dela e o cunhado. Ela mencionou que veio com eles — meu amigo comenta.

— Sim, é a irmã dela — confirmo.

Nós dois nos aproximamos e Raquel se dá conta da nossa presença. Ela fala algo com a irmã, que nos olha imediatamente e arqueia as sobrancelhas, surpresa.

Logo vem em nossa direção, o vestido dourado delineando as curvas que pensei serem inexistentes por ter um corpo magro. Estava enganado. A cintura, o quadril, os seios, a bunda que não é grande, mas dá o ar da graça. O rosto sem maquiagem poderia ser comparado ao de um anjo, mas agora está longe disso. Ela está *sexy pra caralho*. Os lábios largos rosados, os olhos grandes delineados e esfumados... Com certeza se não tivéssemos uma relação atípica, eu tentaria algo.

— Ainda não acredito que essa mulher vai ser mãe do seu filho... Olha *pra* ela! Gostosa *pra cacete* — Marcelo sussurra.

Ele está inconformado e entendo, eu também ficaria. Sinto uma satisfação inexplicável em poder dizer, mesmo sem conhecê-la como gostaria, que ela é a mãe do meu filho. Não apenas pela sua beleza, mas porque tudo indica que é uma pessoa com princípios, que preza a família e é bastante inteligente. *Inteligência me dá tesão.*

Meus pensamentos são esquecidos quando Raquel chega à nossa frente, toda confiante, e nos cumprimenta:

— Olá, Feliz Ano Novo para vocês.

— Feliz Ano Novo — meu amigo e eu falamos juntos.

— Raquel, desculpe sair daquele jeito, mas eu não sabia que vocês dois... — Marcelo se perde na fala e eu o interrompo.

— O Marcelo é o meu melhor amigo. — A morena arqueia as sobrancelhas. — Nós crescemos juntos. Por

isso, quando o vi com você, resolvi explicar que temos uma... ligação.

Ela fica calada, absorvendo minhas palavras e balança a cabeça.

— Uau! O mundo é realmente pequeno — divaga.
— Eu também avisaria, se fosse o contrário. A situação toda já é estranha o bastante.

Olhando para Marcelo, ela sorri e diz:

— Uma pena que não conseguiu o que queria, não é?

Ela está levando a coisa toda numa boa. Surpreendente...

Meu amigo parece relaxar e sorri também.

— Raquel, eu estava falando com o Felipe que vai ser muito difícil encontrar uma mulher como você por aqui. Não estava mentindo quando disse que além de linda, você tem uma conversa muito agradável, e isso é difícil de achar

hoje em dia. Mas... território proibido é território proibido. Está carregando meu afilhado, *porra!*

Nós três rimos, mas percebo uma certa tensão em Raquel. Ela ainda está se acostumando com a ideia de ter que compartilhar seu bebê. O *nosso* bebê.

— Isso porque nem conversamos sobre isso — comento, revirando os olhos com o interesse repentino de Marcelo. — Raquel, desculpe ser o estraga-prazeres. Não era a minha intenção interromper seus planos em pleno réveillon.

Ela joga a cabeça para trás e solta uma risada que não sei identificar se é sarcástica ou verdadeira.

— Felipe, desde o momento em que aconteceu *aquela* erro, parei de fazer planos demais. Vou continuar curtindo a festa, afinal, enquanto a barriga não aparece, posso me dar ao luxo de aproveitar os prazeres da vida, não é mesmo?

Ela falou isso mesmo?

Eu nunca esperaria que ela estivesse, de fato, procurando por *diversão*, o que só me lembra que não a conheço. Marcelo me olha de soslaio e pigarreja.

— Foi um prazer te conhecer, Raquel. Vou dar uma volta. Qualquer coisa, nos encontramos amanhã, Felipe.

— O prazer foi meu — ela responde.

— Se cuida, Marcelo — digo.

— Pode deixar, irmão.

Raquel e eu ficamos nos encarando, sem nada falarmos. Se não fosse a música rolando em alto e bom som um silêncio desconfortável pairaria sobre nós.

— Você está bem? — pergunto, e nem sei por que estou perguntando algo assim. É claro que ela está bem. Está aqui, dançando, caçando a *porra* de um macho. — Você, o bebê...

— Estou. Estamos bem.

— Que bom!

Absorvo a imagem do seu colo, o decote profundo, a partezinha dos seios à mostra...

— E você? Está bem? — Saio do meu estupor e meus olhos encontram os dela. Como se soubesse exatamente no que eu estava pensando, ela sorri de lado.

É a minha vez de pigarrear.

— Sim, estou bem. Novo ano, desafios... Estou otimista!

— Verdade. Desafios e aprendizados. — Ela para de falar e quando volta, vejo determinação em seu olhar: — Felipe, se me der licença, vou aproveitar o resto da festa. Você também deve estar louco *pra* curtir, então não vamos perder tempo, não é mesmo? Daqui a alguns dias nos falaremos melhor, certo?

É isso mesmo? Ela está me dispensando?

Sem acreditar, mordo meu lábio inferior para amenizar a frustração que me invade. O que eu esperava? Que ela caísse aos meus pés? Que fosse como uma Pérola da vida? Raquel não se parece em nada com a loira e é isso que deixa a coisa toda mais excitante.

Merda!

Eu não estou nada bem. Bebi além da conta e não estou em meu juízo perfeito. Só isso pode explicar a vontade que estou de agarrar essa mulher e comê-la de um jeito que a faça esquecer de querer se divertir com outros caras enquanto está grávida do meu filho.

Eu realmente pensei isso? Que porra é essa?

Solto um longo suspiro e sorrio, fingindo que não estou afetado pela sua dispensa e enfrentando um turbilhão de pensamentos.

— É claro, Raquel. Tenha uma ótima noite enquanto busca o que tanto procura.

Sem esperar sua resposta, caminho em direção ao bar. Sei que fui um babaca, mas não pude me conter. O jeito decidido de Raquel me fez querer defender a minha honra ou seja lá que droga isso significa. Eu não costumo ser um macho alfa, muito menos possessivo. Essa mulher me deixou perturbado demais. Ou será um instinto paterno?

Foda-se!

Antes que eu chegue ao meu destino, uma ruiva se posta à minha frente, a expressão corporal com a qual estou acostumado a lidar, o desejo falando alto. Sorrio de volta e pego sua mão, levando-a para fora do salão.

Quem não tem cão, caça como gato, não é o que dizem?



Capítulo 10

Raquel

O que está acontecendo com a minha vida? Quando as coisas começaram a degringolar desse jeito? Por que aquele cara tinha que ser amigo do Felipe? Logo o homem que caiu de paraquedas nos meus planos e será o pai do meu filho. Que azar! Isso porque finalmente decidi me divertir.

Quando Marcelo e Felipe vieram falar comigo, eu sabia que boa coisa não seria e fiquei *puta* ao saber que o

cara com quem eu estava dançando não era apenas um colega qualquer, mas *o melhor amigo* de Felipe. Entretanto, não deixei que pensassem que fiquei afetada pela descoberta e, sendo racional, realmente seria muito estranho se as coisas entre mim e Marcelo tivessem progredido.

Mais uma vez, o que planejei caiu por terra. O que falei para Felipe é verdade, desde o erro cometido pela clínica, estou evitando fazer planos, mas é difícil abandonar um costume de anos.

Quem diria que em plena noite da virada, meia-noite, eu estaria sozinha no meio de uma multidão brindando com água? Para não falar que estava sozinha, eu brindei com o bebê, então não foi de todo ruim. Só encontrei minha irmã e meu cunhado minutos depois, quando nos cumprimentamos pela chegada do novo ano.

Em nenhum momento, após a contagem regressiva, vi a loira que estava agarrada a Felipe, então compreendi

que era mais uma de suas conquistas sem vínculos.

E o que foi aquela encarada quando ficamos sozinhos? Me senti completamente despida e não preciso dizer que meus mamilos endureceram com aquele olhar.

Isso só pode ser praga da minha irmã. Eu não estava sentindo esse fogo todo, essa coisa louca, uma necessidade de me aliviar de um jeito que eu sei que não conseguirei sozinha. Será que isso é resultado de meses sem sexo e finalmente meu corpo grávido está necessitado? Eu não sei.

Não sei o que me deu para afastar Felipe daquele jeito, mas é como se eu tivesse entrado no modo defensivo. Não queria pagar para ver onde aquele olhar e aquela conversinha fiada dariam, então preferi fingir que não percebi a intenção que seu olhar indicava.

O resultado não poderia ser diferente. Ficou nítida a surpresa em sua expressão quando o dispensei, pois duvido que uma mulher em sã consciência tomaria tal

iniciativa. Ele é lindo, charmoso, tem um porte que chama a atenção mesmo em um blazer, é bem-sucedido *e pai do meu filho*.

Só por este último fato fica óbvio que tomei a melhor decisão. Imagine, causar um problema só porque estou sexualmente necessitada? Eu terei uma ligação com esse cara por muito tempo, não posso pensar como se fosse um encontro casual.

O mais inacreditável é o que *filho da puta* mal deu as costas para mim e já saiu de mãos dadas com uma ruiva sabe Deus para onde. Eu ri sozinha, sem acreditar que era tão fácil para ele conseguir uma foda.

Sim, eu estou muito irritada e quando fico assim não tenho filtro! Além de ter ferrado com a minha noite, o que cara ainda *tirou uma* comigo ao se despedir.

Tenha uma ótima noite enquanto busca o que tanto procura.

Filho da puta!

À minha frente, Renata e Fernando continuam dançando, o álcool fazendo efeito, pois não param de rir e se esfregarem. Eu, a vela, prefiro me retirar.

Caminho em direção à estação de comida italiana e peço mais um pouquinho de lasanha. É o que me resta.

Sentada e comendo a massa saborosa analiso o cenário à minha volta. O salão continua cheio e a maioria das pessoas está dançando, afetadas pelas bebidas, a alegria de comemorar e celebrar um novo ano, a esperança de que seja melhor do que o que passou. Solteiros, casais, grávidas, jovens, experientes... há todo o tipo de gente.

Satisfeita, levanto-me e ao me dirigir a uns dos bares de bebidas sem álcool avisto Marcelo com uma morena. A mulher é muito bonita e está com um vestido curto prateado que marca seu corpo definido. É claro que

um homem como ele encontraria outra companhia facilmente.

Solto um longo suspiro, indignada em como as coisas fugiram do meu controle, mais uma vez, e ao chegar ao balcão faço meu pedido. Acredito que seja o quinto copo de suco de laranja, mas é o que tem me distraído. Pelo menos é natural, já me certifiquei.

— Feliz Ano Novo! — Uma voz, próxima ao meu ouvido, me tira dos meus devaneios.

Giro meus tornozelos e olho para a última pessoa que esperava ter contato, mas depois desta noite, qualquer coisa é possível.

— Olá! Feliz Ano Novo — respondo.

Meu suco chega e aproveito para tomar um gole.

— Desculpe chegar assim, não quero te assustar.

— Sem problemas. Posso te ajudar?

Ela morde o lábio inferior, como se estivesse escolhendo as palavras.

— Meu nome é Pérola e vim para a festa com Felipe. Você o conhece?

O que respondo? Conheço, estou até esperando um filho dele.

Ô situação louca, meu Pai!

— Conheço, sim — é o que me digno a responder, sem me preocupar em dizer meu nome.

— Humm, posso perguntar se vocês têm alguma relação? Ou tiveram? Tudo bem se não quiser responder, sei que estou parecendo uma *stalker* ou algo do tipo, mas é que eu vi a maneira que ele chegou em você e Marcelo quando estavam dançando...

— Ah, sobre isso. Eu não sabia que o Marcelo era amigo dele. O que posso dizer é que a relação que tenho com Felipe não é como você está pensando.

Óbvio que não vou contar a verdade. Se ela quer tanto saber, que seja pela boca dele.

— Entendo. É que ele me convidou e no meio da noite disse que não queria mais a minha presença, que queria curtir e...

— Sério isso? — pergunto, interrompendo sua fala.
— Ele te convidou e te dispensou? Na noite de *réveillon*?

— Sério!

— Ele é mais babaca do que eu imaginava — murmuro, sem conseguir acreditar na atitude do sujeito. Pelo jeito, ele é maduro para certas coisas e um adolescente para outras.

Filho, não siga os passos do seu pai.

Filha, não namore gente desse tipo.

Enquanto ainda não sei o sexo do meu bebê, a conversa mental tem sido genérica, então me dê um desconto.

— Quando eu vi o Felipe indo na direção em que você estava, decidido e implacável, pensei que fosse por sua causa. A forma que ele te olhava... Eu nunca o vi tão vidrado.

Franzo o cenho.

— Com certeza não foi por minha causa e, sim, porque ele não esperava ver seu amigo dançando comigo, muito menos que eu estivesse nesta festa. Vocês namoram ou algo parecido?

Ela pressiona os lábios um no outro e tenho minha resposta. Até que ponto ela está falando a verdade? Ou é mero desespero por ter sido dispensada?

— Nós saímos de vez em quando, mas por pouco não evoluiu para algo mais. Ele é um tanto resistente.

— Imagino.

— Olha, me desculpa por vir até aqui. Só achei que vocês tinham alguma coisa mal resolvida, porque não vou

mentir, a interação entre os dois, quando estavam sozinhos, foi intensa. Mesmo a alguns metros de distância, eu percebi. Você pode me dizer que não há nada, mas eu sou mulher e no pouco tempo em que estive com Felipe nunca recebi um olhar como o que ele direcionou a você. Isso dói em mim, porque eu realmente gosto dele, mas é a pura verdade. Os olhos não mentem.

Não sei o que dizer. Da minha parte, o que ela viu, ou pensa que viu, tem a ver estritamente com a minha vontade de sair e me divertir entre quatro paredes. Sobre o olhar dele deve ter sido o mesmo que eu fiquei perturbada, mas imagino que tenha sido algo de pele. Ele estava bebendo, ficou surpreso com a minha presença e convenhamos que não estou de se jogar fora.

— Bem, só posso dizer que foi impressão sua, Pérola. Se quer um conselho sincero, espero que encontre um cara que te mereça. Não vale a pena ficar perdendo tempo com quem não te valoriza.

Ela assente e abre um sorriso fraco.

— Minha mãe fala a mesma coisa.

A loira é nova. Meu palpite é que tenha 25 anos, no máximo. Tem muito a aprender, amadurecer, dá para ver a insegurança estampada em seu belo rosto. Posso não ser a melhor pessoa para falar sobre relacionamentos, mas experiência de vida conta.

— Tenha um ótimo ano — digo e termino de beber meu suco.

— Você também. Obrigada pelas palavras.

— Não há de quê. Aproveite a noite.

— Você também deveria. Sua beleza é diferenciada e esse vestido te valorizou bastante. Não tem uma pessoa que não vire o pescoço quando você passa.

Ergo as sobrancelhas, surpresa, e não sei dizer se “beleza diferenciada” é algo bom. Devo ficar preocupada

com essa mulher? Ela parece ter acompanhado todos os meus passos desde que estive com Felipe.

— Obrigada, Pérola! Agora preciso ir.

Ela sorri e acena com a cabeça. Procuro por Renata e Fernando e logo os vejo sentados à mesa comendo novamente. Aposto que é aquela fome que a bebida causa, que costumo chamar de *larica*, sem a parte da maconha.

A noite não poderia ficar mais estranha.

Esbarrei em um cara, que pensei que estivesse dando em cima de mim, mas estava acompanhado por outro cara; dancei com o melhor amigo de Felipe, sem saber; passei a virada sem uma companhia, brindando com água; tive um momento esquisito com o pai do meu bebê e ele provavelmente ficou *putinho* porque o dispensei.

Definitivamente preciso melhorar meu astral e, conseqüentemente, meu restante de festa.

Muita gente ainda está dançando, curtindo o som do DJ, que só agora percebo que mudou o gênero para sertanejo e o povo está animado cantando junto. Ah, que falta faz a minha parceira de karaokê. Quando junta Vanessa e eu não tem para ninguém, a gente se acaba nas sofrências.

Costumam dizer que no Rio tudo termina em funk e em São Paulo, em sertanejo. Não sei se é verdade, mas prefiro assim. Salve Marília Mendonça, rainha da sofrência e mulher que admiro demais. Novinha e já tem tanta composição boa.

Some Que Ele Vem Atrás, da Anitta com a Marília, começa a tocar e eu nem olho para os lados quando vou correndo para o meio da pista. Se a noite não está para peixe, a gente aproveita do jeito que dá.

Solto os pulmões e canto junto, sorrindo para um grupo de mulheres que também está animado.

*Amiga do céu
Meu boy me largou
Parou de seguir
E as fotos da gente apagou*

*Amiga do céu
Meu clima acabou
Nem quero sair
Ai que raiva que eu tô*

*Você que entende do assunto
Você que já sofreu muito
Me diz o que fazer*

*Some, some
Some que ele vem atrás
Pianinho
Bebe, dança
Mostra que 'tá bem demais
Faz charminho*

*Some que ele vem atrás
Quanto mais cê some
Mais saudade cê faz
Some que ele vem atrás*

Eeeeeeeita coisa boa!

Depois de uma certa idade, a gente aprecia gostos que nunca imaginou apreciar. Este gênero musical é um exemplo. Eu odiava, achava brega, mas de uns anos para cá é o que agita minhas noites em casa, quando quero cantar sozinha ou com Vanessa no karaokê do *Youtube*. Até Renata e minha mãe se arriscam.

O mesmo grupinho de mulheres faz uma rodinha e me chama. Sorrindo, eu me junto a elas. São seis e todas parecem ter a minha idade, assim eu me sinto como se estivesse entre amigas de anos.

Continuamos cantando e dançando, música após música. Quando começa a tocar *Ranking*, do Jorge & Mateus, quase grito de empolgação.

— Eu amo Jorge & Mateus, gente!

Elas riem, mas uma concorda:

— Eu também! O Mateus é uma delícia!

É verdade! Quando o sertanejo canta *Instantes e Me Acalma*, eu fico vidrada. Até a segunda voz dele é incrível. Além disso tudo, tem um charme sem igual. Contudo, eu admiro a dupla em si e sempre quis ir ao show deles, mas ainda não tive oportunidade.

Uma das mulheres vem até mim e me puxa para dançar e, claro, eu vou. As outras batem palmas, cada batida ditando o ritmo dos nossos passos. Um, dois. Um, dois. Um, dois.

Pela minha visão periférica, vejo que há curiosos do lado de fora da rodinha e me surpreendo ao avistar Marcelo, sorrindo e batendo palmas. Sorrio de volta e continuo nos passinhos.

— Qual seu nome? — pergunto para a minha companheira.

— Ana Maria e o seu?

— Raquel. Você e suas amigas salvaram o meu *réveillon* — digo, sem a menor cerimônia, soltando uma risada.

— Que demais! Elas vão amar saber disso. É a primeira vez que conseguimos passar a virada do ano juntas. Nossos maridos estão viajando, então decidimos curtir entre amigas.

— Uau! Que legal!

— Aquelas são Luciana, Daisy, Juli, Mari e Kelly.

— Será um prazer conhecê-las.

A música termina e ela me apresenta oficialmente para as outras mulheres. Todas muito simpáticas e alegres, a *vibe* que eu adoro.

Viro-me para ver se Marcelo continua à espreita, mas não o encontro. Menos mal, pensei que fosse me perturbar.

Eu não poderia imaginar que a minha noite se transformaria de maneira tão inesperada. Já passa de 1h da manhã, mas ainda é *réveillon*. Não é tarde para me divertir e não é porque a diversão não foi do jeito que imaginei, que vou praguejar ou ficar cabisbaixa, como estava prestes a fazer. Pelo contrário, no momento que voltei para a pista de dança, resolvi abrir a minha mente e meu coração, e o que estou recebendo de volta é uma sensação maravilhosa de felicidade e plenitude.

No final das contas, estou aprendendo a curtir esse negócio de imprevisível, de não ter o controle sobre tudo. Parafraseando um conhecido pagode, *vou deixar acontecer naturalmente*.



Capítulo 11

Raquel

Chegou o dia de conversar com Felipe. Ele reservou uma mesa em um famoso restaurante chamado *Figueira Rubaiyat*, e é para lá que estou indo. Eu particularmente gosto bastante da decoração do lugar, que mantém um ambiente rústico e uma centenária figueira que é um dos patrimônios da cidade de São Paulo.

Ao estacionar, dou uma olhada no espelho retrovisor e ajeito meus cabelos. De Alphaville até aqui deu 50

minutos, juntando com trânsito e distância, é por isso que minha mãe vive reclamando que eu deveria morar mais perto. Contudo, só consegui encontrar um condomínio bacana e em contato com a natureza no bairro nobre dos municípios de Barueri e Santana de Parnaíba — uma parte do bairro fica em cada município.

Saio do carro e pelo reflexo da janela percebo que o vestido rosa e longo ficou todo amassado na parte de trás. Não sei por que insisto em usar este tecido quando dirijo. Ele fica lindo no corpo, mais justinho nos seios e cintura, abrindo até os pés, com alguns babadinhos — está bastante em alta —, porém, não é nada prático quando fico um tempo a mais sentada.

Faço o máximo para esticá-lo com as mãos, mas resolvo deixar para lá. Estou um pouco nervosa, pois não sei como será o meu reencontro com Felipe. Decido ficar neutra e abrir minha mente, a melhor maneira para não me frustrar. Até porque o objetivo desse almoço é somente

para nos conhecermos melhor e alinharmos os pontos em prol do bebê.

Não nos falamos desde a noite da festa e ontem recebi uma mensagem dele, perguntando se eu estava bem e informando o lugar e horário do almoço.

— Boa tarde! — um rapaz me cumprimenta na entrada.

— Boa tarde! Um colega já está me esperando.

— Qual o nome?

— O dele é Felipe, o meu é Raquel.

— Ah, perfeito. Sara, você pode levar a senhorita Raquel até a mesa do Sr. FD? É a 33.

Senhor FD? É sério que o tratam assim? Cada coisa...

— Claro — uma funcionária responde e sorri para mim. — Vamos lá?

— Vamos!

Sigo a mulher e noto que o restaurante está cheio. Chegamos ao nosso destino e Felipe se levanta, sorrindo. A moça se afasta e agradeço a ajuda.

— Oi, Raquel — ele diz, ao meu cumprimentar com um beijo no rosto.

A barba antes espessa está mais aparada, causando arrepios em todo meu corpo ao roçar minha bochecha. Involuntariamente inalo seu perfume amadeirado e preciso me conter para não fechar os olhos.

Benditos hormônios!

— Oi, Felipe. Desculpa o atraso — murmuro, percebendo que me analisa da cabeça aos pés, mas dou uma de desentendida.

Ele volta a se acomodar, não sem afastar uma cadeira ao seu lado para que eu sente. Pelo menos está sendo educado.

— Sem problemas. Cheguei há poucos minutos. Como está a sua fome? Quer um *couvert* ou prefere pedir a comida direto? — pergunta.

— Podemos pedir um *couvert* para iniciar a conversa. Depois, partimos para o almoço, o que acha?

— Perfeito.

Felipe faz o pedido para um garçom que estava passando e tudo indica que conhece bem o lugar. Quando o funcionário se distancia, resolvo tirar minha dúvida.

— Você vem muito aqui?

— Venho, sim. Gosto do clima, da comida, além de ser um ótimo local para o nosso propósito.

— Concordo. Faz tempo que não venho, mas não mudou muita coisa. Eu adoro essa figueira.

— Eu também. Para mim, é a protagonista do restaurante — ele comenta e ri, talvez pensando que vou dizer que sua fala é uma bobagem.

— É verdade.

Estou observando a árvore centenária quando escuto meu nome.

— Raquel... — Felipe me chama. — Eu gostaria de pedir desculpa se pareci um babaca na última vez que nos vimos. Eu havia bebido mais do que o normal, estava estressado e posso ter agido de uma maneira desrespeitosa com você.

Fico surpresa com sua honestidade e iniciativa.

— Tudo bem. Era uma festa, natural passar um pouco dos limites.

Tive tempo para pensar e foi injusto tirar conclusões de Felipe naquela noite, em plena festa de *réveillon*, onde ele estava se distraindo, curtindo, querendo extravasar. O que não ajudou também foi aquela tal de Pérola, que deve ter enchido o saco do cara. Era óbvio que aquela mulher estava obcecada por ele. Ainda teve o episódio da minha

dança com seu melhor amigo. Tenho 35 anos, não sou uma garotinha e sei como essas coisas influenciam as nossas ações.

Não que eu seja de defender atitude machista, por favor, *né?* Mas se eu levar tudo a ferro e fogo, não vou conseguir viver, então prefiro ponderar e tirar minhas conclusões com o passar do tempo, conhecendo a pessoa de verdade e que ela esteja, preferencialmente, sóbria.

— Não. Eu não poderia ter passado dos limites com você. Nós precisamos manter uma relação saudável e de respeito, em primeiro lugar. Por favor, releve. Vou te recompensar.

— Felipe, o que importa é a sua preocupação e vontade em fazer as coisas entre a gente dar certo.

— Isso é o que mais quero. Acho que fiquei mais atordoadado porque não esperava te encontrar por lá e na minha cabeça eu só te via como a mulher que está

gerando o meu filho. Então quando bati o olho em você, toda elegante naquele vestido, foi realmente uma surpresa.

Ergo as sobrancelhas e solto uma risada.

— Eu percebi que você ficou meio sem jeito.

— Não diria que fiquei sem jeito, porém, não cabe trazer para o nosso almoço o que, de fato, senti quando te vi.

Uau! A maneira mais educada de dizer que gostou do viu. Não há nem como falar que ouvi errado, pois seu olhar não deixa dúvidas. Uma intensidade quase palpável. Resolvo não insistir no assunto para evitar constrangimentos.

— A minha intenção era me divertir e me sentir bonita, porque eu sei que em algumas semanas meu corpo vai mudar completamente. Para a mulher, a barra é sempre mais pesada, literalmente.

Nós dois rimos.

— Não tenho dúvidas de que para vocês é infinitamente mais complicado, mas quero que saiba que no que eu puder ajudar para minimizar esse *peso* — rimos mais uma vez diante da piadinha infame —, pode me chamar. Estou falando sério.

— Obrigada, Felipe. Antes de toda essa loucura causada pela clínica, eu tinha um plano bem ajustado com o apoio da minha família, minha melhor amiga e uma ajudante que quero contratar na última semana de gestação. Agora, a única coisa que vai mudar, é que irei te incluir nas chamadas urgentes.

— Eu também tinha tudo ajustado, sabe? Nunca foi minha intenção ser um pai ausente. Quando contratei a mulher que seria minha barriga de aluguel, nos Estados Unidos, meu objetivo era morar um tempo no país, a fim de dar toda a assistência necessária, acompanhar de perto a evolução do bebê, mas então tudo mudou.

— Tudo mudou... — repito. — Como surgiu essa vontade de ser pai? Você sempre quis?

O *couvert* chega e começamos a beliscar. Felipe se ajeita na cadeira, a coxa sem querer tocando a minha, um gesto que envia faíscas pelo meu corpo instantaneamente.

Não é possível! Qual o meu problema? Preciso encontrar uma forma urgente de *relaxar*, porque ficar desse jeito durante quase nove meses, meu Pai do céu! É tortura demais. Acho que faz até mal ficar me segurando assim.

— Você me ouviu? — pergunta.

— Oi?

Seus lábios se erguem e suas mãos deslizam pelo cabelo volumoso, os olhos azuis estreitos, destacando as pequenas linhas de expressão nos cantos, que em vez de denotar idade evidencia experiência.

— Eu disse que esse *couvert* é delicioso — diz.

— Ah, sim! Adoro também.

— Respondendo à sua pergunta — fala e morde um pedaço de pão de queijo —, eu nunca imaginei que teria a coragem de ser pai solo. Meus pais morreram cedo em um acidente, sou filho único e apesar de ter um tio e dois primos, não me dou bem com eles. Considero que minha única família é o Marcelo, aquele que você conheceu.

Nossa! Eu não sabia que os pais dele haviam morrido, muito menos que a causa foi um acidente. Que triste! Deve ser péssimo não ter uma boa relação com a única família que lhe resta. Menos mal é ter um amigo-irmão ao lado. Estremeço só de pensar no problema que teria sido se eu tivesse saído com Marcelo.

Felipe faz uma pausa e mordisca uma bolinha de queijo de búfala. Até comendo o cara fica bonito. Isso é sacanagem! Pego um pedaço de pão de queijo e quase gemo de tão bom que está. Quentinho, delicioso.

— O tempo foi passando — ele continua —, vez ou outra preciso lidar com umas situações chatas, um bom

exemplo são meus primos que não trabalham e querem que eu os banque, porque o *papai* deles não dá dinheiro. Por que eu deveria ajudar dois marmanjos, de 23 e 25 anos, se consegui tudo o que tenho sem a ajuda de ninguém? Eles que lutem!

— Concordo plenamente. Você não tem obrigação nenhuma, até porque quem tem filho barbado é o camarão e o gato.

Felipe dá uma gargalhada, sem se importar com os olhares ao nosso redor. Uma covinha que eu nem sabia que ele tinha se formou no lado direito do seu rosto, deixando-o mais jovial. Ele deveria rir mais vezes.

— Essa foi muito boa. É exatamente isso. Porque se é para bancar alguém, cuidar ou ter qualquer tipo de responsabilidade, eu prefiro ter meu próprio filho. O meu desejo de ser pai começou com esse pensamento. Você acredita?

Rindo, respondo:

— Acredito. Esse desejo surge de inúmeras formas. Não é igual *pra* todo mundo. A minha vontade nasceu, de verdade, depois que minha irmã foi mãe. Ela tem dois meninos que se tornaram a minha vida. É incrível o amor que sinto por eles e comecei a pensar: se esse amor de tia é tão grande, imagina o de mãe? *Meu*, a partir daquele momento eu tive certeza do que queria.

— É muito louco tudo isso. Eu não convivo com crianças e, ainda assim, a vontade de cuidar de uma, de criar, formar, é bem forte dentro de mim. Quero ter a paz de saber que se algo acontecer comigo, eu sei que deixei um pedaço meu por aqui, que levará meu sobrenome, meu patrimônio, minhas conquistas. Consegue entender isso? Às vezes me pego pensando: será que serei um bom pai? Que fiz a escolha certa? Deveria ter esperado mais um pouco para formar uma família, com uma mulher e tal?

Estou assustada com a sinceridade de Felipe. Ele está se abrindo comigo de uma maneira que nunca pensei

que se abriria, não em uma primeira reunião oficial.

A sua reflexão sobre *deixar um pedaço dele por aqui*, caso alguma fatalidade aconteça, é algo que nunca passou pela minha cabeça. É profundo demais.

— Seu pensamento é de uma sensibilidade sem tamanho e seus questionamentos são normais. Eu me faço as mesmas perguntas, tenho as mesmas inseguranças, estranho seria se não tivéssemos tantas dúvidas. A pior parte *pra* mim é lidar com o julgamento das pessoas. Porque a sociedade não está preparada para acolher uma família com conceitos diferentes.

— Falou tudo, Raquel! — Sinto Felipe mais confortável do que há minutos e isso me deixa satisfeita. Nosso papo não poderia ser melhor. — Não tenho a menor paciência para responder àquelas perguntas: “por que isso?”, “por que aquilo?”, como se optar pela produção independente nos fizesse menos pai ou menos mãe.

— Felipe, estou chocada em como pensamos igual ou como temos os mesmos problemas. — Ele solta outra risada gostosa e leva um tomate cereja à boca. — Sua colocação é perfeita. É como se a nossa capacidade de cuidar de alguém fosse provada.

— É isso! O grande estalo para tomar uma iniciativa foi quando completei 38 anos, no ano retrasado. Não sei se vocês acham que a preocupação de que estamos envelhecendo não bate na cabeça dos homens, mas bate. Tentei encontrar nos braços de muitas mulheres, não preciso mentir para você, algo além da química, que me dissesse que “aquela” era a mulher com quem eu poderia formar uma família, mas tudo o que encontrei foram aproveitadoras que só me viam como um pedaço de carne com uma carteira cheia. Então, parei de procurar e desisti da ideia de conseguir o que eu queria de maneira tradicional.

Conhecer mais um pouco de Felipe é inspirador. A força, a convicção, a maturidade, é tão diferente do que imaginei, do que as revistas escrevem. Muito além de um rosto bonito, ele demonstra ter princípios e ideais muito fortes.

— Obrigada por compartilhar tanto sobre sua vida, Felipe. Ao contrário de você, não tive tantos relacionamentos e os que tive não chegaram a nada muito sério, a ponto de cogitar ter uma família. Daí, quando completei 35 anos e estava realizada profissionalmente, foi que a ficha caiu de que eu não poderia esperar mais e se não tomasse uma decisão, talvez meu maior sonho não pudesse se realizar.

— Fomos motivados pelo mesmo clique, Raquel. Não existe um botão para pausar a vida e se a gente espera demais nossos sonhos viram frustrações.

— Eu poderia fazer um quadro com esta frase.

— De vez em quando ganho uma grana sendo guru.

— Bem que poderia. O aplicativo já tem.

— Estou tentando falar sério aqui — ele brinca.

— Tudo bem, pode continuar.

O moreno respira fundo e retoma a seriedade de antes.

— Eu não queria continuar vivendo no achismo, com uma série de “e se” na cabeça. Com este pensamento em mente, dei o passo mais importante que eu poderia dar e o resto você já sabe.

— Ô, se sei.

— Nem tivemos chance de sermos chamados de pai e mãe solo, hein?

Rimos, porque é só o que nos resta.

— É verdade. Mas e o aplicativo? — questiono. — Você nunca tentou usar para seu próprio proveito? Quem sabe fingir que é um desconhecido.

Ele ri e balança a cabeça.

— Não, isso nunca. E você? Já usou o *Date Perfeito*? — pergunta, abrindo um sorriso malicioso.

— Uma vez tentei.

— Duvido!

— Sério! Mas foi há anos. Minha amiga, Vanessa, fez uma conta *pra* mim. Digamos que não funcionou.

— Apesar do sucesso, não quer dizer que sirva para todos.

— Pois é, me conformei.

— Vamos pedir o prato principal? Do jeito que estou falando, você não vai querer almoçar comigo nunca mais.

— Que nada! O papo está ótimo. Surpreendente, eu diria.

— Digo o mesmo, mas nós precisávamos disso. Quer queiramos ou não, vamos ter uma ligação para o resto da vida e não quero ficar cheio de dedos com a mãe do meu filho.

— Já percebeu que a gente só fala filho, filho... e se for uma menina? Tomara que ela não fique brava.

Ele se diverte com o meu comentário.

— Se for uma menina, ela será inteligente o suficiente para entender que estamos falando no sentido genérico.

— Está me chamando de burra? — É a minha vez de brincar e Felipe fica em choque, como se só agora tivesse percebido o que acabou de falar. — Eu estou brincando.

— Puta que pariu! — xinga e caio na risada. — Eu estou todo tenso aqui, tentando não fazer merda e você me zoa assim. Se Marcelo souber disso, vai me sacanear pelo resto da vida.

— Não vou contar. Juro! Só *pra* constar, eu sei que estamos falando no sentido genérico, ok?

— Sim, desculpe, não quis ofender.

— Não ofendeu, eu entendi seu ponto.

— Ufa!

— Vamos pedir o almoço e a gente continua conversando?

— Claro!

Felipe chama o mesmo garçom e pergunta se quero um prato específico ou se pode pedir para mim, respondo que ele pode escolher e logo voltamos para a nossa bolha.

— Sobre os exames de ultrassom — comento —, você vai querer ir em todos, mesmo? Pelo que o Dr. Arantes disse, serão três. Um no primeiro trimestre, entre a 7ª e 8ª semana de gestação, que é transvaginal e serve para ver se está tudo bem, além de acompanhar o batimento do bebê; outro no segundo trimestre, que será na barriga com aquele gelzinho, entre a 18ª e 24ª semana e é nele que, geralmente, conseguimos saber o sexo do bebê e a estrutura do feto; e, por último, no terceiro

semestre, que será próximo ao parto, na 34ª semana, por via abdominal também, que servirá para avaliar se o crescimento e desenvolvimento do bebê estão adequados, além da posição dentro do útero. A partir deste exame é que saberei se vou fazer cesárea ou normal.

— Por um momento achei que você fosse um robô.

Decorou isso tudo?

Reviro os olhos.

— Não, quando a informação é importante eu assimilo.

— Entendi. Definitivamente quero ir em todos.

— Depois do que ouvi hoje, imaginei que você iria querer participar assiduamente.

— Tem algum problema para você?

— Claro que não. Você tem direito.

— Tenho direito, mas não quero que seja um problema.

— Não é, Felipe. Fique tranquilo.

— Certo! Raquel, você será uma ótima mãe.

— Eu já sou.

— Sim, eu sei, mas... — Felipe se atrapalha. — *Porra*, desculpa! É que não estou acostumado a lidar com isso e nem foi minha intenção insinuar que você ainda não é mãe, eu que me enrolei...

— Ei, calma! Você precisa ficar menos tenso. Eu entendi perfeitamente o que você quis dizer, só tirei uma com a sua cara, *de novo*. Não esqueça que não sou uma dessas garotas que está acostumado a sair.

— Uiiiiii! Essa doeu, mas mereci.

— Falando sério, você também será um ótimo pai, Felipe. Nós dois temos um longo caminho a percorrer, mas vai dar tudo certo. Sempre dá! Vamos ver o lado bom dessa situação que nos colocaram e pensar que não

estamos mais sozinhos. É muito melhor e mais saudável pensar assim.

— Obrigado e você tem total razão. Afinal, se a vida nos deu limões, vamos fazer uma boa limonada.

— Perfeito! Estamos cheios dos ditados, já percebeu?

— A conversa com uma mulher inteligente segue outro nível.

Apenas sorrio e arqueio as sobrancelhas. De repente, me lembro de uma ideia que tive.

— Você se importa de me mostrar algumas fotos suas de quando era pequeno? Eu não teria essa vantagem com um doador anônimo, mas agora que te conheço, quero saber como era o pai do meu bebê quando criança.

— *Porra*, só se eu puder ver as suas. Vai ser foda! Não tenho tantas, mas dá para ter uma noção.

Humm... já vi que terei que tomar conta dessa boquinha suja perto do nosso filho.

— Mostro, sim! Vou marcar um almoço na minha casa e te chamo. Tudo bem *pra* você?

— Ótimo! É só chamar, enviar o endereço, que estarei lá.

No *timing* perfeito a comida chega e respiro, aliviada, pelo encontro não ter sido um desastre. A tensão acumulada por dias se dissipa dos meus ombros e aproveito a delícia que é a comida deste lugar, entre risadas e um bom papo com um cara extremamente inteligente. *Mas isto não vou admitir nem tão cedo.*



Capítulo 12

Raquel

Quarenta semanas depois

Um filme passa em minha mente, como um daqueles programas de retrospectiva da televisão. Tudo o que vivi ao longo de quarenta semanas, as emoções, sensações, vêm em um *flash*, uma fase que vou levar para sempre em meu coração.

Eu realmente pensei que estar grávida me limitaria a fazer muitas coisas. Achei que teria dores, desejos doidos,

pés inchadíssimos, mas tudo o que senti foi o desconforto da barriga crescendo, semana após semana. Se não fosse por isso, eu diria que nem parecia que estava gerando uma criança. Assisti a tantos vídeos e depoimentos, li tantas matérias, que esperei o pior.

Apesar de ouvir direto, inclusive de Renata, que cada gravidez é diferente e não há como fazer comparações, eu não imaginei que teria uma gestação tão tranquila. Tanto que só parei com os exercícios há poucos dias.

A clínica, conforme o acordado, vem dando todo o suporte necessário, inclusive, do meu acompanhamento psicológico. O Dr. Arantes sugeriu que tanto eu quanto Felipe fizéssemos sessões em dupla, a fim de lidarmos da melhor maneira com a situação atípica que nos foi imputada e, conseqüentemente, nos preparar para a chegada do bebê.

A princípio, achei que seria desnecessário, mas após alguns encontros com a psicóloga — que não é a mesma profissional que me consulto há anos —, Felipe e eu começamos a nos entender melhor, assimilando o papel de cada um na criação do nosso filho.

A minha psicanalista pessoal me deu a ideia de escrever um diário gestacional, mas como foi uma gravidez calma, me atentei aos momentos mais marcantes. Não dá nem para ficar chateada com uma constatação dessa, pois sei que fui agraciada.

Um dos episódios mais emocionantes foi quando fiz o primeiro ultrassom, com dez semanas de gravidez. O feto ainda era uma sementinha, só que um pouquinho maior.

Escutar o coraçãozinho do meu bebê pela primeira vez foi como se, enfim, minha vida fizesse sentido. Eu não conseguia parar de chorar, gritei de alegria, foi uma mistura de sensações e alívio por saber que estava tudo bem.

Com Felipe não foi diferente. Ele quis dar uma de durão, mas flagrei uma lágrima escorrendo em seu rosto e abri um sorriso em sua direção. Quem não conhece sua história nunca imaginaria que tem todo o jeito de ser um bom e dedicado pai.

Surpreendendo-me, ele pegou minha mão e a beijou. O gesto aqueceu meu coração já transbordante de tanto amor por ouvir aquelas batidas inesquecíveis. Ali, tivemos a consciência de que nossas vidas estariam interligadas por muito tempo.

Na vigésima semana fui realizar a ultrassonografia morfológica. Eu estava bastante nervosa, pois teríamos a chance de saber o sexo do bebê, mas poderia não acontecer. Era uma incógnita, devido à posição do feto.

Suspirei de alívio quando escutei, pela segunda vez, o coraçãozinho em alto e bom som. A diferença é que naquele dia eu conseguia ver o corpinho formadinho, braços, pernas, mãos, dedos, porém, ainda estava do

tamanho de um pimentão, segundo o comentário de Felipe. Eu ri, mas era verdade, a partir dali o bebê ganharia peso e cresceria mais e mais. Meu Deus, como chorei! Uma perfeição tão grande que só conseguia pensar quão abençoada eu era pela dádiva de gerar uma vida.

A emoção não me deixava, o choro constante motivado pelos hormônios latentes, o amor cada vez maior por aquele serzinho.

Recordo do olhar de Felipe, que estava sentado ao meu lado, vidrado no monitor enquanto ouvia o som ecoando por toda a sala. Os batimentos acelerados, o bebê se mexendo levemente.

— *Vocês estão com sorte* — o médico disse, tirando-nos do estupor.

— *Por quê?* — perguntei, sem desviar minha atenção da tela.

— *Porque já sabemos o sexo.*

Arregalei os olhos e só então virei para o Dr. Arantes.

— *Ah, meu Deus!*

Felipe pegou minha mão e a apertou, um carinho que tem virado hábito em momentos importantes. Ele estava tão ansioso quanto eu.

— *Os senhores terão uma linda e forte menina.*

Naquele instante, eu desabei de verdade.

Uma menina!

Só me dei conta de que estava sendo abraçada por Felipe, minutos depois de assimilar a notícia. Claro, eu o abracei de volta. Era uma alegria para nós dois, depois de passarmos por maus bocados.

— *Parabéns, mamãe!* — ele sussurrou e virei uma confusão de risada e choro.

— *Parabéns, papai!*

— *Se ela for parecida com a mãe, estarei satisfeito.*

Não tive tempo de reagir ao seu comentário, pois o médico começou a falar sobre cuidados redobrados com a minha pele, que eu tinha que usar óleos corporais para prevenir o aparecimento de estrias etc. e tal, tirando as palavras da minha boca.

— *Já podem começar a pensar em um nome* — Dr. Arantes finalizou.

Tantos passaram na minha cabeça, mas freei os pensamentos. Afinal, eu não estava sozinha naquela aventura. Mal sabia as discussões que Felipe e eu teríamos por causa disso, semanas depois.

Entretanto, naquele dia, naquela hora, esvaziei a minha mente e só pensei na minha querida e amada filha. Tão pequenina, tão frágil, e já era a dona do meu coração.

Eu imaginei que haveria tipo um pódio para momentos especiais durante a gestação, mas percebi que todas as descobertas, os exames, a curtição da gravidez, tudo era único. Não havia mais ou menos especiais. No

entanto, quando o assunto é o parto, que acontecerá dentro de uma hora, acredito que, aí sim, a experiência será transcendental.

Nem preciso dizer que as mulheres da minha vida — dona Cecília, Renata e Vanessa —, assim como meu pai e Marcelo, estavam esperando do lado de fora do consultório. Quando Felipe e eu saímos da sala, todos aguardavam a grande notícia. Olhei para o pai da minha filha, ele olhou para mim, e dissemos juntos:

— *É menina!*

A clínica ficou pequena de tantos gritos e abraços estapeados, daqueles que os homens dão um no outro e parece que estão se esmurrando.

Logo minha mãe e Renata organizaram o Chá de Bebê, que foi lindo com o tema de bailarina e fiquei toda boba imaginando minha filhinha fazendo piruetas. Em uma conversa com Felipe, decidimos não fazer chá de

revelação, afinal, as pessoas que mais importavam já sabiam, então achamos desnecessário.

Mais uma coisa que precisei aprender ao longo dos meses: dividir minha opinião e tomar decisões em conjunto com o pai da minha filha. Não foi fácil, e continua não sendo, mas como tudo na vida é questão de hábito e necessidade. Não posso me dar ao luxo de agir sozinha, não quando Felipe faz parte da equação.

Eu comentei superficialmente sobre os meus hormônios, mas preciso deixar registrado que eles não me deixaram em paz por um bom tempo. Meu Pai! Fiquei sensível, sexualmente frustrada, subindo pelas paredes, exatamente como minha mãe e Renata disseram, mas não cometi nenhuma loucura. Bom, não muito.

Nas vezes em que Felipe aparecia na minha casa, com o objetivo de saber como eu estava ou me buscava para nossas sessões com a psicóloga, inconscientemente eu chegava mais perto só para sentir seu perfume ou

aproveitava quando ele me cumprimentava. Um cachorro no cio, foi exatamente como me senti no auge da excitação.

Por falar em Felipe, nossa relação tem sido de altos e baixos. Ora concordamos, ora discutimos, mas nada muito grave. Eu já sabia que isso aconteceria porque temos pensamentos divergentes e a diferença de um casal normal para nós dois é que não tivemos escolha da nossa posição.

Nós nos comunicamos bastante por mensagens, pois criamos uma amizade e todas as noites ele faz questão de me perguntar se estou bem. Sua preocupação tomou uma proporção maior quando precisei ir ao hospital às pressas, há mais ou menos um mês.

Senti dores fortes na região do abdômen e não pude contar com a ajuda da minha família, porque estavam em um Cruzeiro e Vanessa, em um encontro. Minha única opção foi ligar para o Felipe e em trinta minutos ele chegou

a minha casa, esbaforido e em pânico. Rapidamente me colocou em seu carro esportivo e me levou ao hospital mais próximo.

Lembro como se fosse hoje...

— *O que você está sentindo?*

— *Umas pontadas fortes no lado direito* — respondi, fazendo uma careta.

— *Por acaso, houve sangramento?* — perguntou e percebi que os nós dos seus dedos estavam brancos de tanto apertarem o volante.

— *Não, só estou sentindo dores.*

Ele pareceu relaxar.

— *Não será nada de mais, Quel* — disse, olhando para mim quando paramos no sinal vermelho, deslizando a mão direita em minha barriga. — *Está tudo bem com a nossa filhinha.*

Em algum momento dessa nossa aventura — porque não poderia chamar de outra coisa — ele começou a me chamar de *Que!* e não senti vontade de corrigi-lo. Eu sabia que era uma forma carinhosa como um amigo trata uma amiga, sem segundas intenções. O que me deu a liberdade de chamá-lo de Fê.

Toda vez que Felipe “conversava” com o bebê ou passava suas mãos em meu ventre protuberante, uma paz me invadia. Não só a mim, mas à minha filha também.

Ao chegarmos ao hospital, após diversos exames, descobrimos que era um alarme falso e que se tratava de uma simples cólica intestinal, ou seja, estava cheia de gases. Nunca esquecerei como meu rosto ficou vermelho diante das palavras do médico:

— *Evite comer repolho, nabo, ervilhas, pois são alimentos que provocam gases. Beba bastante água e use roupas confortáveis.*

Sei que posso parecer exagerada, mas minha dignidade se perdeu em algum lugar naquele dia.

Após o susto, Felipe me levou de volta para casa e, pela primeira vez, dormiu por lá, pois queria se certificar de que eu estava realmente bem. Não pude escapar de ouvir que se eu morasse mais perto da capital, seria melhor, que ele poderia me socorrer com maior agilidade. Até hoje ouço seu burburinho quanto a isso, porém, me faço de desentendida.

Eu amo a minha casa. Uma casa que comprei com muito suor e não me vejo tão cedo em outro lugar. Tenho noção de que fica um pouco distante do burburinho da capital, da clínica, dos melhores hospitais, mas é quase o mesmo tempo que eu ficaria agarrada no trânsito da grande cidade. Então, cedi ao pedido de Felipe de ficar em seu apartamento nas primeiras semanas.

Mais uma coisa que aprendi: é preciso ceder.

Minha mãe disse que eu poderia ficar na casa dela, e é mais do que óbvio que seria muito confortável para mim, porém, o pai da minha filha também quer ter contato com ela, viver a mesma experiência que eu e não poderia tirar isso dele. Então combinamos que eu ficarei por lá nas primeiras semanas. Será até bom porque eu contrataria uma ajudante e com Felipe poderei postergar o planejamento. Até porque pretendo retornar ao trabalho o mais breve, mesmo em dias alternados.

Por falar em trabalho, que pensei que não fosse conseguir conciliar, não só conciliei como ajudei a montar uma campanha para gestantes. O sucesso foi arrasador.

Com isto, a RaVa subiu mais um degrau. Recebemos elogios e agradecimentos de toda a parte, muitas mulheres nos procuraram dizendo que revolucionamos o mercado das “mamães”, pois unimos moda, maternidade e sensualidade. Afinal, só porque uma mulher está grávida, não pode se vestir como bem quer?

A ideia partiu da minha necessidade em encontrar roupas bonitas e elegantes, que não me deixassem como um balão. A dificuldade foi tanta que resolvi desenhar alguns modelos e pedi para as costureiras da loja confeccionarem para mim. Não deu outra. Assim que as peças ficaram prontas, Vanessa me olhou, eu olhei para ela... Ali nasceu a *Mamãe RaVa*, um departamento exclusivo para as *gravidinhas*.

Tenho quase certeza de que todas essas lembranças fazem parte de uma tática da minha própria mente para que eu possa relaxar. Eu estava tranquila pela manhã, tomei um bom café da manhã, preparei um banho de rainha, mas quando deu o horário de vir para o hospital, o nervosismo veio junto.

Felipe fez questão de me trazer, pois há um tempinho parei de dirigir — muito mais para proteger meu bebê do que por limitação —, e demos entrada na maternidade. Meus pais, Renata e Fernando, além de

Vanessa e Marcelo já estavam me esperando e, desde então, precisam revezar para entrar no quarto. Mesmo faltando quarenta minutos para o parto, o povo não quis arriscar.

Após falatórios diversos da minha mãe dizendo que não preciso ficar com medo, Renata falando que a anestesia “raqui” é tranquila, Vanessa pedindo para Felipe tirar muitas fotos, finalmente me encontro sozinha, apenas aguardando minha ida para o centro cirúrgico.

Há alguns dias eu soube que faria uma cesariana. Em um dos últimos ultrassons descobrimos que o bebê virou e está sentado. Esperei para ver se viraria novamente, mas a menina já parece geniosa, com os bracinhos cruzados, sem pressa, como se estivesse rindo da própria mãe.

Minha barriga está tão grande, que Vanessa me fez posar ao lado de uma melancia para fazer uma brincadeira e, claro, tirar várias fotos. Por ser muito magra, o volume se

destaca e dependendo do vestido — a peça que mais usei nos últimos nove meses — fica maior ainda. E não é só isso. Meus quadris estão mais largos, os seios cheios, pesados, e com a graça de Deus meu nariz não inchou como pensei. Quando digo que fui agraciada, não estou brincando.

Felipe foi tomar um café, pois vai acompanhar o parto. Nunca duvidei que faria isso, mas cheguei a pensar que ele titubearia quando chegasse o grande momento. Pelo contrário, o cara está ansioso para assistir, tanto que pelas minhas contas já bebeu mais de quatro copinhos de café. Eu disse que isso só o deixaria mais ligado e que seria melhor tomar um chá — prefiro mil vezes —, mas como já esperado, ele não quis me ouvir.

Até agora não conseguimos definir um nome para a nossa filha e isso tem me estressado demais. Ele queria homenagear a avó, eu queria homenagear a minha... Por

fim, decidimos que o nome vai surgir quando virmos o rostinho da neném.

Felipe tem andado um tanto nervoso também, não só pela chegada da filha, mas porque a mídia resolveu ficar em cima dele há algumas semanas. Depois de seu aplicativo ganhar um importante prêmio no meio da tecnologia, as festas e entrevistas não param, e, como não poderia faltar, as revistas de fofocas cobriram passo a passo do empresário.

Eu não queria ter sentido o que senti ao ver a manchete de uma dessas revistas. Sei que há muitas mentiras, invenções, mas encarar Felipe na capa, com uma mulher exuberante, magérrima, que mais parecia a Gisele Bündchen, me afetou mais do que eu gostaria.

Desde então, venho guardando aquele ranço, um descontentamento, e tenho quase certeza de que tenho descarregado minhas frustrações nele, mas claro, coloco a culpa nos hormônios.

Não é bem uma mentira e, pensando racionalmente, só pode ser culpa dos hormônios, mesmo! Por qual motivo eu me sentiria incomodada? Ele não é meu namorado, está solteiro, livre, desimpedido, assim como eu. A diferença é que ele continuou saindo com quem queria, pois não tinha um peso extra para carregar para cima e para baixo. Já eu, se pensasse em sair com um barrigão desse tamanho, diriam que sou uma promíscua, irresponsável e blá-blá-blá.

Imagino que o motivo de estar um pouco confusa é que Felipe foi um grande parceiro durante todo esse tempo e, obviamente, acabei me acostumando mal. Ele cuidou de mim como meus namorados jamais cuidaram. Não só pelo fato de ser o pai da minha filha, mas porque dava para ver que era da sua essência.

O que me confunde também são os olhares que me direciona quando pensa que não estou vendo, uma espécie de veneração, admiração, ou quando acariciava minha barriga até receber um chute, o que nos arrancava suspiros

e risadas, ou ainda quando cantava ou conversava com a bebê... pequenos detalhes que vão se infiltrando dentro de mim, mas que venho me esforçando para preservar meu coração.

Com certeza é melhor continuarmos como estamos. Misturar as coisas não vai trazer nada de bom, afinal, Felipe já cansou de dizer que não tem perfil para compromissos, por mais que eu discorde. Acredito que seja apenas questão de querer e de encontrar uma pessoa compatível.

— Raquel? — A voz da enfermeira preenche o quarto.

— Oi! — respondo e encaro a senhora que vem cuidando de mim desde cedo.

— Em vinte minutos vamos te preparar para subir, tudo bem?

— Tudo bem.

— Está nervosa? — pergunta.

— Um pouco.

— Você vai ver como será tranquilo.

— Amém!

— O pai vai assistir, não é?

— Sim. Ele foi tomar um café.

— Ótimo. Daqui a pouco retorno.

Aceno com a cabeça e ela sai novamente.

Olho para o teto e respiro fundo, pedindo a Deus que dê tudo certo, pois agora é para valer!



Capítulo 13

Felipe

Não consigo parar de andar para lá e para cá. O café foi apenas uma desculpa para pegar um ar e uma tentativa de afastar o nervosismo. Saber que daqui a alguns minutos minha vida vai mudar completamente me deixa extremamente inquieto. Porém é uma inquietude normal, saudável e muito bem-vinda. Estou louco para ver o rostinho da minha filha, segurá-la em meus braços e

praticar o que aprendi no curso que Raquel e eu fizemos, bancado pela clínica.

— Calma, Felipe! — Marcelo exclama, fazendo-me parar.

— É verdade! Isso só vai piorar a sua ansiedade. Vai dar tudo certo e logo a nossa *bebezona* estará por aqui, se esgoelando de tanto chorar — Vanessa complementa.

Rindo, respondo:

— Eu sei, mas vai além de mim. Para onde foram os pais da Raquel?

— Comer alguma coisa. Dona Cecília não parava de falar e Renata decidiu sair com eles — a morena responde.

— A Quel está sozinha?

— Sim, a enfermeira disse que daqui a pouco ela entra no centro cirúrgico.

— Você vai junto com ela, não é? — a amiga pergunta, desconfiada e protetora.

— É claro! Só estou aguardando me chamarem.

Nesse tempo todo adquiri uma amizade com Vanessa e a família da mãe da minha filha. Conheci os sobrinhos da Quel, a irmã, o cunhado, a mãe, o pai, e posso dizer que estar cercado por pessoas que nos amam é o sonho de consumo de muita gente. Eles são unidos, fazem tudo um pelo outro e é impossível não recordar dos meus próprios pais. Os dois não mediam esforços para me dar o melhor e me ver feliz.

A tristeza tenta me abater por saber que eles nunca conhecerão a minha herdeira, mas ao mesmo tempo uma paz me invade por estar seguindo em frente com ensinamentos que ambos me proporcionaram enquanto eram vivos. Hoje os carrego dentro de mim e isto me conforta.

— Irmão, você vai dar conta do recado! — Marcelo enfatiza. A única pessoa que considero como família, mas

sei que a partir de hoje isso também vai mudar. — Daqui a pouco vou conhecer a minha sobrinha, *porra!*

A vibração do meu melhor amigo me faz sorrir e o abraço. Aquele tipo de abraço que Raquel se espanta, mas que Marcelo e eu estamos acostumados.

— Obrigado, irmão! — respondo, afastando-me para voltar ao quarto com as baterias renovadas. Olhando para Vanessa, abro um sorriso e digo: — Daqui a pouco virei anunciar a grande notícia.

— Já estou pronta, querido. Agora vai lá e tranquilize a minha amiga.

Finjo um cumprimento militar.

— Sim, senhora.

A morena revira os olhos e solta uma risada baixa.

De repente, me recordo de quando apresentei Vanessa a Marcelo. Meu amigo ficou boquiaberto com a beleza da mulher. Quando Raquel me disse que a amiga

tinha quarenta anos, eu não acreditei. Eu daria, no máximo, trinta e cinco. É claro que, desde então, Marcelo tenta jogar seu charme para cima dela, entretanto, a morena é tão osso duro de roer quanto a sócia.

Ao chegar ao quarto, sou surpreendido com a movimentação de enfermeiras colocando Raquel em cima de uma maca.

— Já está na hora? — pergunto.

— Sim. O médico que vai operá-la já está aguardando — uma delas responde.

— Graças a Deus! Acho que vou demorar a me acostumar sem esse peso todo, mas olha, será um alívio! — a mãe da minha filha brinca, passando as mãos na barriga saliente e as enfermeiras começam a rir.

Meu sangue gela e a ficha finalmente cai. Chegou o grande momento.

Putá que pariu!

Olho para a pessoa com quem tenho convivido há nove meses, memorizando cada detalhe que foi se transformando em seu corpo, no rosto, o seu sorriso, a maneira de lidar com as adversidades, o quanto ela me ensinou sem nem mesmo ter noção de que o fazia. Tudo isso me provando que é uma mulher sem igual. Batalhadora, humana, honesta, geniosa, com uma beleza diferenciada.

Por falar em geniosa, apesar de espernear, consegui convencê-la a ficar em minha casa nas primeiras semanas. A cabeça-dura é teimosa. Ela sabe que meu apartamento é mais próximo do nosso médico e de um bom hospital, tem um quarto só para ela e outro da nossa pequena, além de ser mais fácil para revezarmos os cuidados. Eu nunca deixaria que ela cuidasse do bebê sozinha. Se toda essa confusão não tivesse acontecido, eu teria que me virar, não será diferente agora.

Dona Cecília fez um drama, pois pensou que a filha ficaria, pelo menos nas primeiras semanas, com ela. Então para unir o útil ao agradável, eu a convidei para visitar meu apartamento quando quisesse. Tenho certeza de que ela tem muito a nos ensinar e Raquel, sem que eu esperasse,

me deu um abraço de agradecimento. É claro que eu não afastaria a filha de uma mãe em um momento importante como esse.

Ao longo dos meses pude conhecê-la melhor e apesar de se mostrar durona, forte e inabalável, Raquel é uma mulher sensível, feminina e que tem seus rompantes de insegurança. Nas últimas semanas, o peso da barriga já não permitia que andasse normalmente, mas ainda assim não parava quieta. Por ser muito magrinha fiquei até com medo que entortasse a coluna toda. Ela ficou uma grávida que só têm barrigão, então olhando de costas, nem parece uma gestante.

Minhas visitas à sua casa aumentaram gradativamente e percebi que isso aconteceu porque pouco a pouco ela foi confiando em mim, me permitindo conhecer quem era de verdade.

Passei a saber quando dizia a verdade ou quando estava brincando; quando estava com algum incômodo, mas preferia ficar quieta a dar trabalho para alguém; quando estava chateada, mas fingia que estava tudo bem.

Foi assim que descobri — um dia após aparecer na manchete de uma revista de fofocas com uma amiga — que algo estava errado. Nós nunca conversamos sobre nossos relacionamentos, mas pela fama que a mídia apresenta a meu respeito, acredito que Raquel não tenha pensado o melhor de mim. Esse tipo de burburinho é a parte ruim de ser conhecido, porém, tenho completa noção de que isso faz bem para os negócios, pois ao saberem que sou o dono do *Date Perfeito*, os acessos aumentaram. Segundo meus *marqueteiros*, isso tem a ver com a necessidade que as pessoas têm de dar um rosto ao produto.

Posso estar sendo arrogante por cogitar que ela ficou chateada comigo, mas eu sei o que vi e senti quando nos encontramos no dia seguinte. Estava extremamente irritada, fazendo piadinhas do tipo: “ah, quando sair daqui, você já tem o que fazer, não é?”, “ser homem tem suas facilidades nessas horas”, “pode levar uma marmita para

casa, aposto que terá companhia”. A princípio, não compreendi suas indiretas, mas ao chegar em meu apartamento, refleti em suas ações e o que poderia ter causado toda aquela animosidade repentina e a compreensão me atingiu em cheio quando me lembrei da matéria.

Não dei muita bola para aquilo, pois sabia que tinha a ver com seu temperamento aflorado pelos hormônios, era o que vivia dizendo para mim. Se eu fizesse perguntas ou sequer brincasse que estava com ciúme, ou algo parecido, aí eu estaria em apuros. A mulher sempre vem com discursos fortes contra o machismo, racismo, desigualdades, e eu a admiro ainda mais por ter argumentos bem fundamentados, porém, prefiro não ficar perto quando está irritada. Aquela ali é *porreta*, como diria um camarada nordestino.

Não foi nada fácil ter que conviver com uma mulher atraente como ela, sabendo que meu bebê, sangue do meu

sangue, estava em sua barriga perfeita. A cada encontro, Raquel estava mais linda, vestida de maneira impecável, mantendo seu estilo próprio. A aura de plenitude a deixou deslumbrante.

Óbvio que a parte física chamou, e muito, a minha atenção. Perdi as contas das vezes em que desejei afundar meu rosto em seus seios cheios e empinados, e mordiscar aqueles mamilos duros que hora ou outra despontavam pelo tecido fino dos vestidos que usava constantemente. A tentação aumentava quando usava top e calça de academia.

Os lábios largos pareciam cada vez mais convidativos, os cabelos grossos estavam crescendo e, *porra*, eu tenho um fraco por cabelos compridos. Toda vez que a via sentia que me faltava o ar, muito além do que já senti ao ver uma mulher. E agora, neste quarto, estou com a mesma sensação.

Apesar de achá-la uma das mulheres mais lindas que conheço, tanto externa quanto internamente, eu cumpri minha palavra e fui respeitoso ao máximo durante todo o processo de gestação. Queria fazer dar certo sem enfiar os pés pelas mãos, *ou enfiar outra coisa que depois me arrependesse*. O que está em jogo é algo muito maior do que um forte desejo, é a nossa filha. Foi por ela que nos conhecemos e é por ela que abrimos mão dos nossos planos.

Depois que vi o meu bebê naquela ultrassonografia morfológica pela primeira vez, mexendo as mãozinhas, os pezinhos já formados, ainda bem pequenino, a emoção foi indescritível. Logo em seguida soubemos que seria uma linda menina. *Porra*, como vibrei!

A Quel sorriu para mim, e posso jurar que foi o sorriso mais bonito que já vi em toda minha vida, eu sorri para ela, abraçando-a sem nem pensar no que estava

fazendo. Só precisava agradecê-la por estar realizando meu sonho, ainda que fosse o seu também.

A partir daquele dia, meu foco se voltou para acompanhar cada passo da gravidez e, apesar de ter certeza de que Raquel imagina o contrário, não saio com uma mulher há quase cinco meses. Não que eu não tenha pensado em fazer loucuras, afinal, nunca havia passado mais de duas semanas sem transar, mas, por incrível que pareça, fiquei com a cabeça tão ligada no trabalho — o resultado deste esforço veio através de um prêmio que almejei por bastante tempo — e nos novos planos paternos que não tive vontade de procurar outros prazeres. Além do fato de que, ultimamente, não tenho tido muita sorte para encontrar pessoas bacanas e desencanadas, e a conversa com Raquel é sempre tão boa que eu tenho certeza de que a compararia com todos os meus encontros.

— Está tudo bem? — ela pergunta, arrancando-me dos meus pensamentos, enquanto as enfermeiras a levam

na maca e eu as sigo até o elevador.

Sorrio e afasto uma parte da franja crescida que cai em seu olho.

— Está tudo ótimo! E com você?

— Um pouco nervosa.

Ao entrarmos no elevador, me curvo um pouco para falar em seu ouvido:

— Você é incrível, Quel. Com certeza vai tirar de letra e eu estarei ao seu lado, caso precise de qualquer coisa.

— Obrigada, Fê. Promete que não vai filmar minha barriga toda aberta? Porque olha...

— É claro que não vou fazer isso, se você já me deu esse aviso um milhão de vezes.

— Estou falando sério.

— E eu também.

As portas se abrem e antes de a levarem para um local de acesso restrito, uma enfermeira fala comigo:

— Sr. Felipe, a partir daqui a Raquel vem com a gente e a Christiane o acompanhará até uma sala para trocar de roupa.

— Tudo bem — respondo.

— Até daqui a pouco — a morena de grandes olhos castanhos e lábios largos diz para mim.

— Até daqui a pouco — repito e beijo sua testa.

Não tenho tempo de assimilar o que acabei de fazer antes de Raquel sair da minha vista e ser levada para o centro cirúrgico. Foi tão natural, que só agora percebo quão íntimo o gesto foi. Chamá-la pelo apelido e segurar sua mão não significaram nada em comparação a este ato. Só pode ser efeito da adrenalina combinado com a expectativa de receber minha filha.

— É por ali. Vamos? — a enfermeira chama a minha atenção, e eu a sigo, sem conseguir pronunciar quaisquer palavras, assustado demais com tudo o que estou sentindo.

Só me resta jogar a preocupação para longe e focar no que realmente importa: meu bebê está chegando!



Ao entrar no centro cirúrgico, todo de azul, com uma touca na cabeça e uma máscara cobrindo nariz e boca, encontro Raquel deitada com um cateter no braço direito, recebendo medicações.

Deixo minha câmera profissional pendurada no pescoço e me encaminho até ela.

— Cheguei! — sussurro, sentando em uma cadeira que disponibilizaram para mim, ao lado da cama.

— Oi! Estamos quase lá, hein — ela fala e sorri, parecendo bem mais calma que antes.

— Quase, quase!

O médico me vê e acena para mim.

— Bem, o pai chegou. Podemos começar.

Meu coração nunca bateu tão rápido. Minha boca de repente ficou seca e é como se a máscara dificultasse a entrada de ar. Respiro fundo e só então percebo que estou sendo observado.

— Você está bem? — Raquel questiona, com o cenho franzido.

— Sim, não se preocupe comigo.

Ela estende sua mão esquerda para que eu a pegue e é o que faço.

— É claro que preciso me preocupar. Se você cair duro aqui, não vai ter ninguém *pra* me fotografar.

A filha da mãe está tirando onda com a minha cara! Solto uma risada, acompanhado por ela, e toda tensão de minutos atrás se dissipa.

— Obrigado — agradeço, e aperto sua mão de leve, compreendendo sua tática.

— Estamos juntos nessa, *papai*.

A forma como me chama de “papai” me aquece todo por dentro e não sei por quanto tempo estou encarando seu belo rosto, mais alvo do que o costume, porém, não menos fascinante. A maternidade consegue deixar uma mulher bonita extremamente linda. O brilho, a luz, a alegria, é inebriante.

Não entendo como há tantas mulheres que ficam com a autoestima lá embaixo porque engordaram alguns quilos. É apenas uma fase, mas a experiência é única, pelo menos é o que eu penso e não sou maluco de compartilhar com Raquel, que na certa diria que sou homem e não sei de nada sobre o corpo feminino, como é incômodo etc. e tal.

— Bisturi.

O comando do médico me tira do estupor e me levanto em um pulo.

Putá que pariu!

Não posso perder um minuto deste momento e estou aqui babando em cima de Raquel. Constrangedor, no mínimo!

— Ainda bem que não estou sentindo nada — Raquel murmura para o médico, um pouco aérea e sorridente, com certeza sob efeito da medicação.

Aproveito para tirar várias fotos do seu rosto e então começo a filmar. A sala, a interação entre o médico e Raquel, viro a câmera e dou um tchau, dizendo rapidamente:

— Vai começar!

— Ainda bem, mamãe — o obstetra, que conhecemos a dias atrás, comenta e ri. — Vou começar agora, tudo bem? Qualquer desconforto, avise.

— Pode deixar, doutor. Vamos lá que eu *tô* louca *pra* ver a minha filhinha com carinha de joelho.

Impossível não rir depois dessa, mas continuo filmando. Riremos muito disso depois. Em uma das nossas conversas, compartilhamos a mesma opinião de que nos primeiros dias os bebês não são tão bonitinhos como os pais, babões, acham. Com isso em mente, falei o que muita gente pensa sobre recém-nascidos, mas não tem coragem de explanar: todos nascem com carinha de joelho.

Naquele dia a gente riu *pra* caralho porque ela concordou, comentando que uma vez foi visitar uma funcionária que tinha acabado de ter filho e a mulher não parava de dizer: “não é a coisinha mais linda do mundo?”. Raquel contou que apenas assentiu, mas que por dentro ficou pensando por qual motivo todos os bebês nasciam com carinhas de joelho.

Neste instante, ela continua rindo, entretanto vejo lágrimas rolando e dou *zoom* na câmera. A diversão dando lugar à emoção nua e crua, chegando até mim. Simplesmente contagiante!

No final das contas, carinha de joelho ou não, é o serzinho mais precioso do mundo e será a nossa maior e mais linda obra-prima.



Capítulo 14

Raquel

Não consigo controlar o choro que começou de repente. É uma sensação indescritível saber que em alguns minutos conhecerei meu bebê, minha menina.

Estou um pouco letárgica por conta da medicação, mas não dopada. Foi bom porque amenizou o pânico que me deu ao não sentir minhas pernas. Para não ficar

pensando nisso, estou focando apenas no lado bom de tudo isso. Na recompensa após todo o sacrifício.

Felipe parece aqueles pais babões, não para de tirar fotos e acredito que seja um escape também. Pensei que fosse cair duro no chão quando começou a hiperventilar e logo fiz questão de intervir com uma brincadeirinha.

É incrível como temos sintonia, pensamos parecido, dispomos de ideias semelhantes, porém o que nos difere é que ele é avesso a compromissos e gosta de curtir diversas companhias, enquanto eu sou mais devagar nesse quesito.

O empresário diz que não serve para relacionamentos, que não se vê sendo um namorado ou marido, mas durante esse tempo todo me mostrou o contrário. Eu convivi com ele e vi o quanto é dedicado, paciente, tem um bom papo. Tudo bem que posso ser exceção, pois sou a mulher que está gerando sua filha,

mas ele não conseguiria fingir por tanto tempo ser uma coisa que não é.

Esse tempo com Felipe foi maior do que alguns namoros que tive e posso dizer que nossa relação se estreitou de uma maneira um tanto inesperada.

Neste momento, observando-o com cuidado, o olhar que me lança, o sorriso que me conforta, recordo do toque suave de sua mão tirando meu cabelo do rosto, o beijo que deu em minha testa antes que eu entrasse no centro cirúrgico, tudo isso me confunde demais.

Ele é o pai da minha filha, apenas isso, é o que me digno a pensar todas as vezes em que teimo divagar por outros caminhos.

Minha filha. Meu Deus, nem acredito que o meu maior sonho está prestes a se tornar realidade!

O choro vem mais forte quando o Dr. André diz que vai começar a cirurgia. Ele tem dado todo o suporte nos

últimos dias, fazendo com que tanto eu quanto Felipe adquiríssemos confiança em seu trabalho.

Na sala, uma música clássica começa a tocar e eu me sinto nas nuvens, respirando fundo, apreciando o som. Eu nunca poderia imaginar que este momento seria tão poético, tão lindo, tão... não há palavras suficientes para explicar.

— Já começou? — pergunto, com emoção exalando de todos os poros.

— Sim, mamãe — o doutor responde, e mesmo de máscara os olhos denunciam que está sorrindo.

A melhor coisa que fiz foi decidir pela cortina transparente no lugar do tradicional pano que cobre a visão das mulheres, o chamado campo cirúrgico. O bom é que o parto fica mais humanizado e é realizado nos principais hospitais e maternidades de São Paulo, então não tive tanta dificuldade para encontrar um lugar. Assim, poderei

ver o bebê na hora exata do nascimento, o que antes só acontecia em partos normais.

Quis muito isso porque a cesárea não foi escolha minha, então não queria perder um segundo sequer da chegada da minha bebezinha. Queria ser a primeira e não a última a vê-la.

— Ah, meu Deus! — exclamo, e meu coração bate descompassado.

Felipe senta ao meu lado e pega minha mão. Apesar do gesto ser o mesmo que compartilhamos outras vezes, a circunstância é diferente, e é superdimensionada por tudo o que estou sentindo. Eu pedi que ele não tirasse fotos da minha barriga durante a cirurgia porque, convenhamos, eu nunca teria coragem de me ver desse jeito e prontamente respeitou meu pedido.

— Estão gostando da música? — o Dr. André quer saber.

— Muito — declaro.

— Sim, é bem relaxante — Felipe comenta.

— É de um compositor checo chamado *Antonín Dvořák* e o título desta canção é *Songs My Mother Taught Me*, que em português quer dizer Canções Que Minha Mãe Me Ensinou.

— Nossa, que lindo! — Mais lágrimas escorrem pelo meu rosto. — Obrigada, doutor. Nunca me esquecerei dela.

— Apenas apreciem, a *pequenina ainda sem nome* está chegando.

Solto uma risada, porque é realmente inacreditável que não tenhamos um nome nesta altura do campeonato. No final das contas, gostei da ideia de esperarmos para ver seu rostinho e então escolhermos um. É mais democrático, digamos assim.

Desse modo, Felipe e eu ficamos aguardando, de mãos dadas, ele sussurrando que a nossa menina será

linda, cheia de saúde, que já sou uma mãe maravilhosa, eu dizendo que será um pai incrível, que não vou deixar que fale palavrões perto dela — ele solta uma gargalhada, mas diz que vai manejar —, mas paramos de falar quando o médico chama a nossa atenção.

— Papai, pode se preparar para a foto.

Todos os pelos do meu corpo se arrepiam e a mão de Felipe, tão gelada quanto a minha, me pressiona de leve.

É agora!

Em um segundo ele está de pé, com a câmera a postos.

E, então, eu a vejo.

Meu mundo para.

Atônita, meus olhos não a abandonam, acompanhando cada detalhe, o médico a colocando de cabeça para baixo e alívio me invade por completo quando

o choro fino ressoa por toda a sala. No instante em que o Dr. André, através da cortina transparente, a ergue para que eu possa vê-la, eu desmorono de vez.

— Olhe que *bebezão*, mamãe! Parabéns, papais!

— Ah, minha filhinha! — falo, em meio ao choro. —
Minha filhinha!

Estou louca para pegá-la no colo, mas sei que eles precisam prepará-la. Ao olhar para Felipe, percebo que ele está com a câmera apontada para mim, as lágrimas caindo em seu rosto, molhando a barba aparada.

Chegando perto, diz:

— Ela é perfeita, Quel. Parabéns, querida!

Não tenho tempo de respondê-lo ou de absorver a parte do “querida”, pois uma das enfermeiras chega ao meu lado e traz um pacotinho nos braços.

— Olha quem chegou, mamãe.

— Ah, meu Deus! — Já perdi as contas de quantas vezes exclamei esta mesma frase desde o início do parto, mas é só o que consigo balbuciar. É emoção demais, minha gente!

Eu a pego nos braços, o medo de segurá-la da maneira errada tentando me limitar, mas não deixo que isso se imponha sobre mim. Respiro fundo e a trago para o meu peito. Por ainda estar deitada, não consigo apoiá-la adequadamente, então a enfermeira fica à minha direita e Felipe à esquerda.

Observo as mãozinhas pequeninas, abrindo e fechando, a boquinha perfeita fazendo um “O”, os olhinhos fechados, como se não quisesse sair da sua soneca. Que perfeição, meu Deus!

Chega a ser inacreditável que eu tenha gerado algo tão belo, mais parece um anjo, um milagre.

Ouçoo os cliques da câmera e sei que estou sendo fotografada. As lágrimas não param de escorrer pelas

minhas bochechas e sorrio na direção de Felipe, o próprio sorriso refletindo o meu, a felicidade estampada em sua mais plena forma.

— Vem cá — chamo-o, mesmo sabendo que ainda teremos bastante tempo para admirarmos nossa filha. — Vem ver como ela é linda.

Ele estava respeitando meu momento e o meu carinho por ele, neste instante, aumenta consideravelmente.

Felipe se curva, deixando a câmera em cima da cadeira, e foca sua atenção no pacotinho em cima do meu peito. Ele desliza um dedo pelo bracinho fino do bebê e não se contém quando um soluço sai de sua garganta.

— Tão linda... E não tem nada de carinha de joelho.

Eu não aguento seu comentário e nós dois começamos a rir. Até a enfermeira não consegue segurar a risada.

— Não, ela é tão especial que não tem carinha de joelho — declaro, fascinada.

— Acho que nos tornamos os famosos pais babões, superprotetores que viram uma fera quando falam mal dos seus filhos.

— Não tenho a menor dúvida — respondo, sem parar de sorrir e admirar minha menininha.

— Sofia... — Felipe balbucia.

— O quê?

— Ela tem cara de Sofia. — E como se saísse de um transe, ele me olha. — Desculpe, só...

Olho para a pequenina em meus braços, aliso a penugem em sua cabecinha.

— Sofia... — murmuro para mim, testando o som em minha boca, porém, ela se mexe de uma maneira que não havia feito ainda.

Encaro Felipe com as sobrancelhas arqueadas e ele fala novamente, só que desta vez com a voz que usava quando cantava para ela, ainda na barriga:

— Sofia...

A bebezinha faz uns barulhinhos com a boca, de repente desperta, e então não há mais dúvidas.

— Sofia Souza Travassos Dias — digo, acostumando-me com a ideia.

A forma como os olhos do empresário brilha é inédita para mim. Ele pode ter achado que eu não acataria sua sugestão, mas eu amei, de verdade. Sofia é um nome forte, lindo e, pelo visto, nossa bebê concorda.

— Papais, precisamos arrumá-la. Daqui a um pouquinho vocês a verão no quarto. Tudo bem?

Com relutância, nós dois assentimos e deixamos que a levem. Um vazio se instala dentro de mim, mas trato

de não parecer tão possessiva. Logo estaremos juntas novamente.

— Posso mostrá-la aos nossos familiares? — Felipe me surpreende com a pergunta direcionada à enfermeira e deve ter percebido minha expressão, pois acrescenta: — Eu sempre quis fazer isso, mas até então não tinha uma família.

Mordo meu lábio inferior e compreendo o quanto deve ser difícil para ele não ter seus pais aqui.

— A partir de agora, a minha família é a sua, então aproveite!

Felipe fica mudo, em choque, e eu toco sua mão com a minha.

— Mesmo que a gente não tenha um relacionamento tradicional, Sofia sempre será o nosso elo e nossa prioridade.

— Com toda certeza, Raquel. Obrigado por isso. De verdade! — diz, emocionado, e beija minha bochecha, fazendo meu coração acelerar, o que me dá uma vergonha enorme, pois meus batimentos cardíacos continuam sendo monitorados. Entretanto, o cara ao meu lado é tão cavalheiro que não comenta nada e pergunta novamente para a enfermeira, se pode levar nossa filha até os nossos familiares.

— Vou embalá-la e eu o acompanho, pode ser? Enquanto isso, o doutor André vai finalizar a cirurgia de Raquel.

— Ótimo! — ele responde. — Até daqui a pouco, Quel. Estaremos no quarto te esperando.

— Até, Felipe! Obrigada pela companhia. Você foi maravilhoso.

— Obrigado digo eu, por ter me deixado participar. Vou guardar *pra* sempre comigo.

— Você é o pai, não tive muita escolha — brinco.

— Sempre há uma escolha — diz, tocando em meu nariz.

E assim ele se distancia e sai da sala, deixando-me envolta em pensamentos, entre eles, a vontade louca de rever a minha linda e já amada Sofia.



Uma semana depois...

— Acho que não vou conseguir mais ficar com o corpo reto — resmungo, curvada, durante minha longa caminhada até o banheiro social do apartamento gigante de Felipe.

— Para com isso, Raquel. Você está com medo de abrir os pontos. Já falei que é só ir se esticando para acostumar e logo estará bem — minha mãe fala da sala, enquanto faz Sofia dormir.

Depois de uma bela mamada, Sofi regurgitou em cima de mim, como tem acontecido nos últimos dias, porém, hoje a fraldinha não chegou a tempo, daí preciso trocar de roupa e com a chance deste episódio acontecer novamente nem me importo em colocar uma camisa apresentável.

— É por isso que eu queria o parto normal, tenho certeza de que já estaria andando normalmente, mas a

minha filhinha querida quis ficar sentada. Agora a mamãe não consegue nem a carregar direito.

— Ô mulher *pra* reclamar! — minha irmã intervém.
— Quando menos você perceber estará novinha em folha. Eu preferi mil vezes sentir essa dor a dor de um parto normal.

Pensando por esse lado, talvez tenha sido melhor mesmo. Não sou nada resistente à dor e não trocaria a *vibe* do meu parto, aquela música maravilhosa, a tranquilidade, por horas e horas suando e urrando de dor. Não! Eu, Raquel, não teria aguentado. Também tem a questão da experiência de cada pessoa, quem sou eu para dizer qual é a melhor, o mais importante é o que a mãe quer.

Acho engraçado o povo dizendo: “ah, faz assim”, “ah, faz assado”. As pessoas precisam respeitar mais a opinião das outras, acredito que o mundo seria muito melhor se fosse desse jeito.

— Não estou reclamando, Renata, só estou dizendo que eu gostaria de não depender tanto de alguém para cuidar da minha filha.

— Ah, mas isso é completamente normal, além de ser saudável. Na primeira gravidez, a mamãe foi essencial *pra* mim. Nem sei o que faria se ela não estivesse comigo. Na segunda, eu era mais experiente e mesmo assim contei com a sua ajuda e da mamãe. Não tem jeito. Agradeça que você tem com quem contar, irmãzinha.

— Não tiro a sua razão, Rê. Concordo plenamente. Se não fossem vocês e Felipe, não sei nem o que seria de mim — grito para me fazer ouvir, retornando à sala com uma blusa limpa.

— Por falar em Felipe, que horas ele chega? — minha mãe questiona.

— Lá pelas sete da noite.

— Eu achei que ele trabalhasse em casa.

— E trabalha, mas hoje precisou ir ao escritório fazer uma reunião de equipe.

— E como estão lidando com a pequena? É tipo marido e mulher? — minha irmã, curiosa que só, me pergunta.

É a segunda vez que ela vem me visitar, pois a agenda de audiências e viagens a impediu de estar aqui todos os dias, como minha mãe tem feito. Vanessa também tem me visitado, mas com a empresa em suas mãos, não dá para abusar.

— Não tem nada a ver com marido e mulher, Rê, e sim duas pessoas cuidando de um bebê.

— Mas e quando a Sofi acorda no meio da noite? Ele vai te ajudar?

Sofi é o apelido carinhoso que demos à pequena de olhos azuis que possui uma penugem de fios castanho-claros. Uma mistura que nem em meus sonhos mais

distantes imaginei que seria tão linda. Pelo menos o destino foi generoso comigo ao colocar um homem bonito para ser o pai da minha filha.

É incrível como o rostinho já mudou desde o nascimento. O inchaço diminuiu bastante, é um bebê comprido e esperto que ama tirar uma soneca. O meu amor por essa menininha só cresce!

— Ela acorda apenas *pra* mamar, então, como o peito é meu, não tem muito o que Felipe fazer durante a madrugada.

Minha irmã revira os olhos.

— É claro que o peito é seu, mas pensei que ele acordasse também, a fizesse dormir...

— Ah, isso ele faz — respondo de qualquer jeito, sem muita paciência.

Sento-me no sofá novamente, com todo o cuidado para não encostar no apoio das costas com tudo, sob o

olhar atento de dona Cecília. Ela está quietinha, balançando minha filha no colo, mas eu seria idiota se não soubesse que está com um monte de perguntas na ponta da língua. Contudo, ela apenas observa a interação entre Renata e eu. *Por enquanto.*

— E Sofia fica no próprio quartinho ou no seu?

— O que é isso? Um questionário? Ela tem ficado no meu, Rê. Está muito pequenininha *pra* ficar no dela e me deu dó deixá-la lá, sozinha.

— Não é um questionário, Quel. Sou sua irmã e só quero entender a dinâmica, poxa. Não é todo dia que a gente vê uma relação como a de vocês, que iniciou de um erro e se tornou uma parceria. Isso é muito legal.

— Ah... — Trato de me acalmar e desfaço a expressão irritada, jogando fora as pedras que estavam na minha mão, no sentido figurado, obviamente. — Desculpa! Eu estou cansada, acabada, estressada...

— Eu sei, Quel. Eu sei. Não se esqueça que sou mãe de dois.

— Quanto à dinâmica, conseguimos fazer dar certo porque definimos os afazeres de cada um. Felipe não quer ser um pai ausente, então faz questão de ajudar no que for possível. Quando Sofi acorda, eu me levanto, dou o peito e logo Felipe aparece para fazê-la dormir. Os quartos ficam lado a lado, justamente para manter a facilidade e ele tem o sono leve. Então, funciona.

— Uau! Que demais. Esse cara parece até um personagem literário, Quel. Ele é bom demais para vocês duas.

Rio da sua fala e olho mais uma vez para a minha neném, que deve estar no quinto sono pelo rressonar. Tão adorável, não é à toa que virou o xodó da família.

Felipe disse que assim que a apresentou na maternidade, meus pais caíram no choro, Vanessa fez um escândalo tão grande que a bebezinha se assustou e,

consequentemente, chorou como se não houvesse amanhã. Ela só se acalmou quando veio para o meu colo, vermelha de tanto se esgoelar, o que me deixou apavorada. Muito diferente do teórico é ver uma criança, na prática, se acabando de chorar, parecendo que está perdendo o fôlego, com o rostinho igual ao de um pimentão.

Ao abocanhar o bico do meu peito, sugou com vontade e pronto. O choro cessou. Fiquei pensando: “Como ela sabe que é para fazer isso?”, “Como sabe que é só chupar que vai sair alguma coisa?”. Umas coisas que nunca consegui entender até ser mãe e que tudo acontece de maneira natural, por instinto.

Após o leite, tornou-se a criança mais dócil do mundo. Ali eu ainda não sabia que a garotinha seria uma *draguinha*. Como ama mamar!

Mas o acesso de choro me assustou, viu? Meu Pai, comecei a pensar como seria quando estivesse sozinha, e

se eu não soubesse o que ela queria, no final das contas Felipe tem me ajudado muito mais do que eu poderia prever, o que me traz de volta para a conversa para dar uma resposta à minha irmã.

— Felipe tem seu valor. Tem me ajudado bastante e ama a Sofia de uma maneira que dá até um nó na garganta quando os vejo juntos. Sinceramente, não pensei que falaria isso tão cedo, sei que posso mudar de ideia em alguns dias, mas estou muito feliz e satisfeita por ele ser o pai da minha filha.

Minha mãe chega a parar de balançar a netinha com o impacto das minhas palavras.

— Você está apaixonada por esse homem, não está? — sussurra, a fim de não acordar Sofi.

Eu sabia que ela não aguentaria ficar quieta por muito tempo. A pergunta não poderia ser mais direta e afiada, o que me deixa até desnorteada.

— O quê? — Me faço de desentendida.

Olho para Renata, como se dissesse que nossa mãe só pode estar louca, mas a advogada do diabo ergue as sobrancelhas, obrigando-me a falar alguma coisa.

— Você me ouviu, Raquel — dona Cecília insiste. — Nunca te vi assim por homem nenhum.

— Ele é o pai da minha filha, mãe. Pai!

— Exatamente, ele é o pai da sua filha e está solteiro. Você vai deixar um homem desse escapar? Vai negar que sente algo por Felipe?

Sinto-me pressionada pelas duas e com esforço me levanto, seguindo para a cozinha beber água. Qual não é minha surpresa quando as vejo ao meu encalço?

— Parem de me seguir. Eu, hein, coisa chata! Parece até que sou criança.

— Parece mesmo — Renata retruca.

— Gente, o que é isso? O que eu sinto pelo Felipe é um carinho enorme, por tudo o que estamos vivendo juntos e agora se intensificou porque Sofia nasceu. Não é amor, é parceria.

— Tem gente que gosta de se enganar, viu? — Nem reconheço minha mãe, que deitou a neta no carrinho e a deixou à nossa vista, porém, afastada. — Raquel, eu só estou falando o que vejo. Aquele homem não é indiferente a você e pelo que posso perceber, você também não é a ele.

Sem conseguir formular uma resposta, pego um copo, bebo água e vou em direção à minha filha, a única pessoa que transmite a paz que preciso neste momento.



Capítulo 15

Raquel

Eu pisquei e Sofia está com dois meses. Dois meses! Não quis acreditar no relato de outras mães que me diziam que o tempo passaria rápido demais, mas sou prova viva de que está voando.

Para algumas coisas, acho ruim, como por exemplo saber que minha filhinha logo, logo não será mais um bebê, mas para outras é muito bom, como voltar a trabalhar — ainda que on-line —, ser liberada para malhar e ter a vida

que eu tinha antes de engravidar. Pelo menos, dentro do possível.

Após extrapolar o prazo que me dei para ficar no apartamento de Felipe, finalmente voltarei à minha casa. Os dias aqui me ajudaram bastante, minha mãe me socorreu diversas vezes, assim como Renata, e Vanessa ajudava a manter minha sanidade mental com bate-papos, pois tem zero experiência com criança.

Ficou nítido que todos gostaram da minha proximidade na capital. Não posso negar que foi muito prático e útil, porém, está mais do que na hora de retornar. Ainda não comuniquei a Felipe minha decisão, mas pretendo falar até amanhã.

Planejo sair na próxima semana, no máximo na outra, até que o pai da minha filha se acostume com a ideia. Sei que ele tentará me convencer do contrário, ainda mais que pegou muita intimidade com Sofia, criamos uma

rotina, então tenho noção de que não será fácil esta transição.

Sei que não posso continuar vivendo como se fôssemos uma linda família. Eu preciso voltar a ter a minha individualidade, assim como Felipe precisa da dele. A cada dia me sinto mais sufocada pelo mix de sentimentos que me envolve toda vez que o vejo, que beija meu rosto em um cumprimento, que me toca de maneira aleatória, que cuida da nossa filha como o seu bem mais precioso, ou que direciona um daqueles sorrisos arrasadores para mim.

Demorei para admitir que o que sentia por Felipe não era apenas carinho e só fui descobrir isso naquela conversa com minha mãe e Renata. Foi como um soco no estômago aceitar que estava apaixonada, logo por ele. Tantos homens por aí e meu coração tinha que dificultar tudo.

Para colaborar, em todo esse tempo ele não levou uma mulher para casa, muito menos dormiu fora e isso me

deixou extremamente confusa. Mais do que já estava. Imaginei que não colocaria sua filha em risco, mas ainda assim foi surpreendente acompanhar o seu empenho em ser um bom pai. E, claro, deixando-me ainda mais *caída* por ele.

Complicada demais a minha situação e é mais um motivo para sair logo do apartamento.

— O que achou, querida? — Rodrigo, meu cabeleireiro, pergunta.

Olho-me no espelho e nem me reconheço. Meus cabelos estão maiores, mas foram cortados em camadas, o que os deixou volumosos e com aparência saudável. Diferente de como estavam antes, opacos e sem vida. As luzes acobreadas em alguns fios iluminaram meu rosto e eu poderia dizer que rejuvenesci por pelo menos cinco anos.

— Uau! Você arrasou, Rô!

— Eu disse que a transformaria de mãe esquecida para mãe inesquecível.

Quando ele falou isso para mim, assim que cheguei, não consegui segurar a risada e agora não é diferente.

— E fez um ótimo trabalho. Muito obrigada! Estava precisando dar um *up*.

— Estarei sempre às ordens para transformá-la de Gata Borralheira para Cinderela, querida!

— Só você mesmo, Rô! Até a próxima!

Dou um beijo em seu rosto e me despeço, sentindo-me outra mulher. Incrível como dar uma renovada no visual faz bem para a autoestima. Amo ficar com a minha filha, mas é muito bom a gente tirar um tempinho para se cuidar também.

A sorte é que minha mãe levou Sofia para sua casa e tenho a tarde e início da noite livres para fazer o que não faço há muito tempo: apreciar a minha própria companhia.

Eu cheguei a um estado que até eu não estava me aguentando. *Reclamação*, chata, inconveniente, aquele tipo de pessoa que ninguém quer ter por perto, então resolvi dar um basta e quase implorei para mamãe cuidar da Sofi, o que aceitou prontamente, afinal, ama ficar com a netinha.

Comprei sorvete, baixei dois livros na Amazon que estou querendo ler faz tempo, Meu Melhor Amigo e Meu CEO Irresistível, de uma autora nacional, e só quero curtir essas poucas horas que terei de tranquilidade. Felipe disse que tem uma reunião longa, o que colabora com meus planos. Não lembro quando foi a última vez que consegui ler ou assistir a seriados e filmes, e sinto muita falta disso.

É errado pensar assim? Eu sou egoísta por querer tirar um tempinho para recuperar uma parte da Raquel que ficou esquecida? A culpa vem forte quando penso demais, mas minha analista disse que eu *preciso* desse tempo, não é algo trivial. Ou era isso ou entraria em colapso. Fiquei espantada quando ela usou exatamente este termo, então,

há uma semana venho me organizando para curtir minha própria companhia.

A gente tende a pensar que vai dar conta do recado, que as horas perdidas de sono não vão cobrar o seu preço, que a preocupação em ver se o bebê está respirando enquanto dorme vai passar, mas não há uma regra para todas as mães. Cada uma passa por uma situação diferente e a única certeza é que para todas a mudança de hábitos é generalizada.

Chego ao apartamento, tiro os sapatos de salto — que hoje me permiti usar, depois de meses usando rasteirinha —, sigo até a cozinha, coloco o sorvete no freezer e ao me virar, tomo um susto.

— Meu Deus! — Com a mão no peito, sinto o coração acelerado. — O que você está fazendo aqui?

Não quis soar tão ríspida, mas saiu espontaneamente.

— Desculpe! Acabei de chegar.

Felipe me encara e um *flash* da noite de *réveillon* do ano passado passa pela minha mente. Seus olhos vão dos meus pés, com as unhas pintadas de vermelho, até os meus cabelos, com os dentes cravados no lábio inferior durante todo o escrutínio.

— O que você fez?

— Como assim?

— Você mudou.

— Ah, isso. Sim, dei uma mudada.

Ele fica mudo, apenas me observando, ora focando em meu vestido preto com mangas no estilo ciganinha, justo até a cintura e mais solto até o joelho, ora para os meus fios renovados. Fazia tempo que não usava uma roupa que valorizasse as minhas curvas recém-adquiridas. Com a amamentação, perdi quase o peso todo que ganhei na gestação, e a malhação tem ajudado com a flacidez,

contudo, os seios continuam cheios de leite e confesso que gostaria que ficassem assim para sempre.

— Não gostou? — me vejo perguntando.

O que deu em mim? Sinto-me no nível máximo da insegurança e isso não me faz bem. Não lembro quando foi a última vez que recebi um elogio ou um olhar mais demorado de um homem, a não ser Felipe, porém, ele não conta, porque todas as suas ações são direcionadas para a nossa filha.

— Se eu não gostei?

Ele passa uma mão na nuca, deixando o braço tatuado e musculoso à vista. Abaixando o rosto, olha para o chão e sorri. Ao voltar o olhar para mim, suas íris estão brilhantes, límpidas, deixando o azul tão vivo, que posso jurar que nunca vi algo parecido. Aposto que o de Sofia ficará assim.

— Você está linda, Raquel. — Ele balança a cabeça, como se tivesse falado alguma coisa errada, e se explica: — Ou melhor, você é linda, mas ficou mais ainda.

Um nó se forma em minha garganta e fico sem reação.

— Obrigada — murmuro.

Pigarreio e mudo de assunto:

— Você não tinha uma reunião hoje?

— Tinha, mas um dos responsáveis não conseguiu chegar em São Paulo a tempo. Passaram para amanhã.

Que bom, não é? Leia-se com ironia. E, como sempre, meus planos vão por água abaixo.

— Humm, entendi.

— E você? Tem um encontro?

Quase dou risada. Eu? Um encontro? Não tenho tempo nem para ler um livro, quem dirá para conhecer um cara.

— Não. Por que teria?

— Porque está toda arrumada e estranhamente Sofi não está em casa, pois se estivesse, estaria aqui com você.

Ele sabe que nunca a deixo sozinha.

— Ela está na minha mãe. — Bufando, passo por ele e sigo em direção à sala. — Quer saber a verdade?

Ele me segue e apenas me observa enquanto sento no sofá.

— Gostaria, se estiver à vontade para falar.

— Eu sabia que você estaria fora, então resolvi tirar o dia para me cuidar. Tenho andado muito estressada e queria relaxar um pouco, fazendo coisas que eu fazia antes de toda essa aventura.

— *Porra*, e eu te atrapahei! — exclama, a expressão consternada.

Solto uma risada.

— Faz tempo que não ouço um palavrão na sua boca.

— É porque estamos sozinhos — diz, sorrindo. — Sei me comportar na frente da nossa filha.

— É claro que sabe.

— Mas não mude de assunto. Eu atrapalhei a sua programação. Você merece um tempo só seu, Raquel. O tanto que se entrega para a Sofia é cansativo demais. Quer que eu saia? Porque não tem pro...

— Para com isso, Felipe. O apartamento é seu. Eu que deveria ter ido *pra* minha casa, mas como o salão fica aqui perto, vim direto, no automático.

Como não pensei nisso antes? Eu poderia muito bem ter ido para casa, aproveitar a natureza à minha disposição, do silêncio, mas sequer cogitei a hipótese. É isso que dá quando algo se torna um hábito.

— Desculpa mesmo por estragar seus planos, Quel. Era só ter me falado que eu iria para a casa do Marcelo.

— Fique tranquilo, ok? Está tudo bem. Você pode ficar aqui e eu continuo com meus planos do jeito que der. Só preciso relaxar um pouquinho. Minha mãe deve trazer Sofia de volta às 19h, então tenho umas horinhas.

— Tudo bem. Eu não sabia que estava tão cansada e estou me sentindo culpado. Podemos começar a pensar em uma babá, o que acha?

— Por enquanto, não, Fê. Eu até tinha pensado em contratar uma ajudante, mas ficar aqui me fez olhar para a maternidade com outros olhos. Apesar do cansaço, estou adorando as descobertas, coisas que eu deixaria de presenciar por saber que tenho uma pessoa por perto. Dá para entender?

— É claro que sim. Só não quero te ver tão exausta. Você precisa ter seu momento.

— Não tem muito jeito. Os primeiros meses são mais difíceis mesmo. É dependência total da mãe. A sorte é que dona Cecília tem mãos de fada e faz bebês dormirem o mais profundo dos sonos.

— Sua mãe é incrível.

— Sim. É cabeça-dura, mas é incrível.

— Como se você não fosse — ele joga e sai andando em direção ao seu quarto.

— O que você disse? — pergunto, levantando-me em um pulo.

— É isso mesmo que você ouviu. Deve ser coisa de família porque Sofi já é geniosa desde novinha. Imagina quando crescer? Estamos ferrados!

Em vez de parar fora do cômodo, eu invado seu espaço, com os braços cruzados sobre o corpo, querendo uma resposta plausível para seu comentário.

— Eu quero entender o motivo de ser cabeça-dura, Felipe.

Só entrei aqui algumas vezes e todas elas para pegar Sofia, após ele fazê-la dormir. É um quarto grande, másculo, cinza e preto, com móveis pretos, cortinas pesadas cinzas, uma cama enorme que só pode ser feita sob medida, pois é ainda maior que a *king* da minha casa. Porém o que destoa são os objetos de Sofi espalhados em uma cômoda. Chupetas, fraldas, brinquedinhos. Um verdadeiro paizão que arrasa corações. *Eu que sei!*

— Não vai me falar? — pergunto, quando não me responde.

— É só que você é teimosinha. Já te falei isso.

Era para prestar atenção em sua resposta e não em seu peitoral nu, ou na calça jeans baixa que deixa o elástico de sua boxer branca à mostra. Muito menos nos gominhos do abdômen definido ou nas tatuagens que

descem dos braços e seguem as laterais do corpo. Não, nada disso deveria ser alvo da minha atenção.

Fazer o quê? Eu que entrei em seu quarto, sem ser chamada, sem Sofia, e só agora percebo que é a primeira vez que ficamos sozinhos — sozinhos mesmo — no apartamento.

A constatação deste fato me causa arrepios e me forço a não ir por esse caminho. Não vai me levar a lugar nenhum, só preciso descansar como havia previsto e pronto.

— Bom, vou voltar para a minha programação — digo, virando-me para voltar de onde vim.

— Quer ver um filme?

Sua pergunta me pega de surpresa e ao olhar para Felipe percebo que já está vestido com uma camisa preta.

— Humm... Não sei. Eu ia ler.

— Vamos lá. Você pode escolher. A ideia de descansar um pouquinho também me agrada.

Seguimos para a sala e me pego pensando que eu nem cogitei que Felipe poderia estar tão cansado quanto eu. Ele não só perdeu a sua individualidade como tem se ocupado com afazeres paternos e do aplicativo, que esses dias passou por mudanças importantes. Pode ser o momento de comentar sobre a minha intenção de voltar para a minha casa.

— Felipe, você deve estar tão cansado quanto eu. Não sente falta de ficar sozinho? Deve ter sido uma transformação e tanto, de repente receber uma mulher e um bebê em seu apartamento. Nós nunca conversamos sobre isso porque... bem, você sabe que não tivemos muito tempo para refletir desde que o furacão chamado Sofia apareceu.

Ele solta uma gargalhada e se joga no sofá macio, deixando a cabeça cair no apoio, com os olhos fechados.

— Confesso que estou cansado, muito, mas essa transformação, como você disse, me fez muito bem. Amadureci bastante, comecei a olhar a minha vida por outro ângulo, fora que estou me amarrando em acompanhar passo a passo da Sofi. — Ele abre os olhos e um sorriso sincero e lindo enfeita seus lábios, fazendo aquela covinha, que dá para ver melhor agora que tem aparado a barba mais rente à pele. — Nossa filha é uma menininha apaixonante, Raquel. Eu a amo num grau que não consigo nem explicar.

Mordo meu lábio inferior, pensativa, procurando uma brecha para entrar no assunto da minha ida para Alphaville, mas não a encontro. O que me resta, por ora, é aproveitar meu descanso.

— Vou aceitar o filme, mas você escolhe. Estou desatualizada de televisão.

— Beleza. Além de ler, o que mais você faria se eu não estivesse aqui?

— Comprei um sorvete de doce de leite para me empanturrar.

Rindo, ele acena a cabeça.

— Uma boa. Vou pegar *pra* gente, então. Sobre o filme, quer comédia, drama, suspense ou terror?

— Não curto terror, você sabe. Pode ser comédia romântica. Não estou a fim de chorar ou ficar apreensiva na minha folga.

Já tentamos assistir a filmes antes, mas o chorinho fino e, por vezes, desesperado nos interrompia, requerendo nossa atenção.

— Fechado — responde, indo para a cozinha.

Aproveitando sua ausência, arrumo meu vestido, escolho um lado do sofá retrátil e coloco alguns travesseiros embaixo da minha cabeça.

— Aqui. — Sem que eu espere, Felipe coloca um potinho ao meu lado, em cima do assento, com generosas

bolas de sorvete.

— Uau! Gosto assim. Porque economizar sorvete é uma sacanagem.

— Cola comigo, querida.

O bendito arrepio percorre meu corpo inteiro com o seu tom de voz e a maneira que me chama. Não é sempre que me trata assim, mas quando o faz, meu Deus, ferve por dentro.

Isso só pode ser carência. Quase um ano sem sexo, entre gravidez e parto, imagine? *Não tá fácil, não, minha gente!* Não sei se vai prestar ficar ao lado dele durante quase duas horas, sabendo que estamos sozinhos. O que tem me restado é me divertir com meus brinquedinhos. Esse é o ônus de ser mãe sem um parceiro.

— Você me ouviu? — pergunta, sentando-se ao meu lado, com um pouco de distância, mas não o

suficiente para que eu deixe de imaginar suas mãos subindo pelas minhas pernas, chegando à calcinha...

Preciso parar de pensar em safadeza, urgentemente!

— Ouvi o quê?

— Eu disse que Marcelo comentou sobre um filme que é muito bom, só não sei se é comédia. Quer tentar assistir?

— Pode ser — respondo, com a boca cheia de sorvete e ao engolir tudo, passo a língua nos dois lados da colher. Uma mania que tenho desde criança.

O que eu não esperava é que Felipe estivesse me observando, com a boca levemente aberta, paralisado.

Sem saber o que fazer, pego mais sorvete e levo a colher à boca, arqueando as sobrancelhas.

— Algum problema? — questiono, já ficando sem graça com sua análise minuciosa.

Em um minuto ele está sentado no meio do sofá, no outro quase sobe no meu colo e é a minha vez de ficar paralisada.

— Você sujou o cabelo de sorvete — sussurra, perto demais, pegando uma mecha e limpando com os dedos.

Em vez de lavar a mão, ele lambe os dedos, sem tirar os olhos dos meus e *puta merda!* É tortura demais.

— Delicioso — murmura.

— Melhor do que o do seu pote? — brinco, e as íris azuis focam em meus lábios.

— Muito melhor. Tem gostinho de doce de leite e algo mais.

— Humm... algo mais? Deve ser xampu.

— Engraçadinha demais você.

Felipe não demonstra que vai sair de perto, então pego mais um pouco de sorvete, só que dessa vez cai um pedaço no meu decote, no vão dos seios. Que droga de

coordenação motora é essa? Só pode ser efeito de um pai muito gostoso que está na minha frente.

— Caramba! — Faço que vou levantar, mas sinto uma pressão em meu braço, impulsionando-me a permanecer no lugar.

Chocada, viro para Felipe e não o reconheço. Ele passa a mão livre nos cabelos castanhos, parecendo aflito.

— Eu preciso saber de uma coisa que vem me consumindo há dias, semanas, meses... — Eu nunca o vi tão agitado, mais do que isso, ele está com uma intensidade que não me lembro de ter presenciado antes. — Juro que dependendo da resposta, nunca mais vou tocar no assunto.

Franzo o cenho com a seriedade da sua fala.

— Tudo bem. Estou ouvindo.

Passo um dedo pelo sorvete que está derretendo em meu decote e o chupo. Estava escorrendo para dentro

do vestido, então não vi alternativa. Durante todo momento a atenção de Felipe não se desviou da minha boca e um sinal de alerta ecoa em minha mente.

— Eu juro que tenho tentado me manter são, fazendo meu papel, mantendo-me ocupado o máximo possível, mas quando cheguei aqui hoje e te vi toda linda desse jeito... *Caralho*, foi demais *pra* mim!

Mais uma vez ele mexe em seu cabelo, um gesto que conheço bem e demonstra seu nervosismo. Meu coração está igual a bateria da Rosas de Ouro que Vanessa me obriga a ficar ouvindo durante todo o Carnaval.

— Raquel, tem sido um inferno te ver e não poder te tocar, porque eu sei que você só me vê como o pai da sua filha, a *porra* de um cara que apareceu *pra* destruir os seus sonhos. Daí, de uma maneira totalmente inesperada, nos tornamos amigos, aprendemos a conviver um com o outro, as melhores conversas que já tive com uma mulher foram

com você e eu preciso desabafar antes que morra entalado com tudo o que venho guardando. Desculpa os palavrões, mas estou aqui me expondo e isso é inédito *pra* mim. Já deu tempo para você me conhecer, saber da minha índole, das minhas intenções, dos meus ideais, eu amo a nossa filha mais do que tudo e faria o impossível por ela, mas preciso saber...

Fico esperando que ele complete a frase, porém, ele pausa, deslizando seus dedos em minha bochecha, maxilar, queixo, uma carícia tão bem-vinda que me forço a não fechar os olhos.

Hipnotizada, não consigo me mover ou falar, apenas aguardando. Acho que nem estou respirando, tamanha a expectativa do momento.

— Você aceita sair comigo? Não como pai da Sofi, mas como um homem interessado na Raquel, uma mulher maravilhosa, fantástica, sexy e a melhor mãe que a minha filha poderia ter.



Capítulo 16

Felipe

Desta vez não há a chance de ouvirmos um choro ou de Raquel sair de repente para pegar algum brinquedo para Sofia. Estamos sozinhos, como nunca ficamos.

Eu tentei. Deus sabe como tentei não me render, mas ao vê-la tão gostosa, linda, sem obstáculos, não consegui continuar fingindo que ela não me afeta. Só de pensar nisso preciso me controlar, porque há duas opções:

ou ela vai ficar *puta* com o meu pedido ou vai aceitar e vamos aproveitar o que a vida tem a nos oferecer.

Nunca precisei me abrir para uma mulher, porque elas sempre se jogaram para cima de mim. Sem querer soar arrogante, mas nesta área tenho uma certa experiência. Entretanto, Raquel é completamente diferente. Um território desconhecido. É um tipo de atração que em vez de ir diminuindo com o tempo só aumenta e isso tem me deixado louco.

Quando comentei com Marcelo sobre o assunto, ele me olhava como se tivessem crescido chifres na minha cabeça.

— *Quem diria... O Felipão tá gamadão!*

O *filho da puta* tinha que tirar uma com a minha cara.

— *Para de me sacanear, seu idiota. Estou falando sério, não sei o que fazer* — confessei, extremamente

perdido.

— Cara, espere ter uma oportunidade. Não vá com muita sede ao pote.

— O que você acha que tenho feito durante todos esses meses, Celo? Porra, o que mais faço é esperar.

— Calma, brother, você já percebeu se ela se sente atraída por você?

— Porra, eu não sei! Tem vezes que penso que sim, mas fico confuso porque não sei se ela me olha de uma forma diferente só porque sou o pai da sua filha, porque nos tornamos amigos... Eu tô uma bagunça fodida, cara.

Ele assoviou e sentou ao meu lado, sem ter o que falar. Ficamos assim por alguns minutos, até que disse:

— Cara, continue esperando. O que vocês têm é muito legal, uma parceria que não se vê por aí nem com casais normais. Deixe acontecer. Você vai saber o momento certo quando ele aparecer.

De todos os conselhos do meu melhor amigo, aquele foi o melhor. É por isto que quando vi a oportunidade na minha frente eu a agarrei com unhas e dentes. Eu não podia perder mais tempo. Raquel e eu não somos novinhos, nem somos adeptos de enrolação, porém, sei que a situação é delicada. O que está em jogo não é um simples caso que depois posso descartar. Ela é a mãe da minha filha. Uma pessoa que aprendi a admirar, respeitar e gostar mais do que o aceitável para os meus padrões.

Do que adianta continuar negando? Ela significa bastante para mim. Ela e minha filha.

Continuo aguardando sua resposta, mas Raquel está perdida em pensamentos, atônita, completamente sem reação diante da minha confissão. Até que resolve se pronunciar:

— Você está falando sério?

— Nunca falei tão sério em toda minha vida.

Ela parece não acreditar, olha para o seu colo, para o pote de sorvete, menos em minha direção.

— Eu pensei que você não me visse dessa forma — murmura.

Não consigo evitar soltar uma risada.

— Querida, eu gostaria de não te ver dessa forma, porque isso evitaria eventuais problemas em nossa relação que é muito boa, porém, não consigo mais ignorar o desejo que sinto ao te ver, a vontade que tenho de te beijar, ou apenas de te fazer uma massagem após um dia cansativo. Não estou te pedindo em casamento — nós dois rimos —, mas preciso saber onde isso pode dar, porque o que eu sei é que não é um sentimento que eu esteja acostumado a lidar.

— E as outras?

— Outras?

— Sim, as outras mulheres. Eu sei que você tem uma fama a zelar.

Fama a zelar. Que merda!

— Primeiro: eu não quero outras mulheres. Segundo: o que a mídia diz não deve ser levado a sério, não quando pode me perguntar a verdade a hora que quiser e eu falarei, porque odeio mentiras. Terceiro: não saio com uma mulher desde que você estava grávida de quatro meses.

— O quê?!

— Como disse, eu odeio mentiras. Estou sendo o mais sincero possível. Faz tempo que eu só tenho olhos para uma mulher. E é você.

Raquel, como em poucas vezes, fica muda.

— Sei que é muito para assimilar, mas...

— Não é isso — diz, o olhar vago e de repente um sorriso se forma em sua boca linda. — Eu achei que o que

sentia era unilateral. Estava tentando me convencer de que não era certo, que estava confundindo as coisas, por achar que você continuava curtindo a vida, saindo com várias mulheres...

— Então você sente algo por mim? — pergunto, perplexo por Raquel não ser tão indiferente como pensei.

— Sentir algo por você tem a ver com a vontade de te beijar? De te querer tanto que até dói? De ficar sonhando como seriam as coisas se não tivéssemos nos conhecido nas circunstâncias que nos conhecemos? Porque é isso que vem passando pela minha cabeça há meses, só não queria estragar as coisas. Sem contar o medo de estar sozinha nessa loucura.

Faço um carinho em seu rosto, já sabendo que gostou do meu contato, minutos antes, contornando sua bochecha, passando o polegar em seu lábio inferior, imaginando meus dentes mordiscando sua boca, e digo, rouco, sem reconhecer minha própria voz:

— Você não está sozinha.

Ouço sua respiração acelerar enquanto continuo minha carícia. Uma tortura, eu sei, mas quero aproveitar cada segundo deste momento. Eu esperei *pra caralho* e não posso ir com tudo. Não quero que ela fuja.

— Eu ainda não consigo acreditar que você está há tanto tempo sem sair com alguém.

— Você não está?

— Sim, mas eu nunca fui de ter encontros como você.

— É uma questão de propósito, Quel. Ficou difícil demais sair com outra mulher quando você vivia pairando em meus pensamentos ou quando, sem querer, fazia comparações e nenhuma chegava aos seus pés.

— E se eu tivesse um encontro hoje, como sugeriu quando chegou? — pergunta, esboçando um sorrisinho travesso.

— Aí eu me jogaria no Tietê, porque fui um *filho da puta* lerdo *pra caralho*.

Ela dá uma gargalhada ao meu lado e eu a acompanho. Então, coloco meus dedos dentro dos seus cabelos, que estão incríveis, e Raquel fecha os olhos.

— Quando eu te via com os cabelos soltos, sempre me imaginava fazendo exatamente isso. Você acredita?

Ela assente, quase ronronando, e leva sua mão para o meu rosto, acariciando minha barba.

— Acredito, porque eu sempre quis fazer *isso*.

As unhas, apesar de curtas, fazem com que eu estremeça e chego ainda mais perto do corpo delicioso de Raquel, deixando-nos no mesmo espaço com as pernas esticadas. Uma vantagem de ter um sofá grande que mais parece uma cama gigante quando aberto.

— Acho que virei um cara fofo e não sei se isso é bom — comento, do nada, e é claro que ela ri.

— Eu não sei como você é como homem, mas com Sofi é muito fofo.

— E quer saber como sou como homem?

Ouso um pouco mais, contendo-me para não avançar com tudo, e passo o nariz em seu pescoço longo, sentindo seu perfume combinado com o cheirinho de bebê após o banho.

— Quero — declara, ofegante, e é o meu fim.

Substituo meu nariz pela língua, traçando um caminho até o lóbulo de sua orelha, mordiscando a pontinha. Raquel chega a erguer o corpo, um sinal de que está tão à flor da pele quanto eu. Meses de negação, de abstenção, com certeza vão nos levar à loucura.

— Estamos fugindo da sua programação — zombo e passo um braço em sua cintura, fazendo círculos em sua barriga sobre o vestido.

— Dane-se a programação. Já entendi que a vida não quer que eu faça planos — diz, afetada pelo meu toque, ainda de olhos fechados.

— O imprevisível combina mais com a gente.

— Concordo.

Deposito pequenos beijos em seu pescoço, no maxilar, no queixo, nas bochechas, apertando sua cintura, segurando-me para não pegar sua bunda. Raquel desce a mão que estava em minha barba e desliza seus dedos compridos pelo meu tórax, braço, tocando os músculos do meu bíceps, apalpando sem vergonha, como se tivesse imaginado esta cena milhares de vezes.

Quando abre os olhos, enxergo o desejo nu e cru sobre eles. As íris castanhas quase pretas, a pálpebra levemente caída, como se estivesse bêbada de prazer, e é demais para mim.

Tomo sua boca sem aviso e deslizo minha língua, pedindo passagem, o que prontamente Raquel libera, serpenteando sua língua na minha, uma combinação que eu não esperava que fosse tão deliciosa.

Trago-a para mim, deixando-a montada sobre meu corpo e seguro em sua bunda, apertando a carne sobre o vestidinho que subiu consideravelmente, expondo a calcinha de renda preta.

— Que delícia, Quel. *Porra*, como você é gostosa!

Avanço sobre sua boca novamente, colocando duas mãos em seus cabelos, trazendo-a para mim enquanto a beijo de maneira desesperada, selvagem, faminta. Mordo seu lábio, chupo sua língua, lambuzo-me com seu gosto. O atrito entre nossos corpos me causa espasmos e solto um gemido alto quando Raquel senta com vontade, friccionando seu ponto mais sensível com o meu.

— *Caralho*, assim você vai me deixar louco.

— Algum problema quanto a isso? Porque eu já estou louca, querido.

Essa mulher não existe. Eu deveria imaginar que não seria menos geniosa na cama, mas aqui não vejo problema algum. Quero mais é que aproveite o que quiser de mim.

Pego impulso e do jeito que estamos levanto. Ela solta um gritinho com o susto e a carrego até meu quarto.

— Se é isso o que você quer, é o que vai ter, Raquel. Não sou de ficar na vontade.

— Que bom, porque estou precisando de um trato.

Rio do seu comentário e não duvido de que realmente precisa de um trato. Aposto que os palermas com quem se envolveu não a trataram como merece e pretendo mudar esse fato.

Deito seu corpo na cama, hipnotizado com o contraste de sua pele, o vestido preto e o lençol negro. Os

cabelos espalhados são uma obra de arte à parte.

— Você está perfeita assim.

— Humm, vai pegar sua máquina? — Ela adora me zoar dizendo que sou fissurado em tirar fotos.

— Você quer que eu pegue? — pergunto, arqueando as sobrancelhas. — Se quiser, eu pego.

— Claro que não. Só estou te sacaneando.

— Eu sei.

— Felipe, independente do que for acontecer entre nós, não quero que as coisas mudem — ela diz e deito ao seu lado. — Digo no sentido de lidarmos com a Sofi. Meu maior medo é a nossa relação sair dos trilhos por culpa de um impulso.

— Você considera o que estamos fazendo como um impulso?

— Não.

— Eu com certeza não considero, Raquel. Tive meses para pensar sobre isso, até ter convicção do que queria.

— E o que você quer?

— Eu quero você. Eu quero tudo o que achei que não servia *pra* mim.

Ela apoia o corpo no cotovelo e me olha fixamente.

— Você tem noção do que está dizendo? É uma mudança muito grande.

— Sei que parece difícil de acreditar, mas estou disposto a tentar. A maior decisão da minha vida foi ter um filho e hoje vejo que não poderia ter feito uma escolha melhor. Sofi ainda é pequena, mas tem me tornado um homem diferente, com outras prioridades. E você? Estou falando muito do que *eu* quero, mas e você?

Sua mão espalma meu rosto, o polegar resvalando em minha barba. É tão natural, tão íntimo. Meses atrás, eu

entraria em pânico por este tipo de contato, mas não hoje. Hoje eu quero isso e muito mais.

— Eu também quero tentar. Por mais que esteja com receios, não quero perder esta chance. Nunca permiti que o medo me limitasse e não será agora que vou deixar isso acontecer.

Mexo em seus cabelos, colocando algumas mechas atrás de sua orelha, e digo:

— Vamos com calma. Sem apressar nada. Já sabemos que estamos no mesmo lugar, fica tudo mais fácil.

Ela passa a língua entre os lábios, mordendo o inferior sem perceber, e reconheço sua expressão.

— O que está te perturbando? — questiono.

Respirando fundo, Raquel deita de barriga para cima e olha para o teto.

— Eu ia te contar hoje à noite sobre uma decisão que tomei, mas prefiro falar de uma vez.

— Sobre o quê?

— A minha permanência em seu apartamento.

Porra, eu sabia que esse dia chegaria, mas não estou preparado para deixar Raquel e minha filha irem embora. Como não falo nada, ela continua:

— Estava pensando em voltar para a minha casa em, no máximo, duas semanas.

— Duas semanas? Caramba, é muito cedo, Raquel!

Saio da cama e ando para lá e para cá no quarto, passando as mãos nos cabelos.

— Eu preciso colocar minha vida em ordem, Felipe. Não posso ficar aqui *pra* sempre.

— Por que não?

Antes que eu pense, a pergunta sai, deixando-a boquiaberta. Merda! Rápido demais. Estou agindo rápido demais e no desespero.

Ajoelho sobre o colchão e pego seu rosto entre minhas mãos.

— Você não está feliz aqui? O que posso fazer...

— Não é nada disso, mas a gente combinou que eu ficaria aqui apenas nas primeiras semanas e acabei permanecendo por dois meses. É muito bom ter a sua ajuda, não tenho do que reclamar, só que eu preparei minha casa para receber Sofia e está na hora de ir.

— Eu me acostumei demais com vocês duas por aqui. *Porra*, meu peito até dói só de saber que não terei minha filha por perto.

— Acredito em você, porque eu sentiria o mesmo, mas sempre será bem-vindo em minha casa, Felipe. E nem é tão longe assim.

Estou pensativo quando, de repente, tenho uma ideia. É precipitada, mas não encontro opção.

— Posso ficar um tempo lá, com vocês. O que acha? — pergunto, esperançoso.

Eu entendo que ela queira ir para casa, mas não pretendo deixá-las sozinhas. Topo qualquer coisa para ficar com a minha filha. Depois que peguei o gostinho do que é ter uma família, do que poderíamos ser... Sofi precisa de mim e eu preciso dela.

— Tem certeza disso? Não vejo necessidade.

— Sim, tenho certeza. Posso levar algumas coisas *pra* lá e uma vez por semana volto para ver como estão as coisas por aqui, ou quando tiver alguma reunião importante. O que acha?

Ela gagueja um pouco, mas assente.

— Tudo bem. Tenho um quarto livre *pra* você.

Sorrindo, paio sobre ela, e minha boca se aproxima de sua orelha, causando arrepios na morena.

— Ótimo, mas não acho que eu queira outro lugar senão a sua cama.

— Uau! Nem é direto, não é?

Levo minha boca até seu pescoço, beijo sua clavícula, o colo decotado, passo minha língua no lugar onde há poucos minutos o sorvete caiu e sinto o sabor doce, uma combinação deliciosa, e respondo em um murmúrio:

— Para que enrolar? A gente sabe o que quer e odiamos enrolação. *Deu match*, querida.

Ela ri diante do termo que indica a curtida recíproca em aplicativos de relacionamento, inclusive, no meu *app*.

— Vamos devagar, não é mesmo? Depois a gente volta a conversar — sugere.

— Justo. Agora vamos parar de falar porque tivemos muito tempo para isso e meus planos envolvem muitos beijos.

— É melhor correr senão seremos surpreendidos por um pacotinho de amor.

— Pode deixar que vou dar um trato na mamãe antes disso.

Ela ri, mas sua risada morre quando me levanto e tiro a camisa, a calça, ficando apenas de boxer. O olhar que me lança envia faíscas por todo meu corpo. Tenho certeza de que não vou durar muito tempo com o tesão que estou.

A combinação de meses sem sexo com a atração por Raquel deixa minha pele quente, é como se fogo líquido corresse em minhas veias em vez de sangue.

— Tire esse vestidinho, Quel. Quero te apreciar por inteiro.



Capítulo 17

Raquel

Não penso duas vezes antes de tirar o vestido. Em alguns momentos, ainda acho que só pode ser um sonho, mas as carícias de Felipe são bem reais, *queimando* minha pele, já sensível, a cada toque.

Olho para o relógio digital na cômoda e vejo que são cinco da tarde. Respiro aliviada, pois dá tempo de aproveitar antes que minha mãe chegue com Sofia.

Jogo meu vestido para o lado e fico apenas com uma calcinha preta rendada e Felipe encara fixamente cada parte do meu corpo exposto.

— Ah, meu Deus! — exclamo, saindo da cama em um pulo com as mãos sobre os seios, porém, os braços fortes de Felipe enlaçam minha cintura, impedindo-me de correr para o banheiro.

Ele se agarra às minhas costas e o sinto em toda sua magnitude sobre a boxer branca.

— Para com isso — sussurra. — Você está linda.

— Felipe, eu esqueci de tirar os absorventes dos seios. É constrangedor!

— Não há motivo para sentir vergonha, Quer. Isso só a deixa mais gostosa. Saber que esses peitos deliciosos estão cheios de leite para a minha filha. *Porra*, se você soubesse como é sexy, não se importaria tanto.

Derrotada, suspiro e me viro para ele, só agora tomando consciência de que nossos corpos estão seminus. A gente se encaixa tão bem que poderia ficar assim para sempre.

— É que faz muito tempo desde que estive com um homem, além disso, sou mãe, meu corpo ainda está se ajustando, não é natural *pra* mim.

— Ei, não precisa se explicar. Vou te confessar mais uma coisa.

— O quê? — pergunto, deixando que me abrace enquanto olho para ele e, ao fazer isso, tenho que levantar a cabeça.

— Desde o momento em que te conheci, te achei muito bonita, mas quando sua barriga foi crescendo, você ficou linda, majestosa, eu fiquei fascinado. Hoje, está linda, majestosa e sexy. Quer melhor do que isso? Não é um absorvente nos seios que vai te deixar feia, querida. Você é toda maravilhosa. E pensar que eu só podia olhar, sem

tocar, sem deslizar meus dedos pela sua pele branquinha, que sempre fica vermelha quando está nervosa, ou beijar essa boca que vez ou outra está ressecada e você teima em tirar as *pelinhas*. Não poder fazer nada disso me matava.

— Você realmente me quer, não é?

Sua resposta é um beijo avassalador. Sugo sua língua e o ouço gemer. Logo suas mãos encontram minha bunda e a apertam, fazendo com que nossos corpos fiquem colados e eu o sinta rijo sobre o tecido fino em minha barriga.

— Será que Sofia vai puxar a sua altura? Não tinha me tocado que era tão alto — murmuro em sua boca e ele sorri.

— Ela já nasceu comprida, então imagino que será alta, sim.

— Olhos, altura, cabelos... O que mais você vai tirar de mim, hein?

Ele solta uma gargalhada e o som reverbera em meu peito.

— Estou falando sério, seu chato. Eu a carreguei durante nove meses, *pô*. Isso não é nem um pouco justo.

— Quel, desculpa, mas foi engraçado. Você tem que dar graças a Deus que sou todo bonitão. Imagina se pega um doador com *cara de concha*?

— *Cara de concha?*

— É, com uma carinha estranha *pra caralho*. Você deu sorte, querida. Vamos precisar ficar de olho nos marmanjos. Inclusive, preciso iniciar as aulas de tiro.

Reviro os olhos e consigo me livrar do seu abraço. Lá vem ele com essa conversinha de machão e blá-blá-blá.

— Já volto. Vou tirar esses adesivos.

— Tudo bem, cabeça-dura.

Nem perco meu tempo retrucando, porque quando Felipe pega no meu pé a troca de “elogios” dura horas.

No banheiro, tiro os absorventes que servem muito bem para o objetivo de impedir que o leite vaze, mas não são nada sensuais. Aliás, é meio complicado ser sensual nos primeiros meses como mãe. A calcinha de compressão chega até o umbigo e o sutiã é daqueles grossos, sem muita beleza, porque só precisa ser prático.

A sorte — e bota sorte nisso! — é que hoje decidi usar uma das minhas *lingeries* antigas, pois fiz o serviço completo no salão, inclusive, depilações, além disso me dei uma folga do sutiã para usar o vestido da nova coleção da RaVa. Se esse rolo com o Felipe tivesse acontecido dias atrás, aí sim eu ficaria constrangida.

A cicatriz no baixo ventre ainda está aparente, mas não tenho vergonha dela. O local está avermelhado pelo processo de cicatrização, porém, fechado. Foi uma cirurgia muito bem feita, por sinal.

Para não perder mais tempo, resolvo tirar a calcinha e volto para o quarto. Felipe está deitado, com os braços atrás da cabeça, olhando para o teto e quando sente minha aproximação se sente rapidamente. Ele nem tenta esconder o quanto está vibrado em meu corpo nu. Em cada parte dele. E eu me sinto realmente muito bonita.

— Sensacional, Quel. Você está sensacional!

— Obrigada.

Engatinho até chegar ao seu lado e tomada de ousadia, monto sobre ele. Depois de tudo o que foi falado nesta tarde, o que ele me confessou, o que *eu* confessei, não há dúvidas de como nós nos queremos.

Saber que ele se sente atraído por mim, há meses, que não toca em uma mulher desde o início da minha gravidez, me enche de confiança, pois reflete o que eu também venho sentindo, por isso não tenho por que esperar mais.

A vida é breve, as oportunidades voam, só precisamos nos livrar dos pré-conceitos que muitas vezes estabelecemos em nossa mente e que nos privam de *viver* como merecemos.

Curvo-me diante do seu tórax e o beijo, assim como seus ombros, os braços, pescoço, bochechas, até mordiscar sua orelha.

— Humm... deliciosa.

Felipe não fica para trás, rapidamente pega meus seios inchados e passa a língua nos mamilos que ficam endurecidos no mesmo instante.

— Se você chupar...

— Não vou fazer isso, porque quero deixar esse leitinho gostoso *pra* nossa filhinha esfomeada. Aliás, às vezes sentia até inveja dela, sabia?

Nem tenho tempo de rir, porque ele percorre meus seios com a língua, deixando-me extremamente excitada.

Olhando para seu rosto, afasto-me um pouco e começo a deslizar a cueca pelas pernas grossas. Ele nada fala, apenas me observa. Seu membro salta e fico hipnotizada por alguns segundos. É avantajado e salivo só de pensar nesse conteúdo todo dentro de mim. Acho que nunca vi um desse tamanho ou grossura e estou louca para recuperar o tempo perdido.

— Se continuar me olhando desse jeito, não serei tão fofinho, querida.

— Não precisa ser fo...

Não termino de falar quando sou colocada de costas na cama com uma maestria impressionante.

— Meu Deus, assim você me quebra toda! — murmuro. — Calma que estou enferrujada.

Rindo, Felipe segura meus pulsos no alto da minha cabeça com uma mão e volta a atenção para os meus seios, depositando beijos, lambendo, pelo visto, ele estava

sonhando com isso. Enquanto segura meus pulsos, a outra mão desliza pela minha barriga, virilha, até chegar em meu centro, esfregando levemente alguns dedos por lá, o que me deixa ensandecida.

— Molhadinha, lisinha... Parece até que alguém estava com segundas intenções.

— Juro que não.

— Sei.

Grito de surpresa quando o dedo que estava me acariciando me penetra. Pelo tempo que estou na seca, sinto como se fosse virgem de novo e é bom demais ser tocada desse jeito.

— Apertadinha — Felipe sussurra, a voz rouca de desejo.

— Vai devagar, hein.

— Pode deixar, linda. Do jeito que está lubrificada não vai sentir dor nenhuma.

— Você tem camisinha?

— Tenho. Relaxe, Quel. Deixa *eu* te mimar um pouco.

— Tudo bem, desculpa. Fico falante quando estou nervosa.

— Já percebi, mas vou ser bem carinhoso com você. Até porque não quero que fuja de mim, pelo contrário, a intenção é fazer com que tenha a melhor experiência da sua vida. Deixe-se levar, Quel.

— Não é muito difícil, Fê, mas faça o seu melhor — provoco e sorrimos um para o outro.

Com os braços para cima, não consigo tocá-lo e apenas murmuro quando sua boca se ocupa com meus seios novamente.

A sensação é tão boa. Ele não faz pressão, apenas passa a língua, me estimulando de uma maneira que

nunca senti antes, como se pudesse gozar só com esse carinho.

Meu, sério! Só pode ser o ápice do tesão, gozar com lambidas nos mamilos. Isso nunca me aconteceu e nem sabia que era possível, mas juro que estou quase lá.

— Felipe...

Ele não para.

— Felipe... Eu tô quase gozando.

— Essa é a intenção — balbucia, mas não para.

Junto uma perna na outra para ver se a fricção me acalma, mas só piora. A vontade de me libertar fica cada vez maior.

— Ah! — gemo, e Felipe finalmente volta a dar atenção à minha intimidade, só que desta vez estimula meu clitóris em movimentos circulares.

Aí é demais.

Meu quadril levanta, ganhando vida própria e meus gemidos ficam mais altos. Que coisa maravilhosa! Nunca mais quero ficar sem isso. Agora tenho a confirmação de que nunca fui *fodida* de verdade. E olha que Felipe nem fez o trabalho completo!

Nos relacionamentos que tive eu não conseguia gozar direito com penetração e sequer poderia imaginar que carícias nos seios me levariam à loucura. Claro que os dedos estão ajudando, mas o que está me deixando fora de controle é a boca de Felipe.

— Goza *pra* mim, Quel. Deixa *eu* ouvir esse gritinho gostoso, vai.

Pra quê falar assim? Aí é que não aguento mesmo.

Seus dedos trabalham mais rápido e, então, eu sei que cheguei ao meu limite.

Vou gozar!

Que gostoso!

Nossa, já posso morrer feliz.

— Isso! Isso! Ah!

Começo a tremer, alcançando o clímax, e meu grito é abafado pela mão de Felipe. Não entendo nada, até ouvir...

— Raquel! — Uma voz que não é minha e nem do pai da minha filha atravessa o apartamento e me deixa apavorada.

Meu Pai do Céu!

Em seguida, um choro sofrido ressoa no ambiente.

— E agora? — pergunto num sussurro, ainda ofegante, levantando-me correndo da cama. — Cadê meu vestido? Achei!

— Calma, ela não vai entrar aqui.

— Eu que não vou esperar *pra* saber, Felipe. Nem sabia que ela tinha a chave do apartamento, caramba.

— Dei *pra* ela esses dias, pensando que estaria ajudando — justifica, coçando a cabeça.

— Quando for assim, me avisa, *pra* eu ficar preparada.

— Eu sei, desculpa. Estava na correria para aquela reunião que não aconteceu e nem me lembrei de falar.

Já vestida, vou ao banheiro que fica dentro da suíte e passo água gelada no rosto a fim de amenizar a vermelhidão causada pela barba de Felipe. É isso que dá ir com muita sede ao pote, acaba entornando tudo.

Respiro fundo, tentando manter a calma quando ele chega ao meu lado, igualmente vestido, e beija meu rosto.

— Vou até lá tentar enrolar dona Cecília e você corre para o seu quarto. Que tal trocar de roupa e fingir que está dormindo?

— Pode ser.

E, antes de sair, ele se vira e me dá um daqueles beijos avassaladores novamente, que chega a tirar meus pés do chão.

— Depois a gente termina o que começamos, ouviu? Não pense que irá escapar, mocinha. — Piscando o olho, sai da minha vista, deixando-me com os quatro pneus arriados, sem margem para dúvidas.

Estou completamente apaixonada por ele.

Espio o que está acontecendo por uma frestinha e ao ver que o corredor está livre vou correndo para o meu quarto. Abro a porta com toda delicadeza e entro de uma vez.

Tiro o vestido em segundos, visto um pijama e deito na cama. Não é muito difícil de acreditar que eu tiraria o dia para dormir, tendo em vista que não tenho uma noite tranquila há pelo menos dois meses.

Espero, espero e nada. O que será que está acontecendo? O pior é que Sofia voltou a chorar. Meu Deus! Será que aconteceu alguma coisa com ela e estou aqui que nem uma criança se escondendo da mãe? E não vejo meu celular desde o momento em que cheguei do salão. Que falha a minha!

Saio disparada pela porta e encontro minha mãe sentada no sofá enquanto o empresário tenta acalmar a filha.

— O que está aconteceu? — pergunto para minha mãe, indo em direção à Sofia.

Felipe me entrega a bebê e a acolho em meus braços. Sem delongas, abaixo a blusa do pijama de seda e dou o peito. Ela suga tão forte que parece que vai arrancar o meu bico.

— Ai! — grito. — Ela está morrendo de fome.

— Pois é — mamãe começa a falar —, eu pensei que ela dormiria a tarde toda, mas acordou e não parou de chorar. Tentei dar a mamadeira que você mandou, porém, ela não quis de jeito nenhum. Por isso vim mais cedo.

Ver a *draguinha* mamar com sofreguidão me faz recordar de quem estava com a boca em meus mamilos minutos atrás e meu rosto fica todo vermelho. Piora o fato de encontrar o olhar de Felipe fixo em mim, como se estivesse pensando a mesma coisa.

Meu Pai, nem tomei banho antes de dar o peito para a minha filha! Que exemplo de mãe eu sou.

— Obrigada por trazê-la de volta. Eu estava descansando um pouco.

— Você estava precisando, filha. — Ao se aproximar de mim, dona Cecília estreita os olhos para o meu pescoço e pergunta: — Por que está toda vermelha? Está com alergia?

— E-eu não sei. Acordei assim.

— Tome cuidado para não ser algo sério e passar para Sofia, Raquel. Não pode dar mole com um bebezinho tão novinho.

— Pode deixar, mãe. Muito obrigada por ter ficado com ela.

— Foi um prazer. Uma pena que ela tenha se revoltado um pouco.

— Desculpe por isso. Vou ver o que há de errado com a mamadeira para não acontecer mais isso.

— Tudo bem, filha. Preciso ir agora, porque seu pai está me esperando. Até logo. Até, Felipe.

— Tchau, dona Cecília.

Minha mãe vai embora e o apartamento fica em silêncio. Silêncio entre aspas, pois dá para ouvir o som da mamada de Sofia.

— Por pouco, hein? — Felipe pergunta, vindo de encontro a mim.

— Nem me fale. Se ela desconfiasse de alguma coisa, eu não teria mais paz com tantas perguntas para responder.

Ele abraça meu corpo por trás e com o queixo apoiado em meu ombro fica admirando Sofi mamando.

— Tão linda. Será que um dia vamos cansar de olhar *pra* ela?

Aliso seu narizinho empinado, os cabelinhos que estão crescendo rapidamente, seguro a mãozinha que sempre agarra meu dedo enquanto mama e com um sorriso no rosto, respondo:

— Duvido muito. É uma admiração eterna. Quando ficar mais velha talvez não a olhemos da mesma forma, mas sempre contemplaremos suas vitórias, seus fracassos e sentiremos tudo como se fosse com a gente.

— Você tem total razão.

Felipe mais divaga do que fala e deixa que Sofia segure seu dedo. Ele continua atrás de mim, como se fosse natural, e eu me derreto um pouco mais. A cena, em si, me deixa emocionada. Nós dois estamos encantados com a nossa menina e um sentimento forte pulsa em meu coração. É o amor em sua forma mais plena.

— Queria muito que a minha mãe estivesse aqui. — O comentário me surpreende, mas nada falo, deixando-o à vontade. — Ela primeiro me daria um sermão por ter escolhido uma clínica para ser pai, assim como a sua mãe fez com você, mas depois disputaria o título de avó mais coruja do mundo.

— Como ela era?

— Ah, era incrível! Uma mulher forte, que não media esforços para me dar o melhor. Era uma mãe admirável, mas também muito protetora.

— Meu Deus, então ela e dona Cecília se dariam muito bem.

— Com certeza! Inclusive, ela me perturbaria para casar com você. Não tenho dúvidas disso.

— Ah, é? Por quê? — Viro a cabeça para o lado e encontro seus olhos azuis e brilhantes me fitando.

— Porque você, além de linda, é forte, convicta dos seus ideais, tem humor, não gosta de ficar parada, é extremamente inteligente. Minha mãe admirava mulheres que se impunham, e você é assim. Ela diria: Raquel é perfeita para você, meu filho. Você é um idiota por não ver isso.

Solto uma risadinha baixa para não interromper Sofia que já começa a cochilar e balanço a cabeça.

— Acho que nossas mães eram irmãs — brinco. — Não é à toa que dona Cecília já te considera um filho.

— O dia mais especial da minha vida foi quando Sofia nasceu, mas o *plus* foi o fato de você ter aberto as portas da sua família para mim, sem nem ser seu namorado ou marido. Posso parecer sensível demais, mas o gesto mexeu comigo, Raquel. Naquele momento eu quis tanto te dar um beijo, mas me segurei ao extremo para não estragar tudo. Obrigado por ser tão bondosa e humana.

Beijo seu rosto e permaneço com minha bochecha colada na sua, sem desfazer a aura que nos envolve, sonhando que, por uma obra divina, poderíamos realmente ser uma *família*.



Capítulo 18

Raquel

— Oh, canta rouxinol! Canta rouxinol, ah, ah, ah.
Oh, canta rouxinol! Canta rouxinol ah, ah, ah.

Enquanto canto, Sofia está deitada no tapete de atividades próprio para bebês, atenta a mim.

Prestes a completar três meses, ela está mais esperta do que nunca. Já vira a cabeça na direção dos sons, começou a ter mais expressões faciais, as cólicas

intestinais finalmente deram uma trégua e a minha voz virou um calmante para a minha princesa.

Relutei para comprar esse bendito tapete, mas o resultado foi muito positivo. Os penduricalhos e sons vêm estimulando o desenvolvimento dela e é notório seu progresso.

— Amiga, está na hora de atualizar essa playlist. Estamos no século XXI, caso você tenha esquecido.

Ignorando Vanessa, começo a cantarolar:

— Cruela cruel, Cruela cruel, em suas veias só circulam fel. Cruela, cruela cruel!

— Nossa, que madura você!

— O que eu posso fazer se acho as músicas dos desenhos antigos melhores do que as de hoje? Mais tarde Sofi vai poder escolher o que quiser, então me deixe cantar, sua chata.

— Não está mais aqui quem falou. Agora me diga, como estão as coisas com Felipe? Ele já se adaptou à nova moradia?

Hoje faz três semanas que voltei para minha casa e não poderia estar mais feliz. Ver minha filha no quarto que preparei com tanto carinho é maravilhoso, o melhor é que consigo aproveitar a tranquilidade do condomínio sem o caos de São Paulo.

Comigo, veio Felipe. Ele insistiu que gostaria de testar essa experiência e não o impedi de maneira alguma, mas sua condição para “deixar” Sofia e eu sairmos de seu apartamento foi que deveríamos ficar mais duas semanas, a contar do dia em que contei sobre meu retorno. Não vi nenhuma dificuldade, pois já estava adaptada ao lugar, então cumpri o prazo e viemos todos para Alphaville.

— Ele está se adaptando. Estranhou um pouco o silêncio, mas no geral acho que está gostando.

— Com toda certeza deve estar adorando, *né*? Para quem só tinha um amigo como família e agora tem uma filha e a mãe dela, não é pouca coisa, não.

Caio na risada e balanço a cabeça.

— Ai, Van. Só você.

— Só trago verdades. Mas falando sério, como vocês dois estão?

Sentada no chão, cruzo as pernas na posição de índio e abro um sorriso.

— Amiga, estamos muito bem. Ele é um cara excepcional. Eu pensava que seu jeito cuidadoso era só por causa da Sofia, mas como homem, tem me surpreendido de maneiras inimagináveis.

— Opa! Prevejo casamento muito em breve.

— Pronto!

— Ué? Vai me dizer que você não pensou nisso? Duvido! Te conheço muito bem, senhorita Raquel.

— Pensar é bem diferente de acontecer. Tem pouco tempo que estamos juntos.

— Que estão juntos, sim, mas nutrem o mesmo sentimento há meses. Isso para um casal maduro é o suficiente. E ele continua dormindo no seu quarto?

— Sim — respondo e nós duas sorrimos de um jeito cúmplice —, e não sei se vou me acostumar a dormir sozinha novamente, Van. Tudo com ele é incrível. Desde o sexo que, meu Pai amado, é indescritível e único, ao abraço de conchinha, sem segundas intenções. Quando olho para o Felipe e para a Sofi, ambos dormindo ao meu lado, é como se eu tivesse zerado a vida. Como se o meu lar não fosse esta casa, mas eles dois. Não sei se consegue me entender, até para explicar é difícil.

— Quel, isso é lindo. Entendi o que você quis dizer e ainda fico boba com a história de vocês. Eu que sou avessa a relacionamentos, desacreditada dessa coisa toda, tenho fé que vai dar tudo certo. Quando é *pra* ser, até o

erro de uma clínica se torna um caminho, minha amiga. Estou muito feliz por você.

Lágrimas rolam pelo meu rosto com suas palavras e ela se joga do sofá para me abraçar.

Inevitável me lembrar do dia em que Felipe e eu contamos para a família que estávamos juntos, uma semana depois do nosso primeiro beijo. Minha mãe gritou: “eu sabia!”, minha irmã correu para me abraçar e felicitar, meu pai me abraçou e desejou o melhor para mim e meu cunhado disse que agora teria um parceiro para fazer churrascos.

Claro que após a reunião familiar precisei ouvir os conselhos de dona Cecília, sempre preocupada com suas filhas, e por incrível que pareça, foi interessante trocar ideias sobre suas experiências, coisas que nunca me falou, pois segundo ela, eu ainda não havia encontrado o amor.

Estou abraçada à Vanessa quando uma risadinha gritada nos surpreende e viramos na direção do som. Mal

posso acreditar no que estou vendo. Sofia olha para nós duas com um sorriso no rosto.

Desvencilho-me do abraço e ajoelho na frente da minha menina.

— Ah, meu Deus, que coisa mais linda, filha. *Você tá* rindo da mamãe, é? — Viro para minha amiga. — Van, filma isso, rápido! Eu preciso registrar para mostrar *pro* Felipe.

Minha bebê continua gargalhando ao me ouvir falar.

— *Você tá* rindo do quê? Hein? Do que *você tá* rindo?

Ela não para de rir, agitando as perninhas e mãozinhas em contentamento. Como eu queria que Felipe estivesse aqui.

De repente, ouço o barulho de uma porta se fechar e ao me virar vejo a pessoa que não esperava encontrar antes das sete da noite.

— Não acredito que você chegou, Fê! — grito e Van aponta o celular na direção dele, na certa gravando a cena toda. — Espia isso, corre aqui!

— Opa, estou indo! Oi, Van, já falo com você — Felipe comenta ao passar pela minha amiga e se ajoelhar perto de mim. — Oi, querida. Cadê meu beijo?

Revirando os olhos, dou um selinho, que se tornou nosso ritual diário, e ele carinhosamente beija a testa da nossa filha.

— Oi, bebezinha — cumprimenta. — Papai estava louco de saudade.

— Só espera — digo para ele, que me olha sem entender nada.

Recomeço a fazer graça e a gargalhada de Sofia preenche a sala. Felipe está boquiaberto, porque é a primeira vez que ela faz isso. A cada descoberta ficamos bobos com a inteligência e esperteza da nossa garotinha.

— Não é lindo? — pergunto, apertando a mão de Felipe.

— Maravilhoso. O tempo está passando rápido demais. — Voltando-se para Sofi, ele resolve brincar também: — Quem é a bebezinha mais linda do pai?

Ela chega a ficar vermelha de tanto rir.

Que fase mais gostosa!

Ouçoo uma tosse e ao olhar para trás percebo que Vanessa está de pé, filmando tudo.

— Diz aí, Felipe — minha sócia fala, nos rodeando, o celular apontado em nossa direção —, como está sendo a experiência de ser pai?

Felipe entra na onda e sorri para o aparelho.

— A melhor coisa que me aconteceu. Você já viu o rostinho dessa menina? Não tem como não se apaixonar.

— Ela realmente é uma fofura. E você, Raquel? Como tem sido morar com sua filha e o pai dela?

Sei que foi improvisado, mas adorei a ideia da entrevista.

— Me sinto muito privilegiada. No ano passado, nesta época, eu estava ansiosa para fazer o procedimento, não sabia se daria certo e agora estou com minha filha e o homem que pensei que havia estragado meus planos. Contrariando todas as minhas apostas, ele tem me feito bastante feliz.

— Eita, declaração top, amiga! Depois dessa, ficou difícil para o Felipe.

Ele olha para mim e ergue as sobrancelhas, como se dissesse: ela não sabe de nada. Vanessa não tem ideia de que nesse quesito Felipe me dá um banho. Às vezes chego a pensar que decora textos de algum lugar, porque o cara tem o dom, mas insiste em dizer que vem tudo do coração e que eu deveria ficar grata por ser a primeira e única mulher por quem se apaixonou, e não duvidar dos seus talentos.

— Raquel sabe o quanto significa *pra* mim, porque eu a lembro todos os dias, mas como estamos reunidos, você é a melhor amiga dela e está registrando este momento, posso dizer que nada poderia me preparar para viver os melhores dias da minha vida ao lado da minha filha e da mulher que o destino escolheu *pra* ser minha.

Suas palavras me atingem de tal forma que meu coração bate acelerado. Nunca vou me acostumar com essa versão de Felipe, que me faz amá-lo mais e mais, dia após dia.

— Antes de conhecê-la, eu era uma pessoa, hoje sou outra. Não me arrependo, porque se não fosse assim, não a teria encontrado e nem me apaixonado pela primeira e única vez.

Ao olhar para Vanessa, percebo que está limpando o rosto. Eu disse que ele arrasava. Chega a ser emocionante a paixão com que fala, com que demonstra seu amor por Sofia e por mim.

Fungando, a morena diz, sem parar de filmar:

— Vocês dois são a meta de muita gente. Parabéns por terem se encontrado e por não desperdiçarem este sentimento tão real e palpável. Comecei esta entrevista de maneira despretensiosa, brincando, sorrindo, mas vocês despertaram algo dentro de mim que estava adormecido, que até pensei estar morto, e agradeço por fazerem isso, mesmo que involuntariamente.

— Obrigada, amiga. Por fazer parte de um momento tão importante *pra* gente. Esse vídeo vai nos acompanhar por muitos e muitos anos e eu sempre serei grata a você — agradeço e ela me manda um beijo.

Felipe me abraça, ambos ajoelhados no chão na companhia da nossa maior alegria em forma de bebê, e beija meus cabelos.

— Eu te amo, Raquel.

Juro que fico sem respirar por alguns segundos. Apesar de falarmos constantemente que estamos apaixonados, ainda não havíamos nos declarado desta forma. E continua:

— A cada dia, desde que te conheci, venho te amando um pouco mais, mesmo sendo leigo no assunto. Só isso para explicar o tamanho do meu amor por você neste momento. Você é mais do que a minha namorada, mais do que a mãe da minha filha, você é o amor da minha vida, e eu espero que seja o homem da sua vida porque senão teremos um sério problema.

Pronto! Ele tinha que fazer graça. Vanessa desata a rir e fica esperando que eu fale alguma coisa.

Sofia começa a chiar e já sei que é um sinal de que está com fome. Resolvo sentar um pouco e a pego no colo.

— Vem com a mamãe. Vamos *mamá*, né, filha?

Ela se agita toda, sabendo exatamente o que estou prestes a fazer e quando dou o peito, rapidamente abocanha seu alvo.

— Ainda está filmando? — pergunto, erguendo os olhos para minha amiga.

— Sim. Aqui o serviço é completo.

— Estou vendo. Vou te chamar mais vezes.

— Por um preço bacana, a gente pode pensar.

Sorrio e foco em Felipe, que resolveu sentar também e está em silêncio, como se estivesse aguardando minha resposta à sua declaração.

— Obrigada por sempre se abrir *pra* mim, Fê. Você não sabe o bem que me faz ouvir essas coisas, porque por muito tempo achei que não encontraria um parceiro ideal, que entendesse os meus sonhos, meus planos, minhas motivações e você faz isso e muito mais. Hoje eu sei o motivo de ter me decepcionado tanto, e tudo o mais que

me levou a tomar a decisão de ser mãe solo. *Masss*, o destino tinha outros planos para nós dois e usou de um suposto erro para nos juntar. Somos um casal improvável. Começamos tudo ao contrário, mas nem por isso nosso amor é menor ou menos intenso. Eu te amo, Felipe. Amo a sua simplicidade, o seu companheirismo, a sua determinação. Sou muito feliz por você fazer parte do meu sonho.

Do nada, escuto barulho de palmas e, quando olho para Vanessa, ela está sentada no sofá, sem o celular nas mãos e o rosto molhado.

— Desculpem, mas é que está melhor do que muito filme por aí. Vocês são fofos demais.

— *Porra, Van!* — Felipe exclama e eu o lembro que estamos perto de Sofia. — Desculpa, Quel. Desculpa, filhinha.

Voltando-se para minha amiga, diz:

— Fala que sou um cara foda, pulso firme, mas não *fofo*, porque aí você me quebra.

Eu caio na risada, recordando da vez em que disse que não queria ser comparado a um homem *fofo*.

— Para com isso, maluco. Eu disse fofos no sentido de que a cena foi linda, não que você é um fofo ou bobão. Fique tranquilo que um cara fofo não aguentaria o gênio dessa minha amiga.

— Olha isso. Estou quietinha na minha — murmuro, tentando não rir.

Felipe solta daquelas risadas altas e dou um beliscão em seu braço para lembrá-lo de que Sofia está quase dormindo.

— Desculpa, querida — murmura e beija meu rosto como se fosse um santo. Quem vê, até pensa.

— Bem, estou indo embora porque sei que os pombinhos têm muito a fazer durante a noite... — Minha

amiga definitivamente não presta.

— Não precisa ir agora, Van — digo.

— Tenho um encontro, Quel.

— Ah, então divirta-se.

— Pode deixar.

Ela vem até mim e se abaixa para beijar meu rosto e o de Felipe.

— Tchauzinho para vocês e se cuidem. O vídeo ficou lindo.

— Obrigada, amiga. Vou assistir a tudinho depois.

Meu namorado a leva até a porta e com cuidado me levanto com Sofia no colo. Minha coluna reclama, mas consigo me endireitar.

— Vou colocar a Sofi no berço, *tá?* — aviso.

— Beleza! Vou tomar um banho, porque o dia foi pesado.

— Tudo bem.



Assim que coloco Sofia no berço, sinto braços me rodearem. Estou no quartinho dela há mais tempo do que esperava, pois assim que entrei, ela acordou e precisei fazê-la dormir novamente.

Apoio minha cabeça no peito largo e solto um longo suspiro, não de cansaço, mas de satisfação.

— Isso realmente não é um sonho? — pergunto, em um sussurro.

— Não, querida, estou bem aqui. Sou de carne e osso. Pode tocar.

— Bobo. Estou falando sério. Os dias têm sido tão maravilhosos que me pergunto se vai ser sempre assim.

— Se vai, eu não sei, porque é natural ocorrerem desavenças, mas farei o meu melhor para permanecermos unidos em qualquer adversidade.

Sem sair da posição, ligo a babá eletrônica e nos levo para fora do quarto, a fim de conversarmos com mais liberdade.

— Eu também. Me diga uma coisa, você está feliz aqui em casa? A gente não fala muito sobre isso e não quero que se sinta desconfortável.

— Vai ficar assustada se eu disser que estou gostando de morar aqui e que não pretendo voltar para o meu apartamento?

Giro meus tornozelos para encarar seu rosto e o safado está sorrindo.

— Como você fala algo tão importante desse jeito? É sério?

O empresário se endireita e demonstra sinceridade.

— Estou falando sério, Raquel. Pensei que não fosse me acostumar, adoro a bagunça de São Paulo, mas aqui é um lugar muito melhor para a Sofia crescer. É calmo, tem espaço, segurança. Se não puder ficar com você, estou disposto a procurar alguma casa no condomínio.

— Eu gostaria bastante de ter você na minha casa, mas está preparado para dar este passo? Uma coisa é uma estadia temporária, outra bem diferente é saber que sempre voltará para o mesmo lugar.

— Acho que deixei claro lá na sala que estou mais do que preparado, Raquel. Eu te amo, quero aproveitar todos os momentos ao seu lado e da nossa princesa e, além disso, vou fazer 40 anos, não falaria esse tipo de coisa da boca *pra* fora.

— Tudo bem, Fê, eu também te amo e quero aproveitar cada segundo com você, só fiquei surpresa.

Será ótimo ter a sua companhia por aqui em definitivo.
Você continuaria trabalhando on-line?

— Sim, a vantagem é essa. Posso trabalhar de onde quiser.

— Ótimo, vamos conversando no decorrer dos dias.

— Isso, porque agora eu quero aproveitar a minha branquinha, que disse tantas coisas bonitas a meu respeito.

— Humm... é a mais pura verdade. E você sempre me surpreendendo, não é?

— Eu gosto de te surpreender de mil maneiras, mas até agora não ouvi você dizendo que sou o homem da sua vida.

Começo a rir e balanço a cabeça.

— Você ainda tem dúvidas? — questiono.

Ele dá de ombros e sei que é importante que o responda. Colocando seu rosto entre minhas mãos, digo

pausadamente para que compreenda cada palavra:

— Você é o homem da minha vida, Felipe Dias. O único que me fez enxergar um futuro — trago seu rosto mais perto — e que tem o poder de me levar até as nuvens mais vezes do que posso imaginar.

Ele sorri, parecendo extremamente feliz, e beijo sua boca. Um beijo cálido, lento, que vai se aprofundando até se tornar sensual, erótico, intenso.

— Vamos para o nosso canto — murmuro, sem ar.

Seguimos para o meu quarto, que virou nosso, e em segundos Felipe me prende na parede ao lado da porta.

— Estou louco *pra* te pegar de jeito.

— É mesmo? — provoco. — Então vem.

— Eu vou mesmo, branquinha. Hoje eu quero deixar essa bunda vermelhinha.

Ele e sua nova mania de me chamar de *branquinha*. Tudo porque fico vermelha por qualquer coisa.

— Por quê? Eu fui uma boa menina. — Adoro encarnar o papel.

— Boas meninas também merecem ficar com a bundinha vermelha.

Com uma mão ele agarra meus cabelos e a outra desce até o meio das minhas pernas. Como estou de vestido, a passagem fica mais fácil e logo o sinto colocar a calcinha para o lado.

Ele circula meu clitóris com uma lentidão dolorosa e solto um gemido aflito. Arranho seu peito nu, os braços tatuados, ao mesmo tempo em que deslizo uma mão até o volume que está quase saindo da boxer preta. Ele sabe que fica gostoso com essas cuecas e adora me provocar.

Agarro seu membro e o aperto sobre o tecido, deixando-o sem ar. Logo minha boca é tomada em um beijo lascivo e possessivo. Línguas se pegam, dentes, salivas, uma coisa louca e só nossa.

Ele se abaixa de repente e desce minha calcinha, deixando um beijo e uma lambida em meu centro encharcado. Rápido demais, se ergue e tira meu vestido pela cabeça.

Eu adoro quando me trata como se eu não passasse de uma boneca e faz o que quer com meu corpo, e ainda assim consegue ser carinhoso. É quando o vejo em toda a sua imponência.

Com delicadeza, Felipe me vira e tira o sutiã de amamentação. Já fizemos isso tantas vezes que qualquer vergonha foi levada embora.

Girando-me novamente, ele se afasta e aprecia a visão. Estou completamente nua, à sua mercê, doida para ser devorada.

Num instante, meu namorado está de cueca, no outro, nu, o membro grosso e viril em destaque.

— Agarre-se em mim — pede, ao se aproximar e obedeço a seu comando, entrelaçando minhas pernas em seu quadril. — Isso, branquinha. Que delícia te ver assim, esses peitos gostosos balançando na minha frente, essa bocetinha apertada me melando todo. Agora desce devagarzinho.

Jogo a cabeça para trás quando vou descendo bem devagar, acomodando seu tamanho dentro de mim, me acostumando com o contato direto, pele a pele. Há duas semanas decidimos não usar camisinha e estou seguindo a tabelinha. Para mim, fluiu melhor na parte do prazer e estamos na fase de testes.

— Ahhhh! — meu gemido sai como um grito quando sou completamente preenchida.

— Que delícia, Quel.

Segurando minha bunda com força, ele dita meu ritmo, me erguendo e me abaixando como se eu não pesasse nada. Fico impressionada com a força que usa

para me levantar e me enterrar em sua ereção monstruosa e pelo espelho do armário a cena poderia fazer parte de um daqueles filmes eróticos. É lindo de ver.

— Ahhhh — gemo, sentindo o orgasmo chegar pouco a pouco.

Arranho suas costas, o meu suor se mistura ao dele, logo sua boca trabalha em meus seios, mordiscando os mamilos, lambendo-os com urgência, causando-me arrepios deliciosos. O movimento não para. Subo e desço com mais rapidez, minha bunda amassada pelas suas mãos, as costas deslizando pela parede e ao senti-lo tão duro gemo mais alto.

— Tão gostosa, Raquel. E toda minha. Toda. — Uma estocada. — Minha.

— Toda sua e você é todo meu — balbucio, ofegante, a voz rouca e irreconhecível.

— Sou todo seu, amor. Todo. — Mais uma estocada.
— Seu. Vem comigo, linda. Você é gostosa demais e não vou aguentar por muito tempo.

— Eu estou quase. Vamos juntos.

Sua boca invade a minha, sedenta, a língua serpenteia meus lábios para então se enrolar na minha. A combinação do sexo com o beijo é perfeita. Sobe e desce e línguas e gemidos e suor e amor.

Tudo explode ao nosso redor.

Sinto como se visse estrelas, acima das nuvens.

Cada vez é melhor. Cada vez é mais forte. Mais intenso. Mais certo.

Assim como o meu amor por Felipe.



Capítulo 19

Felipe

— Fê, você se lembra da nossa primeira vez?

Viro o rosto para a minha branquinha, toda esparramada na cama após uma manhã *movimentada*, a pele vermelha nos pontos em que mais me fartei, e quase me esqueço de sua pergunta.

Pego sua mão e a entrelaço na minha.

— Claro que lembro. Foi surreal!

Sua expressão é vaga e sorridente enquanto olha para o teto.

— Eu sonhei com ela essa noite.

— É mesmo?

— Sim. Não que as outras vezes tenham sido insignificantes, mas a primeira... Nossa, eu nunca vou esquecer. A gente estava numa expectativa enorme, sem saber o tamanho do sentimento um pelo outro, tudo tão novo, a forma que você me deitou na cama, como se demorou para tirar as minhas roupas, o brilho nos seus olhos, a emoção mútua. Foi um belo começo, não foi?

Fico de lado para admirá-la melhor e acaricio seu braço.

— Foi perfeito, Quel. Eu entendo o motivo de ter marcado tanto, porque foi a partir dali que nós nos conectamos de verdade, por inteiro, e nos livramos das

dúvidas que ainda pairavam sobre nosso futuro, o que seria da gente, se o que estávamos fazendo era certo.

— Exatamente. Ali, eu me entreguei por completo. Joguei fora as preocupações, os meus medos. A cada beijo, a cada investida, eu tremia, me arrepiava e tive que me conter para não chorar de alegria. O sonho me trouxe todas essas mínimas lembranças de volta.

Ela olha para mim, uma lágrima escorrendo direto para o travesseiro e sorri.

— Ah, minha linda — digo e a trago pela cintura até o meu lado da cama. — Você é tão especial.

— Acho que estou mais emotiva do que o normal, porque hoje completa um ano que descobri que estava grávida.

— É verdade! Você comentou comigo, mas com toda essa correria de véspera de Natal acabei esquecendo.

— Não tem problema.

— Claro que tem! É uma data importante. Podemos comemorar mais tarde, na ceia, o que acha?

— Ótimo. Por falar em ceia, você e Sofi vão ficar bem sem mim? Mamãe vai para a Renata às 9h e eu fiquei de ir às 10h, porque vou deixar as mamadeiras preparadas para Sofia.

— É claro que vamos ficar bem! Não será a primeira vez que vou cuidar da minha filha, sozinho, Quel.

— Eu sei, mas não custa perguntar.

— Pode relaxar, mamãe.

— Você sabe que, por mim, eu ficaria aqui, com vocês, *né?*

Raquel me explicou que todos os anos as mulheres da família Travassos se reúnem na véspera de Natal para a preparação da ceia, que desta vez será na casa de Renata.

Venho percebendo que está cada vez mais difícil de ela desapegar de Sofia. Com quatro meses, a nossa

princesa está muito esperta, risonha e apaixonante. Os cabelinhos ralos e castanho-claros estão crescendo e os olhos azuis ficando mais claros, como os meus. Minha namorada brinca que é só para esfregar na cara dela, porque os seus são castanhos sem graça. De sem graça, essa mulher não tem nada.

Sei que é normal que a mãe queira estar o tempo todo com seu filho, mas Raquel precisa espairecer e ver que não tem que fazer tudo sozinha, pois tem a mim.

— Tenho certeza de que sim, querida, mas fique tranquila. Vou cuidar muito bem da nossa filhinha.

— Eu sei que vai. — Ela beija meu rosto e se espreguiça antes de sentar na cama. — Bom dia, amor. Agora preciso levantar. Nem sei como Sofi ainda não acordou.

Só foi terminar de falar, que a babá eletrônica indicou uma movimentação e logo em seguida um chorinho fino.

— Falando nela... — brinco.

— Meu relóginho não falha.

— Também vou levantar. Se precisar de ajuda, só me chamar, tudo bem?

— Pode deixar.

Ela coloca um vestidinho, sai do quarto e entro em modo avião por alguns minutos.

Estou namorando há quase dois meses, mas parece que são anos. Tudo bem que não foi do dia para a noite, nossos sentimentos nasceram há mais tempo, entretanto, são apenas sessenta dias de relacionamento.

O que sinto por Raquel é tão forte, a confiança que temos um no outro é tão incrível, que não me vejo com outra pessoa. Aquela vontade que eu tinha antes, de sair procurando mulheres aleatórias, não existe mais. Aquele cara que fugia de compromissos, também não existe mais.

Será o primeiro Natal que passaremos juntos, com a nossa filha, *como uma família*, e *porra*, estou muito feliz.

Olho para cima, sorrindo, e digo mentalmente:

— *Mãe, eu finalmente tenho uma família. Pai, você se orgulharia de mim.*

Meus olhos ardem, porém, me recuso a chorar. Nessa época sempre fico mais sensível e, por anos, deixei de comemorar o Natal, mas agora tudo é diferente. A tristeza que eu sentia, a saudade que me corroía, se transformaram em esperança e esta esperança me trouxe um propósito: fazer o melhor pela minha família.

Levanto-me da cama e decido verificar como estão as minhas meninas. Coloco uma bermuda e ao chegar no quartinho de Sofia, sorrio e meu peito se comprime com a cena.

— *Sentimentos são como uma canção para a Bela e a Fera.* — Enquanto Raquel canta, minha princesa está

mamando, com o olhar vidrado na mãe.

Acho fantástica essa ligação. Como o bebê fica calmo e feliz pelo simples fato de ouvir a voz da mãe e do pai. É indescritível viver isso!

Ainda escondido, acompanho a interação entre as duas, até Raquel começar a cantar outra música. Bom, não é bem uma música.

— *Salagadula mechikadula bibidi-bobidi-bu. Junte isso tudo e teremos então Bibidi-Bobidi-Bu.*

Não consigo segurar a risada, o que a faz perceber minha presença.

— O que está fazendo aí? — pergunta, estreitando os olhos.

— Estou morrendo de rir com essas músicas do fundo do baú.

— Você e Vanessa podem me zoar, mas Sofi ama. Olha só.

Ela canta de novo e, mesmo se alimentando, Sofia abre e fecha a mãozinha.

— Pelo menos *isso* ela puxou a você, não é? — provoco e tenho certeza de que Raquel me mandaria à merda se não estivesse com a filha nos braços.

— Depois a gente conversa — é o que se digna a falar e eu rio. — Já que o engraçadinho está aqui, pegue *ela*, porque vou terminar de preparar as mamadeiras. Tenho que sair em dez minutos.

— Sim, senhora.

Caminho até ela e pego minha garotinha.

— Oi, *pincesa*. Agora você é todinha do papai. Vamos comer muita porcaria, ver TV o dia todo...

— Vai sonhando.

— Dá licença que o papo é entre mim e Sofia.

Raquel ergue as sobrancelhas, mas nem retruca. Ela sabe que quando começo, não paro. Adoro ver sua

carinha de irritação. Fica mais linda.

Sigo em direção à sala e me acomodo no sofá. Sento a bebê em minha perna, segurando-a com firmeza, e simulo um cavaleiro.

— Pocotó, pocotó, pocotó, minha *prieta* pocotó.

— Ah, mas você não vai cantar isso *pra* minha filha, não! — Não sei de onde a mulher surgiu, mas nunca a vi tão enfezada.

— O que foi?

— *O que foi?* Eu conheço essa baixaria aí. Onde já se viu? Um homem dessa idade, cantar um negócio feio desse *pra* filha.

— Mas eu só estou imitando um cavaleiro, Quer — insisto e me seguro ao máximo para não dar uma gargalhada.

— Como pode ser tão cínico?

— Por acaso, eu fico te recriminando por cantar essas músicas de feitiçaria para Sofia?

A ideia veio de repente e não poderia ser mais oportuna. Quando eu era pequeno, minha avó vivia dizendo que quem assistia aos desenhos da Disney ficava com o *coisa ruim* no corpo e os personagens eram seus servos.

Vê se pode falar uma coisa dessa para uma criança, é óbvio que fiquei um bom tempo sem assistir aos desenhos.

— Músicas de feitiçaria? Do que você está falando?

— Vai dizer que nunca ouviu as teorias de que aquela *Salagadun* é do diabo?

Eu estou me acabando de rir por dentro, mas por fora continuo sério.

— *Salagadula* que se fala e que diabo o quê. As fadas madrinhas da Cinderela que cantavam quando

faziam a magia acontecer.

— Então, o povo falava que elas adoravam o *coisa ruim*.

Raquel fica boquiaberta, não sei se é por não estar acreditando que estou falando sério ou por estar cogitando que seja verdade, e volto minha atenção para Sofia, que está se sacudindo sobre minha perna, como se estivesse pedindo para continuar cavalgando.

— Você não tem que sair? — pergunto para minha namorada, enquanto brinco com Sofi.

— Tem horas que você é insuportável, Felipe! — ela joga e sai batendo os pezinhos.

Sem conseguir aguentar nem mais um segundo com toda essa encenação, solto uma gargalhada tão alta que até a minha filha fica me encarando, com a testinha franzida. E, claro, sua mãe retorna e para na minha frente com os braços cruzados.

— Amor, você tinha que ver a sua cara quando falei do *coisa ruim*. Até eu me aplaudi internamente pela minha sagacidade.

— Olha, se eu não te amasse o tanto que te amo, você estaria no olho da rua.

— Ainda bem que você me ama muito, então. Me dá um beijinho, vai.

— Mas é abusado demais. — Mesmo contrariada, ela se curva e me beija.

Com uma mão seguro minha bebê e a outra levo até sua nuca, aprofundando o beijo. Chupo sua língua, mordisco seu lábio e me afasto.

Raquel fica de olhos fechados, afetada pelo beijo e sorrio.

— Agora, sim, você pode ir, querida.

Ela abre um sorriso e balança a cabeça.

— Só você mesmo, Fê. Tchauzinho, filhinha. Amo vocês.

— Amamos você também, mamãe.

Quando Raquel sai de casa, olho para minha filha e encontro seu *olhão* azul me encarando.

— Agora somos só nós, *pincesa*.



Passa das três da tarde. Estou deitado no tapete da sala, assistindo a segunda temporada de *The Last Kingdom*, com Sofia deitada em meu peito.

Depois de tomar uma mamadeira completa de leite materno, ela ficou molinha, os olhos pesados e apagou enquanto eu fazia carinho em suas costinhas. Sei o quanto ama essa carícia porque sempre faz um barulhinho que se assemelha a um ronronar.

Estou aproveitando para descansar um pouco, depois de passar dias organizando uma campanha de marketing para o aplicativo. Depois do prêmio que o *Date Perfeito* ganhou, os acessos subiram tanto, que precisamos aumentar o suporte do *app*, pois vez ou outra

estava saindo do ar e isso, no meio tecnológico, não pode acontecer. É perda de dinheiro e seguidores, na certa.

Meu celular começa a vibrar e atendo no automático, pausando o seriado.

— *Alô? Felipe?*

Uma voz que eu não esperava ouvir me cumprimenta.

— Sim, é ele — respondo, seco e direto.

— *É o seu tio, André.*

— Eu sei quem é.

— *Ah... Bem, estou ligando para desejar um Feliz Natal.*

Essa é nova. Não recordo quando foi a última vez em que me ligou sem a intenção de pedir dinheiro.

— *Feliz Natal para o senhor também!*

— *Fiquei sabendo que agora é pai. Uma pena ter visto a novidade em uma revista.*

Solto o ar com força e penso duas vezes se devo dar alguma satisfação a ele. Recentemente, participei de uma entrevista e uma das perguntas era de cunho pessoal. Antigamente eu não responderia, mas dessa vez eu quis fazer o oposto.

Perguntaram-me se estou namorando e se tenho planos de ter uma família, já que entrei no rol dos homens mais cobiçados do país, sabe-se lá que tipo de critério usaram.

A fim de dar um basta nos rumores de que estou namorando atriz fulana, modelo sicrana, falei que tenho uma namorada, sim, mas não é famosa. Para completar a bomba, revelei que tive uma filha. A cara da repórter foi impagável. Ela demorou alguns segundos para digerir, para então voltar a me entrevistar.

Decido, então, contar uma parte da verdade para o meu tio. Não é necessário que eu diga como tudo aconteceu.

— Sim, é verdade. Sou pai de uma menina de quatro meses.

— *Uau! Que mudança, Felipe. Sinceramente, pensei que você seria um eterno solteirão. Parabéns!*

— Pois é, as coisas mudam. Obrigado.

— *Não duvido disso. Na verdade, este é um dos motivos que me fizeram te ligar. Nos últimos meses, passei por alguns problemas sérios de saúde. Precisei colocar um stent no coração para restaurar o fluxo sanguíneo na artéria coronária, quase não sobrevivi. Tudo isso me fez repensar a maneira que tenho agido, como tenho criado meus filhos e, enfim, me fez perceber que eu nunca te tratei como deveria. Seus pais faleceram, eu amava meu irmão, e em vez de te trazer para perto e te acolher, te*

afastei. Como você disse, as coisas mudam. A vida é cíclica. É com esta certeza que venho te pedir perdão.

Fico paralisado diante do que acabei de ouvir, sem ter o que falar por alguns segundos. Ele operou? Que merda! Sua sinceridade é desconcertante, porque já tenho uma imagem formada do meu tio e desconstruí-la não será fácil, porém, não é impossível.

Ao me tornar pai, meu senso de julgamento, minhas prioridades mudaram e não quero carregar para sempre essa mágoa. Não me faz bem. E se ele disse que está arrependido da forma como agiu comigo, posso dar uma segunda chance.

— Tio, confesso que o senhor me pegou de surpresa. Quando meus pais morreram, eu precisei muito do seu apoio, do seu abraço, me senti sozinho no mundo. Por Deus não fiz uma besteira, mas tenho aprendido que tudo acontece por um motivo e precisei passar por aquele

processo sozinho para me tornar o homem que sou hoje. Eu te perdoo e espero que fique bem.

Ouço um fungar do outro lado e imagino que esteja chorando. Nunca me passou pela cabeça que o meu Natal seria tão surpreendente.

— *Muito obrigado, meu filho. Depois do que passei, vi o que realmente importa. Além de saúde é estar com quem amamos. O dinheiro não deveria ter me guiado por tanto tempo, mas, estou vivo e aprendi a lição. Espero conhecer sua filhinha qualquer dia. Seus primos também mudaram bastante. Se você nos permitir, podemos ser uma família de verdade.*

Engulo a emoção que suas palavras me trazem e reflito em como sua postura mudou. *Podemos ser uma família de verdade.* Será que podemos?

— Fico muito feliz pelo senhor. Sobre sermos uma família, vamos conversando, retomando o contato, assim a

gente fortalece os laços e terei prazer em levar minha namorada e minha filha para vocês conhecerem.

— *Seria perfeito! Bem, não vou mais tomar o seu tempo em plena véspera de Natal. Muito obrigado pela segunda chance, Felipe. Prometo que não vou decepcioná-lo novamente. Tenha um ótimo Natal ao lado de quem ama, meu filho, é isso o que importa.*

— Eu terei, tio. Feliz Natal e um abraço!

— *Grande abraço!*

A chamada é encerrada e levo alguns minutos para voltar à realidade e refletir no que acabou de acontecer. Foi muito foda! Meu tio, o mercenário que vivia correndo atrás de facilidades, está completamente diferente. Ainda há dúvida de que a vida é uma roda gigante?

No final das contas, somos todos frágeis, vulneráveis, humanos, e o que fica depois que vamos

embora é o nosso legado e como marcamos as pessoas que passaram em nossa vida.



Não lembro se alguma vez entrei em uma casa tão decorada para o Natal. Quando Raquel me disse que a irmã era mais fissurada do que ela no clima natalino, eu não acreditei. Afinal, só na casa da minha namorada há duas árvores de Natal, fora os pisca-piscas, toalhas e miniaturas do Papai Noel.

Um chiadinho me faz olhar para Sofia.

— O que foi, filhinha?

Ela está a coisa mais linda com um vestidinho vermelho e branco e uma tiara verde na cabeça. Fofa demais essa minha princesa.

Raquel está maravilhosa, mas não tem nada de fofa, está deliciosa em um vestido de renda vermelho,

comportado, mas justo nos lugares certos. Uma tentação natalina.

— Está curtindo, amor? — pergunta, sempre preocupada com meu bem-estar.

Ela está na função, ajudando a mãe e a irmã, e eu estou com a nossa filhinha no colo, aguardando Fernando me trazer um copo de Coca-Cola. Não estou na *vibe* de bebida alcoólica. Com Raquel amamentando, não tem muita graça ficar bebendo sozinho.

— Está tudo ótimo, querida. Não se preocupe comigo. Sofia que soltou um chiadinho aqui, mas deve ser gases.

— Humm... Ela mamou agora pouco e já arrotou. Pode ser a tiara, porque não está acostumada a usar acessórios na cabeça.

— É verdade, não pensei nisso.

— E a conversa do seu tio? Já digeriu?

Conversei com ela mais cedo e, assim como eu, ficou surpresa, mas feliz por tudo estar se encaminhando.

— Sim, estou mais conformado. Querida, que horas vamos abrir os presentes?

— Daqui a pouco. Costuma ser após a ceia e como já comemos, logo Renata começa com os gri...

— Pessoal, hora dos presentes! — o grito da irmã junto com a algazarra dos seus dois filhos preenchem o ambiente e chego a arregalar os olhos, a mesma expressão de Sofia neste momento.

Começo a rir com o susto que a minha filha tomou e Raquel fica irada com a irmã.

— *Pra* quê gritar assim? — murmura em meu ouvido.

Por sorte, Sofi não desatou a chorar. Aí o caos seria instalado.

Todos sentam ao redor da árvore e Renata volta a falar:

— Este ano temos duas presenças ilustres. Estamos muito felizes pelo primeiro Natal da pequena Sofia fora da barriga de sua mamãe. Tem sido um ano extraordinário e para cada um de uma forma diferente. Seja bem-vindo, Felipe. Você já faz parte da família, mas tê-lo aqui é muito bom. Com certeza minha irmã está vibrando.

Raquel, que está sentada ao meu lado, me abraça e beija meu rosto. O sorriso que enfeita seus lábios me deixa bobo e ao olhar para a nossa princesa, me sinto completamente realizado. Não tenho nem o que pedir para o Noel, a não ser muita saúde para as mulheres da minha vida.

— Obrigado, Renata! Estou lisonjeado por participar de uma família tão fantástica e maravilhosa como esta — declaro.

— E eu agradeço por fazer minha neta e minha filha tão felizes, querido. A felicidade delas é a nossa — minha sogra se manifesta e fico tocado pelas suas palavras.

Dona Cecília não esconde que nutre um carinho grande por mim e sinto o mesmo por ela.

— Quem vai começar a abrir os presentes este ano... — Renata tenta falar, mas os filhos começam a gritar.

— Eu!

— Eu!

A mulher vira o bicho quando fala com eles:

— Caio e João, se não pararem de graça, agora, não vão ganhar presente nenhum.

Os dois ficam tão quietos que penso que pode haver um botão de liga e desliga no corpo deles.

— O método da sua irmã é bem eficaz — comento com Raquel.

— Se você acha que eu sou osso duro, é porque não conhece Renata.

— Agora fiquei até com medo — gracejo e ela ri.

Renata bate palmas, chamando a atenção para si:

— Voltando ao que estava falando, quem vai começar a abrir os presentes este ano é a mamãe.

Todos batem palmas e eu os sigo, pois não conheço os rituais da família ainda. Sofia fica batendo uma mão na outra e nem acredito no que estou vendo.

— Raquel, olha isso! — sussurro, para que nossa filha não perceba que está sendo observada.

— Ah, meu Deus! Deixa *eu* filmar.

Cada descoberta é única e nós, pais babões assumidos, registramos tudo.

Um a um é chamado para abrir seus presentes e após muita gritaria, palmas e emoções, chega a vez de Raquel.

— Olha lá a mamãe, filha. Ela *tá* linda, não *tá*? —
Minha *bebezona* se agita ao ver a mãe e sorrio, encantado
pelo reconhecimento.

Será que um dia vou parar de babar nessa menina?

Olho para o celular e vejo que são quase onze e
quinze da noite.

Raquel ganhou uma bolsa de grife dos pais e uma
caixa de maquiagens da irmã. Só falta o meu.

Levanto-me do sofá e carrego Sofia comigo.

— Quel, o meu presente está nas mãozinhas da
nossa princesa.

Raquel volta sua atenção para um pacotinho que
está no colo da bebê e sorri para mim.

— Obrigada, amor. — Ela me beija e em seguida
beija a testinha de Sofi. — Nem sei o que é, mas tenho
certeza de que vou amar.

Ela pega a embalagem e a abre igual uma criança ansiosa. Quando percebe que é uma caixinha de joia, estreita os olhos para mim, desconfiada, mas como se não acreditasse no que se passou em sua cabecinha, resolve abrir de uma vez.

— Não pode ser — balbucia baixinho, mas todos escutam.

Entrego Sofia para a minha sogra e pego a caixa da mão da minha branquinha, sem dificuldade, pois está em choque. Diante dela, me ajoelho e Raquel suspira, uma mão no coração e a outra na testa.

— Felipe, pelo amor de Deus.

— Gente! — Renata exclama, extasiada.

— Podem entrar — grito.

Como num passe de mágica, Marcelo e Vanessa aparecem com seus celulares a postos, sorrindo e

causando surpresa à família Travassos, menos, claro, à dona Cecília. Ela é a minha fiel escudeira e sabe de tudo.

— Van, Marcelo! — Raquel exclama, boquiaberta.

— Oi, amiga! Feliz Natal, povo!

— Feliz Natal para todos! — Marcelo cumprimenta.

O amor da minha vida olha para mim, o rosto já molhado pelo choro e parece não acreditar no que está acontecendo.

— Felipe... — murmura, completamente sem reação.

Ajoelhado e com a pequena caixa na mão, começo a discursar:

— Quel, aos olhos de muitas pessoas isso seria precipitado, cedo demais pelo tempo em que estamos juntos, de fato, mas fiquei pensando, o que é certo? Quem tem o direito de dizer isso? O que é errado? É tudo tão relativo. As pessoas tendem a criar padrões, mas nós dois

estamos fora da curva, fora do que é considerado como regra. A maneira que nos conhecemos foi totalmente imprevisível. Era *pra* ser, estava escrito, como dizem: *Maktub*. Não tem outra explicação.

— Não tem mesmo — Renata comenta, fazendo todos rirem.

E continuo:

— A gente brinca dizendo que nossa história começou ao contrário, mas, na verdade, ela começou onde deveria começar. Soa redundante, mas é isso. Cada passo nosso nos trouxe para esta noite. A noite em que eu decido abrir mão da *minha* vida para compartilhar uma só com você e a nossa Sofia. Eu te amo pela mulher incrível, corajosa e dedicada que você é. Te amo pelas suas falhas e suas fraquezas. Por último, eu te amo por ser a mãe da minha filha, amada e querida, e por me dar uma família que nem em meus sonhos mais utópicos pensei em ter.

Pego sua mão alva, os dedos finos e longos e beijo um por um.

— Este anel pertenceu à minha mãe. — Ouço Raquel arquejar, comovida. — Já te falei o quanto eu a amava e admirava, por isso esperei até encontrar uma mulher digna para usá-lo. E você é esta mulher, meu amor. A mulher que invadiu o meu mundo sem pedir licença, que me deixou com os quatro pneus arriados e que me fez ver o que eu estava perdendo. Com você, vivi os melhores dias da minha vida e sei que vou continuar vivendo. Não sou garoto, sempre soube o que eu queria e o que não queria, e eu quero você. De qualquer maneira. De qualquer forma. De qualquer jeito. Só você!

Vanessa faz um *auê* e a gritaria fica generalizada, até Sofia começa a chorar. No meio do barulho, pergunto, quase gritando para me fazer ouvir:

— Raquel, você aceita se casar comigo?

Ajoelhando-se para ficar na minha altura, ela devolve:

— Siiiiim!

Agarro a cintura da minha namorada, que agora se tornou minha noiva e dou um abraço apertado, beijando seu pescoço e declarando baixinho:

— Eu te amo, minha vida. Eu te amo, *porra*!

— Ah, Fê, meu amor, eu te amo. Você me faz tão feliz, mas tão feliz.

— E vou te fazer muito mais, querida. A você e à nossa princesa Sofia. Eu prometo!



Três meses depois

— Não faz isso, Sofia! — repreendo minha bebê de sete meses de vida. Ela está na fase de engatinhar e pegar as coisas que vê pelo caminho.

— *Da-da-daaaaa* — esperneia, quando tiro meu sapato de sua mão.

— *Tá brava, é?* Eu que deveria estar brava com você, mocinha.

Tiro-a do chão e a coloco em cima da cama.

— Cadê a sua tia, sua avó, hein?

Não bastasse o nervosismo todo e meu estado recém-descoberto, ainda tenho que lidar com Sofia no auge de suas descobertas. Assim vou ficar doida.

A porta se abre e Vanessa entra, esbaforida.

— O que foi? — pergunto.

— Está uma loucura lá fora.

— Como assim? Nem tem tanta gente.

— Pois é, nem me diga.

— Você viu minha mãe e Renata? Elas ficaram de cuidar da Sofi, mas até agora não vieram.

— As duas estavam terminando de se arrumarem.

— Ai, Van. Estou muito nervosa.

— Calma, Raquel. Não tem com o que se preocupar, está tudo lindo.

— Não estou preocupada com a arrumação. Imagino que a empresa tenha organizado tudo maravilhosamente bem pelo preço que pagamos, mas é a importância do dia, o que está prestes a acontecer...

— Eu sei, minha amiga, só estou tentando minimizar. Sabe, no dia do meu casamento eu estava uma pilha de nervos, como você. Achei que ia dar tudo errado, então fechei os olhos, respirei fundo e comecei a pensar no que me dava paz, os motivos que levaram a estar ali, mentalizei que daria tudo certo e pouco a pouco fui me acalmando. Funcionou *pra* mim, pode funcionar *pra* você.

A gente nunca conversa sobre a época em que ela era casada, porque sei que a ferida ainda está cicatrizando, por isso tem um significado especial ouvir seu testemunho.

— Obrigada, Van. Sei que detesta tocar no assunto, mas ter feito isso por mim foi de uma sensibilidade absurda. Te amo — declaro, abraçando minha amiga e dama de honra em seguida.

— *Daaaaaaaaa.*

Um gritinho interrompe nosso momento e olhamos para a figurinha deitada na cama, nos encarando.

— A garotinha está nervosa também, hein? — a morena constata e ri.

— Nem me fale. Acho que está sentindo falta do pai. Ela anda agarrada demais nele.

— Se quiser, eu fico com ela.

— Não, você já está toda arrumada. Por sinal, o vestido ficou lindo. Nossas costureiras arrasaram.

— Eu amei também.

Minha amiga está com um vestido longo de tafetá na cor magenta, com um decote generoso nas costas. Os cabelos volumosos estão presos em um rabo-de-cavalo e a maquiagem está perfeita, iluminada, realçando sua cor natural.

— Quer que eu te ajude a se vestir? — pergunta.

— Eu estava esperando a minha mãe, mas está demorando muito.

Assim que termino de falar, alguém bate à porta e Vanessa vai atender.

— Até que enfim! — exclamo quando vejo dona Cecília e Renata entrando.

— Filha, você nem sabe...

— *Tá* na hora de se arrumar, Quel — minha irmã interrompe e fico encucada.

— O que você ia falar, mãe? Aconteceu alguma coisa?

— Nada, filha. Ia falar que está tudo maravilhoso lá embaixo. Vamos te arrumar agora, porque só falta a noiva para o casamento começar.

— Sofia está irritada. Nem consegui vesti-la ainda.

— Fique tranquila, eu faço isso — Renata se prontifica. — Caio e João também já estão prontinhos.

Ficaram uma graça de terno, Quel.

— Ah, meu Deus! Estou louca pra ver os dois.

— Tire o roupão, filha — minha mãe pede.

— Bem, já que está tudo *ok* por aqui, vou descer —

Van comunica.

— Até daqui a pouco, amiga. Obrigada mais uma vez.

— Se precisar, é só me chamar.

Ela sai do quarto e obedeço ao comando de mamãe. Deixo Renata com Sofia e vou para o banheiro da suíte. Tiro o roupão e fico apenas de calcinha e sutiã sem alças, ambos de cor branca.

O espelho do chão ao teto me permite ver cada detalhe do meu corpo. Os cabelos presos em um coque elegante, a maquiagem perfeitamente elaborada, deixando meu rosto com um aspecto natural e ao mesmo tempo

iluminado. Decidi por algo leve, porque estamos no meio da tarde e não poderia ter escolhido melhor.

— Logo, logo estará enorme novamente — dona Cecília toca minha barriga e sorrio com o carinho.

— Sim! — respondo, colocando minha mão sobre a dela. — Quem diria que eu estaria grávida com uma filha de sete meses?

— É o que acontece quando não se usa contraceptivos, não é? — dona Cecília alfineta, mas logo sorri, afastando-se para pegar o cabide com meu vestido.

— Eu já disse que me enrolei na bendita tabelinha, mãe.

— Eu sei, estou enchendo seu saco, Raquel. Parece até que não me conhece.

— Ai, mãe. Só você.

— Mas estou feliz por você, filha. Os filhos são bênçãos em nossas vidas e será muito bom Sofia ter

companhia, vai ver só.

— Amém!

Como tem acontecido na minha vida nos últimos tempos, minha segunda gravidez não foi planejada. Até pensei em manter segredo de Felipe até o casamento, mas não aguentei, e quando contei, algumas semanas atrás, que estava com a menstruação atrasada, confesso que fiquei com medo de ele dizer que não queria mais filhos, pois não havíamos conversado sobre isso ainda. Porém sua reação foi completamente avessa ao que eu imaginava. Meu noivo me agarrou e me levantou do chão, gritando todo feliz que seria pai de novo.

Aos 36 anos me sinto cheia de gás e disposição, procuro me manter saudável, me exercito, e o mesmo acontece com Felipe, que aos 40 anos tem a energia de um garotão. No final das contas, a idade quem faz é a gente e não dá para ficar se baseando no que dizem que podemos ou não fazer.

Chorando, eu o abracei forte e disse que apesar do susto, estava feliz demais porque tudo com ele se torna uma experiência incrível. A cada dia ele se mostra um pai excepcional. Não preciso pedir nada, é proativo, solícito, responsável, e isso diminui o índice de brigas. Não que a gente não se irrite um com o outro, mas vou falar que é difícil a gente perder a paciência, a não ser que seja por algo realmente sério.

Mamãe tira meu vestido do cabide e respiro fundo antes de pegá-lo. Apesar de ainda não estar com barriga, houve uma alteraçãozinha na cintura e as costureiras da RaVa, que fizeram os vestidos da minha mãe, Renata, Vanessa e Sofia, precisaram abrir um pouquinho as laterais. Nada significativo, mas se eu não casasse logo, o vestido importado dos Estados Unidos, de uma grife que sempre sonhei em casar, estaria perdido dentro de algumas semanas.

Abro o zíper da peça e minha mãe o coloca no chão para que eu entre. A postos, ajusto o tecido no corpo e ela se posiciona atrás de mim para fechá-lo. Quando sinaliza que está tudo *ok*, me viro para o espelho e é impossível conter a emoção.

Por ter a pele muito branca, escolhi a cor *off white* para dar uma diferenciada. O decote é no formato canoa, ombro a ombro, e justo até a metade das coxas, abrindo um pouco até os pés, no estilo sereia. Ficou perfeito!

Com a mão na boca, mamãe fica em silêncio, olhando-me por alguns segundos, até dizer:

— Um primor, minha filha. Linda que dói.

— Obrigada, mãe.

Renata aparece com Sofia e sua boca fica levemente aberta ao me ver.

— Você está parecendo uma princesa, Quel.

— Obrigada, Rê! Eu realmente me sinto em um conto de fadas moderno. E obrigada por vestir a Sofi, ela está linda.

O vestidinho de cor magenta, que todas elas usam, cobre suas perninhas grossas e o cabelinho escorrido está preso no alto da cabeça. Os olhos azuis são tão chamativos que até proposta de fotos para produtos infantis já fizeram. Obviamente que tanto Felipe quanto eu não aceitamos a exposição.

— Essa gostosinha está doida *pra* descer e ver o pai — Renata comenta.

— Por falar nele, vocês o viram? Ele está bem?

— Está bem, sim. Com a ansiedade a mil, mas está bem — minha mãe responde.

— Imagino! Só falta colocar o véu, daí podemos descer.

— Antes, temos uma coisinha para te dar.

Olho para dona Cecília pelo reflexo do espelho e franzo a testa.

— Humm... — murmuro.

Ela vai para dentro do quarto e traz uma caixinha comprida e fina.

— Esta é uma lembrança da nossa família para você, minha filha, neste dia tão especial. Nós te amamos, amamos a família que está construindo e queremos dizer que para o que der e vier estaremos de portas abertas. Você pode me achar superprotetora, exagerada, mas nunca vou lhe negar um abraço ou um conselho.

— Ah, meu Deus, vocês querem me fazer borrar a maquiagem antes mesmo de casar.

— Fique tranquila que a moça disse que é à prova d'água — Renata retruca.

Minha mãe estende a caixinha para mim e eu a pego, desfazendo o lacinho que a prende. Quando abro a

tampa vejo uma pulseira com pequenos brilhantes.

— Gente! — exclamo, encantada com a joia. — É linda!

Sem pensar duas vezes, tiro a pulseira da caixa e peço que mamãe coloque em meu pulso.

— Vou casar com ela — digo, fascinada. — Eu amei! Muito obrigada — agradeço, transbordando de emoção.

— Agora aproveite o seu grande dia antes que seu noivo tenha um treco.

— Sim, mamãe. Vamos pôr véu e *partiu casar!*



Meu Deus do céu, que calor é esse? Eu estava no ar-condicionado do meu quarto e nem percebi que estava tão abafado em pleno março. Por ser um mês que fecha o verão, pensei que o clima estivesse mais ameno.

— Está sentindo esse calor? — pergunto ao meu pai, enquanto aguardo o sinal da cerimonialista para entrar no jardim da minha casa, onde vai acontecer a cerimônia.

Decidi aproveitar o espaço que tenho a alugar qualquer outro local. É bonito, amplo e atende bem ao propósito que é oficializar a união na presença da família e amigos mais próximos. Um evento íntimo que dê para curtir e celebrar do jeito que a gente ama.

— Nada além do normal. Isso deve ser nervosismo,
Quel — papai responde.

— Será? Nossa, tomara que passe longo então.

— Filha, fique tranquila. Você está deslumbrante.
Aquele cara te ama, você também o ama, não há o que
temer.

— Eu sei, pai. Não estou temendo, só não consigo
controlar minha ansiedade.

Ele coloca a mão em cima da minha e diz, como se
tivesse ouvido Vanessa falar comigo:

— Respire fundo, filhinha. Já deu tudo certo. Você é
uma mulher que não tem medo de qualquer coisa, não será
um casamento que vai te pirar.

Tenho que rir com suas palavras e isso ameniza e
muito a sensação ruim que tenta me dominar.

— Raquel, está na hora — a cerimonialista avisa.

Respiro fundo, fecho os olhos, aperto a mão de papai e penso no rosto da minha filhinha, do meu noivo que daqui a pouco será meu marido, na sementinha que está em meu ventre, e me sinto mais leve.

Ouçó o som de violinos iniciando a Marcha Nupcial e então as portas se abrem. Demoro alguns segundos para admirar a beleza de toda a decoração. Que coisa linda!

Fizeram um caminho de flores até o pequeno altar e algumas cadeiras foram colocadas ao redor para nossos familiares se sentarem.

Enquanto caminho com meu pai, percebo que há velas por todos os cantos, um cheiro delicioso de baunilha, canela — algo assim — e imagino que as velas sejam aromatizadas. Amo essas fragrâncias.

Eu deixei tudo nas mãos da decoradora. Respondi a um questionário com todos os meus gostos e o que não gostaria e, pelo visto, a mulher fez um trabalho melhor do que se eu tivesse dado pitacos.

Avisto minha mãe, algumas funcionárias da RaVa, o tio de Felipe com seus dois filhos — eles finalmente se acertaram e meu noivo nunca esteve tão satisfeito —, Fernando está sozinho, pois Renata ficou com Sofia e meus sobrinhos, aguardando a vez de eles entrarem. Mais à frente, noto Vanessa de um lado e Marcelo do outro, nossos padrinhos, e, então, eu o vejo.

Com um terno azul, camisa branca e uma flor de lapela no lado esquerdo do seu paletó, Felipe está estonteante. Os cabelos jogados para trás com gel, o brilho em seus olhos, o sorriso largo tomando seu rosto, a barba mais aparada do que de costume, fazendo suas covinhas se pronunciarem. Ele está de tirar o fôlego!

Eu sorrio de volta, esquecendo de todo o resto, do nervosismo, da ansiedade, do aperto no peito que estava me impedindo de respirar livremente e de qualquer insegurança boba que tenha me perturbado.

Meu pai e eu paramos e meu noivo vem ao nosso encontro. Sou surpreendida com um sussurro em meu ouvido:

— Eu te amo, filhinha, e o que mais quero nesta vida é que seja muito feliz.

— Obrigada, papai. Eu também te amo, muito.

Felipe e ele se abraçam e consigo ouvi-los:

— Cuide bem das minhas meninas.

— De todo meu coração, Jorge.

Meu pai beija minha testa, eu beijo sua bochecha e Felipe toma o lugar ao meu lado. Meus pensamentos de mãe invadem a minha cabeça e imagino como deve ser difícil para uma mãe/pai entregar o filho que cuidou e protegeu a vida toda para outra pessoa. Porque o que acabou de acontecer foi basicamente isso. Papai saiu de cena para entrar o homem que cuidará de mim a partir de

agora, e eu cuidarei dele. Aquela frase nunca foi tão certa: a gente cria os filhos para o mundo.

— Você está deslumbrante, querida. Nunca vi uma noiva tão linda — Felipe murmura, acariciando levemente minha barriga, um cumprimento à nossa sementinha, e sorrio de volta para ele, sentindo-me abençoada por ter um homem como ele como marido.

— Obrigada, amor. Você está um pecado. Sorte a minha que sou sua mulher.

Ele dá uma risadinha, apertando minha mão na sua, e nosso momento é interrompido quando o celebrante começa a falar.

— Boa tarde para todos, vamos iniciar a celebração do matrimônio entre Felipe Marques Dias — semanas atrás é que fui descobrir o outro sobrenome dele — e Raquel Souza Travassos.

Escolhemos um celebrante profissional, já que não seguimos uma religião e a única coisa que pedimos é que fosse breve. Lembro que o rapaz riu, mas disse que não costumava fazer casamentos longos. Dei graças a Deus por isso, porque ninguém merece ficar horas sentado.

— Estamos todos aqui reunidos para celebrar o amor entre duas pessoas que decidiram dar o passo mais importante na vida de um casal. Em tempos tão difíceis isso demanda coragem, fé e, principalmente, a certeza de que o amor rege suas vidas, acima de qualquer obstáculo. A partir de hoje, vocês não serão dois, mas um. Um só coração, um só pensamento, uma só história.

Olho para Felipe e o pego me observando, os olhos marejados, os dentes marcando o lábio inferior, como se estivesse se segurando para não chorar. Levanto nossas mãos e beijo o dorso da sua. Uma lágrima solitária desliza por seu rosto e por instinto a limpo.

Ele segura minha mão livre e beija a palma. Um gesto tão simples, mas com tanto significado que não consigo me segurar e lágrimas inundam minha visão. Volto-me para o celebrante, tentando conter a emoção, mas é difícil não me afetar pelas lindas palavras proferidas.

— Neste momento, quero ler um poema que gosto bastante. Ele se chama *Não Deixe O Amor Passar* e eu o adaptei para este grande dia.

“Quando encontrar alguém e esse alguém fizer parar de funcionar o seu coração por alguns segundos, preste atenção: *pode ser a pessoa mais importante da sua vida.*

Se os olhares se cruzarem e, neste momento, houver o mesmo brilho intenso entre eles, fique alerta: pode ser a pessoa que você está esperando desde o dia em que nasceu. Se o toque dos lábios for intenso, se o beijo for apaixonante, e os olhos se encherem d’água neste momento, perceba: *existe algo mágico entre vocês.*

Se o primeiro e o último pensamento do seu dia forem essa pessoa, se a vontade de ficarem juntos chegar a apertar o coração, agradeça: Deus mandou-lhe um presente: o Amor.

Felipe e Raquel, se um dia tiverem que pedir perdão um ao outro por algum motivo e, em troca, receber um abraço, um sorriso, um afago nos cabelos e os gestos valerem mais que mil palavras, entreguem-se: vocês foram feitos um para o outro.

Se por algum motivo você estiver triste, *Raquel*, se a vida lhe deu uma rasteira e *Felipe* sofrer o seu sofrimento, chorar as suas lágrimas e enxugá-las com ternura, que coisa maravilhosa: você poderá contar com ele em qualquer momento de sua vida.

Felipe, se você conseguir, em pensamento, sentir o cheiro de *Raquel* como se ela estivesse ali do seu lado... Se você *a achar* maravilhosamente linda, mesmo ela estando de pijamas velhos, chinelos de dedo e cabelos

emaranhados... Se você não consegue trabalhar o dia todo, ansioso pelo encontro que está marcado para a noite...

Raquel, se você não consegue imaginar, de maneira nenhuma, um futuro sem *Felipe* ao seu lado...

Felipe, se você tiver a certeza de que vai ver *Raquel* envelhecendo e, mesmo assim, tiver a convicção que vai continuar sendo louco por ela...

Raquel, se você preferir fechar os olhos, antes de ver *Felipe* partindo: é o amor que chegou à sua vida.

Muitas pessoas apaixonam-se muitas vezes na vida, poucas amam ou encontram um amor verdadeiro. Às vezes encontram e, por não prestarem atenção nesses sinais, deixam o amor passar, sem deixá-lo acontecer verdadeiramente.

Por tudo isso, parabéns por prestarem atenção aos sinais e por não deixarem o amor passar, Felipe e Raquel."

Pensei que depois de ter chorado tanto no nascimento de Sofia, eu nunca mais conseguiria chorar copiosamente em outras circunstâncias, mas me enganei. Em algum momento, Felipe me abraçou e ficamos ouvindo cada frase desse jeito, abraçados, emocionados, um falando para o outro a todo instante “te amo”.

Não lembro se alguma vez na vida ouvi um sermão tão marcante ou se é porque é o do *meu* casamento, mas pelas palmas e sons de fungadas, posso imaginar que não fui a única que achou incrível.

Saindo do abraço de Felipe, encontro a mão da cerimonialista estendida com alguns lenços. Não sei se estou uma bagunça, mas se estiver estou uma bagunça extremamente feliz.

Seco as lágrimas, assim como meu noivo e me recomponho.

— Que bom que gostaram do texto — o celebrante diz, abrindo um sorriso satisfeito.

— Amamos — respondo e o homem assente em agradecimento.

— Felipe e Raquel, nunca deixem de regar este amor com muita paciência, sabedoria, respeito, atenção, carinho, empatia... Tendem a dizer que amar é complicado, mas o complicado mesmo é não ceder, achar que está sempre certo, que é do seu jeito e pronto. Não dá para compartilhar a vida com outra pessoa, que cresceu de uma forma diferente da sua, desse jeito. Mantenham a calma, não levantem a voz, sigam firmes no propósito e sejam muito felizes. Agora, vamos às alianças.

Os violinos começam a tocar uma música que reconheço e que é diferente do que eu havia combinado. É *Daughters*, de John Mayer, uma canção que Felipe e eu amamos cantar para Sofia. Meu coração acelera ao ver meus dois sobrinhos, Caio e João, trazendo nossa princesa dentro de um carrinho.

Mais lágrimas correm pelo meu rosto diante da cena que guardarei para sempre na memória e no coração. Eu sabia que os meus sobrinhos entrariam, mas não imaginei que Renata prepararia algo tão lindo assim.

Estou chorando muito e Felipe não está longe disso.

Quando os meninos chegam até o pequeno altar, beijo seus rostos e eles sorriem, satisfeitos por terem feito um bom trabalho. Logo Renata aparece e pega Sofia do carrinho. Em volta do seu pescocinho há um colar de flores e duas alianças estão amarradas por um fitilho.

— Obrigada, irmã — sussurro, quando Rê estende minha filha para que eu pegue o colar de flores.

— De nada, Quel. Foi um prazer.

Dou um beijinho em Sofia e Felipe aproveita para fazer o mesmo. Renata a leva de volta e entrego as alianças para o celebrante.

— Um anel é um elo, uma aliança é um voto. Sem emendas, circular, sem fim. Ela simboliza um compromisso, a eternidade de uma união. Vocês deixarão de ser dois, para se tornarem um. A partir de agora serão aliados, estarão no mesmo time, no mesmo propósito, na mesma sintonia. Vamos passar para os votos.

Viro-me para Felipe e ele se vira para mim. Nós combinamos de não fazermos votos longos, pois temos o costume de nos declararmos diariamente, então resolvemos fazer um desafio.

Entregam um microfone para mim e começo a falar:

— Boa tarde para todos. Estamos muito felizes com a presença de vocês neste dia tão importante para nós. Este é o momento dos votos e decidimos fazê-los de uma maneira diferente, em uma única frase. Eu sei que parece loucura expressar o que cada um sente pelo outro com uma simples frase, mas ao mesmo tempo é desafiador, e a gente ama desafios.

As risadas dos convidados ressoam pelo jardim e Felipe e eu sorrimos.

Seguro a mão do meu noivo e olhando em seus olhos, compreendo a seriedade do ato.

— A você, Felipe, meu amor, minha sorte, minha raridade, meu sonho realizado, pai dos meus filhos, me entrego por inteiro, sem reservas, sem ressalvas, sem medo, para todo o sempre e sempre e sempre.

Meu noivo beija minha mão e seus olhos voltam a ficar marejados. Passo o microfone para ele e é sua vez de falar.

— Boa tarde, gente. Não pensei que fosse chorar tanto neste casamento. — O povo ri de sua sinceridade. — Tentei me fazer de durão, mas não deu. Está tudo tão perfeito, que eu já me vejo casando com Raquel pelo menos umas dez vezes.

Balanço a cabeça e me manifesto:

— Ainda bem que é comigo.

— Claro, amor. Só com você! Bem, chegou o momento de proferir meus votos e, desculpe, querida, não seguir à risca o programado, afinal de contas, você, mais do que ninguém, já deveria saber que o planejado não funciona com a gente.

É claro que quem conhece a nossa história está rindo.

Ah, meu Deus! O que ele vai fazer?

— Então, resolvi me declarar de uma maneira diferente.

De repente, vejo uma movimentação dentro de casa e dois homens saem de lá de dentro. FRANZO a testa sem compreender o que está acontecendo e quando chegam mais perto, tenho quase certeza de que vou cair dura no chão.

— Não acredito, Felipe — balbucio, perplexa e hipnotizada enquanto os dois rapazes sorriem para mim.

— Boa tarde, Felipe e Raquel. Estamos muito felizes em fazer parte do grande dia de vocês. Raquel, essa é do Felipe *pra* você!

Olho para o meu noivo, que acha graça do meu choque, e me viro novamente para a dupla.

Meu Deus do Céu! Jorge & Mateus estão no meu casamento. A Raquel tiete está louca para abraçá-los, dizer que amo suas músicas, mas a Raquel noiva em pleno casamento se mantém firme no lugar.

Uma música começa a tocar nas caixas de som e reconheço instantaneamente. É óbvio, eu conheço grande parte do repertório deles, mas esta, em especial... é linda demais.

Coloco a mão na boca quando começam a cantar, ainda sem acreditar que estão aqui, cantando para mim.

*No primeiro instante
Vi que era amor
No momento em que a gente se encontrou
No segundo instante, vi que era você
Já te amo tanto sem te conhecer*

Sou pega de surpresa quando Felipe me puxa para dançar colada ao seu corpo, declamando a letra em meu ouvido:

*É que nos meus sonhos você era linda
Pessoalmente é mais linda ainda
Nosso amor veio de outras vidas
Eu vou te amar nas outras vidas que virão*

— Não acredito que você fez isso — comento, quando o choque vai passando aos poucos.

— Não gostou? — o engraçadinho pergunta.

— Você sabe que amei.

— Então aproveite, minha linda. Estes são os meus votos. Cada palavra, cada acorde, é tudo pra você.

— Meu Deus, eu te amo tanto, Felipe.

Ele volta a cantar em meu ouvido:

*É que você nasceu pra ser minha
Vamos dividir uma casinha
Uma cama, dormir de conchinha
Deus abençoou a nossa união*

Fico embasbacada quando os convidados cantam o refrão e seguram bandeirinhas no formato de anjos, entendendo o real sentido: *os anjos cantam o nosso amor*. Estou impactada, comovida demais com tanto carinho.

*E os anjos cantam nosso amor, ohh, ohh, ohh
E os anjos cantam nosso amor, ohh, ohh, ohh
E os anjos cantam nosso amor*

O que mais eu poderia pedir?

A dupla faz uma pausa, mas o som continua tocando, e Felipe me solta para falar com o celebrante. Segundos depois, retorna com as duas alianças na palma da mão.

— Pegue a minha, querida. — Faço o que ele pede e aguardo.

Felipe segura minha mão esquerda e, me encarando, desliza a aliança pelo meu anelar.

— Com esta aliança, eu te recebo como minha esposa para amar e respeitar até o fim dos meus dias.

Meu sorriso se alarga e minha vontade é beijá-lo de uma vez, mas me contenho, pois logo poderei matar à vontade.

Deslizando a aliança pelo seu dedo, fixo meus olhos nos dele e digo:

— Com esta aliança, eu te recebo como meu esposo para amar e respeitar até o fim dos meus dias.

A voz do celebrante, então, ecoa no jardim:

— Felipe Marques Dias e Raquel Souza Travassos
Dias, pelo poder a mim investido, eu os declaro casados!

Felipe me levanta do chão e a música recomeça alta e festiva, enquanto corações metalizados caem em nossas cabeças.

— Minha mulher — é o que ele diz antes de me pegar de jeito e me beijar como se fosse a primeira vez.

Beijo sua boca como se minha vida dependesse disso, e talvez dependa mesmo.

— Meu marido — murmuro em seus lábios, embalada na canção de Jorge & Mateus.

E os anjos cantam nosso amor, ohh, ohh, ohh

E os anjos cantam nosso amor, ohh, ohh, ohh

E os anjos cantam nosso amor

Quando nos separamos, recebemos os aplausos da nossa família e amigos. Eles cantam, dançam, emanando felicidade pela nossa união.

Vanessa está chorando horrores, Marcelo tenta disfarçar, mas enxuga seu rosto com o braço. Mamãe e papai estão vermelhos, tomados pela emoção.

— Alguém está querendo celebrar com a mamãe e o papai — Renata anuncia, os olhos inchados pelo choro, quando chega perto de mim.

Sofia está batendo palminhas, gritando sílabas e sorrindo, como se realmente estivesse festejando. Eu a pego no colo e me viro para Felipe.

— Olha, papai, quem está muito feliz.

— Ah, *pincesa*! Eu também tô muito feliz. Logo sua irmãzinha ou irmãozinho vai completar a nossa felicidade.

Faço um abraço coletivo e Felipe abraça nossa filhinha, colocando uma mão em meu ventre. Neste

instante, a dupla canta um trecho que diz: *Deus abençoou a nossa união.*

Eu não poderia ter mais certeza de que Deus abençoou a nossa união e que foram os planos dEle, que são maiores e mais sábios que os nossos, que se cumpriram em nossas vidas.

Fin

Agradecimentos

Primeiramente, obrigada, Deus!

Mais um livro finalizado e sou grata pela oportunidade de fechar 2020 fazendo o que mais amo.

Agradeço ao meu marido, Eduardo, meu parceiraço.

Às maravilhosas que betaram e foram essenciais para o andamento deste livro: Bianca Bonoto, Nane Fragnan e Mérice Ribeiro. Obrigada por me acalmarem e incentivarem quando mais precisei!

Às minhas amigas da vida, leitoras amadas — que com o tempo vai ficando cada vez mais difícil nomear em meus agradecimentos — e autoras queridas que se tornaram grandes amigas — vocês sabem quem são —, ajudadoras do meu trabalho, meu muito obrigada! Vocês

não têm ideia do quanto me inspiram a continuar neste caminho. *Amo tus!*

À leitora Isis Nathali, que ganhou um sorteio que fiz entre minhas leitoras, adquirindo a oportunidade de ler os cinco primeiros capítulos desta história, além de ter direito ao nome nos agradecimentos. Parabéns e obrigada pelo carinho!

Minhas parceiras, blogs, grupos de divulgação e leitura... Muito obrigada por me ajudarem tanto. Vocês são espetaculares e imprescindíveis!

A todos os envolvidos, de forma direta ou indireta, que tornaram realidade a publicação deste romance.

A você que me deu uma oportunidade ao adquirir este e-book, muito obrigada!

Até a próxima a viagem!

Amo tus!

T. M. Kechichian

Se ainda não conhece
os livros I e II da série
O Clichê Que Amamos,
dequite a seguir...

meu melhor
amigo

T. M. KECHICHIAN

Sinopse

E se o seu melhor amigo fosse o amor da sua vida?

Paula e Maurício são de Angra dos Reis e estudaram juntos dos 7 aos 17 anos, cultivando uma amizade invejável.

Para seguir o sonho de ser médico, Maurício se muda para a cidade do Rio de Janeiro e Paula permanece em Angra, frustrada por não poder realizar o sonho de estudar moda. Apesar de todo o amor e carinho, o pior acontece: com o passar do tempo, eles perdem o contato.

Agora, dez anos depois, Maurício é um médico em ascensão e Paula, empresária de uma loja de roupas. E, como o destino não brinca em serviço, o ex-melhor amigo de Paula retorna para sua cidade natal e veremos que a história dos dois está longe de terminar.

Em Meu Melhor Amigo, prepare-se para rir, dançar, se aventurar pela Ilha Grande e se apaixonar por duas pessoas que tiveram medo de expressar o que realmente sentiam em prol de uma grande amizade.



— Paulinha, vai dar tudo certo! Em alguns anos eu vou me formar na faculdade de Medicina e você, na de Moda. Seremos bem-sucedidos, vamos dar a tão sonhada volta na Ilha Grande e teremos nossa própria pousada por lá...

— Maurício, às vezes eu acho que você vive no mundo da lua... Como pode programar toda sua vida assim? Tem coisas que a gente não planeja, garoto!

— Eu prefiro programar do que viver perdido, sabe? Mas cada um é cada um...

— É... cada um é de um jeito. Eu acho que a vida é repleta de surpresas e tudo pode mudar em um segundo, por isso, prefiro viver o momento — retruquei.

— Você não está errada, Paula, acho que todos temos nossas verdades e metas, porém uns seguem à risca, outros preferem esperar o universo se encarregar de tudo.

— Nossa, esse papo está bem louco... Mudando de assunto, quando você viaja? — perguntei e segurei o ar, enquanto aguardava sua resposta.

— Daqui a dois dias.

— Uau! Nem acredito que o meu parceiro do crime vai embora...

O choro tentou romper as barreiras que fui erguendo desde que eu soube que meu melhor amigo ia se mudar para o Rio de Janeiro. Estudamos juntos dos 7 até os 17 anos de idade em um colégio particular tradicional aqui de

Angra dos Reis e, assim que nos formamos, ele decidiu seguir o seu sonho. Íamos nos separar pela primeira vez.

Maurício queria fazer Medicina, para isto, seus pais decidiram investir pesado, matriculando-o em um cursinho pré-vestibular, fora da cidade, especializado na área.

A saúde em Angra nunca foi das melhores e ele queria fazer a diferença... Um sonhador. Um sonhador lindo e incrível...

— Eu não vou embora, Paula. O Rio fica a menos de três horas daqui e vez ou outra virei para casa visitar meus pais, você...

— Mas não é a mesma coisa, Maurício. A partir de agora, você vai ser um garoto da cidade grande e esquecerá que Angra dos Reis existe. É sempre assim...

— Ah, para de falar besteira, garota! Eu nunca vou me esquecer da minha melhor amiga! Está entendendo? —

ele perguntou, segurando meus ombros, fazendo com que eu olhasse para o seu rosto.

Encarei seus olhos azuis, os cabelos castanhos propositalmente despenteados... e respondi com a voz embargada:

— Sim, entendi.

Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e me observou por mais tempo que o normal. Parecia querer falar algo mais...

— *Maurício, chegamos!*

O grito de sua mãe interrompeu o momento de estranheza e voltamos à realidade. Querendo fugir o mais rápido possível, peguei minha mochila do chão do seu quarto e disse que ia para a minha casa, que ficava no mesmo condomínio. Ele não me impediu e segui correndo, passando por seus pais como um jato. Eles já estavam

acostumados com a minha presença por lá, então, apenas disseram um unísono:

— Tchau, Paulinha!

Assim que entrei no meu quarto, ainda esbaforida, dei graças a Deus por não ter ninguém em casa. Desabei no chão, em frente ao espelho, e comecei a chorar sem qualquer controle. Chorei porque eu não sabia o que fazer da minha vida sem ter o meu melhor amigo ao meu lado. Chorei porque ele teria uma nova vida em uma cidade que tinha tanto a oferecer e eu ficaria para trás. Chorei porque eu sabia que as coisas nunca mais seriam as mesmas. Chorei, sobretudo, pelo amor que eu sentia.

Quando a gente cresce, tudo muda. Eu esperava que o sentimento que mantinha em segredo também mudasse, pois eu não aguentaria conviver a vida toda com aquele aperto no peito por saber que nunca poderia ter o amor do meu melhor amigo. O garoto que não tinha ideia de que era o dono do meu coração e dos meus sonhos.

Tão clichê... Tão previsível... E lá estava eu, tão apaixonada!

Eu nunca seria burra de confessar o que eu sentia. E correr o risco de perder sua amizade? Não mesmo! O jeito era continuar jogando terra naquele sentimento, enterrando-o ao máximo e me distraindo com outros garotos. Quem sabe um dia aquele sentimento não fosse embora?

Ah, se a vida seguisse nossas regras, seria bem mais fácil...



— Paulinha, as roupas acabaram de chegar.

— Ah, ótimo, Amanda. Pode receber e precificar, por favor.

Minha funcionária, e amiga, assente e vai para os fundos da loja. Eu já estava preocupada com a demora na entrega da mercadoria, mas, graças a Deus, o pedido chegou a tempo das vendas do final de semana. O comércio não está nada legal por aqui, porém, com o início da alta temporada, estou otimista com uma melhora nas vendas.

O movimento do único shopping da cidade é fraco em dias normais e preciso ficar contando com alguns finais de semana, feriados, finais de mês e a chegada do verão. Quando decidi abrir esta loja, nunca imaginei que seria tão complicado *mantê-la*. Os gastos, muitas vezes, são maiores que os lucros, mas é o custo de seguir um sonho, ou, pelo menos, uma parte dele.

Infelizmente, não pude estudar o que eu sempre quis. Estava tudo certo para entrar na faculdade de Moda, sair da cidade, assim como meu melhor amigo na época fez, mas, então, minha vida deu uma virada de 180°. Meu pai perdeu o emprego que sustentava minha família, em consequência disto, minha mãe ficou doente e eu precisei ficar em Angra para ajudar no que fosse preciso.

Fui obrigada a procurar emprego e foi aí que comecei a trabalhar em lojas de roupas. A cada salário ganho, eu tirava uma parte para casa e outra ia juntando para conseguir fazer alguma faculdade por aqui mesmo.

Decidi cursar Administração, a área mais neutra que estava à disposição. Era isso ou nada. Estudei, *me* formei e abri minha própria loja de roupas.

Hoje, posso dizer que estou quase realizada. Com 27 anos, tenho uma loja no shopping, consegui quitar as dívidas dos meus pais, moro sozinha em um apartamento confortável e estou com Fábio, um policial civil, há dois anos.

— Paulinha, terminei uma parte e depois do almoço continuo, tudo bem?

— Claro, Amanda. Pode ir! — respondo, voltando minha atenção para o computador.

— Nossa, não sei como você consegue mexer nisso aí — minha amiga comenta.

— Excel? É só ter prática. No início foi o cão chupando manga, mas agora não vivo sem. Melhor forma

de fazer uma planilha bem-feita. E o meu TOC agradece.

— Nós duas rimos.

— Prefiro continuar com meu lápis e papel — ela completa e eu balanço a cabeça.

— Você é doida! Vai almoçar, vai...

— Vou! Quer alguma coisa da rua?

— Não, obrigada!

— Nem um moreno gato e gostoso? — Amanda pode me perguntar isso todos os dias, mas em todas as vezes não consigo deixar de rir.

— Garota, você não existe!

— Bom, vai que um dia você resolve trocar aquele traste do Fábio... — ela fala, mas coloca a mão na boca rapidamente. — Desculpa, Paulinha. Eu não quis...

Giro minha cadeira e fico de frente para ela.

— Amanda, você é minha amiga, funcionária, mas, por favor, não faça isso. Eu tomo as minhas próprias

decisões e espero que você respeite isso.

— Eu sei, Paula, mas não é nada fácil ver uma amiga perdendo tempo com um cara que não a valoriza. Eu juro que estou tentando entender como uma mulher linda e inteligente como você pode ter perdoado um cara como ele... — Abro a boca, mas ela continua: — Parei por aqui. Você já sabe muito bem o que eu penso. Só espero que ninguém fique te perturbando quando você *levá-lo* à festa dos ex-alunos...

— Eu nem sei se irei a essa festa. — Giro a cadeira de volta para ficar de frente para o computador, dando a conversa por encerrada.

— Como assim *não sabe se vai*?

Sem cerimônia, ela me gira de volta e sou obrigada a ver sua expressão chocada. Intimidade é uma *merda*!

— Ah, não estou com saco para ver o quanto as garotas mimadas do passado viraram mulheres bem-

sucedidas, morando em cidades grandes, desprezando quem ficou por aqui e as que ficaram destilarem o veneno de sempre...

Há uns três anos eu estava louca de vontade para participar do evento de 10 anos Pós-Colégio, que vem prometendo ser um grande acontecimento, mas agora, faltando apenas uma semana para o bendito encontro, comecei a analisar os prós e os contras e percebi que não vai me fazer bem.

— É por causa dele, não é? — sua pergunta interrompe meus pensamentos acelerados.

— Não sei do que você está falando — respondo, retornando finalmente ao que estava fazendo antes dela me interromper. — Amanda, por favor, está na sua hora. Eu vou precisar sair depois que você voltar.

Com isso, ela sai da loja, e eu solto o ar que nem sabia que estava prendendo. A última coisa de que eu

precisava era me lembrar *dele*. Aquele cara fez parte do meu passado. E só!

Por mais que Amanda seja sua prima e sempre diga que uma amizade não pode acabar do jeito que a nossa terminou, ele não me afeta mais. Já faz anos que não nos vemos e suas promessas vazias se foram com eles. Minha vida não tem nada a ver com a dele, e quero que continue assim.



Estarei mentindo se eu disser que as palavras da Amanda não ficaram martelando na minha cabeça, principalmente a parte sobre Fábio. Não é que eu seja ingênua, boba ou que não tenha amor próprio, como tenho ouvido ultimamente, mas, apesar de tudo, ele me faz bem. Ninguém é perfeito, eu mesma não sou. Eu não o amo e é por isto que o entendo.

Quando começamos a sair, eu pensei que poderia, enfim, ter um relacionamento de verdade, real, de cumplicidade e que poderia sentir alguma explosão dentro de mim. Infelizmente, isto não aconteceu. Fábio sempre me tratou como uma princesa, disse que me amava alguns meses depois, e, quando percebeu que eu não o correspondia como merecia, aos poucos foi desistindo de se entregar também. Acho que meu destino é ficar sozinha,

porque eu não tenho capacidade de amar alguém. É triste, mas é o que eu sinto.

Então, ao saber que o Fábio me traiu, e foi o próprio que confessou, não me importei. Eu simplesmente o entendi. Talvez eu tenha algum problema mental sério ou só não sirva para um relacionamento convencional.

Contudo Fábio não ficou tão indiferente. Ele se culpou, disse que não faria novamente, que foi fraco... E o que eu poderia responder? A verdade. Que estava com ele pela companhia e pelo sexo. No início, ele ficou perplexo, como se uma mulher não pudesse ser tão direta, mas assim como ele “mostrou” o seu ponto ao me trair, eu “mostrei” o meu sendo sincera.

Desde então, nossa relação melhorou bastante. Não gosto de rotular o que temos e, por isto, muita gente não entende. Eu e Fábio sabemos das necessidades um do outro, sem aquele furor desenfreado que o amor faz e que,

por vezes, deixa alguém machucado, mas com uma calma muito bem-vinda, equilíbrio e sem cobranças. Perfeito!

Quem é de fora, porém, prefere julgar! Julgam sem saber e compreender meus motivos. E não estou nem aí para o que pensam ou deixam de pensar de mim.

Encontro-me deitada no sofá do meu apartamento quando o celular toca. Dou uma olhada no visor e demoro alguns segundos para decidir se atendo ou não. A insistência vence.

— Alô...

— *Paulinha?*

— Diga, Matheus.

— *Nossa, mas por que tão seca, querida? Eu hein, parece até que não quer falar com as amigas.*

— Se me ligou para dizer que eu sou uma idiota por estar com o Fábio pode...

— *Opa, opa. Pode ir parando, dona Paula. Não liguei para falar merda nenhuma de Fábio. Mesmo que não seja a favor, a vida não é minha, querida. Só quero saber se está tudo bem com a minha bicha preferida, se quer sair para beber alguma coisa, essas coisas...*

— Ah, Matheus, não seria ruim, viu? Estou precisando de um pouco de diversão. Tem algum lugar em mente?

— *Mas é claro, lindeza. Hoje tem show do Luan Santana no Curral.*

— Nossa, eu detesto o nome desse lugar, mas adoro o cantor. Então, o *Luan* venceu. Que horas?

— *Te pego às 23h. Aí a gente faz a pré no barzinho que tem lá dentro.*

— Fechado! *Te espero.*

Já estou mais animada. Conheço Matheus desde o colégio, mas só viramos amigos depois que nos formamos.

Antes, eu só tinha olhos para um amigo em especial, cujo nome não merece ser mencionado. Que Deus o tenha!

Matheus é animado, seu jeito faz com que eu ria até nos momentos mais tristes. Costumo dizer que ele é a minha luz no fim do poço, mas sempre me corrige falando que é “do túnel”, e eu rio mais um pouco.

Começo a pensar no *look* e uma combinação perfeita chega à minha mente. Eu mencionei que estou aprendendo a costurar para fazer minhas próprias peças? Pois é... Ainda não fiz a faculdade tão desejada, mas não é isso que vai acabar com o sonho de ser uma estilista. Afinal, quem quer, corre atrás.



Ajeito o *cropped* rendado de mangas compridas, a calça de couro justa e coloco a bota de salto alto, tudo na cor preta. Como dizem, *femme fatale*. É como estou me sentindo.

A tatuagem delicada, que fica do meio dos meus seios e desce até a metade da minha barriga, está parcialmente aparente, e sinto que me dá um ar ainda mais sensual. Eu gosto muito dela. Uma lua com algumas finas correntes penduradas.

Ouçó a buzina inconfundível do carro de Matheus e rapidamente passo o batom *Russian Red*, da *Mac*, meu queridinho para noitadas. Tiro os grampos do cabelo, as ondas loiras descem pelas minhas costas e vou ajeitando-as com os dedos. Por último, penteio meus cílios, que estão com uma extensão maravilhosa e que nunca mais

abandonarei (Amém!). Meus olhos claros nunca ficaram tão destacados, e sinto orgulho do que vejo.

Mais uma buzinada, passo meu perfume preferido, *Amor Amor*, da *Cacharel*, pego minha bolsa, apago as luzes e fecho a porta do apartamento.

Ufa! Tempo recorde!

— Já estou indo — grito assim que avisto Matheus fora da *Ranger 4x4*.

— *Porra*, Paulinha! Pensei que tivesse confundido a noitada para amanhã.

— Ah, para com isso, Theus. Eu estava caprichando.

— E caprichou, hein, loira? Coitado do Fábio...

Reviro os olhos e digo:

— Que Fábio, o que, Matheus! Você esquece que eu sou uma mulher livre!

— Verdade... É tão raro encontrar uma mulher como você que acabo esquecendo, Paulinha. Agora, vamos! *Luanzinho* está nos esperando, querida.

Caio na risada e sento no lado do carona.

— Vamos, Theus. Vamos que eu quero ouvir aquele delícia cantar.

— Aí, sim. É assim que eu gosto! Aquele homem é só *choque térmico*.

Dito isto, meu amigo nos leva diretamente para uma noitada, que espero valer a pena, pois é o que mais preciso hoje.



Chegamos ao Curral e minha vontade de rir começa. É uma das únicas boates da cidade e eu não vejo elegância alguma no letreiro em neon azul escrito “*Curra*”, com letras cursivas e tudo. Aff, sério! Coisa mais brega, mas o que importa é que *Luanzinho* estará aqui!

Se eu sou fã? Não chego a ser fã, mas amo como as músicas dele me deixam para cima. Dá para dançar, curtir, gritar... Enfim, é muito mais por me fazer bem que qualquer outra coisa. E, claro, ele é uma *delicinha*.

Fábio me ligou e eu disse que estava aqui com Matheus. Ele queria vir, mas eu logo cortei, dizendo que hoje eu quero curtir com meu amigo. Apenas isso. E ele entendeu. Ou, pelo menos, parece que entendeu.

O nome pode ser de mau gosto, mas, por dentro, o Curral é um grande e moderno galpão, parecido com um dos espaços do *Villa Country* em São Paulo, porém bem menor. A dupla que estava cantando se retira, e um barulho ensurdecador começa. Aproveitando a pausa, eu e Matheus pedimos uma *caipiroska* de lichia no balcão de bebidas e seguimos para a pista.

Como se soubesse que o *Luan* está no palco, o público, em sua maioria feminino, fica ensandecido. Quando o *back vocal* começa a cantar a primeira parte da música *Quando a Bad Bater*, aí que o barulho aumenta mais, e eu e Matheus gritamos junto.

Luan aparece e os holofotes acendem em toda sua força. *Porra*, ele pode ser mais novo, mas olha... eu pegava

para cuidar, viu?

Então, ele começa a cantar:

*“Amor, eu só quero o seu bem
Se for embora agora vai ficar sem ninguém
Amor, eu quero um filho seu
E eu não suporto a ideia de que nada valeu...”*

Eu e Matheus deixamos os copos vazios em cima de uma pequena mesa e começamos a dançar um com o outro. Várias outras pessoas fazem o mesmo. Eu amo dançar, é tão libertador! Logo alguns caras me chamam, mas Theus não fica para trás. Ele tem seus admiradores também. A pele constantemente bronzeada, os músculos torneados despontando da camisa branca de gola V e os olhos verdes muito claros fazem do meu amigo um pedaço de mau caminho. Ele me olha e sorri, como se dissesse: *vamos aproveitar, loira!* E é claro que eu aproveito.

Então, vem o refrão que eu adoro:

*“Não vai saber o que fazer
Quando a bad bater e o silêncio trazer minha
VOZ
Não vai saber o que beber se esse vinho não
mata essa sede,
Sede que é de nós”*

Suada, leve e livre, é como me sinto. Danço com um, dois, três caras, mas nenhum deles se arrisca a perder o respeito comigo. Pelo contrário, estou me divertindo como há muito tempo não acontece.

Quando *Luan* começa a cantar *Sofrendo Feito Um Louco*, aí que eu dou uma de fã, livro-me dos caras e, no refrão, começo a cantar a plenos pulmões:

*“Eu amando ela, ela amando outro,
Tô aqui tremendo, sofrendo feito um louco...
Eu amando ela, ela amando outro,*

*Tô aqui tremendo, sofrendo feito louco...
Passando sufoco”*

Ele volta a cantar a música desde o início, e eu estou tão concentrada cantando junto que não percebo que há alguém do meu lado. Por instinto, viro o rosto e fico paralisada. Sabe aqueles filmes que passam em câmera lenta? É exatamente o que acontece. Minhas pálpebras ficam pesadas e os olhos abrem e fecham com lentidão, a boca levemente aberta, sem reação.

Não!

Não!

Não!

Porra, mil vezes NÃO!

Não tenho como escapar, fugir ou fingir que não o vi. Ele está ao meu lado, *me* encarando com seus mais de 2 metros de altura — exagero, mas em comparação aos meus 1,60m, é o que parece —, os olhos azuis injetados, o

corpo mais musculoso do que eu poderia imaginar. Consigo reparar no braço direito todo tatuado, a camisa preta decotada e apertada, a barba por fazer, tudo nele gritando que é um homem e não o garoto de anos atrás.

— Paula... — Consigo ver sua boca pronunciando cada letra. A expressão tão chocada quanto a minha.

— Maurício... — digo, mas duvido que ele tenha me escutado também.

A música continua rolando, porém nada consegue fazer com que meus olhos desviem dos dele. O reconhecimento do que ele representou na minha vida por tantos anos bate com força no meu peito. Lutando com todas as minhas forças, viro-me de costas e caminho em direção ao bar. O pior é que eu sei que ele está atrás de mim.

Paro no balcão e o sinto por perto. Com menos barulho, consigo ouvir quando ele sussurra ao meu ouvido:

— Podemos conversar?

Fecho os olhos e respiro fundo.

— Uma *caipiroska* de lichia, por favor! — peço ao *barman*.

— Uma dose de *Jack Daniels*.

Hum... Agora ele está na *vibe* do *whisky*. Médico, rico, quase um carioca da alta sociedade...

— A gente pode conversar, Paula? — ele pergunta novamente, sua boca quase tocando minha orelha, e um arrepio percorre todo meu corpo.

Porra! Como ele ainda consegue fazer isso comigo?
Giro meus tornozelos e o encaro.

— Fala, Maurício! Já não basta ter estragado minha noite? Agora fala!

A julgar pelos olhares curiosos na nossa direção, acho que eu cheguei a gritar.

Ele me olha, surpreso, sem conseguir, por um momento, argumentar. *O que ele esperava? Que eu fosse só sorrisos depois de anos sem vê-lo?*

— A gente precisa conversar direito, Paula. Para com isso!

Suspiro e concordo com a cabeça.

— Ok, vamos lá fora!

Assim que nossas bebidas chegam, ele me segue. Alguns caras tentam me puxar, mas Maurício os afasta com a mão livre.

Chegamos a uma área aberta para fumantes e para quem quer *pegar* um pouco de ar. Enquanto bebo minha *caipiroska* e ele sua dose de *whisky*, nossos olhos não se desviam. Parece que conversam entre si de alguma maneira misteriosa, trazendo lembranças.

— Não sabia que já estava em Angra — quebro o silêncio. — A festa de 10 anos não é só na semana que

vem?

— Resolvi adiantar uma semana. Tenho alguns assuntos para tratar aqui.

— Ah!

— Paula...

— Maurício, não acho que esta conversa vá nos levar a algum lugar. Já faz muito tempo... Tanto eu quanto você não somos mais adolescentes, melhores amigos, inocentes...

Com um gole finalizo minha bebida e ele faz o mesmo.

— Você está... diferente — ele diz ao analisar, sem qualquer cerimônia, cada parte do meu corpo, e estremeço.

— Diferente, como? — pergunto, fingindo indiferença, mas querendo saber o que está diferente, querendo saber no que eu mudei por fora, porque, por dentro, sinto que nada mudou.

A *porra* do meu coração continua batendo forte como um bumbo no meu peito, vibrando em cada terminação nervosa.

— Você sempre foi linda, mas... mas agora está demais. Gostosa *pra caralho*!

Impossível não rir da sua observação e da sua falta de discrição. É como se tivéssemos voltado no tempo, e nada tivesse mudado. Eu tenho tanto para falar, tanto para perguntar, gritar, brigar, mas nada disso parece ser importante agora. Nada merece mais minha atenção do que ter o seu olhar todo para mim, algo que nunca tive quando éramos melhores amigos.

— Você também está diferente, Maurício. Mais homem... — Ele ri. — Até tatuagem fez...— digo, apontando para o seu braço direito.

Ele olha para os desenhos em sua pele e sorri de lado.

— Sempre quis fazer, você sabe, mas meus pais me enchiam o saco. Depois que me formei, resolvi fazer o que eu queria e larguei um *foda-se* para eles. Eu estava *puto*, *me* acabando de tanto estudar e precisava fazer alguma coisa que me desse prazer. Aí, fiz estas e mais algumas.

Arregalo meus olhos, não pela quantidade, mas porque minha imaginação está indo longe demais ao visualizar cada desenho em seu corpo sarado. *Meu Deus do Céu! Só pode ser efeito da bebida.*

— O que foi? Não pensou que eu tivesse coragem?

Seu sorriso está ainda mais lindo do que me lembro. Dentes retos e brancos contrastando com a pele bronzeada, os cabelos castanhos ondulados, que continuam espessos, e os olhos azuis, claríssimos. Um médico como ele deve deixar passando mal uma mulher em cada esquina.

— Não é isso... — Tento voltar à conversa sem continuar “viajando”. — Fico feliz que você, enfim, ligou o

foda-se para o que os seus pais pensavam.

— Ah, eles ficaram chocados, mas depois entenderam que as tatuagens não moldariam meu caráter, que não é porque eu fiz que virei um delinquente como eles achavam.

— Nossa, não tem nada a ver mesmo. Eu fiz algumas também.

— Sério? — ele pergunta, surpreso. Acho que não conseguiu ver a que está aparecendo um pouco abaixo do meu top por conta da quase ausência de luz.

— Sim! Só consigo te mostrar uma agora.

Sem qualquer vergonha, como se tivéssemos 17 anos novamente, levanto um pouco o *cropped* e minha tatuagem fica mais à mostra. Ele abaixa o rosto por conta da baixa iluminação e seu dedo traça o caminho das correntes que caem em parte do meu abdômen.

Por que eu não consigo afastar sua mão de mim?
Cadê a Paula raivosa que disse que nunca mais falaria
com o ex-amigo? A saudade da sua presença é muito maior que a raiva e o ódio que eu guardei durante todos esses anos, e não consigo *fazê-lo* parar.

Um arrepio percorre todo meu corpo. *Meu Deus...*
Como ele pode me afetar tanto?

Com apenas um toque, minha pele esquenta. Antes, éramos novos, e eu não entendia o que meu corpo queria dizer, mas agora... agora eu conheço cada parte minha e as sensações que me envolvem.

— Uau, Paula! É linda! Combinou muito com você. Delicada, sexy... — E quando penso que ele vai parar de tocar minha *tattoo*, o *cara de pau* tem a audácia de subir mais um pouco o meu top.

— Maurício, para... — Abaixo o *cropped* com violência. — O que você pensa que está fazendo?

— E-Eu só queria ver o restante dela... — ele se explica, sem jeito, como se só agora tivesse percebido o que estava fazendo. — Eu senti sua falta, Paula. — Com uma expressão agoniada, ele passa as mãos no cabelo. — Nem acredito que estamos nos falando, logo nesse lugar com nome horrível, que você sempre afirmou detestar...

A tensão se dissipa, e começamos a rir. Rir não, gargalhar. A música continua rolando, mas eu só quero fingir que eu e Maurício nunca nos separamos. Que, na verdade, não ficamos sem nos ver por tantos anos, apenas dias.

Nossas risadas vão morrendo, e eu respiro fundo. A realidade é outra. Houve sim, uma janela enorme de tempo que não pode ser esquecida. Ambos mudamos. Deixamos de ser adolescentes e nos tornamos adultos. Deixamos de ser melhores amigos e nos tornamos dois desconhecidos fingindo que ainda se conhecem.

— Maurício... Vamos falar sério. Eu não posso desconsiderar o fato de que não cumpriu o combinado. Se você apareceu três vezes em Angra, em dez anos, foi muito. E só nos primeiros dois anos! Você que disse que nossa amizade nunca mudaria, que seríamos amigos para sempre... Eu simplesmente decidi que nossa amizade nunca foi importante para você e segui em frente.

— Não fala assim, Paula. *Porra*, eu pensei que fosse conseguir vir mais vezes, mas Medicina é uma área que não dá para prever. Eu estudava o dia todo, mal tinha tempo para sair, mal dormia... Foi um inferno! Não pense que eu fiquei me divertindo! Estudei por seis anos, *me* formei, mas não parou por aí, tive que estudar mais três anos na residência de cirurgia geral e, agora, estou finalizando outra especialização em cirurgia do aparelho digestivo.

Eu levanto minha mão direita e faço um gesto para que pare de falar.

— Olha, eu entendo que estudar para ser médico demanda muito tempo, energia, mas não ligar para sua melhor amiga? Não se importar com a pessoa que mais torcia por você? Nada justifica isso. Nada!

Ando de um lado para o outro, nervosa, estalando meus dedos, a respiração acelerada. Todo sofrimento que passei retornando nas minhas lembranças. Ele me olha e morde o lábio inferior.

— Eu sofri *pra caralho*, Paula. Sem poder te ligar ou falar com você, simplesmente porque descobri que mudou de número e pediu que ninguém repassasse para mim. Eu não usava nenhuma rede social, mas entrei no *Facebook* e *Instagram* só para ver se te encontrava, e nada! Você sumiu, *porra*!

— Claro! Depois de você ficar um ano sem aparecer ou ligar, eu precisei fazer o que estava ao meu alcance para não sofrer mais. Não podia te esperar para sempre, Maurício.

Ficamos em silêncio, mas uma risadinha amarga chama minha atenção. Maurício está rindo, olhando para o chão, e as mãos nos bolsos de sua calça jeans clara.

— Quem vê pensa que somos ex-namorados...

Balanço a cabeça não querendo rir, mas falho miseravelmente.

— Não éramos namorados, mas tínhamos uma relação de cumplicidade, Maurício. — *E eu te amava, seu idiota!*

— Concordo, Paula. Nós dois erramos. Falta de maturidade, não sei, mas podemos consertar tudo isso...

Olho de repente para o seu rosto, franzindo a testa, confusa.

— Estou voltando para Angra.

— Como assim, Maurício?

— Eu finalmente consegui uma vaga no Hospital. Passei em um concurso e em vinte dias me mudo.

Eu não sei dizer o que esta informação faz comigo, porque é um misto de sensações. Choque, alegria, confusão, raiva... Sim, raiva porque eu pensei que minha vida estivesse finalmente nos eixos, e agora esse cara está me dizendo que vai voltar a morar em Angra e não sabe que tem o poder de abalar toda as minhas estruturas. Ainda hoje ele tem... É claro que tem! Quem eu quero enganar?

— Nossa! Fico feliz por você, Maurício. Finalmente seu sonho está se realizando.

— Eu falei que daria tudo certo, Paula. Exatamente como eu planejei.

— Para você pode ser...

— Como assim?

Agora é a vez dele ficar confuso.

— Você deve saber que eu não consegui entrar na faculdade de Moda.

— Sim, eu sei. Apesar de você não querer falar comigo, meus pais sempre me contavam as novidades. Eu senti muito por você. — Ele chega mais perto e levanta meu rosto. — Mas, *caralho*, Paula, você fez Administração, tem sua própria loja de roupas, seu próprio apartamento... Você conquistou muita coisa.

Se ele sabe disso tudo, na certa tem ciência do meu rolo com o Fábio, mas, graças a Deus, não diz nada. Seus dedos acariciam meu queixo e fecho os olhos. Ele me deixa vulnerável e rendida diante do seu toque. E isso é exclusividade dele, porque nunca senti nada parecido com outro homem.

— Vamos dançar? — sou surpreendida.

— Não sei, Maurício. Ainda temos muito o que conversar.

— E o Matheus? É o seu mais novo melhor amigo?
— pergunta, ressentido.

Levanto as sobrancelhas e respondo:

— E se for? Pelo menos ele esteve comigo nesses dez anos.

Vish. Até eu senti a dureza das minhas palavras.

— É muito injusto você me comparar com ele! A gente estudou “uma vida” juntos... Tínhamos planos e eu nunca me esqueci de nenhum deles. Você não pode ter esquecido da nossa amizade de uma hora para a outra! — ele se exalta e eu elevo minha voz também.

— Maurício, não foi de uma hora para a outra! Eu tive alguns anos para pensar nisso, não é mesmo?

— Vamos dançar — ele pede mais uma vez, parecendo cansado e com um brilho indecifrável nos olhos.
— Por favor! Eu vi você dançando com os outros caras lá dentro. Só vamos nos divertir — ele insiste. — Pelos velhos tempos.

Men
CEO
irresistible

T. M. KECHICHIAN

Sinopse

Letícia é uma paulistana de 29 anos, independente, que trabalha no mercado financeiro e não teve um ano bom. A empresa em que trabalhava faliu, o ex-namorado a traiu, pegou dengue duas vezes... Pois é, nada fácil! Então, quando a amiga Mari a convida para curtir um festival de réveillon em Jericoacoara/CE, uma das praias mais lindas do mundo, ela não pensa duas vezes. Parte na esperança de que comece o novo ano com o pé direito.

Henrique Vergueiro faz parte da elite paulistana. Apesar de ter vindo de uma renomada família de empresários em São Paulo, ele é amante da discrição e colocou uma condição um tanto interessante para aceitar o cargo de CEO da Vergueiro Investimentos. O que pouca gente sabe é que ele adora uma aventura...

Virada do ano. Uma viagem pra lá de gostosa.
Coincidência ou destino?

Este romance é para você, apaixonado por um clichê gostoso que mistura diversão, sensualidade e leveza. Prepare-se para se encantar com mais esta viagem literária!

Capítulo 1



Leticia

— Letícia do céu, espia só aquele cara saindo do mar! Eu pediria para a dona Fátima parar de lavar minhas roupas só pra aproveitar aquele tanquinho ali.

Levanto o encosto da minha cadeira de praia para poder me sentar e abaixo os óculos de sol a fim de ter uma vista melhor. Balançando a cabeça para cima e para baixo,

confirmo que minha amiga está corretíssima em sua análise.

— *Porra*, que lavar roupa o quê, Mari! Eu passaria era minha língua toda até me cansar.

— Ah, não tenha dúvida de que eu faria isso também.

Ficamos secando o cara sem qualquer vergonha. Não estamos tão perto da água, então, podemos avaliar o produto sem nos preocuparmos. Com certeza, não somos as únicas. Do meu lado mesmo posso ouvir duas mulheres apostando qual delas sairia com ele. O cara realmente é lindo. Moreno, alto, corpo definido e tatuado. Coisas que só vemos nesse tipo de lugar.

— Eu disse que iria valer a pena, Lê! Nordeste no réveillon é o *point* dos caras mais gostosos.

— Acho que é o mínimo que eu mereço por ter tido um ano de merda.

Definitivamente, este foi um ano horrível para mim. Falando de modo geral, porque no finalzinho é que as coisas estão se acertando. Vê se estou exagerando: quem consegue encontrar o namorado com outra, ver a empresa em que estava trabalhando quebrar e pegar dengue duas vezes? Essa proeza não é para qualquer pessoa!

Por isso, quando Mariana me convidou para passar o ano novo em Jericoacoara — uma das dez melhores praias do mundo, com direito a seis noites de festa *open bar* — não pensei duas vezes em aceitar. Estava querendo vir para o Ceará há bastante tempo, mas nunca encontrava tempo para tirar mais do que dois dias de folga. No final das contas, a corretora de valores mobiliários em que eu trabalhava ter quebrado por causa do alto índice de corrupção foi ótimo. Para mim, porque saí do comodismo em que estava e pude correr atrás do emprego que sempre quis, mas achava que não estava preparada, e melhor ainda para os clientes que estavam levando inúmeros

golpes, o que ocorria na maior discrição e, por causa disso nunca suspeitei. Idiotas gananciosos! Jamais estão satisfeitos com o que ganham e procuram dar um *jeitinho* a todo custo.

— Será que esse gostoso vai estar na festa mais tarde? Ou melhor, será que vamos conseguir encontrá-lo em meio a tanta gente? — minha amiga pergunta, acompanhando cada passo do desconhecido até ele se juntar a uma rodinha de outros homens sarados.

— Primeiro, precisamos verificar se ele gosta da fruta — pondero.

— Verdade. Bom argumento. Vamos continuar observando.

— Segundo, aposto que ele estará na festa, só não tenho certeza se conseguiremos achá-lo na multidão. Você viu como estava ontem?

— Pois é. Acho que hoje enche ainda mais. Muita gente está vindo em cima da hora. Olha só, se encontrarmos esse cara, você *pega*.

— Por que eu? Você está louquinha pra ficar com ele.

— Nada, eu acabei marcando de encontrar aquele gatinho de ontem.

Viro o rosto e estreito meus olhos na direção da minha amiga. Duas íris azuis me encaram de volta, os longos cílios piscando sem parar. Como se fosse muito anjinha. *Aham*.

— Não acredito que você já marcou encontrinho em pleno dia 31, Mari! Você não tem jeito. Hoje é dia de curtir, beijar sem compromisso e começar o ano com o pé direito.

— Ah, Letícia, ele é uma gracinha e beija deliciosamente bem. Fora que estou curiosa para saber se também é bom em outro quesito.

Ela abre um sorriso repleto de malícia e eu começo a rir.

— Sério, Mari, eu não poderia ter companhia melhor nos últimos momentos desse ano louco.

Eu e Mariana nos conhecemos desde a adolescência. Estudamos juntas em um colégio católico em São Paulo, onde moramos. Depois, cada uma partiu para uma faculdade diferente. Eu estudei Economia na USP (Universidade de São Paulo) e ela, Publicidade na ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing). Hoje, aos 29 anos, nossa amizade continua mais forte do que nunca, somos bem-sucedidas e solteiríssimas.

Mesmo tendo perdido o emprego há dois meses, tenho minhas economias muito bem-planejadas, já estou devidamente recolocada no mercado e começo a trabalhar duas semanas depois de voltar para São Paulo. Apesar de estar bastante ansiosa para finalmente atuar na empresa que é a *menina dos meus olhos*, os dias aqui em Jeri estão

servindo para relaxar e curtir. Sei que não será fácil, ainda mais enfrentando o desafio de ser coordenadora, mas estou confiante. Trabalho há anos no mercado financeiro e é certo que darei o meu melhor.

Quanto à minha vida pessoal, depois que peguei meu namorado, Otávio-Otário, como o chamo agora, com sua colega de trabalho, há cinco meses, não quero namorar tão cedo. Estávamos juntos fazia dois anos. Não importa se já não tínhamos o fogo de antes, nós éramos confidentes e eu o considerava um grande amigo, que Mariana não me ouça. *Custava o cara terminar e me poupar de encontrá-lo no meio das pernas de outra?*

Sempre fui muito bem resolvida, mas odeio quando me fazem de trouxa. Depois do fatídico episódio, comecei a aproveitar a vida com mais afinco e nada melhor que fazer isso na cidade que nunca para. Eu amo São Paulo!

Tenho saído com os caras que eu quero, ido à academia todos os dias, ando de bicicleta aos domingos na

Paulista e aproveito a diversidade de sons em cada parte — só quem já foi à Avenida Paulista em um domingo sabe do que eu estou falando. Sempre que posso vou ao Ibirapuera para apreciar aquelas belezas corporais masculinas que parecem que saíram de uma propaganda da *Polishop*. É... minha vida tem sido muito boa depois que o babaca me sacaneou. *Toma, filho da puta!*

Voltando ao réveillon, chegamos a Jericoacoara no dia 26 de dezembro, à noite, para aproveitar todas as seis festas, do dia 27/12 a 31/01 e 02/01. Uma loucura que nunca tinha feito, mas tem valido a pena cada segundo.

Fora o lugar que é paradisíaco, o número de pessoas bonitas por metro quadrado é quase surreal. E não digo só dos famosos que tenho encontrado. Se eu não tivesse me dado um trato antes de vir, estaria passando por *maus lençóis*, porque competir com essa mulherada está complicado.

— Amada, estou louca pra noite chegar logo. Nossa pele está tão bronzada que vai dar um realce nos nossos vestidos brancos — Mari fala e eu deixo meus devaneios de lado.

— Verdade, Mari. Também não vejo a hora de me arrumar e curtir a noite toda. O próximo ano precisa ser melhor do que esse.

— E será, Lê. Escreve o que estou dizendo. Vai ser o melhor ano das nossas vidas.

— Uau! Assim que eu gosto. Gente otimista do lado é outra coisa. Se lembra da Marcinha lá da Corretora?

— *Porra*, como não vou me lembrar daquela mulher? Até as plantas morriam quando ela chegava perto. Era só pessimismo e tudo de ruim acontecia apenas com ela. Nunca vi pessoa pra agarrar tanta energia negativa.

— Exatamente. Dessa gente quero ficar bem longe. Obrigada por não ser assim, amiga. — Graças a Deus,

Mariana é uma pessoa que me impulsiona para cima e não para baixo.

Nós duas caímos na risada e tomamos um susto quando um garçom se agacha ao nosso lado e nos serve duas bebidas. Olhamos para ele, a confusão estampada em nossas feições, e ele logo fala:

— Pediram pra entregar aqui.

— Pediram, é? — indago. — Quem?

— Aqueles rapazes ali atrás. — Olho para onde o garçom indicou e vejo dois caras sorrindo em nossa direção. *Até que são bonitinhos.*

— Agradeça a eles, viu? — Mari pede com um sorriso enorme. Quer vê-la feliz é só dar alguma coisa para ela. Parece até criança.

— Pode deixar. Aproveitem, meninas. Feliz ano novo!

Respondemos um uníssonos “Feliz Ano Novo”, e ele volta para o restaurante.

— É... positividade gera positividade, Mari. Não vejo como nosso réveillon poderia ficar melhor. Feliz Ano Novo, minha amiga!

Brindamos e bebemos um gole da caipirinha de limão. Uma delícia nesse calorão. E Mariana logo completa:

— Vai melhorar quando você pegar aquele moreno gostoso. Você vai ver!

— Opa! Mal posso esperar para esbarrar com o gostosão mais tarde. Vamos aproveitar toda essa positividade porque está bom demais!

E brindamos novamente, balançando nossos corpos ao som da versão remixada de *O Sol*, do *Vitor Kley*, que começa a tocar em um dos restaurantes.

Vem, novo ano, que eu quero te usar!



Quem dera que em São Paulo eu conseguisse ficar com essa cor o ano inteiro e não quase transparente. Não se pode ter tudo, não é? Contudo, ainda assim, não trocaria minha cidade por nada.

Encaro-me no espelho mais uma vez e o que vejo muito me agrada. Meus olhos nunca estiveram tão azuis. Eu os destaquei com um delineador azul, um tom mais escuro que minhas íris, uma sombra prata esfumada e máscara de cílios. Na pele, como estou naturalmente corada, decidi não usar base e nem blush, apenas um iluminador para dar aquela valorizada. Meus cabelos escuros descem ondulados até minha cintura, o vestido branco, leve e soltinho, é frente única e mais curto na frente, chegando a um pouco acima da metade das minhas coxas. Atrás, o detalhe é lindo. Além do decote

transpassado nas costas feito com um tecido brilhoso e prateado, que vai até o cóccix, o comprimento é um pouco maior, o que acaba enganando os curiosos de plantão.

Nos pés, coloquei uma rasteira toda cravejada de pérolas e outras pedras, cuja fina corda prateada está amarrada na canela. Ideal para uma festa na praia.

— Amada, você está sexy pra *caralho*! *Megan Fox* incorporou de vez. — Só posso rir em incredulidade.

Mari sempre brinca dizendo que sou muito parecida com a atriz e modelo norte-americana, mas nem acho *taaaanto* assim. E completa:

— Eu não estava errada quando disse que o bronzeado iria realçar sua beleza.

Olhando para minha amiga, depois de ela ter ficado mais de uma hora no banheiro — é o seu ritual, sempre se arrumar sozinha —, constato que está linda e tão *queimada* quanto eu.

— Uau! Você está espetacular, Mari. Amei essa renda, os recortes na cintura... e a saia rodada? Demais!

Ela está com um vestido sem mangas que parece um *cropped* e uma saia *midi*, todo feito com renda rústica. Perfeito!

— Soubemos escolher bem nossas roupas, Lê. Afinal, a noite merece! Vamos?

Pego meu celular para ver as horas. Dez horas.

— Vamos! Porém, antes, uma *selfie* — digo e nos posicionamos para a foto.

Saímos da pousada em direção à festa que será o prenúncio de um novo ano. Que seja sensacional! *Ouvi os anjos dizerem amém?*



Chegamos à grande estrutura montada à beira-mar e já está relativamente cheio. *Piece Of Your Heart*, de *Meduza* na versão de *Alok*, é o som da vez, e um bom número de pessoas dança em frente ao palco onde diversas atrações se apresentarão ao longo da noite. O evento é bastante organizado e não tem nada de improvisado. É como um desses festivais de música que vemos pelo mundo afora.

Antes de vir para cá, eu imaginava algo completamente diferente. Apesar de estarmos na quinta noite de festa, cada uma tem tido seu próprio estilo e com pessoas diferentes do que vi no dia anterior. Não sei se isso é resultado de muita gente vir apenas para a *virada* ou pelo grande público mesmo. Ah, também tem o povo do camarote. É redundante dizer que está *bombando*!

— Será que o moreno gostoso já chegou? — Mari pergunta, enquanto caminhamos pelos quiosques.

— Estou de olho para verificar qualquer movimentação — brinco. — E o seu *contatinho*?

— A gente marcou às 23h30, em frente àquele quiosque que fica perto dos camarotes. Quero aproveitar um pouquinho com a celebridade internacional que está ao meu lado.

Reviro os olhos e sorrio para ela.

— Então, teremos um tempinho juntas. Que bom! Dá tempo de beber alguns drinques, dançar e rodar esse lugar todo em busca do *gato molhado*.

— Adorei. *Gato molhado* é perfeito. — Ela gargalha e se abana. — Vamos, Lê, porque a festa só está começando e amanhã já estaremos em um novo ano, minha amiga!

Capítulo 2



Leticia

Encontrar o *gato molhado* está tão impossível quanto encontrar uma agulha em um palheiro. Faz uns dez minutos que deixei a Mari junto com o *carinha* dela, que é muito bonito por sinal, e saí para continuar a *caça*. Não que nenhum outro homem tenha me chamado a atenção, mas eu gosto dessa pequena aventura que criamos. Sempre fui de escolher os caminhos mais difíceis. Saí com dois caras

lindos nos outros dias de festa, porém hoje quero algo mais emocionante para o meu ano chegar incrível. É claro que, se eu não achar o gostoso até meia-noite, terei que recorrer a outro plano. E faltam apenas vinte minutos!

Meu, *cadê você?*

Que fique claro que não penso somente em homens, ok? O ano todo é só trabalho, quero mais é aproveitar meu raro momento de diversão. E convenhamos que estou solteira, em pleno festival de réveillon, no Nordeste, onde 85% dos homens são lindos. Poupe-me que não vou querer um rostinho bonito para beijar.

Dez minutos. Meu tempo está acabando, penso, olhando de um lado para o outro, em meio aos corpos se mexendo ao som de *Vanessa Da Mata* cantando a versão eletrônica de “*Ai, Ai, Ai*”. Adoro essa música.

Dançando no mesmo ritmo, continuo andando e olhando para os lados. Uns caras tentam chegar até mim, e educadamente aceno a cabeça dizendo que “não”, outros

sorriem e brindam de longe na parte da música que diz “vamos brindar à vida, meu bem” e eu levanto meu copo com Gin Tônica, afinal, hoje é dia de maldade.

Duas mulheres chegam ao meu lado e começam a dançar e cantar: *Ai, Ai, Ai, Ai, Ai...* e eu aproveito a animação e canto também.

Ainda remexendo o corpo, olho para o celular uma vez mais. *Cinco minutos!* Levanto a cabeça e resolvo fazer minha última tentativa. Dou um passo e não posso acreditar no que meus olhos veem.

O *gato molhado* está a alguns metros de mim, em uma rodinha com outros caras e algumas mulheres. *Porra*, ele é muito lindo! Valeu a pena a procura. Enquanto caminho em sua direção, ele sorri de alguma coisa e entorna a bebida que está em seu copo transparente. Cerveja ou talvez *red bull* com vodca ou uísque, quem sabe. *Humm... já imagino sentir seu gosto refrescante na minha boca.* Passar minha língua pelos seus lábios

avermelhados claramente queimados pelo Sol. A camisa branca de botões — meio fechada, meio aberta — e a bermuda florida só incrementam o seu visual perfeito. *Eu poderia me apaixonar facilmente por esse cara...*

Subitamente, começa a contagem regressiva, e o povo se amontoa, impedindo-me de chegar ao meu objetivo. Driblo um, driblo outro, e grito junto cada número, meus olhos nunca deixando de acompanhar o moreno gostoso.

Oito

Sete

Seis

Cinco

Quatro

Três

Dois passos dele. Nem acredito.

Um.

Minha boca é invadida.

Um braço circula minha cintura e uma mão entra nos meus cabelos, pegando-me pela nuca. O gesto é tão possessivo e desesperado que eu me sinto indefesa e menor do que meus 1,65m.

Eu quero me afastar, mas não consigo. Não tenho forças para parar o beijo mais louco e delicioso da minha vida. A pegada, a boca... é o encaixe perfeito. E, ao mesmo tempo, assustador.

Tento me desvencilhar, sem muito esforço, do corpo musculoso — e que corpo! Minhas mãos não param de tatear o dorso descoberto e os bíceps muito bem definidos —, mas ele segura os dois lados do meu rosto e mordisca e chupa meu lábio inferior com ímpeto. Nunca senti um desejo tão intenso e palpável com apenas um beijo.

Eu posso estar sendo inconsequente, negligente, até mesmo louca, mas quero ver me julgar se estivesse na minha pele. Ah, também acrescente o fato de que não sou

uma garota ingênua e sei muito bem que, se eu quisesse, realmente, eu o teria parado na primeira investida.

Só agora percebo que a multidão está em polvorosa com os fogos. Ouço vozes desejando “Feliz Ano Novo” ao meu lado. *Porra!* Estou perdendo os fogos! Eu perdi o *gato molhado!* Meu ano não pode começar sendo uma merda por causa desse desconhecido abusado para *caralho!*

Uso toda minha força de vontade e empurro o cara que me pegou de jeito. *Que porra é essa? Quem ele pensa que é?*

— Você é louco?

Ele solta uma risada baixa e grave, mas não se vira para mim.

O safado está parado ao meu lado, os braços cruzados contemplando os fogos como se nada tivesse acontecido. Como se não tivesse acabado com os meus planos de beijar um cara lindo, maravilhoso, gostoso, o

qual fiquei procurando a noite toda... Ai, *porra!* Que frustrante!

O que me resta é levantar os olhos e curtir o restante do show pirotécnico, que está lindo. Depois de alguns segundos, olho de soslaio para o homem ao meu lado, mas não consigo ver seu rosto. Ele é bem alto, imagino que deva ter 1,90m, por aí, e o fato de eu estar sem salto não ajuda. Encaro o céu brilhoso e colorido novamente e solto um longo suspiro, recordando — mesmo não querendo — do beijo roubado. *Eu posso considerar aquilo um beijo roubado?* Não encontro outra definição para alguém que te pega de um jeito que fica impossível de se livrar. *Impossível...* Às vezes eu gosto de me enganar.

Antes que eu perceba, o espetáculo acaba e, pela minha visão periférica, noto que estou sendo observada. Viro-me devagar, para não ficar com raiva de mim mesma se o cara não chegar aos pés dos caras lindos com quem saí durante esses dias, e já vou dizendo:

— Você está achando que isso aqui é uma micareta, seu...

Minhas palavras morrem.

— Feliz Ano Novo, *Garota Infernal*. — A voz grave perto do meu ouvido me estremece.

Putá! Que! Pariu! Caralho! Porra! Primeiro vêm as palavras de baixo calão para só então conseguir pensar infimamente de forma organizada.

Qual a chance de sair com um deus quando eu estaria satisfeita com um mero mortal? O que é este homem à minha frente? Só pode ser um ser de outro mundo!

Os olhos azuis, claríssimos como o mar de Jericoacoara, estão destacados pelo tom dourado de sua pele. Ao contrário de mim, ele parece *pegar* sol constantemente. Os cabelos claros são meio revoltados, propositalmente despenteados, a barba por fazer é um

adorno à parte e, para completar, a camisa de linho branca que ele veste está toda aberta, expondo seu peitoral, o abdômen bastante definido e fragmentos de algumas tatuagens, além de estar usando uma calça branca do mesmo tecido.

Não consigo fazer outra coisa senão *encará-lo*, assimilando cada detalhe.

Como eu não falo nada, acho que ele fica sem graça e coça a nuca. *Um gesto simples como esse pode ser sexy?*

— Desculpe a invasão de privacidade e de ter tomado a sua boca e o seu corpo daquele jeito, mas eu venho te olhando à distância a noite inteira e não costumo deixar passar quando quero algo. Ainda mais que você estava quase chegando ao seu objetivo...

Um clique e eu saio do meu torpor. *Como é que é?*

— O que você acha que sabe, *ladrão de beijo?*

Ele solta uma risada tipicamente safada, que arrepia todos os meus pelos. Até a risada do desgraçado é quente.

Como pode?

— Vamos dizer que eu tenho o dom de saber o que as pessoas estão sentindo ou querendo pelas suas expressões corporais.

— Ah, é mesmo? Você também tem o dom de *foder* com o réveillon das pessoas?

— Prefiro dizer que tenho o dom *de foder no* réveillon, *Garota Infernal*. — Ele pisca um olho obscenamente azul e abre aquele sorriso malicioso que deve deixar muita mulher molhada, mas não me afeto mais. Não mesmo. Foi só o choque inicial.

— Quer parar de me chamar de *garota infernal*? Você nem me conhece!

— É que eu não consigo resistir. Você é idêntica à *Megan Fox* no filme *Garota Infernal*. Desde que te vi não

consegui pensar em outra coisa.

Reviro meus olhos. Não pode ser. Mais uma pessoa...

— Aposto que já te disseram isso, não é? Viu? Não é uma cantada barata. Eu não teria por que te comparar a uma das mulheres mais gostosas do mundo... Mas você dá de dez nela, só para constar.

— Você não tem vergonha na sua cara, não? *Me* ataca à força, acaba com os meus planos e ainda fica me assediando...

Ele chega mais perto, pois a música está mais alta, e diz próximo ao meu ouvido, causando um leve tremor em meus joelhos:

— Primeiro, eu nunca ousaria pegar uma mulher à força. — Cada palavra é entoada com veemência. — Segundo, eu dei um beijo, cabia a você me afastar, mas não foi o que aconteceu...

Tento argumentar, mas ele não deixa.

— Terceiro, confesse que você gostou tanto quanto eu. Ainda mais quando tomou ciência de que o *homem* que te beijou era muito melhor do que o *garoto* que você estava perseguindo.

Para fechar com chave de ouro, seu nariz roça meu pescoço e aspira meu perfume, antes de dizer:

— Quarto, você tem um cheiro maravilhoso. Vamos sair daqui?

Convencido, prepotente, lindo, gostoso... Esse é o momento em que eu saio, curto o resto da festa e tento encontrar o *gato molhado*, ou desfruto da companhia do descarado à minha frente. Se a Mari estivesse aqui e visse o rosto e o corpo desse homem, sei muito bem o que ela escolheria, mas ainda tenho um pouquinho de orgulho antes de dar o braço a torcer.

Sem que eu consiga responder sua pergunta, sou empurrada por uma galera que já está muito louca e que passa correndo até chegar à frente do palco onde uma banda começa a se apresentar. Dou conta de que o que me impediu de cair foram as mãos grandes do *ladão de beijo* me segurando pela cintura. Ele aperta um pouco mais a minha pele e, quando não vê resistência, puxa o meu corpo junto ao seu, protegendo-me do alvoroço à nossa volta.

Por que eu me sinto tão confortável com esse cara?

Eu acabei de conhecê-lo!

— Eu sei no que essa sua cabecinha bonita está pensando. — Ele coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e levanta meu queixo com o indicador. — Mas sejamos sensatos: já estamos em um novo ano, temos a madrugada toda para aproveitar de uma maneira muito melhor do que se ficarmos aqui, procurando menos do que merecemos.

Mordo o lábio inferior quando ele sorri de lado, deixando à mostra seus dentes brancos e perfeitos, o maxilar anguloso e... covinhas. *Putá que pariu! Covinhas!* Nossa! Esse cara deve ter me dado alguma droga, não é possível. Ele tem alguma coisa, fora a beleza divina, que me deixa incapaz de agir.

E ele não desiste:

— Eu consigo sentir que nós dois queremos a mesma coisa. Pelo que tudo indica, você está solteira, eu também, ambos estamos à procura de uma companhia e eu adoraria passar as próximas horas com uma mulher linda como você. Com apenas um beijo eu soube que meu ano não poderia começar melhor, mas quero muito mais... Eu. Quero. Você. Por. Inteiro!

As últimas palavras saem num sussurro arrastado, os lábios tocando minha orelha sensível, e eu fecho os olhos.

Meu... Como um cara que acabei de conhecer pode mexer comigo desse jeito? Eu estou completamente rendida e ele não precisou fazer muita coisa. Ao longo dos meus 29 anos, nunca passei por algo parecido, e isso me assusta. Muito!

Coloco uma mão em seu peito e afasto meu corpo do dele antes de dizer:

— Olha, você conseguiu ferrar com todos os meus planos para essa noite. Eu ainda estou com raiva, confu...

Mas é claro que ele não me deixa terminar de falar. Em um segundo sua boca está colada à minha. *Esse cara deve ter algum problema, não é possível!* Porém, diferente de antes, ele não me beija com desespero. Até a sua calmaria é deliciosa, experiente. Sua língua pede passagem, lambendo meus lábios bem devagar, e suas mãos vão diretamente para o meu rosto, descendo até o meu pescoço, chegando à nuca, agarrando uma parte dos meus cabelos.

Foda-se!

Seja o que for que este ano me reserva, deve haver um bom motivo para tudo ter mudado de repente. Como diz a Mari, serei positiva. E nem vai ser tão difícil com um homem como esse.

Demais Obras



MISTERIOSA ESSÊNCIA

Sinopse:

Se te perguntassem se em uma noite tudo pode mudar, o que você diria?

Scarlett Ryan é uma mulher linda, forte e bem-sucedida. Futura CEO, por herança de seu pai, de uma das maiores agências de marketing dos EUA, Scarlett nem sempre teve uma vida boa. O fato de sua mãe tê-la

abandonado ainda pequena e a descoberta de uma doença em seu pai, fizeram com que se tornasse uma mulher com grandes responsabilidades, apesar de seus 25 anos.

Sua primeira grande paixão foi Paul Mayer. Eles namoraram na faculdade, porém, em uma noite de farra com os amigos, ele a traiu. Depois disso, a vida amorosa da empresária nunca mais foi a mesma.

Mas, o destino tinha outros planos...

Além do ex-namorado reaparecer como seu colega de trabalho, em uma balada com as amigas, Scarlett se vê envolvida em uma situação que foge ao seu controle. O desconhecido nunca foi tão bem-vindo.

Um mistério. Uma entrega. Uma essência.

Você conseguiria resistir?

[Adquira o seu aqui](#)



INDECIFRÁVEL ATRAÇÃO

Sinopse:

Depois da CEO Scarlett Ryan (Livro I, Misteriosa Essência), agora é a vez da empresária Liv Scott contar sua história. Após o grande sucesso no Wattpad, ela chegou para abalar a Amazon com todo seu poder e confiança, assim como abalou o mundo do rockstar Josh Morris. Leia a sinopse:

"INDECIFRÁVEL. 1. impossível ou muito difícil de ser decifrado. 2. que é muito difícil de se penetrar, compreender ou explicar; enigmático, misterioso.

LIV SCOTT é uma mulher sem "papas na língua". Nova-Iorque, dona de uma beleza estonteante e um gênio forte, Liv é proprietária da Models & Models — uma próspera agência de moda —, e tem como lema "curtir a vida e não se apegar".

Após ver sua amiga Scarlett Ryan tomar um rumo diferente do que planejou para si — ela está comprometida —, Liv convida Ticy Parker, sua outra melhor amiga, para passar um final de semana de diversão em Los Angeles a fim de irem ao show da maior banda de rock do momento.

JOSHUA MORRIS, conhecido como Josh "Fucked" Morris, não é um cara qualquer. Eleito o homem mais sexy e desejado da atualidade, Josh é vocalista da afamada banda Sultans of Swing e vive como bem quer, sem compromissos e cobranças. E está muito bem assim.

O que os dois têm em comum? Uma noite. E tudo o que pensavam ser o certo, de repente, parece ter outro sentido, porém INDECIFRÁVEL. Pode uma ATRAÇÃO

intensa unir duas pessoas iguais? É possível o amor encontrar quem não o quer?"

ATENÇÃO: História com conteúdo adulto, sendo assim, contém cenas e palavreados que condizem com a referida faixa etária. O texto segue as Normas vigentes da Língua Portuguesa, contudo características da coloquialidade foram utilizadas para aproximar a linguagem às falas de situações do cotidiano.

[Adquira o seu aqui](#)



ALÉM DA ESSÊNCIA

Sinopse: ALÉM DA ESSÊNCIA traz um pouco mais da CEO Scarlett Ryan e do nosso eterno Mr. M. Um momento que foi muito esperado pelos leitores e que merece uma atenção especial.

Entre inseguranças e a descoberta de um amor incondicional, acompanharemos a chegada de um novo membro da família Misteriosa.

Prepare-se para se apaixonar, ainda mais, por este casal e, de quebra, matar a saudade das três queridinhas da Série Enigmas.

A leitura deste Bônus se faz importante, haja vista que contém um prenúncio do Livro 3, Inevitável Dilema, a história da nossa querida ruiva Ticy Parker.

AVISO: Este e-book é um BÔNUS COMEMORATIVO pelos dois anos de Misteriosa Essência (o Livro 1 da Série Enigmas) na Amazon. Para melhor compreensão e aproveitamento, é recomendável a leitura dos Livro 1 e 2 (Indecifrável Atração), em ordem, ainda que cada livro retrate a história de uma amiga.

ATENÇÃO: CONTEÚDO ADULTO.

[Adquira o seu aqui](#)



INEVITÁVEL DILEMA

Sinopse:

O DESFECHO DA SÉRIE ENIGMAS CHEGOU NA AMAZON!

Depois de Scarlett Ryan e Liv Scott, agora é a vez da ruiva, Ticy Parker, contar sua história.

Apesar do passado traumático, a advogada e sócia de um renomado escritório em Nova York procura viver de bem com a vida. Porém, com suas amigas agora casadas e seguindo rumos diferentes, ela terá que aprender a

caminhar sozinha, desviando-se dos pensamentos sombrios que ameaçam sua paz e confiança.

Nesta nova fase, Ticy encontrará em Andrew Stan, baixista da banda de rock Sultans of Swing, uma distração muito bem-vinda, o que julga como algo saudável para uma mulher de 27 anos. Contudo, James Foster, sócio de Daniel Hant e seu cliente direto no Mars & Pierce, está cada vez mais presente em sua vida, e em seus pensamentos.

Um dilema está prestes a se desenrolar. Ticy continuará fugindo e vivendo na superfície ou se renderá a um amor puro e libertador, capaz de quebrar com as amarras do passado?

ATENÇÃO: Apesar de não ser um livro DARK, o tema abordado pode gerar desconfortos a pessoas sensíveis ao assunto (relacionamento abusivo).
CONTEÚDO ADULTO!

[Adquira o seu aqui!](#)



NATAL EM 2

Sinopse:

T. M. Kechichian e John K são irmãos e amam a leitura e a escrita. Decidiram escrever este Ebook para levar a paixão que nutrem pelo Natal. Conheça "Natal em 2". Dois contos. Duas histórias diferentes. Um só propósito: aquecer corações!

Natal Inesperado, por John K. (Autor de A Árvore Sagrada - Conto Amazon, e de diversas Antologias)

Para Robert, não existe época melhor no ano do que o Natal! A magia flui através dos sorrisos, cores e músicas,

proporcionando o momento perfeito para abrir o coração e se declarar para Samantha, sua colega de trabalho. No entanto, seus planos são frustrados quando um cachorro arranca o buquê de sua mão e foge pelas ruas de Nova York, iniciando assim uma aventura inesperada.

“Um Natal Inesperado” é um conto divertido e nos ensina que, mesmo que as coisas não aconteçam como imaginamos, nem tudo está perdido.

O que Aconteceu com o Natal?, por T. M. Kechichian
(Autora da Série Enigmas, Misteriosa Essência)

Já imaginou viver em uma cidade onde o Natal deixou de ser comemorado? Onde as pessoas não se importam umas com as outras e a tristeza é constante? Onde a frieza é sentida tanto no frequente clima congelante como nas feições de cada morador? Forlorn fora esquecida, diziam seus habitantes. Sem amor, não havia esperança. E, sem esperança, não existia alegria.

Neste conto, veremos que a tristeza e a desesperança podem contagiar e congelar sentimentos, mas um pequeno fio de esperança, de onde menos se espera, é poderoso para aquecer corações e mudar histórias.

[Adquira o seu aqui](#)



EM VOCÊ ME ENCONTREI

Sinopse:

Gabrielle Fiore sofreu uma perda irreparável. Aos 34 anos ela é obrigada a voltar para a casa dos pais, em Bento Gonçalves, depois de ter residido por mais de 17 anos no Rio de Janeiro.

Carlos Eduardo Barcellos, um paulistano de 38 anos, abandonou sua vida em São Paulo após viver um casamento conturbado que o marcou severamente.

Motivado pela sede de se reerguer, ele embarca em uma aventura ao adquirir uma vinícola no Vale dos Vinhedos, transformando-a na Casa Barcellos.

Duas vidas arrasadas. Um destino cruzado.

“Em Você Me Encontrei” nos faz refletir em como nossas escolhas e prioridades interferem no nosso dia a dia. Conheça a história de duas pessoas que se encontraram em meio à dor e descobriram, juntas, um novo motivo para sorrir.

“Em você encontrei esperança. Em você eu me encontrei”

[Adquira o seu em formato físico clicando aqui](#)

[Adquira o seu e-book aqui](#)

Biografia



Talitha Kechichian ou T.M. Kechichian, como é conhecida no mundo literário, intitula-se como uma “paulista carioca”. Sua formação é no Direito, mas seu coração bate mais forte pela escrita de seus romances.

Gosta de criar personagens femininas fortes, sempre mantendo suas características particulares. Escreve sobre pessoas reais, permitindo, com muito carinho e sensibilidade, que a inspiração e a criatividade afluam a cada novo romance criado.

Redes Sociais

**Acompanhe minhas redes sociais e receba novidades
dos meus trabalhos**

Visite o site da autora

www.tmkechichian.com

Perfil Insta

<https://www.instagram.com/tmkechichian/?hl=pt-br>

Perfil Facebook

<https://www.facebook.com/100004297324540>

Perfil Wattpad

<https://my.w.tt/1F0oHZI1XK>

Grupo de Leitoras no Facebook

<https://www.facebook.com/groups/540310503029138>

Página de autora

<https://m.facebook.com/tmkechichian>